

1ª edição esgotada
em 3 meses

Fui Suicida

2ª edição

Elza Ferreira

Parceria com
Espírito Francisco

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespirita.org.



www.ebookespirita.org





Elza Ferreira (65), autora dos livros: *Um ponto da natureza*, auto-biográfico, e *De frente para a vida*, textos de otimismo e reflexão; militante da doutrina espírita há mais de 23 anos, tendo iniciado sua seara no Grupo de Edificação Espírita; Membro do Conselho Deliberativo da Federação Espírita do Estado de Goiás; coordena os trabalhos:

- * atendimento fraterno;**
- * reunião pública;**
- * assistência espiritual;**
- * profere palestras.**

À amiga Ursula, meu abraço
carinhoso.

Que este livro possa ser uma
luz no final do túnel, para os
que dele necessitarem, sendo
Jesus o guia seguro.

Para você querido(a)
amigo(a), meu abraço
carinhoso!

Elza Teimua

Sp, 10/02/08

2. Change from 1912 to 1913
to 1914

The following table shows the
change in the number of
persons in the population of
the United States from 1912 to 1914

Year 1912 1913 1914
Total population 100,000,000 100,000,000 100,000,000

22 21 19
1912 1913 1914
Total population 100,000,000 100,000,000 100,000,000
White population 80,000,000 80,000,000 80,000,000
Colored population 20,000,000 20,000,000 20,000,000
Foreign born 10,000,000 10,000,000 10,000,000
Native born 90,000,000 90,000,000 90,000,000
Male 50,000,000 50,000,000 50,000,000
Female 50,000,000 50,000,000 50,000,000
Under 18 30,000,000 30,000,000 30,000,000
18 to 64 40,000,000 40,000,000 40,000,000
65 and over 30,000,000 30,000,000 30,000,000

Fui Suicida

Elza Ferreira

Espírito Francisco



Copyright © 2007 by. Elza Ferreira

Capa

Criação: Polly Duarte

Finalização: Polly Duarte

Copidesque: R&F Editora Ltda

Revisão:

Lívia Maria G. Monteiro

Maria de Fátima Salvo

Composição gráfica e Diagramação: R&F Editora Ltda

CIP. Brasil. Catalogação - na - Fonte

BIBLIOTECA MUNICIPAL MARIETTA TELLES MACHADO

P44f	Ferreira, Elza. Fui Suicida / Elza Ferreira. - Goiânia: R&F Editora, 2007. 336 p. ISBN: 978-85-87479-75-4 1. Espiritismo - autobiografia. I. Título.
2007 - 73	CDU: 133.9

DIREITOS RESERVADOS – É proibida a reprodução total ou parcial da obra de qualquer forma ou por qualquer meio sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei n.º 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 48 do Código Penal.

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2007

Todos os direitos autorais desta obra será repassado à instituições beneficentes.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
APRESENTAÇÃO	9
TESTEMUNHA	11
INTRODUÇÃO	15
I PARTE	
DESCARNADA	
I. Francisco	23
II. Mentor Gláucio	31
III. Hospital Regeneração	44
IV. Esclarecendo Débitos	51
V. Reconstituo Energias	54
VI. Mentor Alexandre	61
VII. Recordação Dolorosa	70
VIII. Madre Consuelo	77
IX. Novo Desatino	87
X. Ministério das Recordações	92
XI. Jesus	101
XII. Doutrina Espírita	105
XIII. Explicação sobre Suicídio	111
XIV. Reencontro Feliz	121
XV. Irene	132
XVI. Energização	144
XVII. Coral	151
XVIII. Projeto Reencarnatório	157

XIX. Raquel	167
XX. Elias	171
XXI. Perdão	178
XXII. Reencarne	185

II PARTE ENCARNADA

Reflexão	195
XXIII. Nascimento	198
XXIV. Infância	202
XXV. Goiânia	208
XXVI. Intuição	213
XXVII. Lembranças	218
XXVIII. Mudança de Plano	224
XXIX. Premonição	230
XXX. Namoro	238
XXXI. Lutando contra a Dor	242
XXXII. Perdão	247
XXXIII. Noivado	254
XXXIV. Casamento	264
XXXV. Filhos	268
XXXVI. Medo	272
XXXVII. Retorno da Fé	278
XXXVIII. Depressão	283
XXXIX. Trabalho	289
XL. Grupo de Edificação Espírita	302
XLI. Dor do Suicídio	310
XLII. Mensagem do Alexandre	316
XLIII. Equilíbrio	323
Epílogo	333

PREFÁCIO

TRAJETÓRIA NA DOUTRINA ESPÍRITA

Elza Ferreira, nascida em berço católico veio a abraçar a Doutrina Espírita definitivamente em 1985. Pela dor, chegou ao Grupo de Edificação Espírita com a mediunidade aflorada, no entanto, a falta de esclarecimento fazia com que ela não aceitasse o abençoado postulado mediúnico.

Houve muitas lutas, mas, acabou compreendendo que deveria render-se a Jesus e trabalhar em prol dos irmãos momentaneamente mais necessitados do que ela mesma.

Abraçou, então, o seu dom mediúnico, agora sem se rebelar. As orientações da casa espírita que lhe acolheu não lhe faltaram em momento algum. Francisco, seu amigo espiritual, tem-lhe dado o suporte suficiente para ir se firmando cada vez mais.

Parabenizamos nossa amiga pela coragem de expor sua trajetória espiritual, para que venha servir de exemplo, principalmente, para aqueles que têm idéias suicidas.

Que ela seja abençoada para continuar ajudando o próximo em nome de Jesus, no anonimato que nos norteia esta Doutrina de amor.

Que o livro “FUI SUICIDA” possa se espalhar e levar conforto a quem precisar.

Um grande abraço a Elza Ferreira.

Mércia Aguiar

Mércia Aguiar é presidente fundadora do Grupo de Edificação Espírita e autora das obras “Projeto Dois Corações, Projetando Luz no Lar e Amores na Revolução Francesa.”

APRESENTAÇÃO

Incomum esta narrativa da vida da autora em diversas encarnações na Terra e em algumas regiões da Espiritualidade, notadamente naqueles em que o remorso e o arrependimento conduzem a sofrimentos inomináveis, sem limites de tempo e de espaço. Ao escrevê-lo, não procurou o exímio domínio da técnica literária, mas com a inusitada coragem e uma aura de esperança – advindas da persistência nos exercícios mediúnicos, em busca de entender seu destino, seus desencontros, suas dores físicas e morais – mostrou-se por inteiro, em sua verdade, na generosa intenção de impedir que tantos seres humanos entrem pelo caminho do suicídio.

Algo prodigioso em Elza Ferreira é o mérito de estabelecer firmemente uma fé absoluta na reencarnação, no livre-arbítrio, na lei de causa e efeito, princípios básicos da Doutrina Espírita. O instigante relato, a cada passo, desafia os leitores que não chamados à análise e à compreensão das vivências da autora. Embora simples, o relato não é corriqueiro, tal a intensidade com que mostra mundos diferentes que se juntam, existências que se interpenetram, almas culpadas que se encontram – o amor ressumando em todos eles, como um fio de

luz a conduzir ao equilíbrio e à felicidade que um dia todos alcançaremos.

A primeira parte do livro, *Fui suicida*, mostra a inequívoca contribuição de Francisco, espírito amigo da autora, transitando entre a afeição e a sublimidade, o amor e o dever, não só nos acerbos sofrimentos, mas também na preparação das reencarnações. Já a segunda parte, intitulada *Encarnada*, mostra o cotidiano de uma vida em que as marcas de vários suicídios cometidos causaram sofrimento, inadequação, até o momento em que o reencontro com espíritos amigos, no labor da Doutrina Espírita, desvenda-lhe o outro lado da moeda: os estragos causados no perispírito, refletidos no corpo enfermiço.

Após a descoberta das causas de seus padecimentos, as atitudes da autora se modificaram, levando-a a evitar, nesta encarnação, a equivocada fuga dos problemas pelo suicídio e construir uma vida de trabalho na Seara do Bem.

Tenho convicção de que a leitura desta narrativa muito contribuirá para evitar o suicídio por mostrar a terrível estrada de sofrimentos que ele acarreta e que Elza tão bem soube mostrar, na singeleza de sua generosidade e desejo de ajudar o próximo.

Lívia Maria G. Monteiro.

TESTEMUNHA

Testemunha...

“pessoa chamada a assistir a certos atos autênticos ou solenes. Pessoa que viu ou ouviu alguma coisa, ou que é chamada a depor sobre aquilo que viu ou ouviu”.

Novo Dicionário Aurélio.

Testemunha...

Eis a palavra símbolo deste livro.

Um relato que se encaixa na definição lingüística, respeitando a veracidade do assistido ao mesmo tempo em que se apresenta fazendo parte. Todo ato de coragem é admirável.

É assim que se pode designar esta obra: um ato corajoso. Em contrapartida, para mostrar coragem é preciso ter Fé. Principalmente naquilo que se faz, pois acreditar em si alavanca os recursos necessários a qualquer realização.

De forma coloquial e alegre, na fidelidade às suas características, a autora conduz o leitor pela gangorra do tempo mostrando, com suas experiências, os meandros do cumprimento da Lei a qual estamos subordinados inexoravelmente. Centralizando o relato na temática do suicídio e, mais ainda, se colocando como um exemplo concreto, Elza abre o campo para reflexões, identificações, avaliações de sofrimentos e causas para o mesmo. Independente de se crer ou não no contexto espiritual, tão amplamente abordado, esta leitura fornece subsídios para se concluir que a vida exige coragem sustentada pela fé. Uma comprovação de nossa essência divina.

Em muitos trechos a escrita soa como uma fervorosa oração de agradecimento pelas oportunidades recebidas. Pela busca de esclarecimentos indica, sem rodeios, a possibilidade de aprender a servir como escala evolutiva.

Mesmo falando de um assunto tão entristecedor como o suicídio, esta obra consegue mostrar a viabilidade de vencê-lo, escolhendo a Vida e não a Morte. Páginas impregnadas de esperança, amor e fé. Uma tríade que produz caridade!

Atravesse, com Elza, esta ponte. Vale a pena!

Marisa (a) Penas

Dedico este livro ao
Lázaro

e Filhos: Wilton
Wânia
Wilder.

INTRODUÇÃO

Não pretendia escrever mais livro autobiográfico nesta vida, mas quando percebi detalhes, minúcias que poderiam ajudar a alguém, algo que confirmasse concretamente minhas vidas passadas, a reencarnação, depois de tudo por que passei, se não o fizesse, sentiria remorsos e, no mínimo, ingrata para com a espiritualidade, para com Jesus, nosso Mestre, e Deus, nosso Pai, pelo muito que a mim fizeram, principalmente o auxílio para não deixar esta existência, pelas vias do suicídio direto ou indireto.

Pressinto que vão ser momentos difíceis, que talvez não gostasse de recordar. Mas, perante aqueles que margeiam pelos caminhos obscuros da vida, estagiando no desequilíbrio, na amargura e na tristeza, não percebi maneira melhor de ajudá-los, colocando-me como uma irmã que um dia tombou sob as agruras da vida, caindo no lodaçal de tribulações que pareciam sem fim. Só quem sofre, já sofreu ou possui sensibilidade aguçada pode ombrear com irmãos que jazem nas sombras da desesperança.

Já fui uma caída, não agüentei as pressões da vida e cometi a insanidade de suicidar nas minhas três últimas existências.

Minha intuição me ajudará a escrever e o amigo Francisco estará sempre a meu lado, norteando as lembranças, qual bússola segura, pois como se encontra no plano espiritual, sua visão está clara a guiar-me nas recordações de outras existências. Encontramos no mentor Alexandre o guia seguro a supervisionar nossas vidas no plano espiritual. Ele não é meu mentor, mas como ser superior, atendeu ao pedido de uma grande amiga, Madre Consuelo, do qual é mentor e a quem acompanha há várias encarnações. Só tenho que agradecer a ambos a permissão a mim oferecida para a clareza destes escritos. Alexandre orientou a mim e ao Francisco, e foi pelas suas mãos que cheguei a este mundo. Fez por nós o que só um grande espírito poderia fazer. Já encarnada, tive a imensa alegria de receber uma mensagem sua que constitui mais uma prova cabal de tudo quanto transcrevo neste livro. Estará a cargo de Francisco a tarefa de ajudar-me a recordar paulatinamente todo meu transcurso no plano espiritual, pois sozinha não conseguiria fazer esta regressão. Estas provas são de importância capital para mim, pois vêm esclarecer e demonstrar que, apesar dos erros, caminhamos, Francisco, Alfredo e eu, rumo à nossa conquista maior: a busca da paz interior. Seremos, Francisco e eu, dois amigos a trocar idéias, no propósito da ajuda ao próximo, nosso irmão em Cristo.

Não pretendemos e nada vamos escrever que possa ofender a dignidade de alguém, perderia o valor, se isto viesse a acontecer, pois os maiores devedores somos nós mesmos, razão por que tentaremos ser o mais fidedigno que pudermos, tanto no que concerne à minha estada no plano espiritual como na presente existência como reencarnada.

Por longo tempo, antes de me ser dada a oportunidade de escrever, fiquei estarrecida diante de fatos que descobri por acaso, embora saiba que não existe acaso, em dois cadernos escritos quando tinha entre 17 e 20 anos, em plena adolescência. Consegui preencher vários cadernos, escrevia por me sentir

estranha no mundo, não conseguia me fazer entender, minha linguagem não falava em namorados, bailes ou festas, mas dizia do meu amor por Cristo, de minha procura pela essência da vida, da depressão e da fuga do suicídio, do desespero na busca de um lugar ao sol, de alguém que me entendesse.

Encontrava a paz desejada quando entrava nas igrejas vazias, quando me ligava diretamente a Jesus e Maria. Como explicar esses desejos, se nem eu mesma conseguia uma explicação? Passei a fazer do caderno meu confidente, e as palavras ali escritas, meu grande e maior tesouro. Sem saber, estava escrevendo o livro da minha vida, pois ali estão registradas as premonições dos acontecimentos desta minha existência, guardando as lembranças do mundo espiritual através de minhas indagações. Dos muitos escritos jogados ao vento ficaram guardados os principais, para serem agora a prova concreta do que escrevo, foram os únicos sobreviventes a atravessar o tempo comigo.

Por quarenta anos, li-os com os olhos da terra, não vendo neles qualquer significado, preciosidade que pudesse um dia me valer em respostas às minhas perguntas insistentes sobre a razão pela qual estava eu a viver. Letra infantil, diário de uma jovem à procura de si mesma, sonhos fantásticos de adolescente, com muita fé em Jesus e Maria, sem nunca encontrar a paz. Somente quarenta anos depois foi me dada permissão para lê-los com os olhos da alma.

Nunca tentei o suicídio concretamente, mas alimentei em pensamento como algo muito querido e desejado. Minha mente era suicida. Só a verdade poderia libertar-me deste atroz sofrimento. Procurei respostas alhures, e elas estavam próximas a mim, mas o meu despertar só poderia ocorrer no momento certo do meu crescimento pessoal e intransferível. Não tinha eu, até então, o amadurecimento necessário para compreender todo o arsenal de informações que estava ao meu alcance, não estava preparada ainda para entender o quanto a vida é significativa,

pautada pela sementeira que fazemos, pela colheita do joio ou do trigo. Jesus disse “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”.

Por não saber me situar nesta existência, lidar com os problemas complexos da vida, pensava erradamente em tomar um ônibus, sair sem rumo, largar filhos, marido e ir para um lugar onde ninguém me conhecesse e, através do suicídio, descansar minha alma. Queria o descanso eterno. Era amiga da morte, ela nunca me fez medo. Mas algo mais forte que minha vontade de partir me dizia que não podia cometer tão tresloucado ato.

Mal sabia eu o que me esperava depois se o houvesse cometido. Abria meus caminhos sulcados por dores, renúncias e desatinos, sentindo-me só e abandonada, porque embora mãos amorosas fossem estendidas em minha direção, não tinha capacidade para percebê-las. Não estava escrito que eu sentisse o amor das pessoas por mim, o que me acalentou sempre foram os livros dos grandes Mestres, a vida dos grandes missionários, dos filósofos, dos que entendiam as dores do mundo. Eles me acalmavam o coração, mostrando que em algum lugar havia pessoas que entendiam o sofrimento humano.

Talvez seja difícil transpor para o papel meus sentimentos de toda experiência que passei, não sei se será um livro intelectual como dizem os letrados, só sei que será o mais real que conseguir: espero fazer chegar até vocês o tempo que passei no mundo espiritual, se enquadrando exatamente com minha vida atual de encarnada, e talvez consiga fazer alguém amar a vida com menos sofrimento pelos quais eu passei. Francisco e eu não pretendemos convencer ninguém da reencarnação, que já estivemos juntos em outras vidas, desejamos apenas ajudar às pessoas que sofrem, que pensam em suicídio por depressão, tristeza por se sentirem coagidas pela vida, seja por uma doença sem diagnóstico, os que sofrem por se afinizarem com espíritos ignorantes, sofredores, levando o ser humano a um processo obsessivo. Queremos consolar os que se encontram deserdados da vida,

não acreditando em Deus, Jesus, seja uma dona de casa, um estudante acerado nos estudos para o vestibular, a prostituta incauta com os prazeres da vida, ao aidético, ao empresário que se vê as voltas com uma política inconstante, ao jovem drogado, ao alcoólatra, ao grupo familiar que luta em desarmonia, a todos enfim que se julgam sem esperança, sem Fé.

Esta é a nossa meta, entrar, se possível, no íntimo de cada um que colocar os olhos nestes escritos, percorrendo com os pés descalços as estradas do Pescador da Galiléia para que consigam repensar suas vidas e venham se juntar a nós, que apesar de termos caídos, nos estraçalhado pelos becos das vidas passadas, encontramos no Cristo o nosso porto seguro e na Doutrina dos Espíritos a âncora de nossas vidas. Otimismo e Recomeço foi nosso lema.

Acredito que este livro será lido, e aproveitado, por quem está à procura de caminhos espirituais, para os que se sentem firmes na Doutrina Espírita, para os que duvidam, para os que desacreditam, espero ser um livro de ajuda para os que temem a vida e se sentem pressionados a tirarem a própria existência. Vamos tentar provar através de exemplos a reencarnação, sempre escutamos “Ninguém nunca voltou para nos falar o que existe depois da morte”.

Acreditem ou não, eu voltei, trago fatos concretos, fatos e que eu mesma não acreditava, levando anos a me debater nas asperezas ignotas de um ser à procura de suas verdades.

A finalidade deste livro é tentar amenizar a dor dos que sofrem, sem se encontrarem, não sabendo o que fazer de suas vidas, pedindo a Jesus que consigam, mais cedo do que eu, usufruir a paz interior que levei décadas a adquirir. *O Livro dos Espíritos* na pergunta 920 diz:

– *O homem pode gozar, sobre a Terra, de uma felicidade completa?*

– *Não, visto que a vida lhe foi dada como prova ou expiação. Mas depende dele amenizar seus males ser tão feliz quanto se pode ser sobre a Terra.*

Mas, aprendi que ao encontrar a paz íntima, podemos chegar o mais próximo da chamada felicidade terrena. Quase cheguei às portas do suicídio, mas aos sessenta e um anos, consigo vislumbrar uma parcela desta felicidade que deve existir nos mundos de regeneração onde o bem tem predominância sobre o mal.

Não sei exatamente como será este livro norteado, deixo-me agora levar pela confiança que consegui adquirir na Espiritualidade, no Francisco, e em primeiro lugar em Jesus, nosso Mestre Maior. Pergunto se valeu a pena tudo que passei nesta e em outras vidas. A resposta vem rápida e certa: valeu a pena todo o sofrimento por que passei no sentido de alcançar a paz almejada; não abro mão hoje desta prisão domiciliar no corpo da carne. Fizem regressão espontânea comigo, curei minhas arestas de dúvidas e incertezas. Sei que caminhos me aguardam, às vezes a porta estreita, às vezes a porta larga, mas uma certeza adquiri: sinto-me com os pés no chão, estou encarnada, consigo direcionar melhor minhas quedas e frustrações. Se for chamada fanática, estranha ou obsediada, não mais me importo com estes rótulos, sou de tudo um pouco, mas não me deixam mais cabisbaixa, pois tenho a certeza, embora com dificuldades, de estar vencendo a maior de todas as batalhas que me propus ao reencarnar:

Ainda estou viva, graças a Deus.

I PARTE

DESENCARNADA

... Mas, apesar de se apresentar a parâmetros perfeitos...
... e a sua...
... e a sua...
... e a sua...

... Mas, apesar de se apresentar a parâmetros perfeitos...
... e a sua...
... e a sua...
... e a sua...

371674

... Mas, apesar de se apresentar a parâmetros perfeitos...
... e a sua...
... e a sua...
... e a sua...

... Mas, apesar de se apresentar a parâmetros perfeitos...

... Mas, apesar de se apresentar a parâmetros perfeitos...
... e a sua...
... e a sua...
... e a sua...

I. Francisco

O espírito se lembra da sua existência corporal?

Sim, quer dizer, tendo vivido muitas vezes como homem, recorda-se do que foi, e te asseguro que, por vezes, se ri apiedado de si mesmo.

Pergunta 304 - O Livro dos Espíritos.

As árvores formavam copas altas, impedindo o sol de penetrar naquele vale profundo e frio.

O chão escorregadio lembrava lugares sombrios e asquerosos. Só muito lentamente conseguia me mover, meu corpo devia estar quebrado, não havia um só movimento que não me arrancava gemidos.

Quando tentava me levantar, além das dores lancinantes que queimavam minhas carnes, fortes correntes me prendiam ao chão.

Ao meu lado, vultos negros, gemendo e uivando, pareciam chorar suas desditas. Ratos e baratas atravessavam minha pele, desaparecida sob uma camada pastosa que a encobria. Descrever os horrores nos quais me debatia, é quase impossível, pois ninguém poderia supor a existência de tal lugar. Quanto mais lutava, pior ficava, as fezes se misturavam aos vômitos, e nada conseguia na tentativa de melhorar a situação. Desespero e terror tomavam conta de mim. Ouvia gargalhadas e gritos estridentes.

— Porca imunda, como ousou me destruir, tirar minha vida, assassina? Como ousou acabar com meus sonhos de amor?

Supôs que estava acabado, sem amigos? Mas os tenho onde me encontro, você vai sofrer muito mais do que sofri. Hoje mando eu, você agora me pertence, ninguém virá amenizar sua dor. Sofra, veja a que nível caiu, onde coloquei você. Não se livrará mais de mim, ficará comigo para sempre.

— Não consigo enxergá-lo! Que fiz a você para me tratar assim? Perdoe-me se lhe causei algum mal. Onde estou? Liberte-me.

— Por que fala em perdão, se não teve pena de mim? Não me reconhece? Escute minha voz, vai reconhecê-la e saberá quem sou. Vamos, vou avivar sua memória.

As correntes foram apertadas com mais força, parecia jorrar sangue de todo meu corpo. Na boca, gosto de sangue e vômito.

— Vamos, puxe pela memória, se ainda possuí. Um padre, uma freira, um jovem inocente, uma criança assassinada.

— Alfredo! Agora me lembro, traí você, sim, mas foi por amor. Perdoe-me, Alfredo. Fiz-lhe muito mal, mas não me torture mais, deixe-me em paz, deixe-me em paz, por amor a Jesus.

— Não pronuncie este nome aqui. Ele não tem força para arrancá-la de nós, estamos no lado mais negro do Vale dos Suicidas. Daqui ninguém sai, os socorristas não têm acesso a este lugar. Não pense que vai ser resgatada pela luz, aqui só vivemos nós, os algozes, e vocês, os párias do nada. Agora, cale-se, senão apertaremos mais as correntes. Mais tarde, trabalhará para ganhar seu sustento, não pense que vai viver só de brisa.

Uma risada horripilante varou as sombras, seguida por inúmeras gargalhadas.

Senti um ódio mortal. Queria matar Alfredo. As recordações apareciam e se apagavam da minha mente, não conseguia coordenar as idéias. Tinha a impressão aterradora de já ter estado naquele lugar do nada.

Sabia a que trabalho Alfredo se referia. Seria joguete nas mãos daqueles horríveis seres, meio homens, meio animais. Quase sem forças, estava no limiar da loucura, da insanidade que devora a mente, impedindo o raciocínio.

O desespero tomou conta de mim. Quem poderia me ajudar? Lembrei-me naquele instante das orações que sabia e, pela primeira vez desde que me lembrava, orei com toda força e sentimento que consegui arranjar. Queria me matar, mas naquele lugar, por mais que tentasse, não conseguia meu intento. Reunindo as forças que me restavam, pedi a Jesus e à Maria que me perdoassem as faltas cometidas, não me lembrava direito quais eram, mas queria uma nova chance, queria sair dali.

— Mãe querida, estou fraca, doente, devo ter errado muito para estar neste lugar, ajude-me, Maria, mãe de Jesus, ajude-me e tentarei ser boa.

Sem saber, em duzentos anos naquele lugar, era a primeira vez que realmente orava com sinceridade, pedindo ajuda divina.

Vi uma luz intensa se aproximar, logo uma cor amarela se fez presente me envolvendo toda, senti-me arrebatada, as correntes soltas. Meus olhos foram-se fechando e pressenti que desmaiava.

Lentamente abri os olhos. Não mais à minha frente o quadro de horrores. Cama alva, quarto limpo, tomavam lugar em minha consciência. Quanto tempo ficara eu desacordada?

Uma fraqueza intensa se fazia sentir dentro de mim. Que local seria aquele? O céu talvez? Eu estivera no inferno, mas diziam que de lá ninguém saía jamais, ou seria o purgatório, uma pena mais suave? Respirei profundamente abatida por tudo que passara. E se de repente Alfredo entrasse pela porta? Seria possível ele me aprisionar novamente?

Tentei me levantar, mas na fragilidade em quem me encontrava, recostei-me novamente. Sentia presenças à minha volta, mas não sentia mais aquele pavor, pois eram vultos diferentes, havia emanção de forças que me faziam bem. Passava

horas adormecida, ainda confusa, e os pesadelos voltavam. Depois, comecei a ficar mais desperta que adormecida e já conseguia vislumbrar presenças vivas à minha volta. Oravam por mim estendendo as mãos, oferecendo-me água para aplacar a sede. Não sei quando esta melhora aconteceu verdadeiramente. Um dia, acordei quando recebia as orações daqueles que impunham as mãos sobre mim. Consegui articular palavras, finalmente:

— Então estou viva, tudo não passou de pesadelo, muito real, é verdade. Não morri, embora muitas vezes quisesse estar morta.

— Calma, irmã, seu estado ainda requer cuidados, não se apresse agora em questionamentos – ouvi suave voz tranquilizando-me.

— Alfredo não pode entrar aqui, não é? Diga-me se não estou sonhando e se o pesadelo vai recomeçar.

— Não, querida Ametista, você está agora em lugar seguro. Alfredo também foi resgatado e encontra-se em outro hospital, ninguém poderá lhe fazer mal, a não ser você mesma, através dos pensamentos.

— Lembro-me de uma luz intensa, não me recordo de mais nada. Onde me encontro? Estou viva ou morta?

— Você está em um hospital, para refazimento de suas forças. Não se preocupe, Jesus e Maria a estão amparando. Seu restabelecimento foi longo e chegou a hora de reunir forças para ouvir os esclarecimentos que hão de vir.

— Como você se chama? Por que é tão bondoso comigo?

— Chamo-me Francisco, sou um ajudante nesta seara, também à procura de evoluir. Ajudar nossos irmãos sofredores auxilia na nossa transformação, por isso pedi permissão aos mentores espirituais para começar aqui o meu aprendizado, trabalhando em função do meu próximo. E você é o meu próximo mais próximo, querida Ametista.

— Não sei ainda qual foi meu erro, não reconheço ninguém, só me lembro de Alfredo que me escravizou. Estou péssima, asquerosa, acabei de sair de um lugar tenebroso, devo ter feito algo horrível, para ter estado naquele lugar.

— Todos nós temos acertos a fazer, estamos nos ajustando às leis da vida, mas o importante, não podemos esquecer nunca, é que Jesus está ao nosso lado, não nos abandona por mais que erremos, não nos julga e está sempre pronto a recomeçar a caminhada conosco.

— Acredito em Jesus e Maria, sei que neles posso confiar.

Meus olhos foram-se fechando sonolentos e adormeci, serenamente, o que há muito não acontecia.

Francisco foi meu primeiro contato no plano espiritual. Ele me transmitia uma paz inigualável. Seus olhos não eram estranhos, sentia que podia confiar nele, que não iria me decepcionar.

Aos poucos, fui me refazendo. Já conseguia sentar, comer sozinha e até já andava pelos corredores do hospital. Nas alas hospitalares havia música ambiente e podíamos sentir perfumes de flores. Francisco, sempre que possível, estava ao meu lado, apresentava-me a outras pacientes e trabalhadores do local.

Dona Lurdes, uma senhora de cabelos embranquecidos e sorriso amável, vinha sempre me visitar. Contou-me que esperava o retorno do neto que estava no Vale dos Suicidas, para ajudá-lo em sua recuperação. Perguntei-lhe:

— Qual a recompensa das pessoas que trabalham aqui e quem está custeando minha hospedagem?

— Aqui na Espiritualidade, Ametista, é diferente da Terra. Somos todos voluntários, trabalhando em prol dos mais necessitados. O nosso ganho é a recuperação de entes queridos, de amigos aos quais nos dedicamos. Ninguém está pagando sua estada aqui, tudo é oferecido gratuitamente e a melhor maneira de pagamento é trabalhar por nossa evolução e, ao reencarnar, tentar colocar em prática o que aqui aprendemos. Estou aqui

em trabalho de amor enquanto espero meu neto querido, para então saber o rumo que darei à minha nova existência.

— Então todos os pacientes deste hospital vieram do Vale dos Suicidas, inclusive eu?

— Você está certa, foi do Vale que veio até aqui.

— Estou viva ou morta, pode me dizer, pois tentei me matar e ainda me sinto viva?

— Os mentores espirituais, na hora oportuna, lhe darão os esclarecimentos necessários, não estou apta a responder, sou apenas uma trabalhadora.

— Quanta pressa, Ametista - falou Francisco, entrando. Podemos adiantar-lhe que aqui a morte parece ter outra conotação, não tem a forma que sempre vivenciamos, não existe o “morreu, acabou”.

— Você já é bem esclarecido, não lhe parece, D. Lurdes?

— Não, Ametista, sou aqui um pequeno ajudante em dívidas com a justiça divina, fazendo o que posso para ajudar os que aqui chegam, socorrendo-os dentro de minhas pequenas possibilidades. Estou igual a D. Lurdes, fiquei à espera de entes queridos, para juntos ressarcir débitos. Existe um ditado que diz “enquanto descanso carrego pedras”.

D. Lurdes despediu-se dizendo ter compromissos a atender, seu neto já estava em processo de resgate e poderia chegar a qualquer momento.

— Não sei ainda se estou viva ou morta. Há quanto tempo será que estou neste hospital? Tenho que ir embora, já me sinto bem, mas ao mesmo tempo sinto um medo enorme de ir embora, não sei o que me espera. Você poderia me explicar, Francisco?

— Foi-me dada permissão para responder a algumas perguntas que estiverem à minha altura. Viver ou morrer é um estado de espírito. Pelo que tenho aprendido, ninguém morre de verdade, só passa para o mundo espiritual, no qual estamos agora e quem erra volta à Terra num novo corpo. Não sei muitas coisas,

mas trabalhando tento aprender a Doutrina dos Espíritos. Parece que você está aqui no plano espiritual há uns 500 anos, entre o Vale dos Suicidas, seu estado inconsciente no Hospital Regeneração e agora em tratamento.

— Será que estive aqui todo esse tempo? Como posso viver tanto assim e não envelhecer? É realmente surpreendente.

— O tempo aqui não se conta pelo tempo da Terra. Fica-se o tempo necessário à recuperação espiritual.

— Meu Deus do céu! Tanto tempo doente e minha mente está em branco. Além de Alfredo que me perseguiu, não me lembro de nada e nem de ninguém. Você não me é estranho, sinto uma ligação forte com você, mas minhas lembranças estão adormecidas.

— É assim mesmo, este hospital está situado quase dentro do Vale dos Suicidas e muitas pessoas têm que passar por aqui antes de prosseguirem para as colônias.

— Você está aqui por que quer, não é, Francisco?

— Sim e não, Ametista. Junto com outros trabalhadores, estou à espera de meus desacertos, isto é, de pessoas que, de uma maneira ou outra, influenciei a tomar o caminho do suicídio. Não poderia, mesmo que quisesse, continuar minha caminhada evolutiva sem quitar os débitos pendentes. Sou cúmplice de atos desequilibrados.

— Pelo que pude entender, cometi suicídio, mas parece-me que não morri como imaginava. Adquiri mais sofrimento para mim, porque os horrores pelos quais passei não consigo esquecer.

— Existe aqui uma palavra-chave: reencarnação. Quer dizer, viver outra vez para consertar o que fizemos de errado. Sei que ainda não ouviu esta palavra aqui. Espero que consiga melhorar cada dia mais, agradecendo sempre a oportunidade recebida. Quando despertam, alguns ficam muito tristes ao descobrirem que não morreram.

— É tudo muito estranho, mas parece-me familiar, já consigo entender um pouco melhor agora. É como se já soubesse

tudo o que você falou, só que esquecido nos escaninhos de minha mente.

D. Lurdes entra novamente e diz:

— Vim convidá-los para palestra que teremos hoje à tarde. Será o reinício de seu aprendizado, Ametista. O irmão Francisco a acompanhará.

II. Mentor Gláucio

O espírito protetor abandona algumas vezes seu protegido quando este é rebelde aos seus conselhos?

R. Ele se afasta quando vê seus conselhos inúteis, e que a vontade de sofrer a influência dos Espíritos inferiores é mais forte.

O Livro dos Espíritos - Pergunta 495.

A palavra reinício queria dizer o que já havia percebido, recomeçar algo que já deveria ter aprendido, mas não conseguira, para não errar novamente. Fiz um compromisso comigo mesma de estar muito atenta ao que me fosse passado, pois precisava ser digna da ajuda que estava recebendo.

À tarde, fomos para o anfiteatro, simples e de proporções medianas. Sentamos junto a outros companheiros. Comecei a divagar, enquanto não começava a palestra, sobre o que a vida estaria me reservando após os trágicos acontecimentos por que passara no Vale dos Suicidas. Sentia o aconchego e carinho dos que conosco lidavam. Começava a perceber que tinha muito a caminhar, pressentia que errara, fora incoseqüente. O medo tomava conta de meu coração. Disseram-nos que teríamos palestras todas as tardes, estudos sobre a vida, para nosso aprendizado e enriquecimento do espírito, que agora já se me afigurava obtuso, ignorante das realidades espirituais. Embora enfraquecida, ao lembrar os momentos cruéis passados no Vale dos Suicidas, tive certeza de ter saído de uma região tenebrosa.

Aos meus ouvidos ainda ecoavam os gritos e as gargalhadas. Um arrepio tomou conta de mim. Até quando teria

aquelas recordações? Lugares escuros e sombrios povoavam minha mente, trazia na boca o gosto das fezes com as quais me lambuzava, as mãos e as narinas exalavam o mesmo odor fétido que se intensificava a cada lembrança do Vale dos Suicidas. Às vezes as lembranças eram vagas como algo distante de mim, como ondas que apenas se insinuavam. Francisco havia me dito que a força do pensamento é possuidora de um magnetismo muito forte, que atraímos o positivo ou o negativo, principalmente no plano em que nos encontrávamos. Podíamos plasmar idéias como a força de um motor potente, portanto era conveniente que orássemos quando nos viessem pensamentos negativos.

Já fora comunicada de minha desencarnação, nome que para mim significava morrer. Olhei para os lados e imaginei que ali estava todo mundo morto. Tive vontade de rir ao pensar em nós como um monte de cadáveres falantes.

Disseram-me para ter paciência, que no devido tempo tudo seria esclarecido. Que me suicidara, também já sabia, mas não de que maneira, pois minhas lembranças ficaram adormecidas, talvez pelo tempo prolongado de minha recuperação. Mas eu era imediatista, preferia saber tudo de uma vez e acabar logo com a dúvida e a expectativa. Mas haviam-me dito que daquela vez seria totalmente diferente, não voltaria a reencarnar como das outras vezes, já que haveria uma maior interferência espiritual nas decisões a serem tomadas por mim.

Oscilava em acreditar ou não no que me transmitiam, paciência era o que me pediam e era exatamente o que não possuía.

Um leve toque de Francisco fez-me voltar o pensamento para o recinto onde teria início a palestra. As luzes se apagaram, ficando o recinto em suave penumbra.

O mentor Gláucio aproximou-se. Uma luz branca dava contorno ao seu corpo – me explicaram depois que era a sua aura – e brilhava intensamente revelando sua condição de espírito elevado. Conclamou a todos para a oração:

— Vamos fazer uma prece, para sintonizar melhor nossos espíritos com Jesus e os fluidos positivos que se fazem presentes.

“Deus, nosso Pai, aqui estão reunidos espíritos comprometidos a caminho de reajustes, saídos do Vale dos Suicidas, ainda indagando se tudo o que ali viveram foi realidade ou imaginação. Neste momento, pedimos Tuas bênçãos, pois só Tu poderás ajudar estes espíritos que passam pelo teste da provação do reajuste decorrente do suicídio. Somente Tuas mãos amorosas poderão segurar os que aqui sofrem e dizer-lhes: “filhos meus, acalmem seus corações, tenham fé. Ninguém que desejou estar comigo foi abandonado. Eu os amo, venham, sigam-me, nada lhes acontecerá, estou aqui para ajudá-los. Acompanhem-me e sentirão alívio de suas dores acumuladas ao longo de tanto tempo, deixando seqüelas de sofrimentos infinitos. No Vale dos Suicidas, quando pediram socorro, deram-me oportunidade de ajudá-los, pois o primeiro passo, o desejo da libertação, tinha de ser de vocês, filhos amados, nada poderíamos fazer enquanto não pedissem ajuda aos Céus.

Sou misericordioso com meus filhos, entendo suas aflições e torturas íntimas, venham comigo e encontrarão a paz que tanto almejam. Venham, filhos queridos”.

Estas palavras, Pai de todos nós, escutam com nossos pensamentos voltados para Ti, na certeza de que algo melhor virá para aqueles que permaneceram na Tua Fé e na Tua Esperança.”

Ao término da prece, chorávamos em silêncio. O mentor, respeitando nossos sentimentos, esperou alguns minutos para dar continuidade à sua preleção.

— Queridos companheiros e amigos: mais confortados agora, vamos falar sobre o lugar de onde vieram: o Vale dos Suicidas.

Muitos lá ficaram por centenas de anos, outros por menos tempo, mas aqui no mundo espiritual o tempo não é fator

predominante, a evolução de cada espírito é que fará a diferença na qualidade da nova existência.

No Vale não existe paz, harmonia, felicidade, como se lembram, só desespero e angústia. Estamos falando hoje sobre o Vale dos Suicidas e os sofrimentos ali existentes, para não mascararmos a realidade de cada um, para que não predominem em vocês a vergonha e o sentimento de culpa. Às vezes, colocamos uma máscara em nossas realidades, mas neste instante tão propício a mudanças de atitudes, devemos tirar as máscaras por vontade própria, mostrando a realidade de espíritos carcomidos por enganos, egoísmo e orgulho. Ao cair a máscara, verão a realidade: embora no fundo do poço, chegou o momento sublime da redenção, o começo da subida da evolução espiritual. Queridos irmãos, não existe um ser superior que já não sentiu as agruras do sofrimento. Olhem os espíritos de São Francisco de Assis, Santo Agostinho, Joana D'Arc e tantos outros que conseguiram sua iluminação através da dor, a grande educadora. A Doutrina Espírita é chamada de Salvadora, Redentora, porque mais cedo ou mais tarde ela redime a todos, transformando seres caídos, mas desejosos de mudar, em seres elevados, encaminhando-os para mundos de Regeneração, onde o bem se sobrepõe ao mal. A passagem de vocês pelo refúgio humano do qual conseguiram sair por merecimento de cada um, será apenas triste lembrete para não mais errarem, tirando a própria vida. Será uma página virada a fim de começarem uma nova encarnação, com estrutura mais firme, alicerçada no Evangelho de Jesus.

O silêncio parecia querer murmurar algo, como se nos pedisse para reavaliar nossa situação e perder o medo de um dia voltarmos àquele lugar tão cheio de misérias e sofrimentos. Pedia-nos para evoluirmos, para não estagnarmos em nossa caminhada espiritual. O mentor Gláucio externou em palavras os nossos pensamentos:

— Não tenham medo, vocês só voltarão ao Vale dos Suicidas, se assim o desejarem, isto é, pelo mau uso do livre-

arbítrio. Enquanto estiverem em busca do autoconhecimento, seguindo os exemplos do Cristo, com certeza conseguirão melhorar-se, cicatrizar as feridas. Estamos dentro das regiões umbralinas, no Hospital Regeneração, pois muitos de vocês não possuem ainda condições espirituais para serem levados a outros hospitais e ou colônias mais avançadas. Foi até aqui que as forças mentais de vocês conseguiram chegar, mas fiquem tranqüilos, pois Jesus e espíritos superiores os protegem neste lugar, dando-lhes a segurança necessária ao refazimento de cada um. Nada de mal acontecerá a vocês, este hospital é muito bem equipado contra o ataque das trevas. Só quem quiser ser atingido é que o será, ligando-se em pensamento aos verdugos de ontem. Com sentimentos de ódio, raiva e rancor farão um cordão fluídico negativo e, conforme a força do pensamento, será atraído às zonas inferiores. Assim como nós retiramos das regiões umbralinas os que se ligaram a nós através da prece, eles também terão condições de resgatar quem se alinhe com eles em idéias devastadoras. Por esta razão é que aqui há música ambiente em tempo integral, palestras todos os dias, flores e plantas em abundância, além de conversas edificantes. O pessoal que aqui trabalha está dando assistência porque querem e possuem preparo especial para lidar com as situações aqui existentes. Muitos espíritos jazem ainda em estado de hibernação, como vocês já estiveram, por isso o despertar de cada um ocorre lentamente, sem pressa, com muita oração e passes magnéticos, para que, ao acordar na nova realidade, não entre em choque, voltando ao estado de demência aflitiva, com repercussão negativa para o espírito. Daí o cuidado especial dos mentores com este Hospital de Regeneração, cujo nome condiz com o que existe aqui.

Lembrem-se: nada e nem ninguém pode nos fazer mal quando não existe sintonia de pensamentos.

Parou de falar por instantes, como a dar-nos tempo de absorvermos o que ouvimos e continuou:

— Ao lado de cada cadeira, há um botão; se alguém desejar falar, basta tocá-lo.

Tinha certeza de que não conseguiria me expor, pois não sabia ao certo o que me aconteceria. Era interessante o que se passava comigo: embora não me lembrasse, parecia já ter vivido aqueles momentos, tudo me era familiar apesar de a memória estar em branco, amnésia era o que parecia ser.

Olhei para Francisco e senti o coração aquecer. Sim, eu o conhecia, sua presença me provocava uma sensação estranha, era como um elo de uma corrente que se juntava a mim.

Uma luz se acende no painel ao fundo.

— Posso falar, mentor Gláucio?

— Pois não, querido Alberto. Tenho certeza de que sua exposição servirá de exemplo para os que a ouvirem.

Com voz embargada pela emoção, começou a falar:

— Perdão, meu Deus, pelo ato de covardia que cometi. Hoje, já em melhor estado de discernimento, graças à intervenção dos benfeitores espirituais, que intercederam por mim. Moço ainda já postulava no movimento espírita, tornei-me presidente fundador de um grupo espírita, onde a muitos ajudei, mitigando a dor tanto espiritual quanto material. Com meu suicídio fiquei alienado mentalmente, meio homem, meio animal, sem compreender o que me acontecia, fui resgatado por corajosos irmãos socorristas, após sentida prece que consegui fazer. Os mentores espirituais esclareceram-me com palavras gentis e fraternas, mas com firmeza, que já tinha deixado a vida terrena e já fazia parte dos espíritos desencarnados. Relatando minha condição de suicida, sugeriram que seguisse os enfermeiros que estavam ao meu lado, que me levariam para um hospital na Espiritualidade e mais tarde, em melhores condições espirituais, eu entenderia a situação em que me encontrava. Vim então, meio adormecido, para este hospital. Depois de um período de hibernação, consigo entender melhor o que fiz com a vida que Deus me deu. Muitos de vocês podem ter atenuantes: não sabiam

da gravidade do suicídio, não conheciam a Doutrina Espírita nem as conseqüências do ato suicida, mas eu não posso me eximir de minha culpa, pois era espírita.

Encontrei-me aqui com espíritos a quem ajudei a transpor a barreira da ignorância espiritual e que hoje se encontram em melhor condição do que eu.

Estes auxílios contaram pontos a meu favor, ninguém pode imaginar quanto o bem realizado na Terra é recompensado aqui no mundo espiritual. No entanto, a minha invigilância enquanto encarnado abriu brechas à obsessão que começou sutilmente, sendo esta uma das piores formas de assédio espiritual, pois, qual sombra invisível, sem que eu percebesse, tomou conta de meus pensamentos, caindo eu vítima do sexo fácil e desenfreado, facilitado pelo cargo de respeito que exercia. Amigos espirituais, tanto encarnados quanto desencarnados, tentaram me alertar para que tivesse cuidado, vigiasse e orasse mais. Senti-me melindrado, orgulhoso, em minha pseudodignidade. Quem eram eles para me alertar a respeito do meu proceder? Era inveja, estavam obsediados, pensava eu. Um a um os amigos leais foram-se afastando, ficando eu com os bajuladores e os influenciados pelas trevas. Embora casado, com mulher e filhos que me respeitavam e amavam, não resisti aos encantos de jovens menores, que se vendiam em troca dos meus dons espirituais, esperando que eu lhes desse uma vida mais digna. Confiavam em mim, e eu abusava do magnetismo pessoal que tinha, fazendo-lhes falsas promessas. Abracei o caminho da luxúria, preguei com os lábios, não com o coração, sobre o amor, a dignidade, a fidelidade.

Quando uma jovem me contou estar grávida, tomei as rédeas de sua vida em minhas mãos. Numa atitude insana, arrumei alguém para fazer o aborto criminoso, e ela, nos seus 16 anos, faleceu em conseqüência de meu ato ignóbil. As suspeitas recaíram sobre mim, e as declarações de outras jovens de cuja inocência eu havia abusado, desabaram sobre mim. Ação e

reação. Na obsessão em cujas malhas me enredara, jamais supus que um dia a verdade viria à tona. Meu julgamento foi marcado. Sabia que o momento do acerto de contas chegara, que não conseguiria fugir à realidade implacável e que não teria mais coragem de encarar meus entes queridos.

Não suportava a situação. Completamente influenciado por espíritos obsessores aos quais me havia ligado em razão dos pensamentos inferiores e, levado pelo orgulho, pelo medo do que poderia vir a me acontecer, em vez de tentar corrigir meus erros quando encarnado, expiando parte de minhas culpas, pensei numa saída diferente. Apesar do conhecimento espírita, da prática e dos estudos, continuei a sofrer os efeitos da obsessão. A idéia do suicídio começou a tomar forma-pensamento em minha mente enfraquecida. Mais uma vez os amigos espirituais tentaram me alertar, palavras de coragem e ânimo vinham dos verdadeiros amigos que se haviam afastado, mas voltaram para me estender a mão. Também daquela vez, não quis escutá-los, afastando-os de mim novamente, completamente entregue aos obsessores cruéis, que me insuflavam ser o suicídio a única saída digna para mim. Conforme as investigações andavam, mais certo ficava de que era a única solução, a despeito do grande medo que sentia do que iria encontrar do outro lado da vida.

Alberto parou, respirou, dando-nos tempo para acalmar nossos corações que pulsavam forte ao escutar sua história, que, na verdade, um pouco diferenciada, era igual às nossas, pois o fim fora o mesmo: suicídio. Alberto continuou:

— Comecei a reler o que já conhecia. Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo V, parte do item 17, reli:

“O espírita tem, assim, vários motivos a contrapor à idéia do suicídio: a certeza de uma vida futura, em que, sabe-o ele, será tanto mais ditoso, quanto mais inditoso e resignado haja sido na Terra; a certeza de que, abreviando seus dias, chega, precisamente, a resultado oposto ao que

esperava; que se liberta de um mal, para incorrer num mal pior, mais longo e mais terrível; que se engana, imaginando que, com o matar-se, vai mais depressa para o céu; que o suicídio é um obstáculo a que no outro mundo ele se reúna aos que foram objeto de suas afeições e aos quais esperava encontrar; donde a consequência de que o suicídio, só lhe trazendo decepções, é contrário aos seus próprios interesses”.

Lia e relia o capítulo inteiro. Só quem já passou por esta terrível experiência conhece a tortura mental e espiritual por que passa um espírito manipulado por obsessores em processo suicida. Não conseguia orar.

Alberto continuou sua fala sofrida:

— Para adquirir coragem moral e não tirar a própria vida, estive com o Evangelho nas mãos, mas os espíritos que iniciaram o processo de obsessão, de maneira sutil, encontraram guarida nos lugares espaçosos em minha mente, dominando meus pensamentos e ações. A pior queda é a do espírito já esclarecido. Enfim, cometi o suicídio para evitar as consequências de meus erros, esquecido de que minha degradação moral e espiritual seria bem maior do que se tivesse arcado com elas ainda encarnado. O mais importante não é só pregar a Doutrina Espírita, difícil é exemplificar o Evangelho de Jesus.

Nada do que li sobre suicídio me preparou para o que encontrei deste outro lado da vida, embora tenha permanecido no Vale dos Suicidas por poucos anos, devido ao meu trabalho enquanto encarnado. Graças a Deus a esperança é uma chama viva e tentarei acertar da próxima vez.

Alberto silenciou, e ficamos todos comovidos com sua história. Por momentos, voltamos às lembranças horripilantes do Vale dos Suicidas. Era o que ele descrevera e muito mais.

Outra luz se acende no painel. Uma senhora, de fisionomia tristonha, pediu licença ao mentor Gláucio para contar sua história.

— Pois não, querida irmã Letícia, pode falar.

— Nada sabia sobre a vida após a morte, apenas o que me era ensinado, sem maiores detalhes, que suicidar era pecado, que minha alma arderia pelo resto da vida no fogo do inferno. Estou em processo de reajuste. O carinho e o amor que aqui tenho recebido são como água cristalina para mim, saciando minha sede de afeto depois do longo tempo passado naquele vale horroroso.

Era católica, tinha fé superficial, nunca pensei seriamente em me aprofundar na verdade sobre Deus. Dedicava um amor obsessivo a meu marido. O ciúme foi meu maior e cruel aliado na batalha inglória de tentar obter pelo sentimento de posse o que não havia conseguido pelo amor que liberta. Entrando na madureza, com os filhos já criados, soube que meu marido vivera muitos anos com outra mulher, com quem havia criado dois filhos. Um ódio mortal, chegando quase às raias da loucura, tomou conta de mim. Médicos, rezas e missas, nada conseguia aplacar meu ódio. Sofria e fazia os filhos e parentes sofrerem comigo, pois não mais sabiam o que fazer para amenizar minha mágoa. Acredito hoje que não era amor real o que sentia e sim muito amor-próprio e orgulho ferido.

Estava em comunhão de idéias com meus afins espirituais, que me insuflavam o desejo de vingança. Queria me vingar de maneira cruel, sem apelo. Pensei em matá-los, a ele e a outra família, mas achei que seria pequena minha vingança e que a melhor maneira de castigá-lo seria suicidar-me e jogar a culpa nele. Escrevi uma carta culpando-o, e tresloucada de ódio e dor atirei-me no precipício. Por incrível que possa parecer, não morri, passei a reviver tempo sem fim o mesmo ato de me atirar. Via-me chegar ao solo, e dores lancinantes varavam meu corpo exposto sobre uma poça de sangue. Não conseguia descansar. Quando tentava repousar nos escombros do meu corpo fétido, recomeçava o sofrimento de atirar-me novamente, e o ódio vinha mais forte de dentro de mim. Não sei quanto tempo fiquei nesse estado, ou se ali era o Vale dos Suicidas, até que um dia percebi

a presença de minha filhinha morta ainda criança que me estendia as mãozinhas e pedia-me para segui-la, mas para isso eu precisava querer ser ajudada, deveria fazer uma prece a Jesus. Aliviada pela sua presença, querendo sair daquele lugar, pedi a Jesus que me livrasse daquele tormento. Não agüentava mais tanto sofrimento, pois não conseguia perdoar a traição que sofrera, mas iria me esforçar para que o perdão tomasse lugar do ódio.

Fiz a rogativa com sinceridade. Fechei os olhos e adormeci. Quando despertei, estava aqui, onde permaneço há dezenas de anos e em breve partirei para a Colônia Maria de Nazaré, onde adquirirei novos conhecimentos, reestruturando meu perispírito para nova encarnação. Estaremos novamente reunidos, todos nós comprometidos no âmbito familiar.

Hoje sou consciente do que o ódio e a raiva podem fazer à mente perturbada, em ligação direta com as forças do mal. Não consegui levar a termo minha vingança. Fiquei sabendo que, depois do susto causado por minha morte, meu marido casou-se com a antiga companheira. O tiro saiu pela culatra. Deixei-o livre para seguir seu caminho. A Justiça Divina o alcançará algum dia, mas não será por minhas mãos que ela será feita. Quem mais saiu perdendo fui eu, pelos sofrimentos passados no Vale dos Suicidas. Estou tentando apagar as lembranças terríveis de lá. Os benfeitores espirituais me mostram o perdão como garantia segura para trilhar novos caminhos. Ainda não aprendi a perdoar, mas estou empenhada em conseguir.

Todos os dias participo de uma sessão de evangelhoterapia, dirigida por um mentor, na qual, em grupo, cada um expõe seus problemas e vamos nos ajustando às lições do Evangelho. Peço a todos que orem por mim.

Choramos por nós e por aqueles que já conseguiam enxergar seus erros e buscavam, cheios de esperança, novas experiências, a fim de repararem o delito de tirarem a própria vida.

Ouvimos a voz do mentor Gláucio, clara e confiante:

— Queridos companheiros: ouviram depoimentos de colegas que se encontram na mesma situação de vocês e devem ter percebido que a partir do momento em que desejar sinceramente, ninguém fica à mercê da própria sorte, desde que tenha coragem suficiente e fé em Jesus, todos serão resgatados de seus sofrimentos. Mesmo os espíritos endurecidos terão seu dia de libertação. Jesus ama a todos com compaixão e não oferece o inferno a ninguém. Os espíritos é que fabricam seus infernos particulares. A Doutrina Espírita é uma doutrina da esperança, da fraternidade e da sabedoria. Ela recebe a todos de braços abertos, oferecendo como alternativa segura, que mais cedo ou mais tarde, cada um encontrará um mundo melhor, onde reina o amor que leva à paz interior. Esperança, pois, é o que todos devem ter, ora em diante, na certeza que evoluirão para o bem. Se agora sentem o peso do erro cometido, não fiquem se torturando, culpando-se ou a outrem. Em breve, encontrarão novas oportunidades de redenção, pois a vida não cessa ante as adversidades e chegará o momento sublime da quitação dos débitos com a Justiça Divina. Não temos mais a lei de Moisés, olho por olho, dente por dente, e Deus é misericordioso para conosco. Quem sabe, alguns de vocês não passam na nova existência pelo teste final, indo depois, conforme se saírem, para outras moradas da casa do Pai? Jesus garantiu a passagem para essas moradas, quando o espírito consegue se elevar. Deus conhece nossas imperfeições e não castiga ninguém, cada um recebe o que merece e até um pouco mais. Jesus abençoe a todos, dando-lhes coragem, fé e esperança.

Sáímos pensativos. Desejaríamos passar uma borracha em nossas lembranças, apagar para sempre os horrores vividos no Vale dos Suicidas, mas ainda não estávamos preparados para a bênção do esquecimento. Para alcançar a graça da libertação das correntes do passado, teríamos ainda que extirpar os tumores de nossas imperfeições.

Francisco apertava-me a mão, transmitindo força para eu sair da apatia moral em que me encontrava.

Olhei o céu, divisei o firmamento. Luzes riscando o infinito, estrelas brilhando, o tapete verde da relva macia, contrastavam com o lugar de onde viera, lamacento e pegajoso. Sem querer, pensava nos horrores por que passara e, procurando fixar o pensamento em Jesus, jurei nunca mais voltar àquele lugar. Ainda não dava para saber se depois da tempestade viria a bonança, pois, embora melhor, a tempestade continuava em meus pensamentos, e a bonança tardaria a chegar, pelo que deduzia dos estudos e palestras.

Consegui um pouco de paz. Separei-me de Francisco, sem vontade de conversar, afinal amanhã seria outro dia.

III. Hospital Regeneração

Cada um de nós, os Espíritos endividados, em renascendo na carne, transporta consigo para o ambiente dos homens uma réstia do céu que sonha conquistar e um vasto manto do inferno que plasmou para si mesmo.

Ação e Reação – Espírito André Luiz – Francisco Cândido Xavier.

Despertada por música suave, sentia sublime reconforto, pinçando as feridas do coração. Com a luz do sol aquecendo os pensamentos torturados, observei o lugar em que me encontrava.

Os jardins de flores silvestres, com coloridos suaves, alamedas bem tratadas, onde trabalhadores se ocupavam com a jardinagem, não davam a impressão de pertencerem a um hospital, mais pareciam um lugar próprio para meditação. Percebi que as grades brancas que nos separavam do ambiente exterior demarcavam as cercanias do hospital e possuíam uma luz que impedia a entrada. Se espíritos se aproximassem sinceramente arrependidos, as grades captavam as ondas positivas, transmitindo o desejo de reconciliação com o bem aos espíritos dirigentes do hospital e, imediatamente, um grupo socorrista saía em busca de quem pedia auxílio. Não eram, portanto, grades comuns, mas constituídas de matéria muito sutil, que nossa compreensão não era capaz ainda de captar. Como ainda não me fora permitido recordar o passado fora do Vale dos Suicidas, tinha a vaga impressão de que já conhecia o lugar, mas ao mesmo tempo achava pouco provável já ter estado ali. Minha única lembrança era a de não querer viver, mas de nada adiantara a

fuga pelo suicídio, pois continuava viva e presa a grandes sofrimentos, com pesadelos horríveis.

Caminhei pelas alamedas, onde grupos de pessoas conversavam, e parei para escutar:

— Estamos mortos, sim – dizia alguém.

— Como mortos, se sentimos as mesmas sensações? – exclamava outro.

— Será que tudo isso não passa de ilusão?

Alguém que parecia entender melhor a situação, esclarece:

— Quando aqui cheguei, eu também pensei estar num hospício. Tudo me parecia confuso e complexo. Aos poucos, através do estudo e das palestras, fui me inteirando dos acontecimentos. Este hospital é abrigo seguro dos que, como nós, suicidaram. Como já foi explicado, se tentássemos falar com algum ente querido, este não nos veria e nem nos responderia, pois deixamos o corpo físico e somos só espíritos. Fazemos parte de um outro estado de vida.

Perguntei, ansiosa por explicações:

— Quer dizer que após o suicídio e tendo ficado por tempo indeterminado no Vale dos Suicidas, nossas lembranças ficam confusas, não nos deixando recordar com clareza os acontecimentos anteriores?

— Mais ou menos, minha irmã, estamos todos aqui com o mesmo débito, embora com diferenças. Alguns chegam com todas as lembranças, outros com algumas e ainda outros, em casos especiais, sem se recordarem de nada ocorrido antes do suicídio. Cada caso é um caso, depende da gravidade das situações de cada espírito. Mas em algo não nos diferenciamos uns dos outros, somos iguais, pois fomos rebeldes e autoritários, querendo fazer o papel de Deus ao tirar nossas vidas.

— Mas será que tirar a própria vida é um ato tão horrível? – argumentou eu. E o livre-arbítrio tão propalado aqui?

O companheiro que se apresentou como Ismael, respondeu pacientemente:

— Nosso maior tesouro é a vida. Ela é o maior bem que o ser humano possui, pois, através das vidas sucessivas, o homem vai se aprimorando até alcançar a perfeição. O livre-arbítrio, quando bem usado, é outro tesouro dado por Deus. Temos que saber distinguir o bem do mau, o certo do errado. Ele foi tão respeitado em nós, que ousamos burlar as Leis Divinas e tiramos nossa vida. Mas teremos, mais cedo ou mais tarde, que ressarcir o ato que praticamos, colher o que plantamos. Ninguém que planta erva daninha espera colher flores. Podíamos ter tido paciência, humildade, amor à nossa vida, mas nada disso consideramos, quisemos acelerar nossa partida da vida terrestre e cometemos suicídio e temos um alto preço a pagar por essa conduta desastrosa diante da Justiça Divina, pela má escolha que fizemos de nossos caminhos.

— Obrigada, Ismael, seus esclarecimentos foram valiosos para mim, não quero perder a oportunidade de me instruir.

Francisco aparece e pergunta se estou melhor.

— Sinto-me melhor, mas constrangida pela perda da memória, ela está em branco e esta é uma sensação estranha, mas ao mesmo tempo sinto um conforto enorme por me sentir protegida. Tenho certeza de já o conhecer, mas não me lembro de onde.

— Não se preocupe, Ametista, os mentores vão ajudá-la. Suas lembranças irão retornando aos poucos, sob a orientação de quem pode auxiliá-la.

— Sinto que algo mais profundo que amizade me une a você, mas não consigo atinar o que você significa na minha vida.

— Pode ter certeza de que há espíritos que a amam muito, logo tudo será esclarecido, tenha só mais um pouco de paciência.

— Pareço demente.

— Quase todos os que saem do mundo pelas portas do suicídio estão dementes. Coopere consigo mesma, procure não ser impaciente, acalme seu coração.

— Você está sendo bondoso comigo, Francisco, e como não me sinto morta, quem sabe posso voltar para onde estava antes de tirar minha vida. Não sou como os outros, eles acham que morreram e vivem em outro plano da vida, acham que a vida continua, mas não pode ser verdade, peço-lhe que me mostre o caminho certo, não o do Vale dos Suicidas. Sairei daqui quietinha, sem perturbar ninguém, se quiser, pode vir comigo. Faça-me este grande favor e ser-lhe-ei eternamente agradecida.

Francisco sorriu e disse:

— Ametista, é cedo ainda para pensar em voltar, e fugir daqui não é possível. Com certeza, voltaria para o Vale dos Suicidas e você não quer ir para lá novamente, não é?

— Deus me livre, nem pensar, mas já compreendi que estou neste hospital, me restabelecendo das conseqüências do suicídio que cometi e que este é um crime muito grave.

— O caminho é este, minha amiga, logo conseguirá entender melhor o que se passou. No momento, não se lembra do que aconteceu para seu próprio benefício, mas Jesus, o médico das almas, com certeza conseguirá curar-nos da doença que nos constrange há tanto tempo. Também tenho meus débitos a pagar. Carrego nos ombros a cruz de culpas difíceis de serem expiadas, mas estou confiante de que desta vez tudo será resolvido. Quitaremos nossos débitos. Confie e espere.

— Pela sua fala, percebo que temos caminhado juntos. Foi por isso que esperou minha chegada e tem sido tão meu amigo. Vou tentar ter paciência, quem sabe consigo esta façanha, pois sinto que não vai me esclarecer mais do que já o fez.

Senti vontade de comer algo, e Francisco levou-me à sala de refeições. Já conhecia alguns dos que ali se encontravam. Era interessante a necessidade que tínhamos de conversar. Alimentei-me e voltei para os jardins. Cansada, sentei-me, fitando o horizonte na expectativa de maiores explicações. Calma, paciência, não era meu forte. Tinha de estar sempre em movimento, ficar parada era quase impossível para mim, precisava

estar ocupada à procura de não sei o quê, talvez de algo que me trouxesse a paz perdida.

Alberto, que expusera sua vida no auditório, aproximou-se de mim:

— Desculpe-me incomodá-la, mas percebo que está muito inquieta. Posso ajudá-la em alguma coisa? Como se chama?

— Ametista. Sua fala no auditório mostrou que o senhor sofreu muito. Prestei bastante atenção ao que falou, mas tudo é muito confuso para mim. Sei que cometi suicídio, mas não esperava encontrar esta outra vida. Sou católica apostólica romana, fiel ao Papa. Quero falar com um sacerdote. Preciso de maiores esclarecimentos, estou ávida de informações, e parece que o senhor pode me ajudar.

— Não estou confuso, porque já trilhava o caminho da Doutrina Espírita, completamente desconhecida para você.

— Ela realmente parece ser especial, dando muito conforto aos que aqui se encontram, não posso negar que ela consola muito, mas como acreditar em algo que não conheço?

— Ametista, explicou pacientemente Alberto, existem locais aqui no mundo espiritual, freqüentado por sacerdotes e católicos que, como você, não aceitam a Doutrina Espírita. Aqui não sei se há sacerdotes, e se não foi levada até os católicos é porque seu caso deve ser diferente e você precisa conviver com os espíritas. O Espiritismo existe desde os mais remotos tempos da humanidade. Moisés proibiu que se falasse com os mortos, por que abusaram das evocações, os homens tinham os corações muito endurecidos. Na França, muitos séculos depois, nasceu Léon Hippolite Denizard Rivail, que passou a se chamar Allan Kardec, quando fez a codificação da Doutrina Espírita, em que vários espíritos responderam às suas perguntas. A Doutrina Espírita é ciência, filosofia e religião. O Espírito de Verdade coordenou toda a programação da vida de Allan Kardec na Terra. O principal fundamento do Espiritismo é a reencarnação:

nunca morremos, vamos mudando de patamar até sermos seres perfeitos.

— Nunca ouvi esta explicação antes, mas pelo que entendi, vou ter que viver na Terra outra vez. Eu não quero, não sei ainda o que me aconteceu, mas deve ter sido algo terrível para não me lembrar. Quero passar o resto da minha vida neste hospital, não quero nascer de novo. Nem pensar. E o senhor, quer voltar a nascer outra vez?

— Não é questão de querer ou não querer, Ametista, tenho de voltar, reencarnar novamente e procurar não errar de novo. Serei muito mais cobrado, pois sou consciente da minha situação e dos meus erros.

— O senhor compreende a Doutrina Espírita, mas pelo que entendi, este conhecimento não conseguiu livrá-lo do suicídio.

— Viu como fui fraco? Foi uma experiência horrível, li e reli *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Liguei-me a inimigos espirituais que me dominaram, fixando esta idéia horrível em mim. Não tive coragem de enfrentar o julgamento dos homens. Inverti meus valores, pois o julgamento humano passou a ser mais importante do que a Justiça Divina. Devo recomeçar a caminhada e sei que vai ser muito difícil. Se você está neste hospital em tratamento é porque também suicidou. Dê-se por satisfeita, cara amiga, já saímos do estado de ovóides, do coma, em que muitos ainda jazem aqui. Estamos em melhores condições, por isso, tenha calma e espere.

— Francisco, um amigo meu, pede exatamente que eu tenha calma e paciência. Também, nem se quisesse, no estado em que me encontro, poderia fazer algo, não tenho para onde ir. Alberto, o senhor conviveu com Kardec?

— Não, Ametista, nasci no Brasil, onde comecei minha lida espírita, ainda jovem. Esta minha última encarnação não foi longa, pois saí através do suicídio, como já expliquei. O tempo que passei no Vale dos Suicidas foi relativamente pequeno, devido aos trabalhos feitos em prol dos necessitados na minha última

passagem pela Terra. Depois de me reequilibrar espiritualmente, desejei reencarnar o mais breve possível, no que fui atendido. Preciso com urgência regatar meus débitos perante a Justiça Divina.

Chegaram alguns companheiros e a conversa se estendeu com os relatos das experiências de cada um.

Mais tarde, quando me recolhi ao quarto, exausta, crisântemos amarelos exalavam doce aroma tranquilizante, parecendo querer repor minhas energias. Orei, pedindo a Jesus e Maria que me protegessem e adormeci.

IV. Esclarecendo Débitos

Somente na vida futura, podem efetivar-se as compensações que Jesus promete aos aflitos da Terra.

O Evangelho Segundo o Espiritismo.

Quase ao anoitecer, voltamos ao auditório. Não vira Francisco, embora meus olhos o procurassem ansiosamente.

O mentor Gláucio se dirigiu a nós, depois de sentida prece:

— Embora já tenham escutado outras palestras, é chegada a hora de novos esclarecimentos, frente ao processo de reajustes, para que possam ser ajudados individualmente. A compreensão de que vieram do Vale dos Suicidas, e, para alguns, até as razões que os levaram a ele, já estão mais claras. Queridos amigos, temos muito amor a dar a vocês, este lugar e os que aqui trabalham em prol dos feridos da alma são uma prova deste amor, embora tenhamos de ser firmes e claros nos ensinamentos, pois quem ama educa e tenta aprimorar os amados, não fica parado no comodismo, ao contrário, com amor exorta ao perdão, com amor ensina a humildade, com amor esclarece sobre o egoísmo, com amor ensina o próximo a valorizar a vida. Este amor que nos envolve revela-se no desejo de ajudá-los a encontrar seus próprios caminhos. Alguns aqui são suicidas conscientes, realizaram o ato, premeditadamente, influenciados por espíritos inferiores a quem deram permissão para se instalar em seus pensamentos. Faltou-lhes também a oração que afasta os pensamentos negativos. Outros cometeram suicídio

em outras encarnações e já reencarnaram com a mente desequilibrada, faltando-lhes também a oração, o melhor antídoto contra influências obsessivas; outros são suicidas inconscientes, que tiraram a vida pelo abuso do álcool, das drogas, dos cigarros e do sexo desequilibrado. Todos, sem exceção, poderiam ter evitado este desfecho trágico se usassem o livre-arbítrio para a prática da caridade, da oração, imbuídos da fé que transporta montanhas. Mas nada está perdido, novas oportunidades virão, em nova encarnação. Irão com algum embasamento espiritual, para fortalecerem-nos nos momentos de luta, e nossa assistência será permanente, desde que emitam pensamentos de amor, perdão e humildade.

Não abandonaremos os que trilharem os caminhos da porta larga, mas nosso acesso ficará bloqueado pelas ondas negativas emitidas, apesar de tentarmos chamá-los à razão para as verdades eternas, sempre que for possível.

Alguns de vocês, chegados há pouco ao estágio da compreensão espiritual, questionam se estão vivos ou mortos. No Universo, regido pela lei de amor, não há morte real, apenas mudança de estado. Nesta transição, para alguns, os elementos de suporte existencial são o amor, a caridade, o perdão, a fé e a esperança; para outros, no entanto, são o ódio, o egoísmo, o orgulho... Cada um traz para o mundo espiritual o que conseguiu armazenar na experiência no corpo físico e irá para outras moradas do Pai, de acordo com seu estágio evolutivo. Vocês trouxeram a bagagem do suicídio, cultivaram esta idéia como fuga aos compromissos assumidos, pensando em ficar livres de suas dificuldades e sofrimentos. Ledo engano! Em hipótese alguma, por mais que sofra, o ser humano não tem direito de acabar com a vida, presente de Deus para seu crescimento espiritual. Para maiores esclarecimentos, os que se encontram em condições, serão atendidos por um mentor, seja por merecimento individual de outras existências, ou por pedido de um ente querido.

Ninguém está perdido no mar de sua existência, como um barco solto ao vento. Todos temos nossos afetos encarnados

ou desencarnados, que oram e pedem por nós a Jesus. Ele é como uma bússola a nos guiar, no caminho certo a ser seguido.

Quando se sentirem inseguros, desanimados, em dúvida quanto ao que fazer, orem e esperem, que tudo tem seu tempo certo, tempo de semear, tempo de colher. O que hoje parece ser um mal, pode se tornar um bem no futuro.

Não importa que alguns não acreditem nas verdades espirituais. Espíritas, católicos, evangélicos, budistas, ateus, não precisamos de denominação religiosa, somos todos irmãos em Cristo. Lembrem-se dos que ainda estão no Vale dos Suicidas, fechados à oração e às bênçãos e ao socorro do Senhor. Agradeçam a Jesus e caminhem sempre em frente. Cristo lhes estende as mãos e os abençoa.

Francisco chegou no início da palestra, e sua presença inundava meu ser de imensa ternura e de um misto de confiança e receio ao mesmo tempo.

A palestra fora muito profunda, calara em meu íntimo, não tinha indagações a fazer, tudo fora muito bem esclarecido. Tentava absorver ao máximo tudo que ouvia.

Sáímos e nada tínhamos a dizer, mas muito em que refletir. Em meu quarto estava outro vaso com crisântemos amarelos recém-colhidos, sugerindo paz e conforto. Era o que mais ansiava: sentir em mim a paz que diziam existir e que eu não conseguia alcançar. Será que chegaria o dia em que a sentiria? Eram antagônicos os meus sentimentos: enquanto aguardava ansiosa a paz interior, mais dela me afastava, sentindo-me cada vez mais angustiada.

Quando consegui adormecer, o sono foi mais uma vez intranquilo. Via-me novamente nas câmaras de horror, sem luz, sem sol. Gemidos e odores fétidos povoavam-me a mente, num dormir agitado. Entre desperta e adormecida, senti uma mão pousada sobre a testa e, no mesmo instante, fui me acalmando até conseguir ter um sono reconfortante.

Nunca saberei quem eram aqueles trabalhadores anônimos, capazes de sossegarem meu espírito cansado de tantas lutas.

V. Reconpondo Energias

Logo as vicissitudes da vida derivam de uma causa e, pois que Deus é justo, justa há de ser esta causa.

O Evangelho segundo o Espiritismo.

Quando acordei, o sol clareava o ambiente, convidando-me a levantar. A visão do sol, este amigo que não discrimina sexo, cor, nacionalidade, pobreza ou riqueza, era indescritível naquele local. Como havia ficado tempos sem fim sem senti-lo acariciar minha pele, era maravilhoso poder olhar, sentir sua presença amiga clareando as nuvens negras de minha existência.

Francisco, o amigo querido, adentrou o recinto, perguntando:

— Como passou a noite, Ametista?

— Depois de algumas turbulências, consegui ter uma noite reparadora. Pareceu-me que alguém velava por mim, colocando a mão sobre minha fronte. Depois desse ato generoso conciliei o sono, calma, sem maiores problemas, mas o que me interessa realmente é saber o motivo por que cheguei a este estado deprimente. Sei que foi algo muito sério, mas não consigo recordar o motivo pelo qual tirei a vida e fui parar no Vale dos Suicidas. Você não poderia me elucidar? Sinto uma ternura cada vez maior por você. Sua presença é bálsamo para minhas tristezas. Na verdade, sinto profundo amor por você. Não sei de onde vem este sentimento. Parece que estou bloqueada, impedida de saber o que se passou comigo.

— Também sinto por você um grande carinho. Tudo será esclarecido no momento adequado, lembre-se de que o mentor Gláucio exortou-nos à paciência, e esta palavra é para ser lembrada e exercitada. Vou levá-la para tratamento de recomposição de energias. Estão à sua espera.

— Estou pronta a acompanhá-lo. Estou envergonhada, mas sinto o estômago vazio, sinto falta de alimento e não vejo ninguém se alimentando tanto como eu.

— Cada um aqui possui seu modo próprio de alimentação. Com o passar do tempo, entenderá melhor o que quero dizer. Os que se sentem melhor, já aprenderam a se alimentar do espírito, ficando a matéria em segundo plano, mas neste hospital são poucos os que conseguem. Seu café da manhã será servido agora.

Um leve toque à porta, e eis que surge uma jovem fazendo-me guloseimas. Alimentado o que me parecia ser o corpo físico, podia agora tentar alimentar o espírito.

Caminhamos juntos para um dos numerosos blocos do hospital, não saberia andar por ali sozinha. Francisco conduziu-me a uma sala, dizendo-me que me esperaria do lado de fora, pois o tratamento era individual.

Leve batida à porta que se abriu, e uma senhora de semblante alegre convidou-me a entrar, conduzindo-me a uma cadeira macia, própria para revitalizar forças. Assim me explicou a enfermeira que disse se chamar Clara.

— Este tratamento é feito antes de passar para o Ministério das Recordações. Vamos energizá-la para que tenha melhor suporte de energias para entender mais facilmente o que se passou com você. Ele será feito através da energia retirada das cores da natureza. Será um tratamento em nível de perispírito, de uma sutileza ainda não conhecida pelo espírito encarnado. Você sentirá que as cores aqui parecem ter luminosidade própria e você terá uma influência salutar em seu organismo, reconstituindo as células em desequilíbrio. Em algumas colônias, este tratamento está em estágios bem mais avançados, dependendo das condições de cada espírito.

V. Reconstituo Energias

Logo as vicissitudes da vida derivam de uma causa e, pois que Deus é justo, justa há de ser esta causa.

O Evangelho segundo o Espiritismo.

Quando acordei, o sol clareava o ambiente, convidando-me a levantar. A visão do sol, este amigo que não discrimina sexo, cor, nacionalidade, pobreza ou riqueza, era indescritível naquele local. Como havia ficado tempos sem fim sem senti-lo acariciar minha pele, era maravilhoso poder olhar, sentir sua presença amiga clareando as nuvens negras de minha existência.

Francisco, o amigo querido, adentrou o recinto, perguntando:

— Como passou a noite, Ametista?

— Depois de algumas turbulências, consegui ter uma noite reparadora. Pareceu-me que alguém velava por mim, colocando a mão sobre minha frente. Depois desse ato generoso conciliei o sono, calma, sem maiores problemas, mas o que me interessa realmente é saber o motivo por que cheguei a este estado deprimente. Sei que foi algo muito sério, mas não consigo recordar o motivo pelo qual tirei a vida e fui parar no Vale dos Suicidas. Você não poderia me elucidar? Sinto uma ternura cada vez maior por você. Sua presença é bálsamo para minhas tristezas. Na verdade, sinto profundo amor por você. Não sei de onde vem este sentimento. Parece que estou bloqueada, impedida de saber o que se passou comigo.

— Também sinto por você um grande carinho. Tudo será esclarecido no momento adequado, lembre-se de que o mentor Gláucio exortou-nos à paciência, e esta palavra é para ser lembrada e exercitada. Vou levá-la para tratamento de recomposição de energias. Estão à sua espera.

— Estou pronta a acompanhá-lo. Estou envergonhada, mas sinto o estômago vazio, sinto falta de alimento e não vejo ninguém se alimentando tanto como eu.

— Cada um aqui possui seu modo próprio de alimentação. Com o passar do tempo, entenderá melhor o que quero dizer. Os que se sentem melhor, já aprenderam a se alimentar do espírito, ficando a matéria em segundo plano, mas neste hospital são poucos os que conseguem. Seu café da manhã será servido agora.

Um leve toque à porta, e eis que surge uma jovem trazendo-me guloseimas. Alimentado o que me parecia ser o corpo físico, podia agora tentar alimentar o espírito.

Caminhamos juntos para um dos numerosos blocos do hospital, não saberia andar por ali sozinha. Francisco conduziu-me a uma sala, dizendo-me que me esperaria do lado de fora, pois o tratamento era individual.

Leve batida à porta que se abriu, e uma senhora de semblante alegre convidou-me a entrar, conduzindo-me a uma cadeira macia, própria para revitalizar forças. Assim me explicou a enfermeira que disse se chamar Clara.

— Este tratamento é feito antes de passar para o Ministério das Recordações. Vamos energizá-la para que tenha melhor suporte de energias para entender mais facilmente o que se passou com você. Ele será feito através da energia retirada das cores da natureza. Será um tratamento em nível de perispírito, de uma sutileza ainda não conhecida pelo espírito encarnado. Você sentirá que as cores aqui parecem ter luminosidade própria e o sol terá uma influência salutar em seu organismo, reconstituindo as células em desequilíbrio. Em algumas colônias, este tratamento está em estágios bem mais avançados, dependendo das condições de cada espírito.

Recostada na poltrona, segui os conselhos de Clara, fechei os olhos e embalei-me na sutileza da música, desligando o pensamento dos tormentos íntimos.

Clara colocou um leve capacete que me tomava todo o rosto, sendo que minha respiração era normal dentro dele. Cores suaves começaram a fluir em ondas. Senti o corpo relaxado, parecendo flutuar. Surgiu uma luz amarela. Quase não sentia o corpo, extasiava-me com aquela luz que mais parecia um sol. Não conseguia pensar em nada, apenas sentia uma enorme paz e coragem para prosseguir. O nada tomava conta de minhas lembranças. Não sei quanto tempo fiquei ali, em fusão com a luz resplandecente, que me parecia ser um sol magnífico, pleno de paz e amor. Suavemente, as luzes foram se apagando, restando apenas o som suave da música. O capacete foi retirado. Clara pediu-me para mexer os pés, as mãos, sentir meu corpo e me levantar. Meus movimentos eram suaves e lentos. De pé, senti-me ótima, a cabeça não me parecia tão confusa, não tinha ainda as lembranças anteriores ao suicídio, mas, pela primeira vez, olhei ao meu redor com outros olhos, com uma leve confiança de que tudo daria certo. Percebi que Jesus havia me oferecido um inestimável presente. Abracei-me a Clara, agradecendo-lhe a ajuda.

Ela apenas falou com suavidade:

— Se você chegou até aqui é porque o merecimento já faz parte de seu aprendizado.

Abriu a porta e, silenciosamente, mostrou-me a saída.

Francisco me esperava numa das alamedas, com um leve sorriso nos lábios.

— Querido amigo, estive no céu, coisas incríveis aconteceram, sinto-me com mais energia, consigo ver e sentir melhor o lugar onde estou, com mais coragem, otimismo. Tenho certeza absoluta de que já estive aqui antes, que você é uma pessoa amada, embora não me lembre de nada do que vivi antes do Vale dos Suicidas, só de Alfredo, meu algoz. Nada mais me parece estranho, tudo me é familiar. Sinto-me outra pessoa, mas

tenho medo de acordar e perceber que tudo não passou de um sonho maravilhoso.

— Com certeza, o tratamento que vinha sendo feito há tempos, agora surtiu o efeito esperado, para que consiga captar melhor o que lhe vai ser transmitido. Muitos que a amam esperavam por este resultado. Foi lenta sua recuperação, mas hoje foi dado um grande passo para o seu refazimento e preparo para a missão que a espera.

— Já sei que estou aqui há longo tempo e vejo como todos são carinhosos, amigos, sem um gesto de impaciência, ou desânimo. Acredito também que sou suicida, que estive no Vale dos Suicidas, que estou viva, mas não lembro o que me levou ao ato suicida. Sou religiosa, tenho fé e sempre achei que iria para o céu, inferno ou purgatório, mas aqui tudo é diferente do que aprendi.

— O tempo aqui não corresponde ao tempo da Terra. Não sou também muito entendido nesses assuntos. Embora não seja suicida direto, passei uma grande temporada no umbral, que não é muito diferente do Vale do Suicidas. Fui trazido muito antes de você e tenho sérios compromissos a resgatar. Com a melhora de hoje, marcaram hora para você amanhã, no Ministério das Recordações, onde estará dando os primeiros passos para tomar conhecimento de suas vidas anteriores e do motivo pelo qual me tem tanto apreço. O mentor Alexandre a orientará durante essas recordações. Quando elas vierem à tona, terá de assumir novas posições em futuro próximo.

— Não me deixe, Francisco, tenho medo de conhecer o passado e, pelo que você disse, há um elo entre nós. Por que não consigo me recordar?

— No presente momento, recordar sem assistência espiritual pode provocar desequilíbrio e destruir um trabalho de anos, que teria de ser recommçado. O esquecimento é para nosso próprio bem. Comigo também foi assim. Agora, vamos entrar, pois amanhã começam para você, por que não dizer, para nós, oportunidades novas, abrindo-se um capítulo muito importante em nossas vidas. Aguardemos em Jesus, Ele nos guiará.

Interessei-me mais pelas coisas à minha volta. Dirigi-me a um grupo de pessoas que trocavam experiências. Fazíamos amizade com quem encontrávamos, com a segurança de sermos iguais, suicidas, irmanados no sofrimento comum.

— Não sei como me aconteceu uma coisa dessas – dizia uma senhora chamada Marta. Foi desesperador. Dediquei minha vida à família, meu mundo era os filhos e netos, a quem amava profundamente. Quase não tive amigos, dedicada à família em tempo integral. O mundo lá fora não existia para mim, apenas o meu pequeno mundo. Hoje me arrependo profundamente de não ter expandido meu amor aos desgarrados da sorte. Havia tanto trabalho voluntário à minha volta, mas eu, egoísta, não via, achava que minha obrigação era só familiar. Na velhice, fiquei em calamitosa situação financeira. Acostumada a cobrir desmandos e gastos supérfluos dos familiares, tarde demais descobri que enquanto os sustentava era bem tratada e recebia demonstrações de amor, mas, de tanto ajudá-los, não me preveni para a velhice e vi-me de repente sem recursos para ajudá-los e até para me sustentar. Revoltei-me, e um ódio mortal tomou conta de mim, quando, sem consideração alguma, colocaram-me em um asilo público, pobre em instalações e em calor humano. Não sabia viver sem meus filhos e netos que apenas vez por outra me visitavam. Pobre, sem afeto e sem carinho, sentindo-me humilhada, aos setenta e nove anos, pendurei-me numa corda na trave do galpão que me abrigava e tirei minha vida. Queria magoar minha família, queria que sentissem remorso pelo que haviam feito comigo, mas de nada adiantou. Não morri e passei a ter pesadelos horríveis. Procurava meus familiares, mas eles não me escutavam e percebi que em vez do remorso que queria causar, causei alívio, pois não precisavam mais se preocupar comigo. Fiquei com mais ódio ainda, e os pensamentos negativos me impediam de abandonar o corpo putrefato. Meus sentidos embruteceram, era envolvida por pessoas que também queriam vingança. Virou um círculo vicioso: quanto mais ódio sentia, mais

me chafurdava em miasmas horripilantes, até que um dia me lembrei de meu esposo, falecido anos antes de mim, alma nobre, que se ligava aos pobres e desamparados e chamava-me a atenção para não ser tão apegada aos meus, embora de nada adiantassem seus avisos. Espiritualmente, ele possuía maior compreensão da vida do que eu. Apenas me lembrei dele, sem lhe pedir auxílio. Foi uma lembrança fugaz. Mas aos poucos, cansada de tanto sofrer, passei a pensar nele com mais frequência, até que, num rasgo de humildade, pedi-lhe que me ajudasse e me tirasse daquele lugar fétido. Logo uma luz se fez presente, adormeci e quando dei acordo de mim, encontrava-me neste hospital. Como vocês sabem, tive um longo despertar e levei muito tempo para inteirar-me do que acontecera comigo. Estive em processo de loucura e obsessão, a começar pelo sentimento de posse sobre minha família. Para mim, eram todos meus, ninguém saía de perto de mim e os comprava com dinheiro. Pelos pensamentos inferiores, atraía espíritos afins. Não possuía religião, apenas acreditava em Deus, mas como estou aqui há tempos, com a ajuda do esposo querido, das palestras e conversas individuais, tenho compreendido que para minha libertação tenho de arrancar de vez o ódio do coração, pois ele nos destrói, impedindo que sentimentos nobres como amor, perdão, humildade, possam ocupar nossa casa mental. Sei que terei de reencarnar para reparar os erros. Espero chegar à Terra com horizontes mais amplos, não me restringindo apenas ao campo familiar, que é importante, mas também trabalhando pela humanidade que faz parte de nossa família espiritual. Espero conseguir meu intento.

Mais uma vez a emoção tomou conta de nós. Compartilhávamos a dor de nossa irmã que era nossa própria dor. Abraçamo-nos em comovida fraternidade. Embora fosse ali um exílio necessário ao nosso refazimento, o tratamento era excepcional, levando-nos a várias considerações. Ninguém trabalhava ali mal-humorado, não víamos o orgulho e a vaidade

campearem por ali. Ao contrário, a humildade no trato conosco e a vontade de ajudar-nos preponderavam. No ambiente sem hostilidade, sentíamos-nos à vontade, sem culpa ou vergonha por termos caído tanto. Cada trabalhador era firme em seus posicionamentos, mas bondosamente ajudava-nos a curar nossas feridas com pinceladas de amor.

A enfermeira Clara aproximou-se, convidando-nos a entrar, pois chegara o momento de irmos para o Ministério das Recordações. Alguns, como eu, começariam o trabalho de recordar naquele dia, outros já tinham percorrido alguns trechos do caminho e diziam sentir-se melhores depois da conscientização dos erros e acertos. O que aconteceria comigo? Sentir-me-ia melhor ou tudo ficaria ainda mais estranho? Olhei à minha volta e meus olhos encontraram Francisco que me apertou a mão, olhou-me firme e disse tranqüilo:

— Você vai começar a entender muitas coisas até agora incompreensíveis. Estamos juntos e unidos ficaremos para sempre. Você não errou sozinha, fomos comparsas nas tramas que surgirão em sua memória.

— Você já passou por este Ministério?

— Não, Ametista. Quando me recuperei, não havia perdido todas as lembranças como você. Com a ajuda dos benfeitores, lembrei episódios básicos de minhas vidas passadas, mas pediram-me para esperar aqui sua saída do Vale dos Suicidas, para juntos administramos melhor nossas vidas no futuro, que logo será presente.

— Então meu pressentimento estava correto. O que sinto por você vai além de simples amizade, é algo mais profundo, inexplicável.

— Estamos perto de tentar um novo reajuste diante das leis divinas. Depende de nós tomarmos nossas vidas em nossas mãos e fazermos tudo para acertar, independente das dúvidas que nos assaltam.

VI. Mentor Alexandre

Reconciliai-vos o mais depressa com vosso adversário, enquanto estais a caminho.

Mateus, v: 25-26.

Acompanhamos a enfermeira Clara rumo ao nosso destino. Em pequenos grupos ou individualmente as pessoas iam ficando em salas que se abriam ao toque gentil de Clara. Nossa vez chegou, a porta se abriu, penetramos numa sala ampla, com cadeiras em círculos, tendo à frente uma pequena tela.

Aproximou-se de nós um senhor com uma túnica branca, de tez clara, sorriso tranqüilo e barba também branca. Tudo nele transparecia confiança e harmonia.

— Sou o mentor Alexandre, mas me chamem apenas de Alexandre. Para mim, serão sempre filhos queridos, vez que os conheço de longa data. Esperei por este momento desejoso de cooperar com sua nova caminhada. Os pedidos de ajuda para isso chegaram a mim através de pessoas que lhes querem bem, encarnadas e desencarnadas. Assim como fizeram inimigos, granjearam também muitos amigos em razão dos serviços prestados aos menos favorecidos da sorte, em outras palavras, por terem, quando encarnados, praticado a caridade.

Olhei seu rosto e com profundo respeito, quedei-me imóvel, em silencioso pranto, os olhos penetrantes parecendo ler os escaninhos de meu espírito.

— Chore, querida filha, lágrimas são como o orvalho da manhã, deixando a escuridão, que o sol ilumina, e o dia renasce.

Francisco, presença de força e esperança, nada dizia.

— Pelo que já consegui deduzir, estou morta, mas viva ao mesmo tempo. Outro tipo de vida, é certo. Consegui sair do Vale dos Suicidas, onde fiquei por tempo que desconheço, graças à Providência Divina e à ajuda dos benfeitores espirituais. O que me encabula é que nada aqui me parece estranho. Não entendo bem o que se passa comigo. Todos são amáveis e gentis, ninguém me culpa de nada, mas assim mesmo um enorme sentimento de culpa toma conta de mim, pois não estaria aqui se não houvesse me suicidado. Pressinto que Francisco e outras pessoas estão envolvidas nos acontecimentos, e este pressentimento me traz muito medo, o senhor me entende?

— Sim, filha querida. Olho para você e vejo um espírito muito sofrido, mas inconsciente ainda dos erros cometidos em vidas passadas. Vamos ajudá-la no que pudermos. Sua impressão de já conhecer este lugar, de tudo lhe parecer familiar, não é apenas impressão. De fato, você já esteve aqui duas vezes. Não se assuste, tenha paciência e amor ao Cristo e logo compreenderá os motivos reais de sua estada aqui.

— Às vezes, um pavor, um medo insano me invade. Sinto vontade de largar tudo, de não saber de nada, mas a razão me diz para ficar e buscar entender o que se passou comigo. Em seguida, tenho vontade de sair correndo e me atirar no primeiro precipício que encontrar. Parece ser a única saída para os dramas que antevejo à minha frente, mas sei que se fizer isso, não morro e volto para o Vale dos Suicidas e só de pensar nessa volta fico horrorizada. Ajude-me, Alexandre, a encontrar um pouco de paz.

Segurando minhas mãos, com um olhar que traduzia amor e compreensão, Alexandre falou:

— Estamos esperançosos de que desta vez você realmente assuma suas responsabilidades perante a vida, que

não pode continuar a ser um brinquedo em suas mãos. Vai ser-lhe oferecida nova oportunidade, uma prova de confiança, em que o seu livre-arbítrio possa definir seu futuro, decisão em que vamos interferir, pois ainda não está preparada para tomar sozinha algumas atitudes importantes referentes à sua nova encarnação. Em cada passagem sua pelo mundo espiritual foi-lhe permitida grande interferência nos destinos de sua existência no corpo físico, só que desta vez será um pouco diferente. Você tomará conhecimento de seus atos e dos resultados negativos obtidos, mas não lhe caberá a decisão de como serão restabelecidos os fios que a prendem ao passado. No que concerne à sua reencarnação junto a adversários de outras épocas, tomaremos em conjunto as providências. Seu medo vem dos momentos difíceis em que não usou bem seu livre-arbítrio. Mas não se aflija, estamos aqui para ajudá-la a afastar essas lembranças, para apoiá-la, para que sinta vontade e tenha fé para não se enredar novamente nas teias do suicídio.

Após pequena pausa, continuou:

— Não existe aqui a palavra julgamento, não estamos num tribunal e só a você cabe decidir se quer reavaliar seu passado agora, mas, se não o fizer, estará apenas adiando enfrentar as recordações apagadas para seu próprio bem. Ao lado do Francisco, que já conhece seu passado, terá de enfrentar as circunstâncias que a levaram ao Vale dos Suicidas.

Emocionada, trêmula, respirei profundamente, fitei aquele olhar que me transmitia confiança e percebi ser aquele o momento pelo qual tanto ansiara.

— Não tenho outra escolha, Alexandre. Preciso acordar do sono em que me encontro, só assim conseguirei sair deste marasmo, desta tristeza em que estagio, dando novos rumos à minha existência. Por pior tenha sido o passado, recordar não será mais doloroso do que o tempo passado no Vale dos Suicidas, nem do que este vazio torturante. A verdade vai doer, mas será melhor que a dúvida que me acomoda no medo de tomar

decisões. Tenho de enfrentar as razões que me levaram ao ato suicida. Estou pronta.

Francisco achegou-se para mais perto de mim, oferecendo-me suas mãos fortes e seguras.

— Olhe para o que está à sua frente, falou Alexandre, e observe os acontecimentos, lembrando que estou ao seu lado para auxiliá-la.

A sala passou por pequena transformação; música suave se fez presente e a tela foi acionada.

— Ametista, não vamos recordar todos os fatos de suas vidas anteriores, apenas aqueles cujos conhecimentos são necessários à sua nova encarnação, mesmo por que você mesma poderá se lembrar espontaneamente de uma ou outra circunstância, dependendo de seus bloqueios mentais.

Apareceu na tela um convento austero em sua construção, situado no topo de uma colina, de onde se divisava ao longe um pequeno vilarejo feudal e ao redor do qual havia uma pequena floresta cheia de pássaros que pareciam bailar no ar. Adentrando o recinto, logo chegamos a uma capela onde um grupo de freiras rezava as matinas. Reconheci-me numa das freiras que oravam. Era como se tudo estivesse acontecendo naquele instante. Com as mãos postas, em atitude de profundo respeito a Jesus, rezava o rosário com incontida fé. As freiras terminaram de entoar o cântico de louvor e, em silêncio e de cabeça baixa, foram saindo uma a uma. Tomei a direção oposta à das companheiras e com passos apressados dirigi-me a um caramanchão, um pouco afastado dali. Um padre que parecia um pouco mais velho que eu e no qual, de imediato, reconheci Francisco, já me esperava.

— Frei Nazareno, não podemos continuar com nossos encontros. Alguém pode suspeitar e seremos presas fáceis do Clero, que não perdoa traições, menos ainda as amorosas como a nossa.

— Não, Luísa, não consigo me separar de você, amo-a com enorme paixão, só penso em nós —, disse abraçando-me

fortemente. Sinto-a tremer em meus braços, seus lábios se colam aos meus, transbordando todo nosso amor. Não tenha medo, aqui no convento você está sob minha proteção. Fui nomeado seu confessor, isto facilita nossa vida e assim podemos articular melhor nossos planos. A propósito, como está se saindo com Alfredo? Ele será a ponte para melhorar minha posição frente à Igreja. Quando isso acontecer, transfiro-a como Madre Superiora para o Convento de Santa Cruz e poderemos, enfim, sem que ninguém saiba, viver com maior intensidade nosso amor. Amo a Jesus, quero seguir minha vocação de padre, ajudar os mais carentes, mas não abro mão do nosso amor. Isso nunca. Jesus nos perdoará.

— Sinto remorsos pelo que estou a fazer, sei que vai contra todos os ensinamentos do Mestre. Para aplacar minha consciência, procuro fazer os trabalhos mais humildes, lavar as feridas dos que nos batem à porta e ajudar os pequeninos que aqui chegam esfomeados e sem roupa. Mesmo assim, sei que serei castigada. Jesus não vai perdoar esta traição, sou sua esposa, trago em meu dedo a aliança que recebi no dia em que o desposi, mas também não consigo tirá-lo dos meus pensamentos. Amo-o mais que a própria vida, é um amor que me atormenta e me faz vibrar ao mesmo tempo. Sou sua para toda a eternidade.

Nuvens pesadas e escuras envolviam os dois, sem que percebessem.

— Alfredo está cada vez mais apaixonado por mim. Sempre vem aqui com a desculpa de ver irmã Clarice, trazendo-lhe donativos. Encantou-se comigo e, como você pediu, dei abertura para que se enamorasse de mim, virou paixão, ele quer que eu deixe de ser freira e fuja com ele. Não se conforma em não me ter como sua mulher. Fará tudo o que eu pedir.

— Ótimo. Como é um rapaz rico e detentor de brasões da nobreza, podemos tirar dele parte de sua fortuna e fazer uma polpuda doação à Igreja. Isto acontecendo, subirei cada vez

mais na sua hierarquia, terei amplos poderes, tornar-me-ei Monsenhor Nazareno e farei de você a Abadessa do Convento de Santa Cruz. Alfredo é a solução dos nossos problemas. Seremos livres para nos amar.

— Está certo, Nazareno, hoje mesmo me encontrarei com ele, colocando nosso plano em ação.

Um beijo selou o plano nefasto.

A tela ficou branca. Estática, quase sem respirar, lembrava todos aqueles momentos. Novamente as cenas voltaram à tela.

Sentada no mesmo caramanchão, agora ao lado de um jovem alto, garboso, impecavelmente vestido num uniforme do Exército Imperial, dizia com voz de falso carinho:

— Alfredo, eu o amo, mas não é fácil abandonar o convento. A Igreja nos excomungaria e não saberia viver com esse sentimento de culpa. Sou esposa de Jesus, esqueceu que fiz os votos perpétuos?

— Meu coração pertence a você, Luísa. Não saberei viver sem sua doce presença. É um desejo mais forte que minha própria vida. Quero tê-la em meus braços, quero que me pertença de corpo e alma. Fuja comigo, iremos para longe, onde ninguém nos conhece. Se você me ama como eu a amo, arrumarei tudo para breve.

— Eu também o amo, Alfredo – falei fingindo ternura –, mas acredito ser mais fácil para nós se você doar sua fortuna para a Igreja, ficando apenas com o suficiente para vivermos uma vida simples no campo, onde poderemos criar filhos e ser felizes. Com este gesto generoso para com a Igreja, ela fará vista grossa à minha rebeldia e sua mão vingativa não chegará até nós, deixando-nos livres para viver nosso amor. Será como comprar o passaporte para a nossa felicidade.

— É este seu desejo, Luísa? Acha que assim ficará mais fácil renegar seus votos de castidade?

— Sim, meu querido. Estou habituada a uma vida humilde, não conseguiria me acostumar com o luxo em que você

vive. Tenho certeza de que, com sua generosa oferta, não seremos severamente punidos, tudo será abafado para não causar escândalo. Seremos excomungados, mas com o tempo poderemos reverter essa situação.

— Assim será feito, querida. Concordo com tudo desde que viva para sempre ao meu lado. Doarei mais da metade de minha fortuna pessoal e da herança deixada por minha mãe à Igreja e planejarei nossa fuga.

— Procure Frei Nazareno, seu confessor e amigo, e faça a doação através dele, assim não levantará suspeitas quanto às suas reais intenções.

Despediu-se dizendo que assim seria feito.

Outra vez a tela torna-se branca à minha frente. Sinto-me vazia, tudo vai tomando forma. Vejo como fui fraca, falsa, transgredindo as leis divinas e as terrenas. Não tenho coragem de olhar para ninguém. Envergonhada, retiro minha mão da de Francisco, na expectativa das cenas seguintes. Na tela, outra cena se apresenta:

— Luísa, tudo saiu como esperávamos. Alfredo doou seus bens por meu intermédio, como seu amigo sincero – falou Nazareno, irônico –. Facilitei o máximo para que, comigo à frente, ele doasse suas propriedades e riquezas para a Igreja. Como a amo, Luísa! Nada mais irá nos separar, nada mais impedirá que fiquemos juntos sem abandonar nossos votos perpétuos. Será cada vez mais fácil ficar ao seu lado. Minha vida não tem sentido sem este amor.

Na tela ainda acesa, irmã Clarice aparece transtornada em sua cela. Caneta e papel na mão, modificando sua letra, escreve uma carta.

Novamente a tela em branco, seguida do aparecimento de Alfredo com uma carta na mão.

— Não posso acreditar! Impossível! Como pode uma carta anônima conter tantas mentiras? Luísa me ama, deve ser inveja de alguém que não nos quer ver felizes. Mas vou hoje,

como recomenda a carta, à meia-noite até a portinhola dos fundos do convento para aplacar minha angústia, porque tenho certeza de que o conteúdo desta carta é falso. Imagine, Frei Nazareno, meu amigo, que me ajudou tanto, de romance com minha Luísa!

Na cena, aparecem vultos sombrios a insuflar idéias de vingança na mente de Alfredo.

— Vou me prevenir, pode ser uma emboscada para mim e Luísa, vou levar espada e punhal.

Escurece a tela. Sinto-me atormentada pelas lembranças das cenas seguintes. Aparece novamente o convento. A noite chega. Alfredo vigia a porta dos fundos. Surge um vulto encoberto, bate três vezes à porta que se abre e ele entra. Pela porta entreaberta, silenciosamente, Alfredo também adentra o recinto. Escuta cochichos, aproxima-se e reconhece a voz de Frei Nazareno:

— Oh, meu amor! Fui ordenado Cardeal por causa da fortuna de Alfredo. É muito grande a riqueza doada por ele para a Igreja. Já estava em pauta minha nomeação, só faltava o empurrão dado por Alfredo. Preso a seu amor não correspondido deu-nos a oportunidade tão desejada. Vou pedir sua transferência para o Convento de Santa Cruz em sigilo, e ele nunca mais terá notícias suas. Continuarei seu amigo e confessor, afinal devemos a ele a concretização de nossos sonhos.

Ao ouvir o nome de sua amada, Alfredo compreende que fora traído por quem confiara sua vida. Naquele momento sente-se só, abandonado pela amada e por quem se dizia amigo. Levado por forças nefastas que envolviam os componentes de tão bem urdida trama, cego de ódio, corre para Frei Nazareno, agora cardeal, e apunhala-o várias vezes. Frei Nazareno nem chega a lutar. Os golpes foram fatais. Esvaindo-se em sangue, cai morto aos pés de Luísa, que, de olhos vidrados pelo terror, cai junto ao amado, tentando reanimá-lo. Ultrajado pela traição e ensandecido de dor, abandonando o punhal com suas iniciais e seu brasão de nobreza, sai em desespero, vagando para lugar algum. O vulto de irmã Clarice aproxima-se, gritando para Luísa:

— Assassina! Assassina! – E chora, percebendo a enormidade do ato que praticara ao escrever a carta anônima. Não esperava aquele final que arruinara para sempre a vida do jovem Alfredo.

Como a esperar que eu me acalmasse, a tela se apaga, dando uma trégua nas emoções arrebatadas. Não consigo conter as lágrimas, as lembranças daquele dia borbulharam em minha mente. Não conseguia entender como pudera trair tanto, como pudemos, Francisco e eu, iludir, mentir por causa de um amor doentio, pois éramos parte de algo sublime, havíamos feito votos perpétuos em nome do Cristo, que tanto amávamos. Ficamos cegos de paixão, acreditando que o errado era o certo a fazer.

VII. Recordação Dolorosa

Quantos homens caem por sua própria culpa! Quantos são vítimas de sua imprevidência, de seu orgulho e de sua ambição.

O Evangelho segundo o Espiritismo.

Ainda entorpecida pela triste realidade, ouço a voz de Alexandre a me perguntar:

— Querem continuar em outra oportunidade? Já estamos chegando ao momento de sua primeira chegada ao Vale dos Suicidas.

— Continue, por favor, deixe-me beber até o final o fel dos meus atos.

— Seus atos não, Ametista, nossos atos - aparteia Francisco.

Um aperto me comprime o peito. Sim, eu amara Francisco loucamente e naquele momento de tanta angústia e dor, tive certeza de ainda amá-lo muito.

A tela acende-se novamente. Vejo uma prisão fria, úmida. Restos de comida aguada encontram-se jogados ao chão. Sobre um catre imundo, aparece a figura esquelética daquele que um dia fora um belo jovem: Alfredo.

— Me vinguei – dizia enlouquecido –, ela não ficou com aquele maldito Nazareno, que ele arda para sempre no fogo do inferno. Vou ficar nesta masmorra para o resto da vida, prisão perpétua, mas não me importo: ratos e baratas são meus

companheiros. Fui traído duas vezes, por ele, que dizia ser meu melhor amigo e confessor, e pelo meu amor por aquela maldita Luísa, que me tornou pobre e me fez virar assassino. Queria agradecer a quem me escreveu aquela carta anônima, àquela pessoa, sim, devia ser amiga. Quando morrer, quero ir para o inferno e torturá-los, nunca terão paz por causa do que me fizeram. Soube que Luísa, não sei como, conseguiu uma arma e tirou sua vida com um tiro no coração. O ódio é meu companheiro. Deus não existe mais para mim. Ninguém mais quer me ver, recebo apenas a visita do meu fiel serviçal Juan, que me traz notícias. Vou ser sempre grato a Juan que, uma vez por semana, vem me ver. Ele não me abandonou como a família e os amigos.

A tela se apaga. Música suave faz-se ouvir e uma luz azulada traz penumbra ao ambiente. Não consigo me mexer, chocada com as lembranças antigas, agora muito vivas em minha mente. Uma dor profunda anestesia meus sentidos. Não sei o que dizer ou fazer, apenas um choro sentido me acomete.

Mentor Alexandre suavemente vai me trazendo à realidade.

— Ametista, embora as cenas presenciadas tenham sido fortes e as lembranças tenham chegado como avalanche, não se desespere nem desanime. Não é com o intuito de deixá-la amargurada que estamos recordando seu passado. A força e a coragem, ao lado da fé e da esperança, devem ser seu sustentáculo, pois você já tem os conhecimentos necessários para tomar importante decisão em sua vida, assim como Francisco. Todos nós erramos um dia, contraímos débitos perante a Justiça Divina. O amor é o mais nobre sentimento que podemos ter e você o possui, pois mesmo se rebelando contra as normas da Igreja que abraçava, amava a Jesus. Suas preces, quando não estava envolvida nas tramas da obsessão, eram verdadeiras. Ajudava a muitos, praticando a caridade para com os menos favorecidos. Seus gestos de amor e compaixão contam pontos

a seu favor. Você errou ao trair, mas seu maior erro foi tirar a própria vida, pois não existe justificativa perante as Leis Divinas para um ato de tanta rebeldia.

Estamos mostrando-lhe estes acontecimentos porque planejamos sua reencarnação, mais ou menos de acordo com seu livre-arbítrio, pois algumas decisões serão suas e de Francisco. Alfredo já se encontra melhor, pois conseguimos resgatá-lo, mas sua encarnação ao seu lado será compulsória e a maior responsabilidade de ajudá-lo será sua, Ametista. Você ajudou a muitos, deu água a quem tinha sede e pão a quem tinha fome e estes fatores contam na escalada da evolução espiritual.

— Muitas coisas começam a ficar claras. Pontos sem sentido, elos soltos tomam forma. Lembro-me agora de todos os acontecimentos, de meu desespero ao ver Nazareno morto. Alguém me levou para o interior do convento, conduzindo-me à cela, sem que ninguém percebesse minha participação naquela sórdida história. Perante os homens saí ilesa, e Nazareno foi enterrado com honras e glórias, vítima de um jovem desequilibrado. Alfredo foi preso, nunca tive coragem de visitá-lo e fui perdendo a fé em Deus. Preocupada, a Madre Superiora me mandou passar uns dias na casa de meus pais, onde escondi a arma de meu irmão. Voltando ao convento, soube que irmã Clarice havia-se tornado carmelita. Sem nunca mais poder ver alguém, completamente isolada, viveria o resto da vida em preces. Até agora não sabia de sua participação nesse trágico desfecho. No desespero da saudade que me consumia, esperando encontrar Nazareno, tomei da arma e atirei no coração, pedindo antes perdão a Deus. Lembro-me da ida para o Vale dos Suicidas. Fui escravizada e mergulhei em atitudes vis. Sei que tenho muito a corrigir, mas quero recordar pouco a pouco o que me sucedeu. Sei que já estive aqui outras vezes. Como pude ter errado tanto? Sou culpada, não sei se haverá perdão para mim, e olhe que só me recordei de poucas coisas. Ainda estou bloqueada frente a outros acontecimentos. Alfredo foi totalmente inocente neste episódio que recordamos ou teve sua parcela de culpa?

— Ninguém, filha querida, é isento de culpa em ações que prejudicam o próximo. Alfredo tem sua parcela de culpa, não é vítima inocente da situação que se desenrolou no convento. Havia entre vocês ligações nefastas, de outras épocas, e como até agora não conseguiram o perdão mútuo, o drama continua a se desenrolar. Você e Francisco conservam sua religiosidade, ligando-se às coisas do espírito. Alfredo tem vivido entre os prazeres da carne, a vida mundana, por isso está mais difícil conseguir para ele uma encarnação mais amena, voltada para o lado espiritual. Será uma tarefa árdua a de tentar conduzi-lo a alguma nova experiência no campo da espiritualidade, que ajude a abrandar seu coração. Mas tudo a seu tempo.

Alexandre olhou-nos como a medir se havíamos captado a importância de seus ensinamentos.

— É importante que não se culpem, pois o sentimento de culpa é um dos piores conselheiros da mente, toma formas gigantescas, levando os menos avisados a tomar atitudes contrárias aos ensinamentos cristãos. Os irmãos desencarnados sofredores, influem na mente dos culpados, exacerbando seus sentimentos de culpa. A mente torna-se um campo minado de sentimentos, fértil para o recrudescimento do egoísmo, da tristeza e do ressentimento. Na ânsia de aliviarem suas culpas, cometem outros erros, que se avolumam, até formarem uma bola de neve, em que não se sabe quem erra mais, o que quer se desculpar ou a vítima que não desculpa. É um quadro doloroso de se contemplar. Só com muita ajuda espiritual e auto-conhecimento, o espírito começa a identificar os reais valores da vida, portanto, filhos queridos, não sejam vítimas de suas próprias ações nas estradas que vão percorrer, mas defensores da verdade, para que possam alcançar o que aspiram há longo tempo: ficarem juntos, mas com paz de consciência, fazendo o certo diante dos preceitos Divinos.

A porta abriu-se, e a enfermeira Clara perguntou:

— Chamou-me, mentor Alexandre?

— Chamei, Clara, acompanhe os filhos queridos. Amanhã, se estiverem em condições, continuaremos com as recordações.

— Obrigada, mentor Alexandre, por sua capacidade de reconfortar corações feridos, sem julgamentos que desestruturam nosso foro íntimo. Vou lembrar-me de suas palavras e me refazer deste choque inicial e amanhã mesmo quero dar continuidade ao processo. Acredito que Francisco também o deseja.

— Este também é o meu maior desejo – disse Francisco. Aguardei estes momentos com muita ansiedade. Embora me lembrasse dos acontecimentos por outros meios, ver na tela o que realmente se passou conosco, chocou-me sobremaneira, e recordarmos juntos facilitará a tarefa de decidir com os mentores o que será melhor para nós.

— Lembrem-se, filhos queridos, nada está sendo rememorado para fazê-los sofrer, mas tendo em vista os reajustes necessários. Jesus esteja com vocês.

Sáímos acompanhados de Clara, que percebeu nosso desejo de estar a sós.

— Fiquem à vontade, irmãos. Como já conhecem o lugar, podem andar um pouco para espairar os pensamentos. É sempre assim para alguns, saem meio confusos, e andar pelas alamedas floridas renova as energias. Jesus os abençoe.

Andamos em silêncio. O que dizer depois de tudo o que presenciáramos?

Ao meu lado, estava o grande amor de minha vida, mas um abismo nos separava naquele momento: a distância da insegurança, a vergonha dos atos cometidos, a falta de amor para com os semelhantes. Consegui dizer, afinal:

— Realmente, quando saímos do Vale dos Suicidas, tão embrutecidos, só este hospital de Regeneração para dar-nos o suporte necessário ao equilíbrio. Não teríamos condições de ir mais além. Com as recordações de hoje, deu para perceber o quanto fomos egoístas em nosso amor. Em nome deste amor,

transgredimos as leis de Deus e dos homens. Mas meu erro foi maior, fui fraca, não tive coragem de assumir meus atos desleais e tirei minha vida.

— Como disse o mentor Alexandre, não podemos sucumbir ao sentimento de culpa, que não nos ajudará a progredir. Faço parte de sua vida, sou tão ou mais culpado que você. Hoje, meu amor continua o mesmo, só que estou conseguindo vivê-lo de forma diferente, por estar há mais tempo em tratamento. Não podemos, em nome do amor, deixar-nos levar por instintos primitivos. Vamos presenciar ainda outras caídas vis em seu nome. Um dia, conheceremos o verdadeiro amor.

— Como ainda não conseguimos entender o amor em sua plenitude, deturpamos este sentimento, fazemos dele joguete de nossas carências. Quando amamos alguém, pensamos que nunca mais amaremos ninguém, que se ama verdadeiramente apenas uma vez. Que engano! Se amamos filhos, irmãos, amigos, cônjuges, como poderíamos amar somente uma pessoa para o resto de nossas vidas? O nosso amor deveria ter sido amor-renúncia, sem causar dano a ninguém. É o que temos de aprender agora, Francisco, vamos tentar compreender como poderemos um dia nos amar plenamente, sem resquícios de vidas passadas. O que terá acontecido com Alfredo? Onde estará agora? Nada posso fazer a seu favor, pois ainda nem sei direito quem sou, nem que rumo darei à minha vida.

Serenamente, Francisco coloca suas mãos nas minhas, de maneira suave e amiga, o que me reconforta sobremaneira.

— Tenha calma, Ametista. Agora o rumo de nossas vidas será outro e, assim como estamos tendo novas oportunidades, Alfredo também terá a sua. Você sempre teve mais fé que eu, que me deixei levar pela ambição. Ore para que Deus nos ilumine e nos dê forças para sairmos daqui melhores do que quando chegamos. O fator vontade será de vital importância para darmos finalidade cristã às nossas vidas. Algo começa a ser reestruturado

dentro de mim em relação a você. Quando me perguntaram se queria trabalhar aqui até você ter condições de me reconhecer, não esperava a transformação deste amor-paixão. O amor está-se modificando, as cicatrizes fechando-se e o que sinto agora é uma vontade imensa de protegê-la, não deixando que mal algum lhe aconteça. Olho para você e não sinto desejo sexual, só uma suavidade se faz presente. Não consigo me expressar direito, mas você compreenderá um dia.

— De minha parte, sinto um grande amor, algo acima de minhas forças, ligando-me a você. Mas estou um pouco receosa, depois do que vi hoje. Não me deixarei levar pela paixão neste momento. Será que comecei minhas mudanças também? Você disse que estava a me esperar. Não quis continuar sem mim, ou não lhe permitiram?

— Pude decidir. Uma hora ou outra, teríamos de saldar nossos débitos e se não aceitasse a oportunidade que me ofereceram, preferindo continuar sem você, ficaria estacionário. Prefiri participar da decisão sobre nossa necessária separação, pois achei que devíamos fazer isto juntos: Alfredo, você e eu. Não podemos mais adiar este compromisso. Para onde for designado, esteja você onde estiver, estarei sempre ao seu lado, prometo-lhe. Precisamos aprender o verdadeiro significado da palavra amor. Descanse um pouco agora. Amanhã recordaremos mais vidas. Deu-me um beijo na face e afastou-se.

Quando Francisco saiu, mergulhei num misto de saudade e medo. Precisava colocar as idéias em ordem, mas não conseguia pensar direito. Senti um vago torpor, deixei-me embalar e fui repousar.

VIII. Madre Consuelo

Deus permitiu a existência das quedas d'água para aprendermos quanta força de trabalho e renovação podemos extrair de nossas próprias quedas.

Companheiro – Emmanuel. – Francisco Cândido Xavier.

O sono ali era como beber água cristalina a saciar sede sem fim. Sede de entendimento, de compreensão. Tudo ali era programado para a renovação de energias. Esperando o sono que teimava em demorar, rememorei a época em que estive com Francisco – Frei Nazareno. Pensando que morreria, atirei no coração, mas não morri. Sentia o sangue jorrar sem parar, uma dor insuportável me consumia, e o estertor da morte não me aliviava, a cena se repetia sem parar, e as dores eram cruéis. Via sombras escuras à minha volta a dizerem entre gargalhadas:

— Você agora é nossa, quis se esconder num corpo de freira, só que não conseguiu. Ah, ah! Não vai conseguir nunca, ninguém vai tirar você de nós.

Sofria por querer deixar meu corpo putrefato, mas em face do que ouvia, um pavor enorme prendia-me junto aos odores cadavéricos. Lembrava-me do grito angustiada das freiras, o horror estampado em seus rostos. Os familiares não quiseram me ver: sem velório, sem missa nem reza, fui sepultada fora do cemitério, num lugar não santo destinado aos suicidas, em vala comum junto aos párias da vida, sem uma cruz no meu sepulcro, abandonada como covarde que fora ao tirar minha

vida. Alívio nenhum para meus tormentos. Somente dor, aflição e desespero me envolviam na escuridão das noites sem fim. Ninguém ousava rezar por mim, tinham medo de que meu espírito estivesse vagando e lhes aparecesse. Não estavam errados quanto ao vagar, pois não tinha alívio para meus tormentos. Tirara a vida para encontrar Nazareno, o que não aconteceu. Além de não enxergar, via-me às voltas com o horror de não ter morrido e de não saber o que tudo aquilo significava. A Igreja, os padres e o que aprendera na fé católica não me haviam preparado para o que enfrentava. Pensava que devia estar no inferno, sim, no inferno do qual ninguém saía. Lembro que, num desesperado esforço, tentei sair do corpo, no que fui impedida por figuras esqueléticas, começando aí minha pior degradação. Tornei-me escrava, servia a seres horripilantes, segura por coleira e correntes. Um ódio mortal me invadia quando pensava em Alfredo, mas quanto mais o odiava, mais meu sofrimento se agravava. Pensava em Nazareno e sentia uma sede intensa. Esforcei-me para não pensar mais nele na tentativa de evitar a sede que me consumia. O ódio por Alfredo – esse sim – me ocupava o pensamento. Embora sentisse mais dores, aquilo alimentava em mim o desejo de vingança. Achava que era ele o responsável pela situação em que me encontrava.

Não sei quanto tempo permaneci naquele lugar, até que, certo dia, quando já quase esquecida de quem era, sentindo-me no fundo do poço de uma morte sem fim, percebi uma luz vinda de alguém que orava e lembrei que um dia eu também orara. Naquele momento, aconteceu a transformação: lúcida, transpus os miasmas do ódio represado, ergui as mãos para o alto e implorei a ajuda de Jesus. Foi um pedido sincero, em nada parecido com outros que havia feito, sem nenhum resultado, quando implorava a clemência de Deus, cheia de ódio, querendo vingança. Meu clamor era do fundo da alma, um grito de socorro, sem ódio, raiva ou desejo de vingança, a prece de alguém no fim de suas forças, que pudesse aliviar

meus sofrimentos. Um raio cortou a escuridão do vale escuro, e fui sugada para as alturas. Lembro-me de ter ficado longo tempo em coma neste mesmo hospital. Pouco me recordava do meu restabelecimento naquela época.

Agora, fazia sentido não estranhar o lugar onde me encontrava. Eu era católica, como podia ter morrido e continuar entre pessoas que se diziam vivas? Onde eu estivera, ainda dava para entender que era o inferno, mas ali no hospital, era difícil aceitar que havia vida após a morte. Eu refletia sobre os fatos que o mentor Alexandre me mostrara, a me lembrar à época em que tinha suicidado, mas continuei viva depois que saí do Vale dos Suicidas, como eles chamavam o lugar que para mim continuava sendo o inferno ou o purgatório. O sono foi chegando de mansinho e adormeci tranqüilamente.

Quando acordei, mais uma vez o sol beijava meu rosto como a presentear-me com sua luz.

Levantei-me e, sobre a mesinha ao lado, estava meu café. Acho que dormira umas 12 horas. Sentia fome, o que achava altamente interessante. Se eu comia é porque estava viva, mas eu me vira morta, minha cabeça confusa não conseguia alinhar os pensamentos.

— Bom dia — disse Francisco, entrando no quarto.

Olhei para ele com os olhos da alma e me comovi profundamente: eu que tanto o procurara até minhas lembranças se apagarem no Vale, agora estava diante dele. Uma onda de emoção inundou meu ser.

— Quando parti ao seu encontro, Nazareno, desculpe, Francisco, esperava ficar ao seu lado, mas aconteceu exatamente o contrário. Sofri tanto, nem em você podia pensar, pois me vinha uma sede insaciável. Afastei sua doce lembrança dos pensamentos e nunca mais o vi. Relembrei minha saga toda ontem à noite. O que aconteceu a você depois do assassinato? Também me procurou? Nunca mais nos encontramos, só agora?

— Quando desencarnei, Ametista, vultos sombrios rodearam-me. Eram antigos padres, pessoas que desferiram os

golpes da Inquisição. Não me lembrava mais de nenhum deles, mas estavam à minha espera. Fui levado para um lugar chamado umbral, onde padres e freiras me esperavam, prontos para julgar-me. Conforme a sentença, quase todos éramos considerados escravos, com a obrigação de importunar (obsediar) pessoas cujos atos e pensamentos eram semelhantes aos nossos, isto é, tinham o mesmo teor vibratório. Fui escravizado e, com outros companheiros, vaguei por muitos locais, principalmente por centros espíritas, pregando a discórdia entre os membros do grupo, insuflando neles a inveja, o orgulho e a vaidade. Quando não conseguimos o efeito desejado, éramos castigados até às raias da loucura. Quem veio em minha ajuda foi a mãezinha querida que, por telepatia, me fez lembrar de Deus. Eu O invoquei e então ela pôde me auxiliar a sair daquele lugar. Como você, sentia muito ódio de Alfredo e o obsediei muito na prisão em que se encontrava. A cada lugar que ia, tentava encontrá-la, pois não sabia o que lhe acontecera. Só depois de longo tratamento consegui saber o que lhe havia acontecido. Sei que sofreu muito mais que eu, pois o Vale dos Suicidas é um dos piores lugares que existe aqui na espiritualidade. Jamais a abandonaria, querida, não por minha vontade, mas eu também sofri pelos meus erros, fui mais culpado que você. Era mais velho, envergava a túnica do alto clero da Igreja e nem todo o conhecimento que possuía me salvou de errar tão fragorosamente.

— O que, afinal, acontece conosco? Você acredita mesmo estar vivo? Isto não é a morte?

— Foi difícil acreditar em todas estas novidades, Estou estudando a Doutrina Espírita – tentando render-me às evidências, mas continuo com minha fé católica, não posso renegar os santos votos que um dia fiz, e, por enquanto, ainda me sinto padre.

— Você conhece o mentor Alexandre?

— Sim, conheço, ele também me ajudou muito. Não está vinculado ao trabalho diário desta instituição, só aparece aqui em casos especiais a pedido dos coordenadores desta casa.

— Então nosso caso é especial?

— Parece que sim. Pelo que sei, nosso caso está merecendo atenção especial da parte dele. Sinto que temos de harmonizar os ponteiros de nossas vidas, temos de mudar, isto para mim está claro. Sei que momentos difíceis nos serão mostrados. Unidos, poderemos compreender todo este processo pelo qual estamos passando.

Ficamos em silêncio.

Senti meu amor eclodir forte, mas diferente do que vivera antes. Algo indescritível começava a surgir dentro de mim, um querer bem, sem a luxúria e o desvario de outrora. Ele também me olhou com carinho.

— Vamos, Ametista, o mentor Alexandre nos espera na sala das recordações.

— Não sei se quero recordar outros episódios, mas é necessário que eu o faça. Sinto que ninguém está me iludindo. Tudo é muito convincente. Como católica, tenho medo de ser obra de bruxaria, mas ao mesmo tempo sei que não é. Oscilo entre verdades e mentiras. Acredito que seja um meio de não querer assumir responsabilidades, de encarar as conseqüências de meus erros. Você já parece mais familiarizado com os acontecimentos, seu entendimento parece ser mais fácil.

— Acalme seu coração. Um dia conseguirá entender o que se passa por aqui. Não pense que é fácil aceitar o que está acontecendo. Fui um estudioso da Bíblia, nunca tinha ouvido falar em reencarnação e rever conceitos é difícil. Estou aqui como aprendiz à espera de novas tarefas. Não consegui captar ainda tudo o que se refere a esta Doutrina Espírita, mas o que importa agora é que estamos juntos, unidos.

Caminhamos de mãos dadas até o pavilhão das recordações. O ambiente não nos propiciava maiores desejos, além daquele amor fraterno. E nesse amor encontrávamos paz.

Batemos de leve à porta.

— Entrem, filhos queridos. Percebo que estão se dando muito bem. Temos deixado vocês à vontade para conversarem, facilitando com isso maior compreensão dos fatos passados.

— Minhas lembranças parecem envoltas em nuvens espessas, ainda não consigo recordar nada, além das cenas vistas na tela.

O mentor Alexandre explicou:

— Não é fácil lembrar o passado. Você bloqueou as mais fortes recordações para não sofrer, mas terá de enfrentá-las antes de prosseguir sua jornada espiritual. Existem créditos a seu favor, mas os débitos precisam ser resgatados para que, com a casa mental limpa, possam, você e Francisco, usufruir deste amor que os une há séculos. É chegada a hora de entenderem suas falhas e redimi-las. Concentrem-se na fé. Peçam forças a Jesus, ele aliviará o peso que carregam no coração. Francisco já está a par dos acontecimentos, preferiu estagiar nesta instituição até seu despertar, para juntos assumirem compromissos para o futuro.

— Por que se preocupa tanto conosco, Alexandre? Somos almas falidas. Ninguém se importou comigo, fui até enterrada em terreno profano. Sinto que tem muita compaixão pelos deserdados.

— Todos somos filhos de Deus. Já fui preceptor de Francisco, jovem de rara inteligência e desde então estamos muito ligados. Ametista, alguém ligado a você por laços espirituais muito fortes pediu que a ajudasse neste momento. Sua nova existência terá que ser de muita renúncia. Desejo ver vocês unidos um dia, em equilíbrio. Podem ter certeza de que os amo muito, pois se tornaram filhos do coração. Tenha paciência, filha, com o tempo entenderá o que lhe digo. Agora, vamos para a segunda etapa das recordações.

A luz suave se fez presente no recinto e a tela se abriu à nossa frente.

Novamente, um convento austero apareceu na tela. Nada indicava tempo ou data, parecendo-me não ter mais importância do que os acontecimentos em si. Apareceu uma capela iluminada por tochas, onde eram cantadas canções gregorianas. As freiras rezaram o terço, se confessaram e saíram em silêncio.

— Sórora Marta, gostaria de lhe falar.

— Pois não, Madre Consuelo, às suas ordens.

— Vamos à minha sala.

Seguiram por corredores iluminados e entraram numa sala ampla, confortável e austera, como tudo que circundava o convento.

— Sente-se, sórora Marta, por favor.

Ao olhar para a freira que se chamava Marta, reconheci-me nela: outro estilo, outro tempo, mas sem sombra de dúvida era eu. Olhei para Francisco, ele afagou-me a mão, olhando fixamente a tela.

— Sórora Marta, está conosco desde criança. Desde que a conheço, nunca soube de nada que a desabonasse. Tem sido uma freira digna de ser esposa de Jesus. Ultimamente, ando preocupada. Esta pálida. Percebo que quase não tem se alimentado e, na capela, vejo-a com olhos avermelhados pelas lágrimas contidas. Confie, fui eu quem a recebi das mãos de seus pais, que a confiaram a mim. Você é especial ao meu coração, é minha filha espiritual. Estou aqui para ajudá-la no que for preciso, conte comigo. O que a faz sofrer tanto?

— Não se preocupe, Madre Consuelo – sinto apenas uma leve indisposição, que logo passará.

— Percebo sua tristeza – disse, segurando minha mão gelada e fixando-me os olhos. – Lembre-se de que Jesus morreu na cruz para nos salvar. Ele não abandona nenhum de seus amados, principalmente nós que deixamos o mundo com seus prazeres para ser suas esposas, compartilhando com ele as dores na cruz.

— Não tenho nada a falar, Madre, – disse –, as lágrimas caindo pelo rosto.

— Já que não consegue conversar comigo, vou chamar nosso confessor, Frei Almir. Quem sabe em confissão você consegue dizer o que tanto a perturba.

— Não, não é preciso, Madre Consuelo, vou ficar bem — respondendo ansiosa.

Em silêncio, olhar de carinho e afeto, ela toca a campainha, pedindo a presença de Frei Almir.

Passam-se uns minutos e entra Frei Almir. Alto, forte, alguns cabelos grisalhos teimando em aparecer na sua fronte jovem. Olhando-o, reconheci Francisco ao meu lado. Novamente ele em minha existência.

— Pois não, Madre Consuelo, em que posso servi-la?

— Sóror Marta parece estar precisando da presença de um sacerdote. Vou deixá-los a sós, quem sabe ela abre o coração. Muito me entristece vê-la tão abatida.

Desapareceu silenciosamente pela porta. Um silêncio forte e pesado se fez no recinto após sua saída.

— Marta, minha querida Marta, o que lhe acontece? Nosso amor não é suficiente para sustentar sua vida solitária? Nunca pensei em quebrar meus votos sagrados, mas não resisti à sua doce presença. Nada podemos fazer quanto a este amor impossível que me leva ao céu e ao inferno, tal o sentimento de culpa que me invade a alma. Quando a tenho nos braços, desejo afastá-la para não mais cair no abismo da tentação. Não posso negar meus sentimentos, amo-a com todas as fibras do meu coração e meu corpo clama por seus carinhos.

— Oh, Almir querido, minha sina é muito triste! Nosso amor me sustenta nas horas de solidão, mas não posso suportar sozinha o peso desta cruz que me castiga. Sim, estou sendo castigada por Deus, por causa deste amor ilícito, que nunca deveria ter brotado em mim.

Sóror Marta chorava copiosamente. Frei Almir, tomando-a nos braços, beijava-lhe o rosto, os lábios, querendo diminuir-lhe o sofrimento.

— Conte-me, querida, o que a atormenta para que possa aliviá-la desta agonia que a maltrata.

— Almir, nosso amor será castigado, sei que vou para o inferno, traí a Cristo, sou sua esposa e não me portei como tal. Fui hipócrita, fingida e dissimulada, traindo a confiança de Madre Consuelo que tem sido mãe e irmã para mim. Como dizer a você a verdade? Tenho medo do que possa vir a acontecer. Fui castigada. Deus não me perdoará nunca.

Frei Almir fitou-a e percebeu que se tratava de algo muito grave.

— Fale, minha amada, o que tanto atormenta sua alma?

— Almir, Almir, o que fizemos? Estou grávida, grávida, você vai ser pai. Não haverá perdão para nós, você não será mais monsenhor, traímos todos os que depositaram confiança em nós, não temos escapatória, só a fogueira do Santo Ofício é o que nos espera.

Se um raio houvesse caído ali naquele momento, não faria maior estrago em Frei Almir do que aquela notícia. Afastou-se de Marta. Espanto, pavor da represália da Igreja vararam seu íntimo como uma bola de fogo, queimando seus ideais de subir na congregação franciscana. Abdicara da vida mundana para amar o Cristo, mas também queria ocupar um posto importante na Igreja, estava quase a ser nomeado Monsenhor. Estes pensamentos vieram em fração de segundo à sua mente. Pensaria no que fazer depois. Demonstrando espanto, perguntou:

— Tem certeza, Marta? Não pode estar enganada?

Marta, quase desfalecida, pegou a mão de Frei Almir e colocou-a sobre seu ventre, que ele percebeu estar volumoso.

— Não sei ao certo em que mês da gravidez estou, minha barriga ainda não apareceu porque o hábito me beneficia. Só percebi algo diferente em mim, quando minha barriga mexeu. Procurei sutilmente saber como era estar grávida, e minhas suspeitas se confirmaram. Minhas regras estão atrasadas há seis ou sete meses. O que vamos fazer? Madre Consuelo não suspeita ainda, mas

percebe que algo diferente se passa comigo. Estou traindo sua amizade e confiança. Não sei o que fazer da minha vida.

— Temos que ter calma, Marta. Aquiete seu coração, pois madre Consuelo não pode perceber nada diferente entre nós. Não vou abandoná-la, vou pensar em algo e logo terá uma solução. Confie em mim. Rezemos agora o terço para não levantarmos suspeitas.

Vultos sombrios e escuros faziam parte daquela cena. Fios escuros saíam das mentes dos dois amantes, e se fundiam com os vultos que os rodeavam. Nesse instante ouve-se uma batida à porta e Madre Consuelo adentra a sala.

— Então, Frei Almir, consegui acalmar esse coração aflito?

— Sim e não, Madre. Conversamos e ela me disse estar com remorsos, pois não tem tido paciência para fazer a via-sacra nas matinas e, como é muito sensível, isso a perturbou um pouco, mas já lhe passei recomendações e acho que tudo será resolvido. Agora devo me retirar, pois o Abade me espera para juntos celebrarmos a Santa Missa.

— Obrigada, Frei Almir. Farei tudo o que estiver ao meu alcance para ajudar sóror Marta. Ela é muito prestimosa, sempre a ajudar os pobres da redondeza, que têm um afeto especial por ela. Vamos pedir a Jesus que lhe dê a devida paciência para cumprir sua obrigação na via-sacra. Ela é especial para mim também, tenho lhe grande afeição.

— Então até logo, Madre Consuelo, Jesus as abençoe.

IX. Novo Desatino

Quando a plantação foi invadida de praga, o cultivador não a largou em abandono. Ofereceu-lhe recursos à defensiva.

Tocando o Barco – Emmanuel – Francisco Cândido Xavier.

A tela é apagada. Sinto um desânimo profundo tomar conta de mim. Mal tenho tempo de me refazer e a tela é acesa, dando continuidade à cena. Aparece Madre Consuelo no refeitório. Reunida com todas as freiras, faz um pequeno comunicado.

— Sei que devem estar se perguntando por que de uns dias para cá Frei Almir foi substituído por Frei Gaspar. Frei Almir foi chamado em caráter de urgência para assumir, como Monsenhor, a paróquia da província de La Costa, devido ao falecimento do pároco local. Acredito que não o veremos tão cedo, pois La Costa fica muito distante. Não se despediu porque a tarefa era urgente.

Escutou-se um barulho surdo. Sórora Marta jazia no chão desmaiada. Todas acudiram prestimosas.

Aproximando-se, Madre Consuelo tenta reanimá-la. Percebe então seu ventre volumoso e imediatamente pede que saiam todas, que vão para a capela rezar. Esperou que sórora Marta voltasse a si, colocou-a numa poltrona e ficou-se a olhá-la pensativa e preocupada. Sórora Marta chorava copiosamente. Madre Consuelo sentada ao seu lado, olhando-

a com firmeza, como a exigir uma explicação sincera, traduz em palavras o que lhe vai pelo pensamento:

— Sórora Marta, sempre lhe dediquei um afeto especial, mas percebo que isto não foi bastante para que confiasse em mim. Tenho agora o dever de saber o que se passa realmente. Não ousou pronunciar o nome do que meus olhos e minhas mãos perceberam. Preciso que seja sincera comigo, só assim poderei ajudá-la. Seja o que for, confie em mim, não a abandonarei, pode ter certeza de meu afeto e amizade.

— Quero morrer! Quero morrer! Não mereço estar viva! Traí a confiança de Jesus e a sua, Madre Consuelo. Não sou boa, sou má, perversa, devo ser castigada no fogo do inferno, pequei contra Deus, entreguei-me a um amor ilícito, quando devia preservar a castidade.

— Então o que observei com seu desmaio é verdade, uma criança está para vir ao mundo, fruto de um amor proibido. Pela sua reação frente aos acontecimentos, presumo ser o pai Frei Almir.

— É verdade, Madre, traí a confiança de todos, e ele, covardemente, me abandonou à própria sorte. A senhora sabe que não existe perdão da Igreja para este crime horrível, só o banimento. Serei excomungada, minha família jamais me receberá de volta. O que será de mim agora?

Uma tristeza imensa toldou a fisionomia de Madre Consuelo. Que fazer com aquela menina que lhe era filha do coração? Onde escondê-la das mãos da Igreja? Seria cúmplice do ato infame? Seu coração sangrava pelo sofrimento que haveria de vir por aquele ato inconseqüente. Frei Almir fugira à responsabilidade, não haveria como incriminá-lo, seria a palavra de uma simples freira contra a palavra do agora alto dignitário da Igreja. Essa idéia era inconcebível, até ela, como Madre, seria responsabilizada por não ter zelado direito de suas ovelhas. Mas uma certeza tinha: não negaria auxílio àquela alma sofredora.

— Filha, filha... não posso julgá-la, pois Jesus disse, ao se referir à pecadora: *Atire a primeira pedra àquele que nunca pecou*. Em sua misericórdia, ele perdoou a mulher adúltera e disse-lhe: *Vá e não peques mais*. Vou ajudá-la. Não vou crucificá-la mais do que já está se autopunindo. Veio para este convento ainda menina, nunca conheceu as perfídias do mundo, sempre teve muita fé e aqui desabrochou para ser esposa de Jesus. Embora com o coração enlutado pela dor, não vou abandoná-la. Deixe-me pensar com calma, acharei um lugar para abrigá-la. Quando a criança nascer, vamos colocá-la na roda. Ela será criada pelas freiras ou num lar cristão. Seguirei de perto o seu caminho, prometo-lhe. Ainda não sei direito como agir, onde colocá-la até a criança nascer. Depois quem sabe você pode ser encaminhada para o convento das Carmelitas, onde nunca mais terá contato com pessoas, além das freiras do convento. Assim, poderá fugir da perseguição da Igreja que não ficará sabendo de nada. Viverá em preces e orações, sóror Marta. Frei Almir será alcançado pela Justiça de Deus. Vá para seu quarto agora e, até vermos o que podemos arranjar, não saia de lá. A comida será levada por alguém de minha inteira confiança, diremos que são ordens médicas. Deus me perdoe por esta mentira.

Comovida, sóror Marta abraça Madre Consuelo, agradecendo o apoio recebido.

A tela muda novamente de cena.

Caída numa poça de sangue, jaz sóror Marta. Abre-se a porta e Madre Consuelo tenta socorrê-la, mas nada mais é possível fazer. Dos pulsos cortados, o sangue escorre e uma hemorragia pélvica deixa entrever a cabeça de uma criança.

A tela escurece. Luz suave e música se fazem presentes.

O silêncio é total.

O mentor Alexandre fala suavemente, com muita compaixão:

— Ametista, mais uma vez, não agüentando a pressão das forças encarnadas e desencarnadas, você desencarna pelo suicídio, agravado pelo assassinato de uma criança, que iria para a casa de apoio às crianças indesejadas, mas teria uma educação cristã. Era Alfredo a criança abortada aos sete meses de gravidez.

Frei Almir teve sua cota de expiação e sofrimento já naquela época. Enquanto encarnado, foi corroído pelo remorso e pelo sentimento de culpa por ter colocado sua ambição e o medo das represálias do Clero em primeiro lugar. Não se achava digno de exercer o sacerdócio. Tornando-se frio e cruel, galgou os mais altos postos da Igreja, obsediado por desafetos desencarnados, incluindo Alfredo, que o impeliam a cometer atrocidades em nome do Cordeiro de Deus.

Desencarnado, percorreu novamente os caminhos escuros das regiões umbralinas. Através da genitora, conseguiu outra vez ser dali retirado e, se hoje está mais equilibrado é porque desde sua última encarnação, da qual falaremos na próxima sessão, vem aprendendo as verdades espirituais. Quanto a você, enlouquecida de dor, ódio e desejo de vingança, vai para o Vale dos Suicidas, de onde já foi mais difícil resgatá-la, pois você não deixava os socorristas se aproximarem por causa das emanções dos pensamentos hostis. Mas como ninguém fica sem auxílio, emissários especializados em resgates difíceis socorreram-na em estado de alienação mental. Esteve neste Hospital de Regeneração por cem anos, indo depois para a Colônia Maria de Nazaré, onde permaneceu por mais cem, quando se prontificaram, você e Francisco, a uma nova encarnação.

Nessa época, não conseguimos resgatar Alfredo, que jazia nas malhas de cruéis obsessões.

Eu chorava copiosamente, sem encontrar palavras para descrever meu sofrimento frente às lembranças que me atormentavam. Francisco, de cabeça baixa, dizia:

— Perdoe-me, perdoe-me se puder, Ametista.

— Onde está Alfredo agora? Quanto mal lhe fizemos!

— Estamos ajudando-o dentro do possível. Conseguiram seu resgate. Dorme agora em uma de nossas colônias. Não pensem que só vocês foram culpados, e ele a vítima inocente. Em tempos idos, como comandante de exércitos cristãos, contraiu grande cota de dívidas, inclusive com vocês, por isso vamos tentar pôr fim a este círculo vicioso. Precisamos da maior compreensão de vocês, para o reajuste espiritual, que se faz necessário. Vamos agora fazer uma prece agradecendo a Jesus esta maravilhosa oportunidade de esclarecimento.

“Amado Mestre, sabemos de sua bondade infinita, temos certeza de que neste momento sua luz de amor banha estes irmãos em sofrimento, cauterizando as feridas abertas pelas paixões desenfreadas, orgulho e ódios acumulados. Sabemos, Jesus, amigo fiel de todas as horas, que a dor é remédio poderoso para quem sabe usá-la em seu próprio benefício. Pedimos que este remédio seja curativo, eliminando o ódio, a raiva, o sentimento de culpa destes nossos irmãos, tão maltratados por suas ligações amorosas. Pedimos que esta luz de amor, qual sol resplandecente, cicatrize estas feridas, para que possam ter a oportunidade de um recomeço sadio que ora lhes é oferecido, que possam um dia olhar para trás e dizer: Obrigado, Pai amoroso. Crescemos e aprendemos com a dor, nossa maior mestra para encontrarmos o amor verdadeiro, aquele que liberta o espírito das correntes da escravidão nefasta. Que este amor seja sublimado na ajuda aos irmãos em sofrimento.”

Das mãos do mentor Alexandre, irradiava uma luz que nos atingia. Era como uma doce brisa, acalmando-nos e inundando-nos de paz e tranqüilidade. Ele se despediu, dizendo esperar-nos na manhã seguinte.

Silenciosamente, saímos. Nada tínhamos a falar naquele momento, mas sentíamos uma força estranha a nos unir, uma união triste, sofrida, mas também de mutuo consolo.

Amanhã seria outro dia.

X. Ministério das Recordações

Desce a dor aos recessos do coração humano e avança a alma renovada para a beleza sublime.

Companheiro – Emmanuel – Francisco Cândido Xavier.

No dia seguinte, antes de irmos ao Ministério das Recordações, sentimos vontade de conversar a sós, coordenar as idéias. Sentamos numa alameda, separados das pessoas que por ali passavam.

— Ametista – disse-me Francisco –, como a magoei e a fiz sofrer! Não sei se serei capaz de me perdoar, mas, como disse Alexandre, não podemos cair na armadilha do sentimento de culpa. Temos errado muito, minha amiga, não quero mais isso para nós, vai ficando em mim a firme convicção de procurar fazer tudo da maneira certa. Às vezes, é difícil acreditar nestas verdades, de vida após a morte. Tudo me parece verdadeiro, não coloco em dúvida a veracidade de nossas vidas passadas, tudo aqui é muito claro e sincero. O mal da dúvida está dentro de mim. Como é forte o sentimento de sacerdote da Igreja Católica! Questiono se tudo que presenciamos é verdadeiro. Não seria ilusão de ótica, hipnotismo? Mas sei que vim do Umbral, isto não posso negar. Com estas recordações, todo o sofrimento, todo o amor que sentimos, tudo se encaixa perfeitamente no contexto, fica incontestável. Pressinto que teremos uma tarefa árdua pela frente. Só não gostaria de me

separar de você. É reconfortante contar com sua presença. Queria que agora fosse de outra maneira, não prejudicando a nós mesmos nem a outros.

— Eu também gostaria de nunca mais passar pelos sofrimentos cruéis que tive de suportar. Ainda sofro muito, só de pensar no Vale dos Suicidas. Preciso armar-me de coragem para enfrentar as novas recordações que virão. Parece que vamos recordar a última de nossas vidas na Terra, antes de irmos para cá. Também me sinto confusa, é difícil acreditar em algo que sempre negamos. Mas frente aos esclarecimentos e à bondade do mentor Alexandre, fica praticamente inaceitável a descrença. Teria que ser alguém do quilate do Alexandre, que respeitamos tanto, para nos fazer realmente crer em outras vidas. Por todos os nossos sofrimentos, olho para você e também não gostaria que nos separássemos. Mas minha intuição me diz que temos uma longa caminhada pela frente e sinto certo temor pelo que nos espera.

Clara aproximou-se:

— Vamos, queridos irmãos, o mentor Alexandre os espera.

Caminhamos pelas alamedas e novamente entramos na já familiar sala das recordações.

— Como estão, filhos queridos? Prontos para mais um dia de crescimento? Porque é exatamente o que estão a fazer, crescendo espiritualmente, para não cometerem erros futuros, procurando entender o real significado das mensagens trazidas pelas recordações de outras vidas. Na Espiritualidade, não temos tempo a perder com coisas que não produzem bons frutos, com trabalhos que não tragam benefícios a alguém. Atividades desta natureza são realizadas por irmãos sofredores, frívolos e levianos, que ainda preferem estagiar à margem das verdadeiras responsabilidades, junto a encarnados com os quais têm afinidade. Não é o caso de vocês, que, embora com dúvidas, culpas e indagações, estão recebendo bem o roteiro oferecido

em termos de reajuste. Embora amargas, as recordações deverão ser o início de uma nova era que culminará com a paz verdadeira. Por enquanto, o remédio é amargo, mas é o único caminho que temos para tentar extirpar de vez as chagas do desequilíbrio amoroso, em que se debatem há séculos. Deverão então deixar surgir o homem novo, firme na crença de que Jesus é nosso maior mestre. Tudo na vida é ação e reação. Como poderiam resgatar débitos a não ser através da reencarnação, esta maravilhosa oportunidade, em que um mesmo espírito faltoso resgata culpas em corpos diferentes? Deus é soberano e justo. Percebo que vocês ainda possuem dúvidas sobre a Doutrina dos Espíritos, em razão do tempo vivido como religiosos católicos, mas confio no tempo e no discernimento de vocês. Como gotas de orvalho refrescante, sem que se dêem conta, os estudos e a experiência os conduzirão à necessidade de acreditar na suprema verdade: *existe vida após a morte.*

— Não me lembro de ter lido na Bíblia a palavra reencarnação – fala Francisco.

— Como Jesus sempre falou através de parábolas, para que a cada tempo fossem desvendados os conhecimentos que trazia, em muitas passagens deixou o ensinamento da reencarnação, como quando esclarece Nicodemos.

— Será que poderia explicar esta passagem? Estudei a Bíblia, mas esta parte, como tantas outras, ficou envolta em mistério para mim.

Pacientemente, Alexandre esclarece:

— Em Mateus, XVIII:10-13 e Marcos, LX:1-13 está escrito:

Seus discípulos então o interrogaram desta forma. — Por que dizem os escribas ser preciso que antes volte Elias? Jesus lhes respondeu: - É verdade que Elias há de vir e restabelecer todas as coisas — mas eu vos declaro que Elias já veio e eles não o conheceram e o trataram como lhes aprouve. É assim que farão sofrer o filho do homem. — Então

seus discípulos compreenderam que fora de João Batista que Ele falara.

A idéia de que João Batista era Elias e de que os profetas podiam reviver na terra, se nos depara em muitas passagens do Evangelho. Em outra passagem com Nicodemus, Jesus disse: *Em verdade, em verdade digo-te: Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo.*

Pergunta-lhe Nicodemus: Como pode nascer um homem já velho? Pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, para nascer segunda vez?

Redargüiu-lhe Jesus: *Em verdade, em verdade, digo-te: se um homem não renasce da água e do espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito. Não te admires de que eu te haja dito ser preciso que nasças de novo.*

Alexandre fez uma pausa e continuou:

— Como o tempo urge, estudando, você encontrará várias alusões à reencarnação na Bíblia.

— Estudarei, Alexandre, com certeza estudarei.

O mentor deu prosseguimento ao motivo pelo qual ali fomos levados:

— Hoje não vamos passar cenas na tela das reencarnações. Seria difícil e desgastante para vocês presenciarem essa encarnação, que terminou mais uma vez tragicamente para todos os envolvidos.

— De onde vieram nossos nomes atuais? – pergunto.

— Alfredo, nós o chamamos assim, por causa da primeira recordação e vocês ficaram registrados aqui com o nome da última encarnação em que estiveram juntos. O nome e o corpo podem ser mudados quantas vezes for preciso, só o espírito permanece o mesmo.

— Por que se interessa tanto por nós, que não somos dignos de tanta atenção?

— Já explicamos um pouco dos nossos laços afetivos, não temos comprometermos moral, mas Jesus cuidou dos

doentes do espírito e do corpo. Tentamos seguir seu exemplo, e vocês são doentes da alma, não podem continuar doentes para a eternidade. As ligações provenientes de amizades espirituais, às vezes se tornam mais fortes que os laços de sangue. Alguns conhecidos de vocês pediram nosso auxílio, pois apesar de errarem muito, o lado generoso sempre esteve presente em suas vidas, portanto existem créditos a favor de vocês.

Francisco mantinha-se silencioso, passando a impressão de estar meditativo quanto ao que viria.

— Vou repassar os principais acontecimentos dessa encarnação em breves palavras. Não vamos rever fatos dolorosos. Ao falar, você, Ametista, se lembrará de tudo quanto se passou. Francisco já está a par do acontecido. Queremos que relembre tudo.

Levantou-se como a dar-nos tempo de pensar em suas palavras. Depois de alguns momentos, encaminhou-se para nós e, com olhos amorosos, iniciou sua narrativa:

— Depois da última encarnação recordada, vocês vieram para o mundo espiritual em estado lamentável. Vocês estiveram juntos e separados, em várias outras encarnações, das quais trouxeram mais débitos do que créditos. Não poderia fazê-los recordar todas elas, apenas aquelas em que se desequilibraram mais, com Ametista chegando ao suicídio.

Em sua última encarnação, você, Francisco, renasce na França, como fidalgo e senhor de terras. Jovem e rico, cobiçado pelas jovens da época, não se interessava por nenhuma donzela. Tentando novo reajuste espiritual, Ametista renasce como a irmã preferida do fidalgo, que a trata com a atenção de irmão mais velho. Alfredo, ensandecido de ódio e revolta, do plano espiritual, influencia a mente dos irmãos. Junto aos seus iguais, Alfredo urde a trama que os levou à novas sandices. Comprometidos com um passado cheio de culpas, entram em sintonia com Alfredo e seus comparsas e a obsessão mais uma vez toma lugar na mente dos dois irmãos. Sutilmente, débil a princípio, a obsessão

leva às primeiras carícias amorosas e depois à paixão explosiva entre os irmãos, que, sem medir as conseqüências, levam até o fim esse amor tresloucado. Alfredo se compraz na vingança. Depois dos momentos de prazer, a vergonha, a culpa, o medo da descoberta tomam conta de você, Ametista. Não tem mais coragem de se confessar, embora mantenha uma fé vacilante, não consegue mais orar, sente-se só, abandonada. Francisco não se dá conta do erro cometido e leva a vida de sempre. Mesmo apaixonado por você, é um *bon vivant*. Sem rumo, sem ter com quem se aconselhar, pois teme o castigo cruel que a espera, vê, mais uma vez, como única saída, o suicídio. Parece-lhe natural essa decisão. Atira-se de um penhasco, quebrando o corpo material nas rochas de um mar agitado. O corpo não pôde ser resgatado. Em nenhum dos três suicídios o corpo pôde ser enterrado como mandam as normas religiosas. Francisco, com sentimento de culpa insuportável, deixou a vida que levava e, para espanto de todos, incluindo os pais amorosos, trancou-se para o resto da vida num mosteiro franciscano. A família esfacelou-se diante de tais tragédias, perdendo os bens materiais por desânimo e tristeza. Só no mundo espiritual, conseguiram entender a extensão da tragédia que lhes tirou o ânimo de viver. Mais uma encarnação de desfecho trágico, pela falta de conhecimento desta verdade que consola: a reencarnação. Pela terceira vez, você volta ao Vale dos Suicidas, caindo novamente nas mãos de Alfredo, que o ódio transfigurou em verdadeiro monstro. Seu retorno, dessa vez, foi o mais terrível de todos. Durante mais de duzentos anos, tresloucada, em fragilidade extrema, ali permaneceu.

Não conseguimos libertá-la, pois nem você nem seus perseguidores nos davam oportunidade. Grupos especializados tentaram seu resgate, mas os miasmas obsessivos espalhados entre os espíritos ali revestidos de matéria grossa e primitiva impediam. Estava mais difícil por ser a terceira vez que você ali se encontrava. O Hospital da Regeneração e a Colônia Maria

de Nazaré faziam preces diárias endereçadas a você. Um dia, surtiram o efeito desejado. Sua fé em Jesus se fez presente. Em momento de lucidez, pediu a ele que a tirasse dali. No mesmo instante, foi atendida por socorristas que faziam plantão de espera e paciência. Veio parar novamente neste Hospital da Regeneração, praticamente, um ovóide. A retirada lenta e gradual dos miasmas negativos, impregnados em seu perispírito, foi lenta e difícil, mas o amor e as preces sobrepuseram os fluidos negativos, afastando a influência maquiavélica de Alfredo. Finalmente, Alfredo também foi socorrido e encaminhado à Colônia Girassol, de onde não mais a perturbou. Estão agora os três no plano espiritual, restabelecendo-se para assumir novos compromissos.

Francisco viveu no mosteiro até sua desencarnação. Ali se autoflagelava, e o sentimento de culpa não lhe permitia maior crescimento espiritual. Também era influenciado por Alfredo que o obsediava no campo genésico. Poderia ter-se libertado da influência perniciososa de Alfredo, pois orava, jejuava e fazia o que podia para praticar a caridade dentro dos muros do mosteiro. Tratava dos irmãos doentes, limpando-lhes as feridas, mas não conseguiu, em razão da culpa terrível que carregava. Desencarnado, retorna ao Umbral, de onde é resgatado novamente pela mãe amorosa.

Agora vocês estão livres de qualquer influência obsessiva. Os fluidos negativos que os ligavam a Alfredo foram desfeitos. Esperamos que permitam que esses elos negativos fiquem desfeitos para sempre. Que saibam usar bem o livre-arbítrio. Este é nosso objetivo junto a vocês.

Novamente sentimos o olhar bondoso de Alexandre, fixando-nos, repleto de amor e carinho, transmitindo-nos força, segurança, certeza de uma diretriz segura.

Confiantes, não nos sentíamos envergonhados pelas faltas cometidas, só uma vontade imensa de não querer errar mais. Percebemos, naquele instante, que só um espírito da envergadura

de Alexandre poderia fazer a regressão de nossas vidas, sem julgar-nos, sem humilhar-nos, por gestos ou palavras que nos fizessem sentir vergonha de existirmos. Apenas compreensão, compaixão, amor e desejo de nos ajudar. Ele era especial.

— Não tenho palavras – disse eu –, foi tudo muito forte e real. Lembro-me de todo o sofrimento que padei e das pessoas que fiz sofrer. Já não há mistério para mim, agora sei o que fiz e o que sou. Não quero me fixar no passado aterrador. Sinto-me mais aliviada, esperançosa de que uma nova vida surgirá. Só tivemos encarnações dolorosas?

— Não – disse Alexandre –, com um leve sorriso. Entre essas encarnações, vocês foram várias vezes ao corpo físico. Já estiveram juntos e separados, mas ainda não conseguiram se acertar. Mostramos apenas as que levaram ao suicídio. Como já disse, decisão muito importante terá que ser tomada, para uma nova encarnação.

— Será – disse Francisco – que algum dia poderemos quitar nossas contas com a Justiça Divina? Será que existe realmente esperança para nós? Nosso amor ou o que chamamos de amor tem nos destruído. Qual será o verdadeiro sentido do amor?

— Quando na Espiritualidade, os espíritos compreendem o amor, que, infelizmente, produz sensações totalmente diferentes nos encarnados. O homem encarnado não consegue entender o verdadeiro sentido do amor. Confunde o amor com a paixão, com o prazer do sexo, bendito quando não aviltado pelo desregramento que leva o homem a obsessões sérias. O homem não conseguiu ainda, no planeta de provas e expiações, entender a essência do amor, tão sublime que passa para o ser amado o sentimento de libertação. O amor não aprisiona. Amor que machuca, fere e aprisiona, pode ser qualquer outro sentimento, mas não é amor. O homem nunca esteve tão necessitado de amar e ser amado, mas ainda não possui a compreensão de sua real grandeza, por isso procura o amor nos prazeres fáceis da

vida exterior, quando, na verdade, ele é o tesouro escondido dentro de cada criatura, seja amor de mães, pais, filhos, cônjuges. O verdadeiro amor não tem dono nem patrão, é livre, igualando os homens, gerando aprimoramento espiritual traduzido em paz e harmonia. O homem lentamente conseguirá entender a plenitude do amor.

— Então, Ametista e eu não conseguimos sentir este amor de verdade, deixando-nos levar pelo sentimento da paixão.

— Vocês é que poderão, no futuro, responder o que hoje me perguntam, quando conseguirem o conhecimento espiritual necessário. Aí, sim, estarão prontos para saber se o que sentem é realmente o amor ideal, aquele que não tolhe nem fere e pessoa amada.

— Meu Deus, quantos desatinos cometemos! Nas outras vezes em que aqui estive, não foi tudo passado a limpo como agora?

— Fizemos tentativas, mas só agora vocês nos deram oportunidade de maiores esclarecimentos. Até hoje não conseguiram acertar seus caminhos porque se recusam a abandonar suas convicções religiosas, acreditam na fé cega e ela não lhes oferece o suporte necessário para vencer as tribulações, recusam-se a crer na reencarnação. Quando deixarem brotar esta semente doutrinária, em seu íntimo, poderão começar a caminharem juntos, pois estarão alicerçados no verdadeiro sentido da vida. No momento, estão juntos para conseguirem entender um pouco mais este lado da vida, mas terão que se separar, cada um terá o reajuste necessário, vocês terão que conquistar o direito de estarem juntos, para isto precisam se livrar do sentimento de culpa que carregam. Isto será somente com o resgate de débitos adquiridos com outras pessoas.

XI. Jesus

*Se indagássemos do Cristo
Como olhar a felicidade
Jesus, decerto diria
— Caridade, caridade*

Caridade – Espíritos Diversos – Francisco Cândido Xavier.

— Enquanto não aceitarem a Doutrina Espírita – Alexandre continuou – serão como espíritos falidos, sem sustentação sólida para os momentos difíceis. Muitos conseguem este suporte dentro da fé religiosa que abraçaram, mas para vocês não foi o bastante. Precisam conhecer a fé raciocinada que leva à compreensão do porque estamos vivos e para onde vamos, se falharmos.

— Muito me comove vê-lo falar assim. Gostaria de saber de onde vem este amor que tenho por Jesus. Mesmo rastejando nos erros, sinto a marca de seu amor, um fogo que não se apaga. Mas nem este amor foi suficiente para me segurar nas quedas da vida. Fomos fracos, agora percebo claramente, Francisco, Alfredo e eu. Espero que me desculpe, mas preciso desabafar, só assim encontrarei o caminho que procuro. Mesmo com as vivências de que me lembro e sei serem verdadeiras, ainda assim fica difícil acreditar em outra verdade que não seja a católica. Reconheço que tenho de aceitar esta nova realidade, mas sinto-me incapaz de rejeitar de vez minha convicção de católica para abraçar outra religião. Acredito que o medo é que me impede de aceitar a Doutrina dos Espíritos, mas ao mesmo tempo me

cobro muito, tenho que estudar e compreender. Não quero falhar novamente.

— O importante não é a religião em si. Existem espíritos que possuem uma fé que remove montanhas e conseguem atravessar as turbulências da vida dentro de suas convicções religiosas, mas para vocês, isto não surtiu bons efeitos até agora, o que significa que está faltando algo para fortalecer a fé e vencer os inimigos. Vocês é que terão de descobrir o que falta. Estamos mostrando os caminhos, porém a decisão será de vocês.

Alexandre continuou:

— Vamos mostrar momentos felizes agora. Você quer saber, Ametista, de onde veio seu amor por Jesus, que a tem ajudado em momentos difíceis. Filha querida, você merece saber quando foi tocada por este amor tão forte. Olhem para a tela novamente, não precisam ter receio. Verão agora um dos mais belos quadros da passagem de Jesus pela Terra.

Apareceu Jesus, em todo seu esplendor, falando à multidão, no sermão do monte. O silêncio era total, suave brisa amenizava o calor, uma multidão o escutava embevecida. Dois vultos moviam-se silenciosamente, como a querer passar despercebidos. Enrolados em trapos velhos, deixavam à mostra apenas o nariz, carcomido por estranha doença. Acomodaram-se num lugar afastado de onde não poderiam ser reconhecidos pela multidão, mas podiam ver o Mestre, que dizia:

— *Bem-aventurados os aflitos...*

— *Bem-aventurados os pobres de espírito...*

— *Bem-aventurados os que têm puro o coração...*

— *Bem-aventurados os mansos e pacíficos...*

— *Bem-aventurados os misericordiosos...*

Dos olhos daquelas criaturas, lágrimas eram vertidas e um apelo sincero lhes brotava do coração. Estavam fascinadas pelo Mestre. Um grande amor por Ele nascia naquele instante, e uma prece sentida era murmurada por um dos vultos:

Jesus de Nazaré, somos menos que o pó das estradas, indignas de levantar os olhos para ti, pobres criaturas, que tivemos de deixar nosso lar, onde éramos queridas e amadas, para vivermos no Vale dos Leprosos. A doença nos tirou a alegria de viver. Não podemos ver nossos entes queridos, não somos aceitas em nossa casa, vivemos como indigentes, das migalhas que nos são oferecidas. Somos marginalizadas por esta doença que nos corrói a carne. Somos jovens, irmãs de sangue, queremos ser livres, Jesus Amado. Tivemos a infelicidade de contrair a mesma doença, transmitida por nossa ama de leite, pois apenas um ano nos separa. Nada possuímos para oferecer-te, mas ouvimos dizer que ajudas todas as criaturas que acreditam em ti, basta um olhar teu para curá-las. Nós pedimos, confiantes no amor que nos incendeia o coração, que tuas palavras recaiam sobre nós, limpando nossa alma do orgulho e do egoísmo e nosso corpo será o exemplo vivo de tua glória. Prometemos seguir-te por toda a vida, bendizer-te e pregar tuas palavras de amor, mostrando-te como exemplo a ser seguido, e se preciso for, até morrer por ti. Somos agora mortas-vivas. Cura-nos as feridas da alma e do corpo, e procuraremos ser dignas de teu amor.

Embargada pela emoção, calou-se. Prostraram-se ambas ao solo, ouvindo apenas a voz suave do Mestre de Nazaré, como se as palavras fossem ditas só para elas, consolando e pinçando suas feridas. Sentiram como se uma luz forte lhes atravessasse o corpo e, logo em seguida, tudo ficou calmo. Quando deram acordo de si, as pessoas já se retiravam, e de onde permaneciam escondidas, olhavam as pessoas passarem como se uma misteriosa paz de espírito as envolvesse. Elas também sentiam imensa paz. Olhando para as mãos, sentiram-nas lisas, macias. Descobrem-se e não acreditam no que vêem: nenhuma ferida na pele clara e lisa. Estavam curadas, podiam voltar ao lar querido. Num dos rostos descobertos, reconheci-me: era a que havia feito a prece.

Grossas lágrimas molhavam meu rosto. Agora eram lágrimas de felicidade, por ter encontrado Jesus, tê-Lo ouvido e por Ele ter sido curada. Francisco passou suavemente os braços pelo meu ombro, tendo também os olhos molhados. Alexandre também se mostrou emocionado.

Ali se encontrava a razão de meu amor a Cristo. Fora marcada por Ele para toda a eternidade. Por mais que errasse e caísse em precipícios, Jesus estaria sempre comigo, Ele seria para sempre meu tesouro escondido.

A outra moça, minha irmã, não a reconheci. Alexandre explicou que no momento não tinha importância, pois um dia nos encontraríamos, e eu a reconheceria. O importante, no momento, era o conhecimento de que dentro de mim arderia para sempre o fogo do amor do Cristo e de que fora salva do Vale dos Suicidas por este amor.

Uma tristeza desceu sobre mim, ao refletir que nem todo o amor e a fé em Jesus foram suficientes para colocar-me fora dos trilhos do suicídio. Mas a tristeza não conseguiu empanar a felicidade da lembrança do meu encontro com o Mestre dos Mestres.

— Ametista, você presenciou um dos momentos mais belos de Jesus sobre a Terra, em que, nas bem-aventuranças, Ele consolou os pobres e oprimidos, os injustiçados, os aflitos... Todos foram consolados por seus ensinamentos, visto que seu Evangelho é um grito de paz, de amor, de alegria e, principalmente, de consolo. Você percebeu que não foram apenas de quedas suas existências, e estamos com muita esperança de que desta vez conseguirá quitar seus débitos agora que esta mais lúcida para raciocinar sobre os acontecimentos sobre sua vida. Vão agora em paz, logo serão chamados para futuras decisões. Jesus os abençoe – concluiu Alexandre.

XII. Doutrina Espírita

Os espíritos compreendem o tempo como nós?

R. Não e é por isto que não nos compreendeis sempre, quando se trata de fixar datas ou épocas.

O Livro dos Espíritos. - Pergunta 240.

Saímos pensativos. Percebia que Francisco estava mais confiante, sereno, transmitindo energia fluídica a nos unir em um futuro ansiosamente esperado. Com todas as dúvidas, não estávamos revoltados como já presenciáramos em nossas quedas. Instalava-se em nós uma vontade firme de acertar. Nos jardins, avistamos Alberto, o senhor que havia falado numa de nossas reuniões. Fomos até ele. Quem sabe poderia ajudar-nos a entender melhor este lado da vida.

— Como está, Alberto? Podemos sentar ao seu lado? — perguntou Francisco.

— Não façam cerimônia. Estamos todos no mesmo barco, fico feliz em revê-los.

Com voz angustiada, respondi:

— Obrigada, Alberto, como é difícil sair do Vale e compreender nossos erros... Veja você, Alberto, só agora estou dando acordo de mim, recordando vidas passadas e tentando compreender tudo o que ouço.

Francisco explicou:

— Não estive no Vale dos Suicidas, mas pelos descabros cometidos, induzi Ametista ao suicídio e fui para o

Umbral várias vezes. Por sermos católicos, é muito difícil nos acostumarmos a esta nova realidade. Como a Igreja não nos preparou para a vida que aqui encontramos? O senhor entende o que quero dizer? Estamos intrigados com a reencarnação. Eu fui padre, Ametista, freira, e o que vimos na sala das recordações, deixou claro que estamos altamente endividados com o passado, o presente e o futuro. Encontramo-nos sem saída, temos que rever nossos conceitos. Não sabemos o que será de nós. Se falhamos tanto, haverá esperança para nós?

Alberto fitou-nos calmamente:

— Acredito que vocês estão menos endividados do que eu. Como já falei, conheço a Doutrina dos Espíritos. Motivado pela vontade de não ser apenas mais um trabalhador, fundei um grupo de estudos espíritas. Hoje, vejo que o fiz por vaidade, por orgulho, para ser homenageado. Aliás, era dono do Grupo Espírita. Tudo ali tinha que passar por minhas mãos, não dava autonomia a ninguém. Os espíritos superiores me advertiram para tomar cuidado, pois os obsessores estavam me influenciando, mas eu estava certo de que comigo aquilo não aconteceria. Sabia me cuidar. Vã pretensão.

— É verdade que existem Espíritos que podem realmente influenciar nossas ações?

— Sim, Ametista, na pergunta 459, de O Livro dos Espíritos, eles nos dizem:

Os Espíritos influem sobre os nossos pensamentos e as nossas ações?

R. A esse respeito sua influência é maior do que supondes, porque, freqüentemente, são eles que vos dirigem.

— *Nós podemos falhar, influenciados por eles? – pergunta Francisco.*

— Na pergunta 578, de O Livro dos Espíritos, há resposta à sua pergunta:

O Espírito pode falir em sua missão, por sua culpa?

R. *Sim, se não for um Espírito superior.*

P.578-a. *Quais são para ele as conseqüências?*

R. *Terá de reiniciar a tarefa; está nisso a punição. Depois sofrerá as conseqüências do mal que tenha causado.*

— Você parece ser bem entendido nos ensinamentos da Doutrina Espírita.

— Sim, Ametista, mas nem por isso deixei de falhar em minha missão. *A quem muito tem, muito será cobrado*, disse Jesus. Conhecendo a Doutrina, cometi o crime de ficar na teoria e não exemplificá-la, acredito hoje que não a interiorizei, ficou apenas na superfície. Era mais fácil manejar o sofrimento alheio, ditar normas, citar trechos de O Evangelho Segundo o Espiritismo. Como inúmeros outros médiuns, com as facilidades do cargo, deixei-me levar pelo abuso financeiro, pelo sexo desregrado e caí nas malhas dos obsessores. Meu Deus, como pude falhar tanto e ainda cometer suicídio? Não existe desculpa para mim, não sou como vocês que nada sabiam sobre a vida após a morte. Somente a misericórdia Divina pode me dar nova oportunidade de reencarnar. Aprendi aqui que não posso mergulhar no sentimento de culpa: errei, corrijo meu erro. É preciso continuar a crescer espiritualmente, sem lamentações ou queixumes.

— O que fala *O Livro dos Espíritos* sobre o suicídio? – perguntei:

— Na pergunta 943, Allan Kardec, pergunta aos Espíritos:

— De onde vem o desgosto pela vida, que se apodera de certos indivíduos, sem motivos plausíveis?.

— *Efeito da ociosidade, da falta de fé e geralmente da saciedade. Para aqueles que exercem as suas faculdades com um fim útil e segundo as suas aptidões naturais, o trabalho nada tem de árido e a vida se escoia mais rapidamente; suportam as suas vicissitudes com tanto mais paciência e resignação, quanto mais agem tendo em vista a felicidade mais sólida e mais durável que os espera.*

— Mas na pergunta 944, ele complementa sua pergunta – explica Alberto;

*O homem tem o direito de dispor da sua própria vida?
Não, somente Deus tem esse direito. O suicídio
voluntário é uma transgressão dessa lei.*

*Pergunta 944-a. O suicídio não é sempre voluntário?
O louco que se mata não sabe o que faz.*

Francisco e eu ouvíamos com curiosidade e atenção aqueles ensinamentos, mas não sabíamos quem era Allan Kardec.

— Sinto-me envergonhado, mas pode nos explicar melhor quem foi Allan Kardec?

— Ele foi o codificador da Doutrina dos Espíritos. Nasceu na França com o nome de Hippolyte León Denizard Rivail, mas adotou o pseudônimo de Allan Kardec, nome que possuiu numa encarnação entre os druidas. Cumpriu modelarmente a missão de expoente máximo da Terceira Revelação. Foi a grande voz do Consolador Prometido ao mundo pela misericórdia de Jesus.

— Você sabe tantas coisas, já eu nada sei. Sei apenas que existe céu, inferno e purgatório, e que vamos dormir até o dia do juízo final.

— Sim, mas não soube usar bem o livre-arbítrio que tanto preguei aos outros. Vocês precisavam me ver pregar o Evangelho, levantava multidões, falava com ardor e convicção, tinha um carisma inigualável. Sabia o que me esperava, pedi proteção a Jesus, e nada me impediu de cometer o ato tresloucado do suicídio. Poderia ter procurado ajuda profissional, tratamento de desobsessão, só que tive vergonha dos homens e não tive vergonha de Deus ao tirar minha vida. Sei que a Justiça de Deus é verdadeiramente justa, imparcial, mas terei que reencarnar em condições adversas para reparar meu erro. Embora vá esquecer o passado, quero ficar atento a tudo que estou aprendendo aqui para, através do estudo e do trabalho incansável, escapar das malhas obsessivas que tentarem me atingir.

— Como esquecer o passado? Temos que nos lembrar dele para não falharmos outra vez – intervém Francisco.

— Em *O Livro dos Espíritos*, pergunta 392, o Espírito de Verdade, esclarece a importância de esquecermos o passado para nosso crescimento espiritual.

392. Por que o Espírito encarnado perde a lembrança do seu passado?

R. O homem não pode nem deve tudo saber. Deus o quer assim em sua sabedoria. Sem o véu que lhe encobre certas coisas, o homem ficaria ofuscado, como aquele que passa, sem transição, da obscuridade à luz. Pelo esquecimento do passado, ele é mais ele mesmo.

— Realmente, é interessante esta doutrina. Responde às perguntas que fazemos e não obtemos respostas – diz Francisco. Você entende mesmo do assunto, nem sua vinda para cá o fez esquecer os ensinamentos. Deve ser consolador saber tantas coisas, porque, mesmo cometendo enganos, ficará mais fácil para você evoluir e sua intuição o ajudará muito.

— A responsabilidade, sim, será maior. Não sei ainda qual vai ser meu próximo passo, meu instrutor Claudinei me pede paciência, preciso me restabelecer primeiro.

— Você passou pela sala das recordações, com o mentor Alexandre?

— Não foi preciso. O próprio Claudinei quando comecei a me recuperar, foi conversando comigo, e as lembranças foram surgindo naturalmente. Alexandre só vem aqui nos casos mais difíceis, como deve ser o de vocês.

— Disse-nos ele que tenho de tomar decisões importantes, pois fui suicida três vezes.

— Não tenha medo, querida irmã, você está em excelentes mãos. O mentor Alexandre é um dos Espíritos mais preparados para resolver casos como o seu, e aqueles que realmente querem ser ajudados, sempre encontram respaldo na Justiça Divina.

— Seremos eternamente gratos a você, Alberto, por nos elucidar questões de vital importância para nossa melhor compreensão. Não poderíamos ter tido uma aula melhor do que a que você nos ofereceu – disse Francisco. Agora devemos nos retirar para refletir sobre tudo o que nos foi explicado.

— Espero tê-los ajudado, realmente, agora sem nenhum interesse, apenas o de ajudar com toda sinceridade, agradecido pela oportunidade de começar a ajudar o próximo. Parto logo para a Colônia Maria de Nazaré, para me preparar melhor para a reencarnação. Jesus os abençoe.

Separamo-nos e algo me dizia que encontraria Alberto novamente. A sós, Francisco e eu demos vazão a nossos questionamentos.

— Como pode ser, não me conformo, como não nos ensinaram nada sobre esta vida? – perguntei intrigada

— Acredito que vivemos com pessoas que não sabiam ou, se sabiam, não quiseram ir contra as leis da Igreja, que proibiu a comunicação com os mortos. Só de haver proibição tão drástica, quer dizer que antes dela era permitido falar com os mortos. Analisando nossas vidas passadas, vejo que não temos uma ficha limpa. As pessoas aqui são gentis, educadas, têm tão boa vontade conosco, que somos obrigados a pensar que realmente estamos em outra dimensão e que a morte não existe mesmo.

— Guardemos o que Alexandre nos comunicará na próxima reunião. Embora minha vida tenha sido tão desastrosa, fiquei imensamente feliz em saber que um dia estive com Jesus, escutei-O fui curada por Ele. Este fato enche meu coração de júbilo. Só sinto paz de espírito quando me ligo a Ele, que é fonte imensurável de energia pura. O que terá acontecido a minha irmã naquela época, por onde andaré? Será que também ficou marcada pelo amor de Cristo? Espero que tenha conseguido se sair melhor que eu. Mas vamos tentar nos acalmar e esperar. Paciência é o exercício do dia. Recolhamo-nos agora aos nossos pavilhões.

XIII. Explicação sobre Suicídio

*Renascendo em novo corpo carnal,
remontaria o suicida à programação de
trabalhos e prélios diversos aos quais
imaginou erradamente poder escapar pelos
atalhos do suicídio.*

Memórias de um Suicida – Yvonne A. Pereira.

Na manhã seguinte, com um sorriso nos lábios, o instrutor Geremias, o qual se apresentava a mim pela primeira vez, me perguntou se estava tudo bem. Clara teve que se ausentar e ele ficou no seu lugar.

— Sim, está tudo bem, mas ainda tenho muitas indagações e dúvidas. Sinto-me ignorante e teimosa, mas estão muito enraizadas em nós as convicções religiosas como católicos. Não conseguimos ainda abranger a magnitude da vida após a morte, que nos oferece novas oportunidades de reajuste. É incrível conversamos com Alberto, com outras pessoas. Sabemos que sou suicida, pois o mentor Alexandre nos mostrou vidas passadas, mas por mais que queiramos acreditar nestas realidades, ainda permanece em nós uma interrogação que se transforma em dúvida. Como podemos ser tão incoerentes e ignorantes? Sinto-me envergonhada.

O instrutor Geremias disse:

— Para acreditar na reencarnação, só é preciso ter fé do tamanho de um grão de mostarda, mas que remove montanhas; aproveitar a oportunidade de enfrentar com fortaleza e coragem nossas dificuldades e problemas e, se não

conseguimos resolver determinados problemas que nos parecem insolúveis no momento, optar pela resignação e pela paciência para que, a qualquer momento, como uma flor desabrochando, tudo se torne verdadeiro para vocês. Estas transições religiosas às vezes são muito dolorosas. É o caso de vocês.

— Mas, eu sofri muito, além da minha própria imaginação e só tenho apego a Jesus e à Maria. Tenho uma fé ardente dentro de mim. A cada dia, estou mais esperançosa de que tudo vai dar certo, mas não consigo abandonar minha crença católica, embora ela já esteja abalada. Coloco em dúvida tudo que aprendi. Será que um dia serei digna de acreditar no Espiritismo?

— Pode ter certeza que sim, Ametista. Pode levar algum tempo, talvez você só creia quando estiver reencarnada, mas o caminho que começou a percorrer não tem volta, creia-me, digo isto por experiência própria.

— Como assim? Pode explicar melhor? Toda ajuda para mim será de imensa valia.

— Pois não, Ametista. Não me sinto envergonhado de falar, se minha experiência servir para alguma coisa. Na última encarnação, nasci num lar onde Deus não era reverenciado, era apenas um nome que se pronunciava nos momentos de aflição: *Deus nos acuda, Deus sabe o que faz, pelo amor de Deus*. Palavras vazias de sentimento. Tive de abrir meu caminho espiritual à custa de muita dor e sofrimento. Um dia, amigos me levaram a uma Igreja Evangélica, e ali, agraciado por carinho e amizade, comecei meu aprendizado religioso. Percebi a facilidade que tinha para pregar a palavra da Bíblia: era bem apessoado, tinha excelente voz, daí a fazer o curso para pastor foi um pulo, mais por interesse próprio do que por fé em Cristo ou em Deus. Comecei a pregar, e a vaidade tomou lugar em meu coração. Pregava com arroubo, mas adotava o ditado: *Faça o que mando, mas não faça o que eu faço*. Conheci verdadeiros pastores, cheios de fé, arrebanhando infelizes, drogados e descrentes. Eu era o joio, a erva daninha. Pedia o dízimo nos

sermões, prometendo que Deus ajudaria os fiéis a conseguirem carro, emprego, riquezas materiais, enfim. Minha Igreja era freqüentada por pessoas influentes, e o dinheiro corria solto nas minhas mãos. Não ergui uma casa de caridade. Para enganar a mim mesmo, matei a fome de alguns poucos. O resto foi como a vida de tantas pessoas ambiciosas: egoísmo, orgulho, sexo fácil, orgias veladas. Tripudiei sobre o que existe de mais sagrado, a palavra de Deus. Cometi falcaturas terríveis, sem o menor escrúpulo, contra meus irmãos de fé que acreditavam em mim. Assassinado, desencarnei e qual não foi meu espanto ao cair nas mãos de algozes no Umbral, que me aprisionaram. Não preciso descrever o que passei. Pela psicofonia de uma médium, consegui ser socorrido, e o que me alertou para começar uma vida nova foi o fato de eu, homem, falar através de uma mulher. Eu estava ligado a pastores evangélicos que queriam disseminar a discórdia em centros espíritas e igrejas católicas. Quando o esclarecedor falou comigo, havia ternura em sua voz, tanto amor, que comovido, arrependi-me e, junto com meus companheiros, fui levado para um hospital na espiritualidade. Consegui um pouco de equilíbrio e iniciei o estudo do Espiritismo. Aprendíamos em dois tempos. Tínhamos aulas aqui no mundo espiritual e também éramos levados em turmas aos grupos de estudos espíritas, para aprendermos junto aos encarnados, e ali éramos enriquecidos por experiências vivas e reais. Quem estuda o Espiritismo na Terra não sabe o bem que faz a nós, desencarnados, que escutamos com desejo inaudito de aprender e compreender esta doutrina. Os centros espíritas jamais deveriam deixar de estudar as obras básicas, e as pessoas com desejo sincero de evoluir não deveriam deixar de fazê-lo, seja por falta de tempo, comodismo ou preguiça. Em visita, conheci este Hospital de Regeneração. Achei que aqui seria o lugar ideal para começar meu aprendizado de humildade e de amor ao próximo. Aqui estou há algum tempo, também tive minhas dúvidas e incertezas, até compreender a vida após a morte. Logo terei que partir para

nova experiência na carne, sem saber que lar me dará acolhida, mas espero não falhar novamente.

— Geremias, peço a Deus que também me ajude a fortalecer minha crença, como aconteceu com você. Preciso acreditar, não quero mais sair da vida pelas vias do suicídio. Não quero e não posso passar por tudo novamente. Está sendo tudo muito difícil para o Francisco e para mim. Meu coração pede: acredite. A razão me diz: não creia. Esta dúvida é motivo de grande sofrimento. Sinto-me envergonhada diante daqueles que me ajudam, principalmente do mentor Alexandre.

— Jesus a proteja, querida amiga. Se quiser, dê uma volta agora pelos jardins, à tardinha teremos uma palestra com ele exatamente sobre o suicídio.

— Será que ele está aqui só por nossa causa?

— Não, Ametista, ele vem até aqui quando se forma um grupo de desencarnados suicidas recalcitrantes em aceitar novas encarnações, casos difíceis de serem resolvidos pelos métodos comuns. Mesmo pertencendo a uma esfera superior, quando sua presença se faz necessária nas colônias, ele nunca se nega a ajudar os mais necessitados.

Despedi-me e saí em busca de minha paz perdida.

Francisco já se encontrava nos jardins. Olhando-o, compreendi quanto o amava. Sua presença me aquecia o coração. Conseguia agora entender nosso grande e desequilibrado amor, que tanto mal nos fizera e prejudicou tantos outros. Alfredo ainda estaria muito desequilibrado?

— Francisco, será que nosso amor nunca conseguirá as bênçãos de Jesus, norteando-o para o bem e para o amor ao próximo? Será que deixaremos nossas emoções se equilibrarem, para sermos felizes juntos? Viveremos um amor que redima, na aceitação plena do amor a Cristo? É esta a meta que devemos atingir, amar-nos em Cristo, inspirar-nos em seu grande amor pelos sofridos, caídos à beira da estrada.

— Não posso afirmar nada como certo agora. Não estamos aqui por acaso. Algo me diz que tomaremos o rumo

certo. Estamos de queda em queda há tanto tempo. Com todos os ensinamentos recebidos, seremos capazes de bem direcionar nossas vidas. Não sei qual foi a forma encontrada pela Espiritualidade para estes reajustes, mas alguma coisa do que aprendemos permanecerá em nós quando voltarmos à Terra. Sinto que acertaremos nossas vidas, arrastando Alfredo conosco, se for preciso. Vamos trabalhar para evoluir.

Passamos o resto do dia em reflexões. À tarde, nos encaminhamos para o auditório, onde seria feita a última palestra do mentor Alexandre antes de sua partida. Estávamos ainda constrangidos, mas ele nos deixava tão à vontade que ora o chamávamos de mentor ora simplesmente de Alexandre. Isto não parecia ser de importância para ele, que realmente se preocupava conosco e estava fazendo o possível para acertarmos. Ele confiava em nós, o que nos transmitia segurança e uma vontade enorme de não falharmos. Nunca poderíamos agradecer suficientemente a ele o bem que estava nos fazendo. Talvez outro Espírito não conseguisse despertar em nós o desejo de sermos dignos de tanta confiança. Nenhum momento de desânimo, de desconfiança na nossa capacidade de entendimento. Até nossas dúvidas ele compreendia sem nos humilhar. Passamos a amá-lo profundamente, por sua grande capacidade de compreender e amar.

O auditório estava iluminado por luz azul. Crisântemos amarelos faziam a decoração do ambiente. Música suave se fazia ao fundo, dando-nos um pouco da paz que buscávamos. Todos ali procuravam a mesma coisa: paz interior, pois nossos pensamentos emitiam tristeza, angústia, dúvidas e incertezas. Sentamo-nos junto aos outros e aguardamos em silêncio.

O mentor Alexandre já se encontrava no auditório e parecia meditar. Quanta humildade e compreensão! Descer das alturas, um ser iluminado, para ajudar na transformação de espíritos revoltados, suicidas, para ajudar Espíritos sequiosos de mudança e evolução. Uma auréola de luz leve e suave o cobria.

Olhou-nos, pousando o olhar em cada um de nós, como a nos consolar e dar-nos esperança.

— Filhos queridos da minha alma: não posso dizer que me sinto feliz por falar a vocês sobre tema tão complexo e doloroso como o suicídio. Peço a Jesus, nosso Mestre amado, que me inspire para melhor elucidá-los sobre este assunto, a fim de que esta desventura não mais os atinja quando de uma nova encarnação. Várias circunstâncias levam o ser humano ao desatino de tirar a própria vida. Contudo, sendo Deus justo e sábio, não deixa nenhum de seus filhos desamparados e oferece a todos a esperança de um dia se libertarem das correntes pesadas que os oprimem, dando-lhes a paz espiritual, a felicidade que nem as traças nem a ferrugem consomem.

O que vem a ser, afinal, o suicídio? É o ato de tirar a própria vida, que parece simples, sem conseqüências maiores para quem o pratica. Vários aspectos deste ato de rebeldia contra o Criador devem ser considerados. Os atos suicidas, conscientes e inconscientes, se entrelaçam, ligados por fios tênues, não sendo possível julgar suas determinantes no campo espiritual.

Poucas são as pessoas que praticam o suicídio, plenamente conscientes do ato lesivo, sempre motivado por desgostos ou desequilíbrios, onde há o envolvimento espiritual dos seus afins, da atual ou de outras existências. Quando surge qualquer idéia suicida, se não houver oração, passes, pode ser estabelecida uma ligação com os obsessores que avivam cada vez mais essa idéia e, muito sutilmente, sem perceber, a pessoa incorpora aos seus os pensamentos do desencarnado infeliz.

Quando alguém se entrega aos vícios de qualquer natureza (drogas, luxúria, entre tantos), às vezes está tentando abafar seus sentimentos de baixa-estima, tristeza e infantilidade por não saber lidar com seus problemas existenciais. Como a criança precisa do leite materno para sua sobrevivência, muitas pessoas fazem destes vícios sua muleta-sentimento para sustentá-los nos momentos de infortúnio. Sem perceberem, estão partindo para

o suicídio. Vivem sem força, esgotados, nada os anima a dizer um basta ao que lhes envenena o organismo.

Existem os que dizem amar a vida, mas querem vivê-la, em sua totalidade, com saúde, força e vitalidade. Mostrando coragem e otimismo, muitos se dedicam aos chamados esportes radicais. Na sua maioria, não praticam estes esportes com a intenção consciente de se matar, mas alguns ainda dizem — “A gente morre de qualquer maneira, se não for meu dia, não morro”. Mas o esporte radical em si, por mais que digam o contrário, é um atentado contra a vida. Corpos saudáveis nas mentes em busca de algo cada vez mais forte, que lhes dê emoção e uma razão para viver, se lançam a estes esportes como potenciais suicidas inconscientes. Haverá no mundo espiritual, por trás destes ousados seres humanos, Espíritos levianos que colaboram para fazê-los pensar que apenas a coragem os move na realização de grandes proezas. Não atinam para a seriedade destes esportes que podem levá-los à morte por suicídio indireto.

Outro tipo de suicídio é provocado pela falta de liberação de uma substância no cérebro chamada serotonina, levando a pessoa ao desequilíbrio, a uma depressão leve ou mais forte, dependendo de cada pessoa. Existe a tensão pré-menstrual – TPM na mulher, que a constrange a situações de raiva, desespero, tristeza, depressão. Há também a andropausa no homem, hoje bem divulgada pela sociedade médica. Como os seres humanos passam sempre por situações difíceis, como perda de emprego, separação conjugal, perda de entes queridos, falta de saúde, amor não correspondido e tantas outras, isto os leva à sensação de fracasso, ao cansaço de lutas inglórias. Quando não conseguem bens materiais, se desprovidos da verdadeira fé em Deus, que deveria consolá-los, dar-lhes esperança e coragem, ficam à deriva, ao sabor das tempestades da vida, não vendo onde possam lançar sua âncora para se segurar. Vislumbram apenas a escuridão, nenhuma luz, nenhum farol a guiar-lhes os passos inseguros. Se a pessoa não cultivou o amor a Jesus, não

se agarrou às suas mensagens, como pode ser humilde e resignada nas adversidades? Sem esta força espiritual, os inimigos interferem na casa mental dos encarnados, usando sua força de persuasão, mostrando-lhes como saída apenas às portas do suicídio. Há então uma simbiose espiritual em que uns se alimentam das idéias de outros, encarnados e desencarnados se entrelaçando numa união perfeita de revolta, ódio, egoísmo, orgulho, ciúme etc. Fica difícil, a partir de determinado ponto, fazer a separação entre eles. Com urgência, os irmãos encarnados precisam da ajuda profissional de médicos e psicólogos e, na parte espiritual, da assistência fraterna em centros espíritas, com tratamento de desobsessão, passes, água fluidificada, estudo, leituras edificantes, Evangelho no Lar, ajuda esta que irá beneficiar encarnados e desencarnados, que seguirão seus caminhos. É necessário que os indícios sejam percebidos no início, para evitar a subjugação ou possessão, quando o tratamento torna-se mais difícil.

Entra neste momento, filhos queridos, que me escutam com os corações feridos pelos desacertos, a educação religiosa, a Doutrina dos Espíritos, fonte segura das verdades espirituais que nos falam de onde viemos e para onde vamos. Antes de cometer suicídio, o ser humano passa por sofrimentos atroz. Ele se mata a cada minuto que passa. Parece-lhe ouvir uma cantiga monótona: “Para que viver? Não sirvo para nada! O mundo é falso! Ninguém gosta de mim! Vai ser um alívio para todos”. Por outro lado, a voz dos benfeitores espirituais faz um alerta: “Não posso fazer isto! O que será da minha família? Deus não quer isto para mim” Mesmo assim, deixa-se levar pelo livre-arbítrio, permitindo que a depressão domine seu Espírito fragilizado. Sei, filhos queridos, que muitos de vocês que hoje aqui estão me ouvindo, passaram por estes momentos aflitivos antes de tirar a vida. Se pudesse, curaria suas feridas, mas tenho de falar sobre o assunto, para que não voltem mais aqui pelo suicídio. Alguns tentam, mas com a ajuda dos benfeitores espirituais não chegam ao extermínio

de suas vidas. É-lhes oferecida uma nova oportunidade. Chegam então aos seus ouvidos palavras ásperas como: “Não queria morrer nada. Foi chantagem só para chamar a atenção”.

Essas pessoas estão seriamente comprometidas com a Justiça Divina. Os mais próximos não se apercebem da verdadeira causa e acham ser apenas atos de desequilíbrio, contudo, se não houver tratamento sério, tanto da matéria quanto do espírito, elas podem chegar ao ponto culminante do desespero e sair da vida através do suicídio, assim também, as pessoas de idéias fixas em ideais ou sonhos não realizados, de pouca conversa, que não revelam seus pensamentos.

Existem outras razões para a prática deste ato insano, mas uma coisa é certa, filhos queridos: por maior que seja a boa vontade em ajudar um Espírito suicida, a vontade de ser ajudado tem que ser dele. Ninguém poderá fazer isto por ele, o primeiro passo tem que ser seu. Todas as tentativas serão infrutíferas se ele não se conscientizar de que tem de fazer reforma interna, mudar conceitos, fazer uma total limpeza na sua casa mental, tem que querer sair das trevas para a luz, começando por sair de sua concha para a prática da caridade, procurando, no Evangelho de Jesus, forças para não se deixar abater pelas adversidades e quando o desejo sincero nascer dentro dele, mãos caridosas lhes serão estendidas, dando assim início ao processo de cura das feridas da alma.

Filhos queridos, quando ocorre a morte do corpo físico pelo suicídio, os Espíritos suicidas acham que encontrarão a paz desejada do lado de cá. Ledo engano. Quando chegam, seus afins espirituais os aguardam, levando-os para regiões sombrias, onde não há sol, lua ou estrelas, apenas o vazio e a escuridão. Haverá atenuantes, pois cada caso é particular, não podemos generalizar, mas ninguém, em princípio, será capaz de recompor seu perispírito logo após tal traumatismo, e muitos Espíritos permanecem por anos em estado de coma, assaltados por pesadelos horríveis.

Estamos fazendo este esclarecimento para que não cometam o mesmo erro. Ninguém melhor que vocês para avaliar o sofrimento por que passaram. Todos foram resgatados pela Bondade Divina e terão novas oportunidades de serviço e aprendizado. Podem estar se perguntando por que não os ajudamos de imediato, quando chegam à espiritualidade, mas a lei é de ação e reação, e não nos compreenderiam nem se ajustariam às normas espirituais. Só depois de muito sofrimento é que aceitam nossa ajuda,

Diante do sofrimento no Umbral e no Vale dos Suicidas, o livre-arbítrio deve ser respeitado e só quando o Espírito pede com sinceridade nossa ajuda o socorro lhe é oferecido. Por piores que sejam os erros cometidos, sempre haverá esperança de progresso espiritual para todos. Vocês receberam o Auxílio Divino porque chamaram por socorro e chegaram até este Hospital da Regeneração. Alguns seguiram para a Colônia Maria de Nazaré, e outros mais serão compulsoriamente encaminhados para novas reencarnações. Vamos em frente, filhos queridos. Lembrem-se do passado para não caírem nas armadilhas da vida. Liguem-se ao Criador, nosso Pai, para que permaneça em cada um a verdadeira fé, com isso adquirindo a verdade libertadora. Jesus os acompanhe em sua nova missão.

O silêncio era total. Lágrimas eram vertidas, soluços contidos. Nada restava para ser dito. Cada um de nós se encaixou em alguma situação exposta. Saímos meditativos, pois tudo fora muito bem esclarecido, o suicídio deixara de ser obscuro. Sabíamos agora exatamente como entráramos por essa porta sem saída e não poderíamos, pelo menos enquanto na Espiritualidade, perguntar: *por que me suicidei? Vontade de Deus?*

A vontade fora nossa, e tínhamos que arcar com as conseqüências do ato impensado. Dias difíceis nos aguardavam. Minha fé em Jesus e em Maria estava ficando mais forte do que o medo que me invadia. Agora, apesar de tantos débitos, tinha o crédito da fé em Jesus. Queria crer na reencarnação, mas meu primitivismo me arrastava nessa direção a passos de tartaruga, duvidando da verdade que me fora revelada.

XIV. Reencontro Feliz

É preciso mudar, reconhecendo que a felicidade tem muito a ver com a capacidade de ficarmos felizes com a felicidade dos que cruzam nosso caminho.

Histórias que trazem felicidade – Richard Simonetti.

Duas coisas eram certas para mim: primeiro, não queria errar de novo e, segundo, não queria reencarnar. Deparava-me com a necessidade de voltar a Terra e novamente o medo tomava conta de mim.

Ficamos na expectativa quanto ao futuro. Pretendíamos não mais falhar, esta era uma constatação unânime. Nascia uma grande amizade entre nós, advinda do sofrimento que alicerça uniões duradouras. Ficávamos horas conversando sobre o assunto comum entre nós que havíamos praticado o suicídio, e agora, com a ajuda recebida, estávamos frente a frente com a verdade.

Perguntamos a Alberto, que entendia a Doutrina Espírita o significado da palavra médium, que prontamente respondeu:

— No capítulo XIV de O Livro dos Médiuns, Allan Kardec explica que *toda pessoa que sente a influência dos Espíritos num grau qualquer é, por isso mesmo, médium. Esta faculdade é inerente ao homem e, conseqüentemente, não é privilégio exclusivo. Assim, pouca gente há em que não seja encontrada em forma rudimentar. Pode-se, pois, dizer que todo mundo é mais ou menos médium. Contudo,*

na prática, a qualificação só se aplica àqueles nos quais a faculdade mediúnica é claramente caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de uma forma sensitiva. Deu para vocês entenderem um pouco?

— Sim — respondi. Eu é que não quero esta responsabilidade para mim, de forma alguma quero ser médium, ainda não sei bem o que é, mas pressinto que vai trazer sofrimento.

— Se for sua missão ser médium ostensiva — disse Alberto —, não pode fugir à responsabilidade, é o que mais vai ajudá-la a se libertar das correntes do passado. É uma dádiva de Deus e não pode ser recusada.

Jeremias chega nesse instante, convidando-nos a acompanhá-lo.

Francisco e eu fomos levados à outra sala, na qual havia uma mesa enfeitada com um vaso de crisântemos amarelos e quadros de vários matizes, que a tornavam agradável e refrescante. Poltronas de cores belíssimas ornavam o ambiente. Alexandre, que já se encontrava ali, cumprimentou-nos e nos apontou uma poltrona. Ficamos em silêncio, pois sabíamos que o momento era de muita responsabilidade, a que não poderíamos fugir, como eu fizera em outras vidas.

— Filhos queridos, aqui estamos novamente reunidos. Meus dias se esgotam neste Hospital da Regeneração, mas antes de partir precisamos acertar juntos alguns pontos. Creio que tudo ficou bem esclarecido para vocês, no que se refere às encarnações em que estiveram unidos, culminando com os trágicos acontecimentos.

Fez uma pequena pausa, mas nada tínhamos a questionar.

— Percebo que estão aflitos e ansiosos. Procurem manter a fé em Jesus, Ele será o suporte no qual irão se segurar doravante. Reuni-me com mensageiros do Cristo, habitantes de dimensões mais elevadas, e procuramos sentir o que será melhor para vocês, neste instante decisivo de suas vidas. Não pretendemos tomar a direção de suas existências em nossas mãos, mas não podemos

critério de vocês, pelos comprometimentos de vidas
os amigos intercederam a favor de vocês, dispondo-
na nova jornada que vão empreender, amigos de
ções que partem agora para novas experiências na
lo-se à disposição para cooperar com vocês. Você,
do a repulsa em reencarnar, terá uma encarnação
na constante luta contra o suicídio.

culpe-me interrompê-lo, mentor Alexandre, mas
mo voltar a Terra, sinto-me cheia de dúvidas, e o
r novamente me consome. Deixe-me ficar aqui,
lhar sem descanso para ajudar aqueles que aqui
Não me mande de volta – falei entre lágrimas –,
m pensar nesta idéia.

na querida, está vendo por que será difícil sua
ão pode mais ficar na Espiritualidade, reencarnará
agem espiritual que nunca teve antes, sabendo as
do suicídio. Como passou muitos anos no plano
preparada para vencer e não pode esperar mais,
ento é oportuno para seu renascimento. Percebo
da e angústia em você, e elas são más conselheiras
de desejoso de evoluir.

ptou na mesma situação da Ametista – disse
Partenci ao alto escalão da Igreja Católica e,
falido, acreditei no que pregava, estive na
vel inléis à morte, lutei contra a comunicação
agora aqui estou convivendo com as
um illa combati. Não desacredito, mas não
plena mente.

que todo este processo de vida após morte
são pensão. Alguns chegam aqui e logo aceitam
naturalidade, outros têm mais dificuldades.
uma meta é que vamos transmitir-lhes o que nos
deve ser o mais desejável para a próxima encarnação. Aqui
devido à delicadeza da situação, mas na

na prática, a qualificação só se aplica àqueles nos quais a faculdade mediúnica é claramente caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de uma forma sensitiva. Deu para vocês entenderem um pouco?

— Sim — respondi. Eu é que não quero esta responsabilidade para mim, de forma alguma quero ser médium, ainda não sei bem o que é, mas pressinto que vai trazer sofrimento.

— Se for sua missão ser médium ostensiva — disse Alberto —, não pode fugir à responsabilidade, é o que mais vai ajudá-la a se libertar das correntes do passado. É uma dádiva de Deus e não pode ser recusada.

Geremias chega nesse instante, convidando-nos a acompanhá-lo.

Francisco e eu fomos levados à outra sala, na qual havia uma mesa enfeitada com um vaso de crisântemos amarelos e quadros de vários matizes, que a tornavam agradável e refrescante. Poltronas de cores belíssimas ornavam o ambiente. Alexandre, que já se encontrava ali, cumprimentou-nos e nos apontou uma poltrona. Ficamos em silêncio, pois sabíamos que o momento era de muita responsabilidade, a que não poderíamos fugir, como eu fizera em outras vidas.

— Filhos queridos, aqui estamos novamente reunidos. Meus dias se esgotam neste Hospital da Regeneração, mas antes de partir precisamos acertar juntos alguns pontos. Creio que tudo ficou bem esclarecido para vocês, no que se refere às encarnações em que estiveram unidos, culminando com os trágicos acontecimentos.

Fez uma pequena pausa, mas nada tínhamos a questionar.

— Percebo que estão aflitos e ansiosos. Procurem manter a fé em Jesus, Ele será o suporte no qual irão se segurar doravante. Reuni-me com mensageiros do Cristo, habitantes de dimensões mais elevadas, e procuramos sentir o que será melhor para vocês, neste instante decisivo de suas vidas. Não pretendemos tomar a direção de suas existências em nossas mãos, mas não podemos

deixar tudo a critério de vocês, pelos comprometimentos de vidas passadas. Vários amigos intercederam a favor de vocês, dispendo-se a ajudá-los na nova jornada que vão empreender, amigos de outras encarnações que partem agora para novas experiências na Terra, colocando-se à disposição para cooperar com vocês. Você, Ametista, devido a repulsa em reencarnar, terá uma encarnação difícil, estará em constante luta contra o suicídio.

— Desculpe-me interrompê-lo, mentor Alexandre, mas não quero mesmo voltar a Terra, sinto-me cheia de dúvidas, e o medo de falhar novamente me consome. Deixe-me ficar aqui, prometo trabalhar sem descanso para ajudar aqueles que aqui se encontram. Não me mande de volta – falei entre lágrimas –, não suporto nem pensar nesta idéia.

— Filha querida, está vendo por que será difícil sua encarnação? Não pode mais ficar na Espiritualidade, reencarnará com uma bagagem espiritual que nunca teve antes, sabendo as conseqüências do suicídio. Como passou muitos anos no plano espiritual, está preparada para vencer e não pode esperar mais, já que o momento é oportuno para seu renascimento. Percebo que existe dúvida e angústia em você, e elas são más conselheiras para o Espírito desejoso de evoluir.

— Estou na mesma situação da Ametista – disse Francisco. – Pertenci ao alto escalão da Igreja Católica e, embora tenha falido, acreditei no que pregava, estive na Inquisição, levei infiéis à morte, lutei contra a comunicação com os mortos e agora aqui estou convivendo com as verdades que um dia combati. Não desacredito, mas não consigo aceitar plenamente.

— Sabemos que todo este processo de vida após morte é de complexa compreensão. Alguns chegam aqui e logo aceitam todo o processo com naturalidade, outros têm mais dificuldades. Levando isso em conta é que vamos transmitir-lhes o que nos parece ser o mais razoável para a próxima encarnação. Aqui estamos interferindo devido à delicadeza da situação, mas na

Terra o livre-arbítrio será inteiramente da conta de vocês, assim como a total responsabilidade de seus atos.

Ouviu-se leve batida à porta. Quando se abriu, apareceu uma senhora mais ou menos da minha idade, que irradiava simpatia, e seu rosto revelava amor e compaixão. Ao olhá-la melhor, reconheci madre Consuelo, que tentou ajudar-me quando do meu aborto no convento.

— Entre, filha querida – disse Alexandre –, vejo que chegou até você o meu pedido para estar aqui neste momento.

— Sim, Alexandre, não poderia deixar de atender um pedido seu, ainda mais no caso destes companheiros queridos, que estamos empenhados em ajudar. O que estiver ao meu alcance, farei em nome de Jesus, nosso Mestre.

— Vejo que vocês já a reconheceram – falou Alexandre –, ela é uma das pessoas que muito têm intercedido por vocês e está disposta a ajudá-los no que puder.

Levantei-me em sua direção e pedi:

— Dê-me um abraço, madre Consuelo.

Dei-lhe um abraço apertado que traduzia toda a minha gratidão, revestida de meu pedido de perdão, por ter burlado as leis de Deus e sua autoridade no convento.

Ela retribuiu com carinho e amor meu abraço. Francisco também a abraçou carinhosamente. Sentamo-nos e eu falei, embargada de emoção.

— Do momento em que a vi na cena em que estivemos juntas, me perguntava onde andaria a senhora, madre Consuelo. Deve ter ficado em situação constrangedora com meu ato duplamente insano, aborto criminoso e suicídio. Perdoe-me por ter sido egoísta, não pensando em sua situação e não tendo a paciência necessária para esperar a ajuda que me propôs. Vejo que cresceu e evoluiu espiritualmente, mais ainda do que naquela época, enquanto eu fiquei de queda em queda, tendo por companheiro o ódio, após ser abandonada por quem tanto amava.

— Eu também, Madre Consuelo – interveio Francisco –, tenho de pedir-lhe perdão por ter sido covarde duas vezes, a

primeira quando engravidei Ametista, burlando a confiança que em mim depositava e a segunda quando fugi às conseqüências do meu ato, deixando-a só para resolver situação tão delicada.

Madre Consuelo colocou os dedos nos lábios, como a pedir que parássemos e disse:

— Não estamos aqui para julgar ou perdoar, queridos amigos, mas para ajudá-los a transpor as barreiras que os ligam ao passado. Junto com Alfredo, formam uma corrente negativa, cujos elos precisam ser desfeitos para que cada um possa seguir seu próprio caminho.

— Me ajude, Madre Consuelo, não quero voltar para a Terra novamente. Sofri muito, não desejo sofrer mais.

— Querida amiga, a lei de Ação e Reação não falha. Somos responsáveis por tudo o que fazemos, por isso você deve analisar seriamente o que vai ser-lhe oferecido. Desta vez, terá um maior suporte espiritual e sua fé no Cristo e em Maria haverá de ajudá-la nessa nova vida. Também estarei com você nesta existência. Tornar-me-ei espírita, porque assim o desejo. Jovem ainda, abandonarei os dogmas da Igreja Católica e estarei de mãos estendidas para encaminhá-la na Doutrina Espírita, se desejar.

De mãos dadas, Francisco e eu nos sentíamos mais preparados para o que viria a seguir.

Alexandre, com voz suave e firme, iniciou sua explanação:

— Vamos aos fatos principais. No Ministério das Recordações deste hospital, tomaram conhecimento de três encarnações com final trágico, nas quais estiveram envolvidos. Este procedimento é muito comum no mundo espiritual, vez que muitos Espíritos se suicidam em inúmeras encarnações. Todos são ajudados. Uns conseguem se libertar do jugo do suicídio com mais facilidade, enquanto outros ficam dementes e demoram mais tempo para conseguir livrar-se de tão trágico ato. Cada caso é analisado em particular. No caso de vocês, preferimos que recordassem aqui mesmo no Hospital de Regeneração. O

trio Francisco, Alfredo e Ametista precisa ser desfeito, para dar espaço à novas oportunidades, novas conquistas e uma evolução espiritual compatível com as experiências adquiridas. Torna-se, portanto, imprescindível a vestimenta do Espírito em novo corpo físico.

Um tremor percorreu-me o corpo. Francisco apertou-me a mão, e Madre Consuelo deu um sorriso de estímulo.

— Esta nova encarnação não deve demorar a acontecer, pois entre encarnações e desencarnações, quando aconteceram os suicídios, já se passou vários séculos. Faz-se urgente esta nova vida no corpo. Não podemos desperdiçar mais tempo, pois os espíritos que desejam ajudá-los partem logo para nova encarnação. Não foi em todas as encarnações nestes séculos que esta trilogia se fez presente. No vazar do tempo, cada um teve seu espaço individual, acertos e desacertos, mas no subconsciente, sempre ligados ao passado mal resolvido.

— Não estivemos então sempre juntos neste nosso amor, tivemos outros amores? – aparteu Francisco.

Com um meio sorriso, Alexandre respondeu:

— Seria muito exclusivismo e também egoísmo, se durante todo esse tempo estivessem só pensando nesse amor e renascendo para ele. Ficavam, sim, à procura de algo desconhecido, sentiam saudade indefinida, mas tinham outras obrigações a cumprir. Veja, Ametista, você e Consuelo estiveram juntas no convento e, em outra encarnação, que não vem ao caso agora, cada uma foi viver em diferentes setores da vida física. Novamente se encontram, e Consuelo se propôs a ajudá-los na nova caminhada, já que reencarnará em breve. Francisco, você reencarnará primeiro. Nascerá de pais muito humildes, será irmão de sangue de Alfredo, para que laços mais íntimos possam uni-los e facilitar o perdão e reajuste futuros. Vai permanecer encarnado por pouco tempo, se chamará Sebastião e voltará em seguida para o plano espiritual.

— Por que terei de voltar para cá logo?

— Para evitar o menor número de quedas possíveis. Quando retornar, poderá ir para uma casa de recuperação, onde aprenderá a Doutrina dos Espíritos, ou acompanhar seus irmãos de fé, espíritos desequilibrados que gostam de provocar cizânia nos centros espíritas. Não temos o dom de prever seu futuro, nem saber qual será sua atitude, seu livre-arbítrio comandará suas ações futuras.

Quanto a Alfredo e Ametista, terão uma vida conjugal atormentada. Alfredo terá por você, Ametista, um misto de amor e mágoa, sendo que você reencarnará com maiores conhecimentos espirituais. Ao reencontrá-lo, com o passado totalmente esquecido, sentirá por ele um amor extremado, pois assim conseguirá vencer os desafios do matrimônio que será de provas e expiações, para reajustes do passado. Alfredo já está lúcido, mas é um espírito muito atribulado. Não pudemos conscientizá-lo como fizemos com vocês, pois ele não se encontra preparado, embora já possua fé em Deus, ainda que incipiente. Ele será encaminhado ao Ministério das Reencarnações da Colônia Nosso Lar e voltará à Terra alguns anos antes de você, a fim de resgatar débitos não só para com você, mas também para com outros Espíritos que serão seus irmãos de sangue.

— Como posso amar de uma hora para outra quem nunca desejei amar, se guardamos profundas mágoas um do outro?

— Estamos providenciando aqui na Espiritualidade o que achamos ser melhor para vocês, mas quando encarnados, o sucesso dependerá do livre-arbítrio de cada um, e você, Ametista, vai sair daqui com uma boa bagagem espiritual no que concerne a ajudar o próximo, por isso estará em melhores condições de ajudar Alfredo e sua família. Vocês terão suas diferenças, mas terão que crescer espiritualmente nessa empreitada. Só assim conseguirão quitar os débitos do passado. O que vai acontecer só a vocês e a Deus pertence.

— Depois desta encarnação, poderei ficar com Francisco para sempre?

— Tudo vai depender de como vão se sair, mas o amor de vocês nunca mais será o mesmo se conseguirem queimar as etapas passadas. Surgirá um novo tipo de amor, inigualável, puro, no sentido de estarem bem juntos, um apoiando o outro, companheiros de caminhada espiritual, sem a paixão avassaladora que cega o Espírito. Será como o desabrochar da flor na primavera, lindo, perfumado, suave, sustentado pelo mútuo entendimento e pela vontade de ajudar o próximo. Quando isto vier a acontecer, saberão que já sentem o amor verdadeiro.

— Desculpe minha ignorância, mas isso não é um pouco arbitrário? – pergunta Francisco.

Pacientemente, Alexandre explica:

— Como já é do conhecimento de vocês, será uma encarnação praticamente compulsória. Ametista não quer reencarnar, você não se sente seguro, Alfredo ainda se sente atordoado pelos anos passados no Umbral e embora tenha atenuantes, ainda não conseguiu aceitar as verdades espirituais, pois não foi religioso como você. Quanto à sua pergunta, Francisco, quando encarnados, terão o livre-arbítrio totalmente respeitado, embora você desencarne cedo. No momento, temos que agir com autoridade, porque não estão conseguindo libertar-se das teias do passado, e a programação de quem poderá ajudá-los na Terra já está em andamento. É uma oportunidade que não podemos perder, pois vocês precisarão destas pessoas para ajudá-los a progredir espiritualmente. Estamos pedindo as bênçãos de Jesus para que compreendam a responsabilidade do passo que darão e para que Ametista volte para cá, pelas vias normais da desencarnação.

— O que me acontecerá, se me suicidar novamente?

— Vou ser claro – responde Alexandre. Quando conseguirmos resgatá-la do Vale dos Suicidas, para escondê-la dos obsessores, você vai viver na Terra num corpo físico defeituoso, a fim de que se liberte desta triste tendência ao suicídio. Parte dos portadores de necessidades especiais foi

suicida em outras vidas, estagiando no corpo físico em um novo tipo de aprendizado, tanto para si próprios como para os pais e familiares. Quando no sono físico, o espírito, livre da prisão do corpo, tem verdadeiras aulas de elevação espiritual. Como não pode fugir do corpo físico, ao qual está preso por um cordão fluídico, e os obsessores não conseguem alcançá-los, fica mais fácil evangelizá-los. Será esse o seu destino se vier a falhar outra vez.

Lágrimas corriam pelo meu rosto, no que era acompanhada por Francisco e madre Consuelo. A responsabilidade começava a pesar terrivelmente para mim. Não haveria mais desculpas para errar, tudo me fora claramente explicado. Mas ainda desejava saber mais:

— Pode me dizer se minha vida será muito ruim? Será que vou vencer as tendências suicidas?

— Vai depender de você ser feliz ou infeliz. Ninguém aqui será capaz de adivinhar seu futuro. Todos desejamos que se saia bem. Uma coisa posso lhe dizer: será uma encarnação difícil. Lembre-se de que foram três suicídios, que muito pesarão sobre você. Também a convivência com Alfredo não será fácil, mas apostamos em vocês.

— Quando terminará toda esta trama, Alexandre? — pergunta Francisco.

— Quer responder, Consuelo?

— Não, a melhor explicação sempre parte de você, vamos ouvi-lo.

— Foi uma boa pergunta. Parece que as dívidas contraídas nunca terão fim. O carma só termina para aquele que consegue perdoar os ofensores. O perdão sincero é a chave que rompe definitivamente as correntes pesadas do passado envidado. É uma pena que o ser humano não tenha entendido o que Jesus ensinou quando recomendou *perdoar setenta vezes sete*. Ao conseguir perdoar, a pessoa estará se amando e amando o próximo. Com certeza, estará pronta para crescer espiritualmente. A Terra que encontrarão não é a mesma que

deixaram em tempo idos. Ela cresceu em nível tecnológico e, embora não pareça, espiritualmente também evoluiu. Hoje as pessoas se horrorizam com atrocidades que no passado eram vistas como normais. Mas a humanidade ainda se defronta com sofrimentos de muitas ordens, porque o mal tem predominância sobre o bem, nos planetas de prova e expiações, como a Terra.

Alexandre sorriu, levantou-se e passou a mão gentilmente sobre a cabeça de Madre Consuelo. Logo em seguida prosseguiu:

— Todos os que habitam a Terra, sem exceção, encontram-se em duas prisões: a global, que é o planeta de prova e expiações, e a do corpo físico, de que só se libertarão conforme suas ações boas ou más. Só se verão definitivamente livres das grades que os aprisionam, quando partirem para a Pátria Espiritual e, com seus débitos totalmente pagos, partirão para uma das moradas do Pai, onde continuarão a trabalhar para tirar da prisão os que não conseguiram ainda se libertar. Ninguém, mas ninguém mesmo, pode sair por conta própria destas prisões ou fugir, abrindo a marteladas a porta da vida através do suicídio. Isto não lhes é permitido, pois cairão em prisões piores, como o Vale dos Suicidas. É o que vai encontrar no mundo, Ametista. Terá que escolher por sua própria vontade em qual ala do presídio terrestre quer permanecer. E do lado de cá, no mundo espiritual, você e Francisco terão que fazer também a sua escolha. Todos os seres humanos – aí está a grande revelação da Doutrina Espírita – irão escrevendo sua história no tempo, passando por todas as experiências, até chegarem à plena liberdade. Ninguém fica estagnado para sempre, sem crescer, uns mais depressa, outros mais devagar, todos se movimentam rumo a mundos de regeneração, onde o bem predomina sobre o mal.

— Deus o abençoe por estas maravilhosas explicações. Agora tenho que tirar de dentro de mim o medo e a dúvida, que ainda são mais fortes que minha vontade, – disse eu.

— Vamos, Ametista, coragem, estarei lá a sua espera – disse Madre Consuelo – quando me encontrar, uma vaga

recordação tomará conta de seu ser, fazendo nascer a certeza de já me conhecer e de ter encontrado seu caminho.

Sabia não ser Consuelo seu nome atual, mas me sentia bem em chamá-la assim.

— Você, Madre Consuelo, e o mentor Alexandre já se conhecem há tempos? Há uma afinidade espiritual muito grande entre vocês?

— Sua percepção não está errada, Ametista. Somos velhos conhecidos na ajuda ao próximo.

— Ametista, – disse-me Alexandre – Consuelo será sua instrutora até nosso reencontro, quando acertaremos os detalhes finais de sua reencarnação. Ainda hoje partirá com ela para a Colônia Maria de Nazaré. Francisco partirá para o Ministério da Reencarnação em Nosso Lar. Alfredo já está lá. Despeço-me porque minha missão neste Hospital de Regeneração no momento terminou. Os espíritos que precisavam de ajuda já estão encaminhados. Você, Ametista, reencarnará por minhas mãos, serei eu a encaminhá-la para o novo resgate. Jesus os abençoe.

Dei-lhe um abraço cheio de gratidão. Como pagar o que ele fizera por mim? Teria que tentar ser digna de sua confiança, não poderia falhar novamente, pois fora muito ajudada, assim como Francisco e Alfredo.

Madre Consuelo também se despediu dizendo ter tarefas a cumprir antes de nossa partida.

XV. Irene

*O exercício do amor verdadeiro não
pode cansar o coração.*

Vinha de Luz – Emmanuel – Francisco Cândido Xavier

Francisco e eu saímos para os jardins. As flores nos faziam companhia. Fitamo-nos longamente com amor, carinho, dedicação. Parecia-nos que o tempo parara, que havia só nós dois na imensidão do Universo. Era o encontro e a despedida de duas almas que um dia poderiam ser gêmeas. O silêncio dizia tudo e nada ao mesmo tempo. Não sabíamos o que seria de nossas vidas dali em diante, só a certeza de que iríamos nos separar. Abraçamos-nos comovidos, nada de juras eternas, de afagos, apenas o abraço sentido, lágrimas caindo. O que interrogar, falar o quê? Apenas nos abraçávamos, permutando energias. Compreendíamos que nos fora dada uma nova oportunidade, para um dia estarmos finalmente juntos. Saberíamos aproveitá-la? Alexandre dissera que para isso era imprescindível o perdão. Saberíamos perdoar? A separação doía, o coração sangrava, a saudade já se fazia presente, sem a ilusão de que logo nos encontraríamos, de dias calmos e tranquilos, em que nosso amor sobrevivesse sem prejudicar ninguém. Sabíamos que ainda nos veríamos antes da separação. Prolongávamos nosso abraço. Aquele momento era só nosso, era mágico, porque tínhamos a certeza das bênçãos de Jesus. Abracei-o com mais

força, pedindo a Jesus que nos amparasse e nos cobrisse de fluidos magnéticos da Espiritualidade. Vimos uma luz parecida com o sol clarear o ambiente e fundir-se conosco. Abraçados, sentíamos a claridade nos envolver e uma imensa calma se apoderou de nossas almas, infundindo-nos fé e esperança no futuro.

A luz foi desaparecendo. Olhos nos olhos, de mãos dadas nos despedimos. Não tínhamos palavras para expressar nossos sentimentos. Percebi, naquele instante, o que é realmente o amor verdadeiro, ele transparece nos menores gestos, pode dispensar palavras, mostrar-se apenas num abraço e num aperto de mão.

Comovida e elevada pelo amor que nos unia, fui para meus aposentos esperar o momento da partida. Adormeci com a paz da consciência tranqüila. Acordei com a presença do instrutor Jeremias ao meu lado.

— Chegou o momento de sua partida, Ametista. Está preparada para nos deixar?

— Sentirei saudades de vocês. Agradeça a todos por mim e peça-lhes que rezem para este espírito atribulado. Você ainda fica por aqui algum tempo?

— Acredito que sim, preciso aprender a me doar ao próximo primeiro, sem interesse que não seja apenas o de ajudar, antes de mergulhar no corpo físico.

Saímos. Respirei fundo e levantei a cabeça: uma nova vida estava à minha espera, nada de tristezas. Tinha a grande vantagem de não precisar fazer mala. A sensação era a de estar sempre limpa, como se tivesse saído do banho, um aroma suave perfumando minha pele. Comecei a fazer comparações com os odores do Vale dos Suicidas, mas fiz uma breve prece, e o pensamento diluiu-se no ar.

O que me pareceu um ônibus estava parado à frente do hospital. Despedi-me de Jeremias e dos amigos, agradei-lhes a bondade e desejei sorte a todos. Quando entrei no ônibus, que na verdade era um aerobus, percebi que outras pessoas já se encontravam sentadas. Encontrei-me com Alberto e me sentei ao seu lado, cumprimentando a todos.

Madre Consuelo entrou por último, dirigindo-nos um belo sorriso.

— Não tenham medo, queridos irmãos, as janelas estão vedadas para que não vejam as paisagens das zonas inferiores, que temos de atravessar. Vamos fazer uma prece para acendermos uma luz de amor, a luz de Maria, que nos acompanhará nesta pequena viagem.

“Maria, mãe de Jesus, advogada dos pobres, sofredores, injustiçados, queremos pedir-lhe, mãe amantíssima, que nos ampare no percurso desta viagem, que seu manto de amor nos cubra, não deixando que forças negativas se aproximem de nós. Seja o farol a nos guiar nas regiões sombrias e abençoe a todos os que se encontram fora deste recinto, dê-lhes o refrigério do perdão que pacífica, da humildade que anestesia a dor e da fé que os transportará para regiões mais amenas. Leve-nos em segurança à sua Colônia Maria de Nazaré. Assim seja”.

O aerobus pôs-se em movimento, e partimos rumo ao nosso destino. Como seria essa Colônia? Sabia que para lá eram encaminhados os suicidas. Será que lá seríamos punidos? Castigados? Ou seria o purgatório? Madre Consuelo, parecendo ler meus pensamentos, falou-nos:

— A Colônia Maria de Nazaré é uma colônia onde espíritos de suicidas vão se recompor, equilibrar-se, antes de um novo mergulho no corpo físico. Lá existe uma infra-estrutura própria para cada caso em particular. O nome Maria de Nazaré foi escolhido porque foi Ela a fundadora dessa colônia, para socorro direto aos sofredores que vagam pelas regiões sombrias do Vale dos Suicidas. Existem espíritos que já saem do Vale e vão direto para lá. Alguns de vocês passarão lá uma pequena temporada, outros deverão passar mais tempo. Cada caso é examinado individualmente, levando em conta a necessidade da reencarnação. Agora, fechem os olhos e orem, pois a oração é força propulsora de energia. Deixamos para trás as zonas mais

sombrias, estamos quase chegando, pois o tempo aqui não é o mesmo da Terra.

Silenciamos, entrando em sintonia com o Alto: todos pareciam entender que a prece é um remédio maravilhoso que nos acalmava e auxiliava a anestesiá-las as feridas da alma.

Quando paramos, as janelas foram abertas e, ao descermos, deparamo-nos com um gramado que parecia um tapete verde, jamais visto pelos nossos olhos. O impacto foi geral, ficamos deslumbrados, pois árvores e flores perfumadas eclodiam da Natureza, como se algum artista as houvesse pincelado.

Uma onda de paz se apoderou de mim e novamente tive certeza de já ter estado ali.

Tudo me parecia real, não podia estar morta, a vida palpitava dentro de mim e ao meu redor. Senti uma vontade imensa de correr, dançar e deitar-me na relva macia. Uma certeza tomou conta de mim: já fora recolhida ali, sim, deveria ter sido após meus dois suicídios anteriores. Sentia-me bem tendo uma pequena parte de minha memória de volta e já percebia o que me rodeava.

Pessoas nos esperavam. Éramos gentilmente encaminhados aos nossos aposentos. Achava interessante a educação e a gentileza de todos os que se propunham a trabalhar nos hospitais e colônias espirituais. O tratamento generoso a nós oferecido comovia-me sobremaneira, fazendo-me sentir mais segura e confiante.

Uma mão estendida podia fazer toda a diferença em querermos realmente ser ajudados.

Aproximou-se de mim uma pessoa vestida de branco, mas não parecia ser enfermeira, e disse-me:

— Sou Irene, assistente nesta colônia, sei que se chama Ametista e estou aqui para ajudá-la no que for preciso.

Olhei para ela e uma doce emoção me acometeu: eu a conhecia, iria me lembrar de onde.

— Vai cuidar só de mim?

— Não, querida, são vários espíritos aos nossos cuidados, pois muitos irmãos preferem trabalhos mais amenos, são poucos os que querem colocar as mãos na massa mesmo, ou que evoluíram o suficiente para exercer a prática do amor ao próximo. Muitos querem crescer espiritualmente, serem escritores famosos, mas para trabalhar no anonimato, nem todos estão preparados. A seara é grande, muitos são os chamados e poucos os escolhidos, já nos dizia Jesus.

— Se fosse por minha vontade, ficaria aqui trabalhando. Tive uma afinidade enorme com este lugar. Lembro-me agora do tempo que aqui passei. Não foi como desta vez. Não compreendia bem as coisas, não tinha condições de conversar, ficava em outro departamento. Desta vez tudo está sendo diferente, minha memória está melhor, consigo raciocinar, compreendo muito mais coisas. Das outras vezes, estava envolvida por aquele amor louco por Francisco e reencarnei logo, para ir caindo cada vez mais fundo nos fossos do suicídio. Os mentores estão certos, desta vez tem que ser diferente, não posso falhar novamente. Inclusive, Irene, agora me lembro – pulei de alegria, bati palmas, sorri e abracei-a – de que você é a irmã que estava comigo no Sermão do Monte. Como pensei em você depois daquele dia! Como quis reencontrá-la! Como a amo, querida irmã! Fomos curadas da lepra naquele tempo! Você participou do momento mais sublime de minha vida. Você se lembra de mim?

— Nunca a esqueci também, você está sempre em minhas lembranças aqui no mundo espiritual, mas tínhamos missões diferentes. Sabia de sua vinda para a Colônia, fiquei um pouco mais de tempo aqui para encontrar-me com você. Também a amo muito.

— Irene, como estou feliz em encontrá-la! Quem sabe podemos ficar trabalhando juntas aqui?

Irene apenas me olhou com um sorriso enigmático e disse:

— Também me sinto feliz em revê-la. Quanto a ficar aqui, vamos deixar esta conversa para depois, pelo visto não está querendo descansar, está mais animada?

— Sim, além de estar feliz por vê-la, gostaria de saber em que posso ajudar, quem sabe consigo convencer o mentor Alexandre e não reencarno. Não quero ficar só nos jardins, quero trabalhar, será que posso? Você deve ter evoluído muito, está em situação bem melhor que a minha. Já com quase dois milênios depois do Sermão do Monte, eu ainda me arrasto, destruindo a existência física pelo suicídio. E você, o que fez de sua vida?

— Contarei mais tarde. Não evoluí como pensa, tenho débitos a resgatar. Tenha um pouco de paciência, acabou de chegar e precisa realmente descansar, é a norma da colônia. Amanhã irá ao Departamento de Energização, para revitalizar suas energias. Embora se sinta melhor, não está em condições de trabalhar, pois, está com as energias enfraquecidas. Por isso, recomendo entrar em prece, ler livros edificantes que se encontram sobre a mesa, principalmente o Evangelho de Jesus, que a ajudarão a entrar em sintonia com idéias positivas. Tenho outras pessoas para olhar agora. Até logo, Ametista.

Fiquei sozinha com meus anseios e pensamentos. Relembrei todo o processo por que passei, a partir do momento em que tomei consciência dos meus atos tresloucados. Meu Deus, como pude ser tão insensata? Se tudo que presenciara era verdadeiro — e agora estava acreditando mesmo —, não devia alimentar ilusões. Na nova vida que me esperava, teria que recuperar o tempo perdido. Depois dos esforços de tantos, não podia acreditar que o que acontecera era falso. Sentia uma saudade imensa de Francisco, nosso amor era forte, transpusera as barreiras do tempo. Será que conseguiríamos acertar?

Três suicídios, três mortes que não foram mortes. Que seria de minha vida dali para frente? Não podia haver um quarto suicídio. Do momento em que dei acordo de mim no Hospital de Regeneração, só encontrei amor, carinho e compreensão. O que me deixava intrigada é que em momento algum fui recriminada, julgada. Sentia-me envergonhada, mas com um pouco mais de coragem e esperança de que poderia me regenerar,

não acalantar mais a idéia fixa de suicídio, cumprir bem minha nova etapa de vida e poder, enfim, ficar com Francisco, não só como marido e mulher, mas em qualquer situação em que pudéssemos juntos curar as feridas dos que sofrem. Um amor sublimado em função dos irmãos sofredores.

Adormeci, embalada por estes sentimentos. Ao acordar, comecei a andar pelas alamedas floridas. Algumas pessoas andavam meditativas, outras permaneciam sentadas, sempre em grupos. Parecia que ninguém queria estar a sós com seus pensamentos. Todos estão mortos-vivos como eu, pensei. Definitivamente, mereci mesmo estar no Vale dos Suicidas, porque por mais que me esforçasse para crer nessa nova realidade, as convicções religiosas vinham à tona, bloqueando a verdade que me era apresentada. Não queria mais duvidar, tinha de acreditar para meu próprio bem. Olhava, admirada, as belezas do lugar, maravilhas que jamais poderiam fazer parte da paisagem terrestre.

— Você está aí, Ametista? Já percebeu como é belo o lugar?

— Sim, Irene, é tudo muito bonito e diferente de quanto já vi. Estou com uma dúvida, aqui na Colônia só ficam espíritos de suicidas em recuperação?

— A maioria dos espíritos que aqui chegam é de suicidas, mas também existe aqui amparo para os que desencarnam em estado de demência, perseguidos por inimigos invisíveis. A Colônia Maria de Nazaré é muito grande, e a ordem é não deixar sem assistência àqueles que nos procuram com boa vontade. Existe uma ala hospitalar destinada a esses espíritos, que são encaminhados em melhor estado para outras colônias. Não se nega remédios a doentes.

— Você disse que ficou aqui trabalhando um pouco mais porque estava à minha espera. Como veio parar neste lugar? Já é um espírito superior?

— Minha história nada tem de diferente da história dos espíritos falidos. Estou aqui em missão de resgate. Esperei

espíritos amigos, parentes, incluindo você, a quem me propus ajudar no que puder. Não estou nem perto de ser um espírito evoluído, ainda tenho muito a aprender. Caí e me levantei várias vezes. Pedi permissão aos mentores desta Colônia e ao meu instrutor para estagiar aqui, antes de reencarnar, pois estou disposta a partir para auxiliar os que caminham entre a sanidade e a loucura, os depressivos, os angustiados, enfim os feridos da alma.

— Você será médica?

— Não serei médica, mas me dedicarei a salvar vidas, de outra maneira, ainda não sei delinear bem o que será, mas com certeza será o resgate de mim mesma, em harmonia com as leis do Universo.

— Você partirá em breve?

— Tudo já foi programado para minha partida. Escolhi ficar ao lado do meu futuro esposo que se dedicará à Medicina, junto às filhas falidas em outras encarnações.

— Gostaria de saber como terminaram nossas vidas, naquela encarnação do Sermão do Monte, poderia me dizer?

— Vou resumir o que nos aconteceu. Curadas, voltamos para a casa de nossos pais, que não nos receberam como esperávamos, pois o medo da doença não os deixava dar-nos o carinho de que precisávamos. A situação ficou insustentável. Resolvi ir para um templo para fugir da família, onde permaneci pelo resto da minha existência. Agradecia a Jesus ter sido curada, mas ao mesmo tempo me revoltava: ter sido curada para quê? Só mudara de local, vivia isolada, nunca mais olhei o mundo fora dos muros do templo onde jejuava em preces e meditações e trabalhava com plantas, preparando remédios para os necessitados. Uma vez por ano, durante uma hora, recebia a visita de nossa mãe. Por ela, soube que você se casou com um camponês, com quem teve três filhos, dois meninos e uma menina e que, não suportando a opressão familiar, abandonou os filhos e marido para juntar-se a um grupo de teatro ambulante. Ninguém mais soube notícias suas.

— Já nem me assusto mais com os fracassos de minhas existências. Fui curada por Cristo e nem este fato maravilhoso me impediu de errar. Mas, e você, que mais lhe aconteceu de importante?

— Vou contar duas passagens, pois também não me lembro de todas elas. Em uma encarnação, fui cigana, lia a *buena dicha*, junto com Everaldo, um belo rapaz ao qual me consorciei, e que me ensinou a lidar com cartas, jogos e ervas. Tornei-me a conselheira do grupo cigano. Pessoas vinham de longe me consultar. Ao som da gaita de Everaldo, levava os homens à loucura, dançando, dando-lhes esperanças e não indo além de inspirar-lhes desejos. Alguns se suicidaram por minha causa, pois através do jogo fraudulento Everaldo e eu, naquela época Carmem, os ludibriávamos, roubando-lhes a fortuna. Fiquei grávida e abortei duas vezes. Na terceira vez, não resisti e vim a falecer. Também curei a muitos com minhas ervas. Everaldo foi assassinado por um dos homens que ludibriamos. Passei por esta Colônia Maria de Nazaré, pois o aborto criminoso não deixa de ser um suicídio indireto, além de um assassinato cruel. Foi a única vez que aqui estive em tratamento, depois de resgatada do Umbral.

— Não se importa de contar sua história, não lhe faz mal?

— Não, já superei bem essas encarnações, quero agora é expurgá-las, tentando acertar desta vez.

— E a outra encarnação, como foi? Sempre somos vítimas e culpadas, não acha?

— Só agora me encontro em condições de resgatar esses débitos, pois em cada encarnação vamos modificando nossos destinos e só agora Everaldo e eu adquirimos compreensão e capacidade para resgatar os desatinos da encarnação como ciganos e da passada no Egito.

— Quer dizer que está será sua última etapa na Terra?

— Quem sou eu para ter este merecimento. Vou apenas tentar cumprir aquilo a que me propus. O resto só Deus sabe.

Meu esposo já se encontra encarnado, e agora que já a vi e completei meu estágio nesta Colônia, logo partirei também. Espero me sair bem na nova existência. Esta é minha vontade firme aqui no mundo espiritual, já como encarnada não posso dizer nada, minha vida dependerá de meu livre-arbítrio.

— Não entendo bem o livre-arbítrio, não quero reencarnar e me obrigam a fazê-lo.

— Não a estão obrigando, mas, pelas suas encarnações suicidas, não está em condições de saber o que é melhor para você. Se não resgatar os débitos pesados contraídos com os sucessivos suicídios, ficará sempre neste vai-e-vem. Você precisa evoluir, possui créditos para que isto venha a acontecer, já ajudou a muitos, curou muitas feridas, possui fé em Jesus, tem que se conscientizar da importância desta sua nova encarnação.

— Parece simples, ouvindo você falar assim, mas não é tão fácil quanto parece. Sei que vou sofrer muito, só não sei se terei forças para tanto.

— Pode ter certeza de que farei tudo para ajudá-la. Se viermos a nos encontrar – e tenho certeza disso –, você terá toda minha atenção.

— Não entendo muito bem, mas me parece que estas duas encarnações que você me falou, vão influenciar nesta sua nova existência, onde poderemos nos encontrar.

— Realmente, além dos erros da encarnação como ciganos, Everaldo e eu vamos resgatar com antigos desafetos a encarnação vivida no Egito Antigo. Era eu filha de pais pobres que me venderam aos dez anos a um Mestre da Magia. Desencarnaram oprimidos pelo remorso, quando viram no que me tornei mais tarde. Principalmente minha mãe.

Meu espírito inquieto não aceitava sem questionar o que queriam me impor como verdade. Meu mestre chamava-se Vantuir (antigo Everaldo), eu Ilíada (Cigana Carmem). Ele me ensinou a arte dos remédios tanto para salvar vidas como para destruí-las. Ensinou-me também a arte da bruxaria. Havia outras

jovens da minha idade para aprenderem a arte da magia, mas eu era especial para ele. Nova, cheia de ilusões, me apaixonei por ele. Uma paixão avassaladora tomou conta de nós. Perdemos a noção de dignidade e honra, queríamos amealhar dinheiro, e quem mais pagasse obtinha o que desejava. Ervas abortivas, remédios alucinógenos, tudo isso ligado à magia. Também salvamos vidas, Vantuir curava feridas da alma e do corpo, a muitos deu de comer e beber. Certo dia, o filho do faraó procurou-nos pedindo uma poção venenosa a fim de acabar com a vida de seu pai. Como pagamento, seríamos seus conselheiros. Ambiciosos, concordamos em dar-lhe o veneno. No palácio, nada ficava encoberto. Traidores estavam presentes em todos os cantos, também almejando ganhar as benesses do soberano. Como era de se esperar, fomos traídos, o filho do faraó preso entre paredes de pedras. Vantuir e eu fomos condenados à morte. Foi uma desencarnação de muito sofrimento, nossos inimigos nos esperavam, prontos a nos fazerem reviver os horrores da morte violenta. Não sei quanto tempo lá permaneci, não tinha mais consciência de Vantuir. Cansada, enfraquecida, pedi ajuda a Deus. Em determinado momento, uma mão me é estendida. Desesperada, agarrei-a e dali fui arrancada, caindo em profundo sono. Mais tarde fiquei sabendo que era a caravana de socorristas que, de tempos em tempos, por ali passava, e quando mãos benditas eram estendidas, aqueles que já se encontravam mais preparados agarravam-se a elas e eram salvos pela caravana abençoada.

— Como você sofreu! Pensamos que nosso sofrimento é grande, mas vemos que existem sofrimentos maiores que os nossos. Esta Colônia realmente ajuda a muitos necessitados. O mestre Vantuir também foi resgatado?

— Fiquei sabendo depois que seu estado era pior que o meu, seu espírito era mais endurecido. Cheio de ódio, dizia aos seus algozes que os destruiria através da magia. Levou um tempo maior para ser resgatado, mas um dia o auxílio divino chegou.

Nossa programação reencarnatória já está definida. Vou ter como mãe aquela que me vendeu no Egito e nutre muita raiva de Vantuir, meu pai será o filho do faraó que foi enterrado vivo, as filhas serão as que abortamos como ciganos e a que causou minha morte ao abortá-la, virá como neta. Seremos realmente uma família com grandes débitos cármicos.

— Como será difícil esse resgate! E eu que pensava ser o meu o mais complicado. Você e Vantuir estarão juntos novamente?

— Sim, iremos como cônjuges, com o propósito de salvar vidas. Esta é a minha história, Ametista, estou pedindo muita ajuda a Jesus, Maria, Deus e aos benfeitores espirituais para que consigamos nos sair bem nessa encarnação.

— Como é difícil compreender a máquina do tempo! Imagine como será mais difícil ainda quando eu estiver encarnada e me esquecer de tudo. Como vou conseguir perdoar aos que me fizeram mal, se não me lembrar de nada?

— Aprendendo a conhecer melhor sua intuição, seus dons mediúnicos, estudando o Espiritismo é que saberá com quem estará mais endividada. Algumas coisas ser-lhe-ão passadas, foi o que aprendi nos estudos que fiz aqui na Espiritualidade. Agora, acalme-se, já conversamos muito, suas vidas já estou a par delas. Jesus a abençoe, querida irmã.

Como tudo se encaixava! Quanta ordem e disciplina no resgate de vidas passadas! A espiritualidade fazia a sua parte, o resto dependia de nós.

XVI. Energização

Todas as formas de oração manifestam em si algo de superior. Quem ora está saindo de si, para encontrar Deus.

Projetando Luz no Lar – Mércia Aguiar.

No dia seguinte, fui levada por Irene à sala de energização. Encontrei-me com Madre Consuelo e naquele momento veio à minha lembrança o Convento, como traí sua confiança e burlei as Leis Divinas. Ela olhou-me com profundo carinho e pediu-me para deitar numa cama, onde luzes coloridas davam um tom suave ao ambiente.

— Antes de deitar-me, gostaria de saber por que tanto carinho de Alexandre e seu para comigo.

— Querida Ametista, você, Francisco e Alfredo nos são muito queridos. Tenho acompanhado algumas de suas encarnações e agora que vou reencarnar, levando como missão levantar a bandeira da Doutrina dos Espíritos, sabendo das dificuldades de vocês em aceitar as verdades dessa doutrina, propus-me a ajudá-los no Centro Espírita que fundarei.

— Você já nascerá espírita?

— Não, nascerei em um lar católico, mas me tornarei espírita na adolescência e me juntarei no futuro ao meu companheiro, que terá os mesmos ideais. Será um casamento por afinidade espiritual. Esperamos séculos por esse encontro.

— Alexandre também vai reencarnar?

— Não, ele será meu mentor espiritual. Estamos unidos pelo amor fraterno que ajuda e educa. Será ele quem me guiará espiritualmente nessa encarnação. Desde menina, ele estará comigo, e você o terá como um grande amigo neste lado de cá.

— Será que eu terei também um mentor para me ajudar? Como se chamará?

— Todos que renascem na Terra possuem um mentor, o anjo da guarda, mas poucos conhecem seus nomes, pois eles preferem trabalhar no anonimato. Claro que você terá o seu, além dos amigos espirituais que aqui ficarão orando e torcendo por você.

— Algo me veio à lembrança agora. Tentei envenená-la em uma de suas vidas, prejudicá-la a mando de um alto dignitário da Igreja, mas graças a Deus não consegui meu intento. Você teve ajuda nesse sentido? Possui uma alma gêmea, deve ser quem vai ser seu esposo nessa encarnação, e eu fui cúmplice da tentativa de afastá-la dele. Minha memória registrou de relance esse episódio de outras vidas, e vejo-a tão prestimosa em querer me ajudar. Sabendo do incidente em que quis prejudicá-la, ainda quer continuar me ajudando? Pode ser que venha a ter raiva de mim. Não serei uma pessoa grata em sua vida.

— Quem de nós já não errou? Esse episódio ficou no passado. Todos temos novas oportunidades. Vou ajudá-la no que precisar, meu maior desejo é o de encaminhar Francisco, Alfredo e você para conhecerem a Doutrina dos Espíritos. Tenho certeza de que ao conhecê-la, suas tendências suicidas desaparecerão.

— Sei que não sou um espírito fácil, afinal venho do Vale dos Suicidas. Irei embora deste plano espiritual com muitas indagações. Terão você e Alexandre paciência para me ajudar a resgatar débitos tão pesados?

— A paciência será um dos meus principais exercícios espirituais. Vou me esforçar ao máximo para adquiri-la. Não quero perder a oportunidade de colocar em prática o que tenho

aprendido em várias encarnações, pois sem a paciência, irmã da caridade, não estarei apta a praticar o bem a que me tenho proposto. Com a ajuda de Jesus e de Alexandre, espero poder cumprir bem a missão a que me propus, levando a quantos possa o conhecimento da Doutrina dos Espíritos.

— Você acha que vou conseguir não me suicidar nessa nova encarnação?

— Não posso afirmar nada, Ametista. Se isso fosse possível, seria apenas fatalidade, e não veríamos a mão de Deus misericordioso nesse contexto. Não se preocupe com isso agora. Lembre-se de que está mais consciente, e mãos se estenderão para ajudá-la.

— Como podemos, Francisco e eu, amar-nos tanto e não conseguirmos nos equilibrar? É incrível! Existem momentos em que penso estar sonhando. Tenho vontade de aceitar tudo como verdadeiro, mas algo dentro de mim, talvez minhas raízes católicas, que já coloco em questionamento, não me deixam acreditar na reencarnação, mesmo com o que me foi mostrado. Sei que ninguém mentiu para mim, é tudo a mais pura verdade.

— Para alguns, a passagem do Catolicismo para o Espiritismo é como se a porta se abrisse e tudo se esclarecesse, mas para outros, é uma transição difícil em razão das raízes fortemente solidificadas e de difícil extirpação. Quanto ao sentimento que a une a Francisco, até agora tem sido desequilibrado, e sentimento que causa dor não pode ser considerado amor. Ele se tornará real à medida que os dois evoluírem espiritualmente. O amor de dois corações, com o pensamento em Jesus, se conjuga com o amor ao próximo, não pode estar fechado numa gaiola. O amor tem que ter asas, ser livre para voar, ganhar altura, evoluir, um completando o outro, sem aprisionamento. Quando se encontram, vocês se esquecem das pessoas que os amam e querem seu bem. Terão de aprender que o amor é doação, concordância, harmonia, confiança mútua.

— Você ama assim, Madre Consuelo?

— Sim, nós nos amamos muito, sentimos um pelo outro um amor inigualável, mas não podemos nos perder nesse amor, temos de lembrar que vão existir sempre os que precisam de nós, temos que ter as mãos estendidas para os que necessitam de socorro. Será esta a missão mais importante na nova etapa de vida em que iremos nos unir, não podemos nos isolar em nosso amor, ele é uma dádiva que deverá ser estendida a muitos que a nós chegarão com fome e sede de justiça.

— Espero um dia conseguir me equilibrar com Francisco para sermos um só coração na ajuda aos necessitados. Sinto uma compaixão muito grande pelos que sofrem, os estropiados, em alguma vida minha devo ter me irmanado muito com os deserdados da sorte, os aflitos, os pobres de espíritos, pois embora tenha errado tanto, este meu lado de sentimento de pinçar feridas das almas, sobrepõem aos meus desejos inferiores.

— Sei, – disse Madre Consuelo, – este desejo é sincero em você, mas existem os estropiados, carentes de amor, dentro dos palácios, das casas nobres, dos ricos da matéria, mas pobres das verdades de Jesus, estes não necessitam de alimento material mas sim do pão espiritual, tendo de tudo financeiramente, nada possuem, pois ao perderem os bens materiais nada lhes salva para se agarrarem, onde muitos cometem o suicídio, ele é muito maior nas classes abastadas, falta de Jesus no coração.

— Nunca pensei por este lado, sempre me preocupei com os que passam fome de pão material. Não me sinto bem em lugares luxuosos, isso talvez venha dos meus votos de pobreza quando fui freira. É um novo ângulo para repensar meus conceitos.

— Esta nova encarnação marcará uma etapa nova de evolução. Vamos pedir sempre a Jesus que os abençoe e lhes dê força, coragem e muita fé para atravessarem as estradas que terão de percorrer.

— Tenho muito medo do que me espera.

— Deixe de se preocupar com o passado e com o futuro. Preste atenção ao presente, à música suave que eleva o

pensamento. Feche os olhos e acalme seu coração, Jesus está com você. Escute-O e grave suas palavras: "*Bem-aventurados os aflitos porque serão consolados*". Lembre-se da passagem em que ouviu o Mestre Amado, quando recebeu uma graça inigualável e esta lembrança a ajudará a encontrar seu caminho. Temos dívidas, carmas, mas podemos acabar com eles quando houver o perdão verdadeiro dentro de nós, como foi explicado por Alexandre.

Deitei-me na cama alva, confiante na presença de madre Consuelo, que me fazia um bem enorme, acalmava-me, dava-me segurança. Fechei os olhos e vi-me novamente ao pé do Monte, as palavras do Cristo enchiam minha alma e uma doce paz me invadiu, a suavidade do lugar era bálsamo para meu coração.

Com os olhos fechados, percebia uma fusão de cores energizando-me. Embalada pela voz do Mestre, música suave e cores tranquilizantes, adormeci em paz.

Não sei quanto tempo estive adormecida. Aos poucos fui retornando à consciência, lágrimas de alegria vinham aos meus olhos, devagar os abri, não sentia vontade de levantar. Meu Deus, como era reconfortante o estado em que me encontrava! Será que haveria solução para mim? Pela primeira vez, desde que dera acordo de minha nova existência, uma luz de esperança brilhou em meu coração. Sim, eu poderia me sair bem na nova vida que me esperava, eu tinha Jesus e Maria comigo. Nenhum esforço valeria a pena se eu não quisesse me modificar e, naquele momento, eu queria ser uma nova Ametista, me sair bem, acertar os ponteiros das existências passadas, assumir os erros e – o melhor que podia me acontecer –, eu não seria mais suicida. Acertaria, viessem os problemas, as dificuldades, eu as contornaria. Com o tratamento cromoterápico, minha disposição era outra, os pensamentos negativos tinham desaparecido, brotava a semente da esperança. Não queria mais ser o joio, queria ser o trigo bom, não podia e não queria mais lutar contra

a realidade, teria que reencarnar, viver novas experiências. Tantas mãos estendidas, tantas pessoas empenhadas em me ajudar! Não iria desapontá-las. Alexandre me preveniu com muita bondade, mas com firmeza, que se falhasse como suicida novamente, voltaria a Terra com limitações severas. Não havia mais opções para mim. Querendo ou não, naquele momento de minha vida, por decisão superior, iria reencarnar. Tudo fora escolhido cuidadosamente, minha família, parentes, sem minha participação. Vi que a única saída era aceitar o que me estava sendo oferecido com tanto amor e boa vontade.

Ao abrir os olhos fui surpreendida com a pergunta de Madre Consuelo:

— Então, como se sente?

— Pareço renovada, Madre. Ainda não havia me sentido assim otimista, cheia de força e coragem. Algo neste tratamento me fez muito bem. Sinto-me outra pessoa, mais confiante, equilibrada, sem revolta, a certeza de que tenho de experimentar a reencarnação apossou-se de mim. Foi efeito do tratamento?

— Sim, o tratamento de energização pelas cores aqui é profundo. Atingindo diretamente a raiz dos problemas, cauteriza as feridas do espírito, mas cada pessoa o recebe de uma forma. Vejo que com você aconteceu verdadeira catarse espiritual, praticamente destruindo as suas próprias influências negativas. A auto-obsessão provoca um medo exagerado, angustia e torna a pessoa incapaz de pensar e agir por conta própria. Não esperávamos uma reação tão positiva de sua parte no primeiro dia de tratamento. Todos os que estão empenhados em sua recuperação ficarão felizes por você.

— Minha expectativa da vida é outra, sinto que agora posso partir para uma nova experiência no corpo físico, não vou me suicidar, passe o que passar, serei forte e não voltarei para o Vale dos Suicidas. Sei que vou ser perseguida por idéias suicidas, que vou combater com todas as forças.

— Jesus a abençoe. Hoje é um grande dia para nós que estamos empenhados na reconstrução de sua vida. Todos os

interessados em sua transformação espiritual já tomaram conhecimento do que lhe acontece, tudo agora ficará mais fácil. Marcaremos mais duas sessões de energização e uma reunião com Alexandre para finalizar os assuntos pendentes. Agora, pode sair e aproveitar esta sua nova fase de compreensão. Até logo, Ametista.

XVII. Coral

*Pode a estrada ser fria,
No entanto Deus te aquece.*

Tocando o Barco – Emmanuel – Francisco Cândido Xavier.

Levantei-me e saí trêmula de emoção. Achava a Colônia mais bela ainda. Tudo era encantador.

Avistei Alberto junto a outros irmãos e fui ao seu encontro.

— Como vai, Alberto? Sentindo-se melhor?

— Olá, Ametista, ainda não passei pelo tratamento de energização, devo fazê-lo amanhã. Quem já passou por lá diz que faz excelente efeito sobre nossas energias.

— Acabei de sair de lá e para mim foi uma verdadeira cirurgia espiritual.

— Não a apresentei aos amigos. Irmãos, esta é Ametista e se encontra na mesma situação nossa: suicida.

Todos me cumprimentaram, mas chamou-me a atenção uma jovem que deveria ter, no máximo, quinze anos.

— Percebo, disse Alberto, que você está pensando que a menina Andrea não pode ser suicida, por ser muito nova. Na realidade, ela aqui se encontra porque já possui bastante esclarecimento sobre seu suicídio, senão estaria na ala das crianças.

Vendo meus olhos de espanto, ponderou:

— Não se surpreenda. Aqui na Colônia existe uma ala destinada a crianças suicidas, em número muito maior do que se

possa imaginar. No mundo todo, crianças matam-se, só que este assunto quase não é discutido entre as pessoas. O medo e a falta de conhecimento doutrinário espantam a vontade de enfrentar a realidade. Aliás, o suicida ainda é considerado um covarde e não um doente necessitado de cuidados especiais. Andrea, você quer contar a Ametista sua situação?

— Não me importo de falar sobre o que aconteceu comigo. Sou nova nesta roupagem de minha última encarnação, mas de espírito velho no contar dos tempos. Venho tentando acertar há várias encarnações. Infelizmente fui reprovada, não resisti à perda dos entes queridos, que desencarnaram nas guerras entre árabes. Vendida como escrava, passando de mão em mão, jogada como dados ao vento. Grávida, vi-me só e abandonada, sem saber quem era o pai de meu filho. Desesperada, enforquei-me numa árvore e depois de sofrer no Vale dos Suicidas, eis-me aqui aprendendo novamente a lei de ação e reação. Em breve partirei como missionária para a Palestina, onde ensinarei a quantos possa o valor da vida. Por piores que sejam as dificuldades e tormentos, não temos o direito de tirar a vida que nos foi dada pelo Criador. Sei que vou para um lugar onde a palavra guerra é lei, mas já sofri os horrores da guerra e agora volto com mais força, coragem e esperança. Quero continuar a trabalhar pela Palestina, mas de outra forma. Conseguindo quitar meus débitos, desejo auxiliar, no plano espiritual, nos hospitais improvisados nos campos de batalha, para ajudar a resgatar os espíritos dos combatentes.

Olhei aquela jovem com profunda admiração: errara, caíra e se levantava das cinzas mais forte do que nunca.

— Pensava que para esta colônia só viessem brasileiros como nós, disse um dos presentes.

Alberto esclareceu:

— Andrea foi trazida com outros palestinos pela equipe de Bezerra de Menezes, que, incansável, percorre o mundo em ajuda aos que necessitam de apoio espiritual. Seria muito egoísmo ajudar só a compatriotas.

Respirou, dando espaço para alguma pergunta, e continuou:

— Temos que ter esperança, modificaremos nossos destinos, se conseguirmos perdoar aos que nos ofendem. Voltaremos a nos encontrar aqui no mundo espiritual, com a verdadeira felicidade dentro de nós, com a lição de casa feita. Também estou com esperança de que desta vez irei me acertar no planeta de provas e expiações. E você, Ametista, como se sente em relação à sua partida para a Terra?

— Estou com a mesma esperança. Partirei para a nova vida mais alegre, otimista, tentarei transmitir minha fé em Cristo, através da alegria que farei brilhar à minha volta. Algo me diz que vou sofrer muito, pois são pesados os débitos que possuo, mas com tanta ajuda, voltarei para cá pelas vias normais.

Palmas foram ouvidas e vimos Irene que aplaudia, com um sorriso nos lábios.

— Gostei muito de ouvi-la falar assim, Ametista. Finalmente saiu do marasmo espiritual em que se encontrava. Agora poderá ser realmente ajudada, você quer ajuda e a terá agora em melhores condições. Você tem toda a razão em querer reencarnar alegre. Ninguém gosta de estar ao lado de pessoas mal-humoradas. A alegria faz parte da felicidade. Venha hoje à noite participar dos corais aqui existentes. Não vivemos aqui só de tristezas, temos um verdadeiro oásis de felicidade dentro da Colônia. Todos estão convidados a participar. Até mais.

Nestor, um senhor que ali se encontrava, falou:

— Quem nos vir aqui conversando, um grupo tão fraterno e amigo, pode achar que estamos bem, que afinal suicidar não é tão ruim assim. Fazemos aqui grandes amigos, somos amparados, ajudados, é o que ansiamos ao nos suicidar: amigos que nos compreendam. Só que eles não imaginam o horror por que passamos até chegar a este estágio. Para mim, foi tudo muito, mas muito trágico mesmo, o meu ato suicida. Agora que ficamos amigos, nos amparamos, assistimos ao coral, mas sabemos que

vamos nos separar e retornar à matéria em condições piores do que antes, num recomeço amargo e triste. Não sei por que isto me passou pela cabeça agora, talvez para que não nos iludamos com a realidade e possamos aproveitar cada minuto aqui como uma pausa feliz, para termos forças de continuar nossa jornada.

— É isso aí, irmão, alegria, felicidade, sem ilusão de que tudo é um mar de rosas, falou Andrea.

Ficamos por ali conversando, comprometendo-nos a ajudar o próximo que iríamos encontrar na Terra. Será que nos reconheceríamos? Cada um de nós evitou lembrar sofrimentos. Anedotas foram contadas e nós rimos, esquecidos dos compromissos futuros. Não sentíamos mais fome, sede ou frio. Conversamos amenidades e as horas transcorreram agradáveis.

Caindo à noite, nos dirigimos ao anfiteatro. Não conseguiria jamais descrever o que ali presenciei. Melodias e vozes em cantos de anjos enchem o ambiente. Confetes coloridos caíam sobre nós e as canções penetravam em nosso íntimo, dando-nos uma sensação de paz inexplicável. Parecia-nos estar no céu. Hosanas eram cantadas assim como Ave-Marias. Parecia um sonho, confetes coloridos caíam sobre nós em abundância, só que ao tocar-nos desapareciam como por encanto. Mais tarde soube que os confetes coloridos eram fluidos de orações que na Terra eram oferecidas à Colônia Maria de Nazaré e faziam parte de nosso tratamento. Pensei em Francisco e uma saudade doce me encheu o coração. Senti vontade de tê-lo ao meu lado, mandei-lhe minhas orações em forma de confetes coloridos, lembrei-me também de Alfredo e enviei os confetes para ele.

Com voz macia e calma, um Espírito de muita luz disse:

— Oremos, queridos irmãos, ao término desta reunião. Tenhamos a fé que transporta montanhas, destruindo obstáculos e inimigos. Elevemos nossos pensamentos a Maria, mãe de Jesus, que criou esta Colônia em nome de seu filho amado, para abrigar os irmãos desvalidos de entendimento da pérola preciosa que é a vida. Agradeçamos a Ela a oportunidade de terem chegado

aqui, saindo do estado primitivo e conseguirem se inebriar com músicas sutis que encham o coração de paz, que amenizam suas tristezas com os acordes de uma harpa, de um violino, de um coral harmonioso. Agradecemos ao seu filho amado Jesus a oportunidade de reconhecer as faltas cometidas, já em condições de querer repará-las com a certeza da misericórdia de Deus. Oremos pelos irmãos que ainda não conseguiram as bênçãos da compreensão. Unidos em um só desejo de ajudar o próximo, oremos a Ave-Maria, para que ela também proteja a todos que estão aqui:

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós, entre as mulheres, bendito é o fruto de vosso ventre, Jesus. Santa Maria, mãe de Jesus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nosso desencarne, Amém!

Ficamos paralisados de emoção. Nada nos preparara para momentos tão sublimes. Pensava eu que no mundo espiritual só havia choro e ranger de dentes, mas estava conhecendo um instante no paraíso. Meu pensamento começou a me levar ao propósito de não reencarnar, mas no mesmo instante a razão tomou conta de mim: não tinha mais o direito de ser obstinada depois de tudo o que me fora esclarecido.

Acalmei meu coração e saí com os outros para o descanso necessário. Abracei Madre Consuelo e Irene. Nada dissemos. Percebi quanto meu espírito estava preso às raízes católicas. Foram necessárias as recordações de minhas vidas passadas como suicida, minha estada no Monte com Jesus, para conseguir ser ajudada. Como dera trabalho à espiritualidade, principalmente ao Alexandre que fora tão paciente comigo! Outras recordações vinham espontaneamente à minha memória. Não poderia e nem seria necessário recordar todas as vidas passadas, mas acalmava meu espírito saber que se em algumas fora algoz, em outras fora vítima e, mesmo errando, tinha Jesus comigo e tentava ajudar os menos favorecidos. De repente,

lembrei os filhos que abandonara, para seguir uma companhia de teatro. Quanta inconseqüência! Havia acabado de ser curada por Jesus, tinha-O no coração e nem este sentimento fora suficiente para levar avante meu compromisso maternal.

O que teria sido feito dos meus filhos? Não tive resposta à minha pergunta. Nas manhãs seguintes, fiz mais energizações com Madre Consuelo. A cada sessão sentia-me mais forte, parecia que minha parte negativa caía no vazio.

Madre Consuelo e eu conversamos muito. Quando lhe perguntei por que o Espiritismo pregava o resgate de alguma coisa feita em vidas passadas, ela respondeu:

— Na Terra, quando alguém deve alguma coisa, tem um débito e quando tem algo a receber, tem um crédito. Se deve a um banco e não paga, os juros altos vão se acumulando e não há perdão, tem que pagar a dívida. Se não o fizer, suas propriedades respondem pelo débito. Quando se contraem débitos no banco da vida, no plano espiritual, a cobrança é diferente: o devedor deve fazer reforma íntima, ser menos orgulhoso, egoísta, fazer todo o bem possível e reparar o mal cometido, o que é feito em várias encarnações. Por esta razão é que vemos pessoas boas, honestas, sofrerem sem nenhuma razão aparente, mas que na verdade não liquidaram suas transações no banco da vida. E se revoltam, acumulam mais dívidas. Promissória assinada, certeza de pagamento. Conseguem entender, Ametista, que não foi a Doutrina Espírita que criou as normas de bem viver?

— Entendi sua explicação, Madre Consuelo. Você já conhecia Irene, minha velha amiga?

— Todos os que trabalham na seara do bem um dia se encontram. Temos muitas afinidades espirituais, nos conhecemos aqui e já nos comprometemos a ajudá-la, cada uma na sua área.

XVIII. Projeto Reencarnatório

Somos espíritos faltosos, que procuramos a redenção dos erros cometidos.

Projeto Dois Corações – Mércia Aguiar.

Com o passar do tempo, formamos uma verdadeira família espiritual, cada um interagindo com o outro.

Não nos era permitido ir a alguns lugares da Colônia, esclareciam-nos que era para nos proteger, pois havíamos passado por momentos difíceis e na fase em que nos encontrávamos, não seria bom vermos os sofrimentos dos que ainda levariam algum tempo para se ajustarem. Numa manhã, Madre Consuelo chamou-me para conversar:

— Ametista, é chegado o momento de compartilhar com os irmãos interessados os ajustes finais para sua reencarnação.

— Quer dizer que tenho de me preparar para reencarnar?

— Vejo que ainda tem medo e dúvidas. O que não conseguiu realizar aqui, espero que consiga no corpo físico, com o apoio da Doutrina Espírita. Peço a Jesus e a Maria que a ajudem em seu crescimento espiritual.

— Também peço a Deus para que a dúvida seja varrida de minha mente, não quero mais desrespeitar as leis de Deus, tenho de deixar para trás as reencarnações tumultuadas e infrutíferas.

— Não foram infrutíferas, pois ninguém retrocede, você cresceu espiritualmente em vários pontos, mas existem arestas a serem aparadas. Você aprenderá o quanto a disciplina é importante para nosso crescimento. Trataremos destes acertos depois. Hoje à tarde iremos para Nosso Lar, ao Departamento Reencarnatório. Alexandre, Irene, Francisco, Alfredo e outros amigos esperam-na para os últimos preparativos. Poderíamos até volitar, mas você ainda não se encontra preparada, por isso, iremos de aerobus.

— Espero não desapontá-los desta vez. Aqui adquiri muita paz. Gostaria de saber se parto em definitivo ou ainda volto para cá.

— Você retornará a esta Colônia, terá ainda um tempo de aprendizado, enquanto espera sua partida para a Terra. Aproveite ao máximo sua estada no mundo espiritual, pois maiores chances terá de acertar na sua nova roupagem terrestre. Vou agora ultimar os preparativos da viagem. Logo sairemos. O aerobus já se encontra estacionado na frente do prédio.

Quando entramos no aerobus, outras pessoas já ali se encontravam, inclusive Alberto que me disse estar indo também para minha preparação reencarnatória. Perguntaram-lhe se aceitava me ajudar, já que reencarnaria na mesma época e lugar, e ele se prontificou a fazer o que estivesse ao seu alcance. Andrea também ali se encontrava, a jovem palestina. Percebi a presença de vários espíritos estrangeiros, que falavam em guerras santas, armas: iriam eles reencarnar?

Madre Consuelo pareceu ler meus pensamentos:

— Ametista, a maioria aqui hoje é de espíritos de palestinos, muçulmanos que desencarnaram em guerras. É muito forte nesses espíritos a paixão pelas armas. Possuem um sentimento nacionalista exacerbado, uma religiosidade fanática, que não conseguiram modificar aqui na espiritualidade. Estão partindo hoje das colônias em que estavam alojados para a Colônia Cristã, onde se aprofundarão em estudos, meditações

e tratamento espiritual, para chegarem a uma melhor compreensão de que todos somos irmãos, não havendo necessidade de matar em nome de Cristo.

Temos aqui espíritos de todas as raças e credos. Cada um chega com seus problemas e todos precisam ser instruídos com respeito às suas convicções religiosas. Esses palestinos e muçulmanos que aqui se encontram já são capazes de entender as verdades do Consolador prometido, por isso serão encaminhados para a Colônia Cristã, onde darão continuidade aos estudos, podendo sair de lá transformados em líderes espirituais, políticos idealistas, estadistas que lutarão pela paz mundial. Nem só de espíritos maus a Terra está povoada. Existem os heróis, às vezes anônimos, que transitam pelo mundo, acalmando os ânimos e dignificando a raça humana. Como você não conseguiu entender o significado da reencarnação, o mesmo acontece com esses espíritos. Trabalhar com os indianos, por exemplo, é mais fácil, pois já trazem de seus ancestrais as noções da vida após a morte.

— É verdade. Como nossas raízes são fortes! Como é difícil modificar convicções fortemente arraigadas!

O tempo passou rapidamente. Quando estacionamos, poucos foram os que desceram na Colônia Nosso Lar. Despedi-me de Andréa, desejando-lhe sorte. Os outros seguiram para a Colônia Cristã, onde iriam aprender as verdades espirituais.

Ao descermos, já nos esperava uma espécie de charrete sem cavalos que logo se levantou e seguiu em direção ao que me pareceu ser um campo de golfe. Me senti feliz e confiante por ter Alberto ao meu lado, pois tornara-se grande amigo meu e de Francisco, transmitindo-nos valiosos ensinamentos.

Alexandre, Francisco e Irene esperavam-nos em frente de um dos prédios. Abracei a cada um em particular. Percebi, ao abraçar Francisco, o quanto ele me fizera falta, quanta saudade sentira de sua presença, mas algo estava diferente. Já não sentia o vazio de antes, um forte sentimento de amor universal

começava a transformar meu íntimo. Olhava-o com amor, um grande amor, e sentia da parte dele a reciprocidade. O que teria acontecido conosco? Sentíamos-nos mais próximos do que antes, mas, ao mesmo tempo, sabíamos que naquele momento seria impossível nossa união. Precisávamos merecer o amor que nos unia. Nosso amor criara responsabilidade, dignidade, não queríamos fazer ninguém mais sofrer por nossa causa. Sentimos tudo isso no instante em que nossos olhos se encontraram: era o amadurecimento espiritual.

— Filha querida, que prazer revê-la! Espero que tenha aproveitado bem sua estada na Colônia Maria de Nazaré – disse Alexandre, interrompendo aquele momento mágico.

— Com a ajuda de Madre Consuelo, Irene, Alberto e outros amigos que lá fiz, consegui me restabelecer e já consigo pensar nos acontecimentos com mais coerência e ânimo.

— Que bom, Ametista! Esperávamos esta reação de sua parte, e o que se passou há pouco entre Francisco e você corrobora a certeza de que tudo está se encaminhando para melhor. Vamos entrar, não devemos perder mais tempo, ele é precioso demais.

Adentramos um pavilhão de arquitetura completamente diferente do que até então tinha visto. Como tudo era belo! Sentia minha sensibilidade mais apurada. Conseguia até sorrir. Realmente, o tratamento e o tempo passado na Colônia Maria de Nazaré tinham provocado efeito salutar em mim. Estava menos angustiada, mais confiante no amanhã.

Sentei-me perto de Francisco, sorri para Irene que havia conquistado meu coração como verdadeira amiga e irmã, percorrendo os olhos pela sala, deparei-me com Alfredo. Sim, era ele. Era também a primeira vez que nos víamos depois de nossas provas. Ao cruzarmos os olhos, um grande medo se apossou de mim. Como iríamos acertar nossas vidas? O olhar de Alfredo não revelava felicidade em me ver.

Alexandre dirigiu-se a nós:

— Filhos queridos, já devem ter percebido que não se sentem estranhos, é como se um laço familiar os unisse. Estamos aqui, com as bênçãos de Jesus, para tomarmos providências reencarnatórias referentes a todos. Alguns de vocês vieram de outras colônias, outros aqui já se encontravam. Passaram por diversos tratamentos, estudos e já são capazes de compreender o que vamos dizer agora. Como já sabem, estamos no Ministério da Reencarnação da Colônia Nosso Lar. Não há uma razão específica para esta reunião ser feita aqui, poderia ser em outra colônia, pois varias delas possuem suporte espiritual para tanto, mas esta foi a escolhida. Alguma pergunta?

Como ninguém se manifestasse, continuou sua explanação.

— Alguns reencarnarão logo, outros ficarão esperando a seqüência reencarnatória. Estamos empenhados em desfazer a teia de armadilhas obsessivas que criaram em torno de si. Alguns não farão parte da mesma família consangüínea, mas estarão ligados por laços espirituais. Muitos aqui já estão com sua programação reencarnatória elaborada. Pessoas desconhecidas até agora, seja por afinidade espiritual, ou simplesmente por necessidade, se agruparão a vocês mais cedo ou mais tarde, formando grupos espirituais que ajudarão a abrandar corações embrutecidos no escoar do tempo. Os que hoje aqui se encontram, talvez não tenham laços de sangue com a Ametista, mas todos terão conexão espiritual com ela, e deverão se apoiar mutuamente.

— Quer dizer que seguiremos nossos caminhos, cada um cuidando de sua vida no corpo físico, mas separados ou não, teremos relacionamento com Ametista, fala Alberto.

— Perfeitamente, Alberto. É exatamente isso que acontecerá. Ametista e Alfredo partirão para a crosta terrestre, e cada um de vocês se aproximará deles no momento certo, dependendo do livre-arbítrio de cada um. O tempo urge, não podemos mais esperar. Não sabemos o que lhes acontecerá

quando encarnados, vocês é que decidirão o que fazer de suas vidas. Não conseguiram, aqui no mundo espiritual, aparar todas as arestas, por isso precisam de um corpo físico para ajudá-los a evoluir mais rapidamente.

Respirou profundamente, olhou-nos e continuou:

— Junto a Ametista e Alfredo estarão espíritos endividados, mas a maior dívida é de um em relação ao outro. O comprometimento maior para essa encarnação será a compreensão mútua, para não falharem novamente. Os filhos de Ametista e Alfredo serão aqueles que ela abandonou ao se consorciar com ele na encarnação em que adquiriu lepra e, mesmo curada por Jesus, seguiu um grupo de teatro que passou pela cidade. Fugiu à sua responsabilidade de mãe e de esposa. Serão dois meninos e uma menina. Aproximem-se, por favor.

Olhei-os, abracei um por um, pedindo perdão por tê-los abandonado um dia. Alfredo apenas balançou a cabeça.

— Alfredo nascerá numa família muito pobre, e Francisco será seu irmão que desencarnará poucos dias após o nascimento. Alfredo será o esteio da família comprometida na época das cruzadas e Ametista estará ao seu lado. Se souber aproveitar a oportunidade, vai ajudá-lo com a família, pois já recebeu maiores esclarecimentos. Chegará até Ametista uma parenta de Alfredo, que foi sua filha e de Francisco na encarnação em que se atirou de um rochedo. Ela estava grávida, mas não foi diretamente culpada desse aborto, pois desconhecia a gravidez. A criança nascerá frágil e caberá a Ametista encaminhá-la na vida espiritual, porque terá uma vida difícil ao lado de parentes também difíceis. Será sua filha espiritual. Deverá encaminhar também uma filha de Francisco, que chegará até ela em desequilíbrio espiritual, por haver lesado seu perispírito em desregramento de outras existências. Francisco a ajudará no plano espiritual, e Ametista a auxiliará na matéria. Será um caso difícil de ser solucionado, mas não impossível, vai depender do amadurecimento e do livre-arbítrio dos envolvidos. Alguns espíritos, como filhos abortados,

abandonados, outros apenas por conhecê-la no mundo espiritual, outros tantos apenas necessitados de compreensão e amor, chegarão à vida de vocês. Mais cedo ou mais tarde todos se agruparão. Ametista será filha dos pais que a abandonaram quando da lepra. Sua mãe será católica fervorosa e não passarão grandes dificuldades financeiras.

Como suas raízes são católicas, nascerão em lares católicos, fazendo a transição para o Espiritismo no corpo físico, alguns pelo amor, outros pela dor. Seus irmãos de sangue, Ametista, são débitos passados a serem ressarcidos nesta encarnação, vocês serão duas meninas e dois meninos. Enfim será uma família que vai se desfazer com o tempo, cada um tomando seus próprios rumos. Esta será a família que terá ao chegar a Terra. Na adolescência, falarão a educação oferecida por seus pais, suas tendências de outras vidas e seu livre-arbítrio. Por estas razões, a adolescência quase sempre é tumultuada, pois o jovem não sabe direito o que lhe está acontecendo, pois chamado a cumprir seu papel, nem sempre faz as escolhas certas. Sentindo-se perdido, quando não encontra respaldo na educação dada pelos pais, e seguindo as fortes tendências de outras vidas, sentindo-se frustrado e incompreendido, usa mal seu livre-arbítrio, partindo muitas vezes para os vícios e a degradação moral, vindo a falir em mais uma encarnação. No entanto, muitos jovens fazem escolhas certas, tornando-se adultos capazes de enfrentar as dificuldades com coragem e fé. Assim poderá acontecer com você, Ametista, seu caminho, sua vida tomará o rumo que desejar.

Irene, Madre Consuelo, Alberto e tantos outros amigos a encaminharão à Doutrina Espírita, no momento certo, dando-lhe o suporte necessário. Sua vida não será fácil, não vou enganá-la, não por não ser espírita, mas porque seu comprometimento espiritual é muito grande. Reencarnará com o perispírito em estado lastimável, devido aos três suicídios cometidos, mas o tempo passado aqui a ajudará muito, seu inconsciente levará registrado o amor universal que aqui aprendeu, a fé em Jesus e

Maria a sustentará nos momentos difíceis. Apesar disso, só seu livre-arbítrio poderá falar por você, apenas estamos falando da programação reencarnatória. Nascerá com tendência ao suicídio e caberá a você resolver o que fazer em relação a isso. Com o passar dos anos, se estiver no caminho certo, por intuição, conseguirá reconhecer os que hoje presenciam esta reunião espiritual, pois um grande grupo de espíritos reencarnará mais ou menos na mesma época em missão de reajustes espirituais. Irene e Consuelo não possuem vínculo cármico com você, mas ao reencontrá-las no plano físico sentirá grande afinidade espiritual, pois se propuseram a ajudá-la na travessia terrestre.

Peço a Jesus que abençoe a todos nesta nova tentativa de aprendizado, Ele iluminará o caminho de vocês. Perseverem no bem, lembrem-se de que “o amor cobre a multidão de pecados”. Só o amor constrói alicerces sólidos, só o amor é capaz de perdoar, só o amor vence o egoísmo. Estejam na paz do Mestre Jesus, que Ele os ajude a fazer a travessia no Planeta de Provas e Expições, para que possam merecer a ida para um Planeta de Regeneração. Parto agora para novos compromissos, mas sempre que puder mandarei meu recado seja através da palavra, de um olhar, de uma mensagem ou simplesmente através de um crisântemo. Ametista, por minhas mãos partirá para a nova existência. Quando estiver resolvida, me farei presente, dando início à sua reencarnação, só dependeremos do seu sinal de aprovação.

A luz brilhante que envolvia o mentor Alexandre, aos poucos foi se extinguindo, deixando apenas a saudade de sua presença e a certeza de que fizera tudo para nos ajudar, cabendo a nós fazermos nossa parte.

Sabíamos que a nossa separação era iminente, uma questão de tempo. Só nos encontraríamos novamente, com nossas lembranças plenas, ao deixarmos a nova vida que nos esperava. Francisco abraçou-me, profundamente comovido. Selamos nosso desejo de acertar. Ficamos entrelaçados.

Queríamos nos separar, mas algo mais forte nos juntava e foi com dificuldade que conseguimos separar-nos. Eu disse: — Te amo. Ele respondeu: — Eu também a amo. Olhamos para Alfredo que nos observava à distância, com a fisionomia carregada e fomos até ele.

— Seremos irmãos de sangue, Alfredo, temos que nos perdoar — disse-lhe Francisco.

Ele permaneceu calado, e como não sabíamos o que pensava, sentimo-nos impotentes frente à situação. Enfrentando sua mudez, dirigi-lhe a palavra:

— Alfredo, esqueçamos nossas desavenças, tentemos restabelecer entre nós se não o amor, pelo menos a amizade sincera, a confiança mútua. Já sofremos demais, vamos harmonizar nossa vida conjugal e já que seremos íntimos, vamos gerar filhos, esqueçamos o passado, perdoemos-nos em nome de Jesus.

Alfredo respondeu:

— Não sei, Ametista, guardo dentro de mim muita mágoa, ressentimento, não sei se vou conseguir perdoá-la um dia.

— Só nos sentiremos livres deste carma que nos sufoca, no momento em que houver o perdão. Eu vou lutar e pretendo alcançar esta graça, Alfredo, e espero o mesmo de você.

— Não posso prometer nada agora, só o futuro poderá mostrar se seremos capazes de cortar esta corrente que nos aprisiona. Ainda sou muito primitivo, pouco me interessa pela vida espiritual, acredito em Deus e isto me basta. Parece que você está mais apta do que eu para entender melhor o lado espiritual da vida. Espero que possa me ajudar no corpo físico. Venho das regiões umbralinas e já parto para outra existência. Dizem que é preciso aproveitar o momento em que espíritos estarão à nossa espera para ajudar, mas não acredito em nada disso, só não queria estar perto de você, mas ao mesmo tempo você me atrai, num misto de amor e ódio. Não gosto de conversar com você, pois algo me diz que quer me controlar. Vamos ver o que vai acontecer.

— Tentarei amá-lo, facilitando nossa convivência. Será um casamento de expiação.

Indiferente, Alfredo se afastou.

Meus futuros pais, amigos, se aproximaram e nos abraçamos, desejando-nos sorte mútua.

Disse adeus também para as queridas amigas Irene e Madre Consuelo, que não mais me acompanhariam na volta à Colônia Maria de Nazaré, pois preparavam se para reencarnação próxima.

— Espero cumprir bem minha missão. Não sei como agradecer a ajuda que me deram, o carinho e amor com que fui tratada, principalmente por você, Madre Consuelo que teve tanta paciência comigo, espírito obtuso que já a prejudicou em existências passadas. Obrigada e, se Deus quiser, farei tudo o que estiver ao meu alcance para reencontrá-las na Terra, junto com minhas dúvidas, que vocês ajudarão a sanar.

Só o futuro diria quando nos encontraríamos de novo.

XIX. Raquel

*Ante o mal que apareça;
Calar, buscando o bem.*

Tocando o Barco – Emmanuel – Francisco Cândido Xavier.

Voltei para a Colônia Maria de Nazaré com Alberto e outros espíritos.

Ao chegarmos à Colônia, parecia-me ter chegado em casa. Sentia falta das amigas queridas, mas percebi que durante minha estada ali fizera amigos, e cada um deles me dizia palavras de conforto e esperança. Sinceramente, desejávamos que os companheiros cumprissem bem sua missão.

Tínhamos aulas sobre reforma íntima.

Percebi quanto tinha de me modificar, como teria de levar com seriedade minha mudança interior. A mudança teria que vir de dentro para fora, não falar o que o coração não sentia, ser menos imediatista. Teria que fazer o aprendizado da paciência, do amor à vida. Estava ali o meu ponto fraco – amar a vida. Como conseguiria esse feito, se nem queria renascer? Quanto mais estudava, meus horizontes iam se abrindo e aprendia a lei de ação e reação, embora sentisse meu futuro mais nebuloso, principalmente quando me lembrava de que não teria muita ajuda de Alfredo, que inconscientemente não me ajudaria a crescer espiritualmente. Teria que fazer isto sozinha, por nós dois, até conseguirmos um relacionamento amistoso, ou através do perdão sincero, a separação espiritual ainda quando encarnados.

Tínhamos também o estudo sistematizado da Doutrina Espírita. O anfiteatro ficava cheio de espíritos, alguns encarnados, que se desligavam do corpo físico e participavam daqueles estudos e, de repente, quando acordados, procuravam a Doutrina Espírita, porque já estavam preparados. Como as orações ajudavam esses espíritos recalcitrantes! Através das orações dos entes queridos, eles eram trazidos para as aulas. Chegavam envolvidos em uma aura de luz e ficavam escutando e aprendendo. Senti o quanto a oração era importante. Às vezes, encontravam-se mãe e filho, cônjuges, amigos encarnados, que em algum momento de suas vidas seriam tocados pela luz do amor e da fé, ainda que através da dor. Chamavam-me a atenção também as aulas sobre Evangelhoterapia, fascinavam-me as pregações de Jesus. Cada passagem do Evangelho me enchia de ânimo e coragem, fortalecendo minha fé. O que mais me tocava no Evangelho era o Sermão do Monte. Naquelas palavras, havia conforto e compaixão por todos nós que sofriamos. Éramos suicidas, unidos num só desejo: cumprir bem nossa missão, fosse ela de que natureza fosse. O mais importante era não mais cometermos suicídio. Quinhentos anos haviam transcorrido desde meu último suicídio até o ponto em que me encontrava. Tanto tempo na Espiritualidade e eu ainda com tanta resistência em reencarnar, pelas minhas dúvidas e teimosia. Não poderia me enganar e enganar os que me ajudavam, dizendo que acreditava em tudo o que me diziam. Sentia que teria de achar meu caminho através da dor, para um dia acreditar na reencarnação, na Doutrina dos Espíritos, pois o amor não me levaria até ela, disse tinha consciência plena. Acreditava ser ela o suporte mais seguro para desencarnar pelas vias normais na minha nova existência no plano físico. Conversávamos muito entre nós, e Alberto era nosso professor.

Um dia, fomos visitar uma colônia de escritores. Fiquei tão encantada com o que presenciei ali, que firmei o propósito de escrever sobre o suicídio, ainda encarnada na Terra, dando-

me como exemplo vivo para ajudar pessoas que travam a batalha entre a vida e o suicídio. Não teria vergonha de me expor.

Perguntei a Raquel, que era espírita convicta e viria a reencarnar em missão com as letras e as leis:

— Você acha que poderei escrever sobre tudo o que passei, acha que ajudaria alguém?

— Claro, Ametista, se você tiver o dom da escrita, vá em frente, também vou reencarnar e, no que puder, a ajudarei, pois tomei conhecimento de seu caso e sei o quanto vem sofrendo.

— Você não gostaria de escrever no meu lugar? Passo minhas experiências a você. Fica perfeito, pois não sou escritora.

— Seria usurpar sua vida, não seria digno de minha parte e também não quero errar na encarnação que se aproxima, mas posso ajudá-la no que for preciso. Vamos confiar e acreditar que vai escrever, pois com seu exemplo poderá ajudar a muitos.

— O que você fez para reencarnar novamente?

Esta pergunta já se tornara normal entre nós.

— Escolhi viver na Terra envolvida com leis, porque não posso mais burlar os direitos humanos. Quando fui escrivão — era homem naquela época — nas prisões da Inquisição, burlei muitas leis em troca de dinheiro fácil e a muitas famílias prejudiquei mandando pessoas inocentes para as fogueiras. Vou tentar redimir-me, de vez que, sem consciência do mal que fazia, dediquei-me à escrita pornográfica, levando muitos a desvios sexuais, a desatinos inescrupulosos, desencaminhando jovens, que se lançaram à luxúria, encorajados por meus escritos. Escrevia em versos e os soltava nos palácios da França, com o pseudônimo de Duvalier. Fui preso, mas como tinha amigos influentes, me soltaram logo, para novamente banquetear a corte com meus escritos escabrosos. Desencarnei só, pobre e abandonado por todos. Tentarei resgatar esta e outras encarnações na minha nova etapa de vida, compromissada com a lei e com a literatura, dedicando-me aos jovens, ensinando o Evangelho de Jesus e, se possível, sendo sustentáculo de escritores, na correção exata dos preceitos evangélicos.

— Belo exemplo de vida você me dá, Raquel. Gosto de escrever e quem sabe nos encontraremos e você poderá me ajudar.

— Se nos encontrarmos, farei o que estiver ao meu alcance para ajudá-la, Ametista. Já me encontrará espírita, pois é o que pretendo ser ao encarnar. A Doutrina Espírita me fascina pela sua lógica. Vou tentar minha reforma íntima, pois sou muito independente. Vou trabalhar em mim a aceitação do outro.

XX. Elias

De que me valeria o conhecimento se eu não o utilizasse em prol do meu semelhante.

O Sapo Banguela – Izaura Franco.

Fiquei imensamente agradecida a Raquel, algo no meu íntimo me dizia que iria escrever um dia, e sua colaboração seria indispensável ao que pretendia fazer. Se tudo corresse como esperava, um dia me daria como exemplo de ex-suicida encarnada, não teria vergonha de me expor, pois o mais importante seria alcançar os corações feridos e machucados. Mas ao me imaginar escrevendo um livro espírita, dúvidas tomavam conta de mim. Percebia que na sua eterna bondade, a Espiritualidade me deixava entrar em contato com espíritos (já conseguia chamá-los de espíritos) que me seriam de extrema ajuda na nova existência. Não estaria só na Terra, meus preparativos espirituais estavam sendo intensos, mas mesmo assim a solidão era minha companheira. Trabalhava na Colônia Maria de Nazaré, o que muito me gratificava. Conversando com doentes menos graves, que desabafavam suas mágoas profundas, falando do que lhes sucedera, escutava-os com imenso carinho, lia páginas do Evangelho de Jesus, tentava confortá-los em suas dores, acalmar seus corações feridos, ora pela incompreensão dos entes queridos, ora pela decepção de se sentirem vivos. Era fácil para eu pinçar-lhes as feridas, pois eu própria me encontrava

na mesma situação. A diferença é que meu amor por Jesus era enorme e apesar de ter sido agraciada por Ele no Sermão do Monte, cometi o ato desatinado do suicídio, por isso minha culpa era maior e eu era consciente deste detalhe que fazia toda a diferença. Mas tentava reconfortá-los da melhor maneira que podia. Meu instrutor de então era Elias a quem insistentemente perguntava se eu tinha alguma chance de sair vencedora na nova vida.

Como todos os outros, ele me dizia que dependeria do meu livre-arbítrio quando encarnada. Sentia repulsa por esta palavra. Se tinha livre-arbítrio para fazer o que queria, por que não me deixavam ficar na Colônia, pois estava em paz ali, junto a amigos que me queriam bem? Estava consciente dos erros cometidos no passado, mas não queria voltar à Terra, onde sabia que me esperava o expurgo dos dardos venenosos que havia atirado em mim mesma e nos que me eram caros.

— Instrutor Elias — perguntei um dia — mesmo após nossas longas conversas, não consegui entender ainda o que seja livre-arbítrio.

— Vamos imaginar — disse ele — que o dia amanheceu e vamos sair a semear. Somos muitos semeando em um vasto campo preparado para o plantio. Cada um escolhe o que deseja plantar, a escolha fica a critério de cada um. Uns plantam flores, trigo, árvores frutíferas, outros semeiam joio, urtiga, praga, etc. O tempo passa, vem o sol, a chuva, e as plantas crescem. A semeadura foi livre, cada um plantou o que desejou, mas a colheita sim, será obrigatória. Quem plantou flores não vai colher urtiga.

Assim também é a existência de cada um. Na passagem pela Terra, o campo cultivado é a vida; as plantas a serem semeadas são as ações boas ou más que alguém pratica, e a colheita será o resultado do que cada um semeou. Às vezes, observamos pessoas boas colhendo frutos amargos numa existência, com certeza se não semeou erva daninha cultivou-a em outra encarnação e assim será, até que através do perdão, da reforma íntima, a semeadura vai-se misturando entre coisas

boas e ruins, chegando finalmente à bela plantação de flores. É um longo caminho a percorrer, não podemos olhar só a vida presente, realmente não haveria sentido em uma pessoa ser tão bondosa e ter tantas amarguras na vida, razão por que é a Doutrina dos Espíritos nossa grande âncora de fé e esperança. A Justiça Divina está sempre presente. Conseguiu entender melhor?

— Compreendi. Se plantei em vidas passadas tantos desajustes, se me atirei, em um dos meus suicídios, no precipício, não posso querer agora um corpo sadio. Tenho pena da filha que esperava quando cometi este ato tresloucado, que vai sofrer comigo as dores desta encarnação suicida.

— Você não é culpada diretamente porque não sabia da gravidez, mas a criança não estava ali por acaso, tinha algo a resgatar com você e Francisco. Não existe coincidência ou vítima perante Deus, ela com certeza também colheu o que plantou, e vocês se acertarão na nova existência.

— Fico um pouco mais aliviada com seus ensinamentos. Você também será meu amigo na minha nova vida, ou não vai mais reencarnar?

— Pudera eu dizer que queimei todas as etapas das minhas vidas passadas. Sou um grande devedor. No tempo das Cruzadas fui duro e cruel, mandando muitos ao desencarne pelo fio de minha espada. Era capelão dos soldados, mas também pegava nas armas em nome do Cristo, pois era excelente espadachim. Nessas lutas sanguinárias, em nome do Cordeiro de Deus, a vaidade, o orgulho de raça e a luta pelo poder ficavam encobertas pela bandeira de Jesus, que se banhava no sangue dos inocentes.

Elias calou-se por alguns instantes, embargado pela emoção, não teve coragem de interrompê-lo, pois me pareceu ser um desabafo.

— Estive também na Inquisição, mandando amigos e inimigos para as fogueiras, novamente em nome do Cristo. O

Cristo tem sido até agora a bandeira que desfraldo para encobrir meus reais instintos. Já ardi também na fogueira, como traidor do Cristianismo. O feitiço virou contra o feiticeiro. Forjaram provas contra mim pelo meu prestígio junto ao clero e fui parar na fogueira, onde tantos desencarnaram por minha culpa. Tomava do mesmo remédio. Tenho tentado aprender o sentido da palavra renúncia, a verdadeira, sem falsos ideais, a que brota do fundo do coração.

— Mas você já possui muitos pontos em seu favor, aonde vou só escuto palavras de agradecimento e louvor à sua pessoa.

— O que você me conta me entristece, porque é o que vou mais escutar em minha nova existência, serei bajulado e muitos vão deturpar minhas palavras e me dedicar afetos desequilibrados, o que me trará sérias conseqüências se não resistir a eles, mas terei que distinguir o certo do errado. Tenho também uma luta árdua pela frente.

— Se nos encontrarmos na Terra, promete me ajudar? Com certeza você será espírita, quem sabe poderá ajudar a mim na transição do Catolicismo para o Espiritismo?

— A vida nos fará cruzar os caminhos, se for à vontade do Pai e tivermos merecimento. Já conheço o Francisco da época da Inquisição. Fomos amigos naquele tempo, mas nos perdemos até o momento em que me encontrei com ele na colônia Nosso Lar, já se preparando para reencarnar.

— Você já sabe quanto teremos de ressarcir e que será uma longa caminhada. Peço a Jesus que o encontre no meu caminho, pois vejo o quanto trabalha aqui em socorro aos mais necessitados, seu espírito é grande ao ajudar tantos sofredores, e você não fica só aqui, trabalha em várias colônias. Vejo sua grande preocupação junto aos leprosos, é muito dedicado a eles.

— Tenho razões sobejas para ajudá-los, já fui da guarda imperial da Roma antiga que apedrejava e afugentava os leprosos para lugares que se tornavam seus sepulcros em vida. Fazia o que me mandavam, mas sentia enorme prazer em fazer cumprir

a lei. Quando minha mãe apresentou os primeiros sinais da doença, cruelmente, levei-a para o vale dos leprosos. Embora ela me pedisse que a poupasse, não tive piedade, pois achava a doença imunda e se alguém a tinha é porque não era filho de Deus. Nunca mais vi minha mãe com vida. Preciso me ressarcir destas graves dívidas que tenho para com os que estagiam no corpo com a hanseníase, a temida lepra.

— Ao reencarnar, você será um deles, ou se dedicará a ajudá-los?

— Ainda não sei ao certo, estou de partida para cumprir a programação reencarnatória. Pretendo ser médico para estar perto dos que prejudiquei, desfazendo assim as correntes que me prendem ao passado. Não sei se terei a doença ou não. Minha mãe, a quem prejudiquei, será minha esposa. Teremos uma vida simples e pretendo trabalhar muito em ajuda ao próximo. Espero que minha mãe me perdoe o ato que a fez sofrer tanto. Não sei se conseguirei me sair bem, mas peço a Jesus que me ajude.

— Sinto-me feliz por você que pode escolher a sementeira que fará em sua vida e espero que possa me ajudar realmente.

Aproximou-se neste momento, um espírito amigo, dirigilhe a palavra.

— Teresa, sinto você diferente, minha intuição me diz que já completou sua trajetória de sofrimentos na Terra.

Ela fitou-me embaraçada e quem respondeu foi Elias.

— Você tem razão, Ametista. Teresa já faz parte dos espíritos nobres, que conseguiram cumprir fielmente suas provas e expiações, aprendeu a perdoar de encarnação em encarnação, até que conseguiu esvaziar seu coração de todas as mágoas, perdoou todos igualmente, universalizou o amor, ajudou a quantos pôde e aprendeu a amar ao próximo como a si mesma; quando largou sua última veste corporal, nada mais tinha a ressarcir. Ela trabalha com médiuns em uma casa espírita, é muito disciplinada

e culta. A casa a que me refiro é de grande porte, virou quase uma faculdade espírita de tantos cursos e trabalhadores que possui. Através de sua ajuda, muitos são ajudados, com tratamentos de desobsessão, de feridas da alma e do corpo. Veio em ajuda a este ente querido, mas logo partirá para outros trabalhos espirituais a que se dedica. Já é um espírito iluminado, poderia estar num plano mais elevado, mas preferiu ficar para auxiliar a evolução de irmãos oriundos deste planeta de provas e expiações.

— Não é tanto assim, disse Teresa com humildade, tento ajudar meu próximo, para que também possa usufruir da felicidade que encontrei ao conseguir perdoar a todos os que me ofenderam ou me fizeram sentir ofendida. É interessante este processo de perdão, conforme vamos perdando, nosso coração se abre por inteiro, vamos ficando mais leves, mais compreensivos e não conseguimos vislumbrar ninguém como inimigo, aí acontece o inesperado: nosso contato com Jesus, cuja luz nos ilumina por inteiro e então passamos a usufruir da felicidade que Ele disse não ser do mundo terreno, e a vida passa a ser colorida mesmo com os maiores contratempos e problemas. Sou apenas um espírito em trabalho fraterno.

Eu tinha que fazer a pergunta fatal:

— Você não vai mais reencarnar?

— Só se for para ajudar algum espírito muito necessitado, acho que na Casa Espírita na qual sou mentora posso ajudar a um maior número de desvalidos, a obra é grande e poucos os trabalhadores e estes precisam de uma assistência espiritual mais próxima.

— É um prazer enorme ver que nossos esforços realmente valem a pena, para que um dia possamos estar como você.

Passei meu tempo na Colônia Maria de Nazaré, aprendendo a ser mais sensível às necessidades do meu próximo, a discernir o certo do errado, tentar enfim compreender um pouco mais o mundo espiritual.

Um dia, Elias me disse:

— Ametista, venho me despedir de você, parto amanhã para preparar minha reencarnação, passarei algum tempo no setor pré-reencarnatório a fim de me familiarizar com meus novos projetos. Mas tenho que ressarcir meus débitos. Será, como para todos nós, uma reencarnação difícil. Vou ter que orar e vigiar muito. Creia-me, foi muito bom o tempo que aqui passamos, nossas conversas foram muito boas, pois enquanto lhe transmitia ensinamentos, mais alicerçava minhas convicções espirituais, sinto apenas não ter podido me dedicar mais a você, pois meus afazeres não me deixavam muito tempo, mas sempre terá em mim um grande amigo. Não vou dizer adeus, pois nos encontraremos no corpo físico, mas até breve.

Ofereceu-me uma rosa vermelha e partiu.

XXI. Perdão

*Quem perdoa liberta o coração
para as mais sublimes manifestações do
amor, que eleva e santifica.*

Projetando Luz no Lar - Mércia Aguiar.

Pensei como era triste o adeus. Alberto também havia partido, o bom amigo que me acompanhara desde o hospital da Regeneração, muito me ajudando com seus conhecimentos doutrinários, enfim os amigos mais chegados haviam tomado outros rumos. Um sentimento de solidão tomou conta de mim, pensei no querido Francisco e mandei a ele, vibrações de meu amor sincero, enfeitado com a saudade. Naquele momento, lágrimas caíram dos meus olhos.

Devido às circunstâncias, comecei a pensar seriamente na possibilidade de também partir, embora o medo ainda me dominasse. Já que não podia ser diferente, entregava-me nas mãos de Deus para que fosse feito o melhor possível para quem tanto devia. Orei pedindo forças e muita fé na minha nova existência.

Como Alexandre havia me prometido, estava apenas a espera do meu pedido, pois logo em seguida deparei-me com ele a me estender as mãos carinhosamente. Aconcheguei-me em seus braços, e soluços profundos saíram do meu ser.

— Alexandre, embora esteja aqui trabalhando, tendo maiores esclarecimentos espirituais, sinto que chegou o momento

de reencarnar, não fui pressionada a tomar esta decisão, pois encontrei aqui pessoas que me querem bem, fiz grandes amizades, vou sentir saudades quando partir, mas os que prometeram me ajudar na Terra já se foram, tenho que aproveitar a oportunidade, apesar de meu medo e dúvidas ainda persistirem, principalmente porque não sei se vou acertar desta vez. Sei que a responsabilidade será toda minha e por isso não quero mais suicidar e voltar outra vez a Terra como excepcional, só de pensar nesta possibilidade fico horrorizada. Será que saberei entender Alfredo? Como conviver com alguém com quem até agora só tive dissabores? Não será uma convivência agradável, mas tenho certeza de que se houvesse outra maneira, Deus e Jesus, a quem tanto amo, teriam promovido este reencontro de forma mais suave. Para mim, Francisco e Alfredo foi a melhor escolha possível, vamos ter que nos haver com nossas vidas passadas, e não podemos falhar novamente. Se isto acontecer, não haverá perdão para nós. Estou certa ou errada na explicação que encontrei?

Alexandre gentilmente explicou:

— Não está certa sob o aspecto do perdão, todos sem exceção serão perdoados pela Justiça Divina, mas colherão o que plantarem. Você está sendo agraciada pela bondade Divina pelo bem que já conseguiu espalhar nas suas idas e vindas pelos dois planos da vida.

— Só desejo uma coisa, ter a paz de espírito que sinto aqui, anseio por isto, mais que tudo na vida.

— Esta talvez seja sua procura maior quando na Terra, pois ninguém quase a conhece por lá, embora todos a procurem com insistência, poucos a encontram realmente, pois não será na posse ilusória de bens materiais que as pessoas a encontrarão, pois ela se encontra como um tesouro escondido dentro de cada ser, no lugar onde ficam guardados os sentimentos mais profundos. Não se encontra a paz interior em posses financeiras que se acabam, beleza, prazeres, viagens, mas também não pode

ser encontrada em conventos fechados, em recantos de meditação exaustiva, não é um lugar geográfico, é individual, independente do lugar, é como um jogo de labirinto que é a vida: cada um tem que encontrar sua saída, é esta a finalidade do jogo. Quando alguém conseguir achar a saída, encontrou seu eu, sua procura terminou, esteja em um palácio ou em uma choupana, aí estará sua paz interior que prevalecerá sobre todos os infortúnios que a roda da vida possa trazer-lhe.

— Se é tão difícil assim, nunca vou encontrá-la.

— A essência, a certeza desta paz íntima, você já leva daqui, pois a está usufruindo agora, saberá no seu subconsciente que ela existe e tentará, desta vez da maneira correta, saindo da vida pelas vias normais, sem atalhos que levam a abismos de sofrimento. Tenha sempre em mente as três palavras-chave: fé, esperança e caridade.

— Se não vou me lembrar, para que senti-la aqui? Como farei para encontrá-la frente a tantas atribulações? É muito difícil compreender tanto mistério.

A conversa com Alexandre, embora com o respeito devido à sua superioridade, era de igual para igual; ele me dava esta liberdade e eu sentia que ele gostava da simplicidade de nossa conversa.

Ele me respondeu:

— Você está levando daqui sua bagagem espiritual, independente da situação social, financeira, intelectual, ela será pessoal e intransferível.

— Como assim, Alexandre, que bagagem espiritual é esta, não sei a que se refere, – argumento eu.

— Para fazê-la entender melhor, vamos imaginar uma mala vazia. Espírito desencarnado como você, preparando-se para reencarnar.

Parecia beber as palavras do mentor Alexandre, queria saciar minha sede de aprender. Alexandre continua:

— Os instrutores espirituais explicam como será a nova vida no plano terrestre, que a reencarnação será mais sofrida

para alguns, amena para outros, a mala vazia começa a ser preenchida com estes ensinamentos; alguns serão filhos de pais pobres, lutando pela sobrevivência, possuindo o livre-arbítrio para serem honestos ou delinqüentes: mais um ensinamento na mala, o livre-arbítrio; outros terão saúde precária, viverão com dores crônicas, outros estarão limitados nos seus movimentos, vão ter que exercer a paciência, também este ensinamento vai fazer parte da bagagem espiritual. Outros serão muito ricos, poderão ajudar o próximo ou serem egoístas: mais uma explicação para a valise espiritual; alguns terão o dom da palavra, outros da visão, alguns irão curar pela imposição das mãos, tendo como guia o Evangelho de Jesus, conhecimento que faz parte da valise espiritual; outros serão corruptos, orgulhosos, prepotentes, dependendo da escolha de cada um, a valise vai sendo preenchida. Lembre-se das regiões umbralinas, do vale dos suicidas, zonas que nos recordam da importância de vivermos de acordo com as leis Divinas. Com mais esta advertência, a bagagem espiritual já está quase completa. Mas há algo mais a ser encerrado na valise, os hospitais espirituais dos abortados criminosamente, as colônias onde jazem como ovóides os obsessores que prejudicaram a tantos, incluindo nações, com políticos cruéis, que vieram para fazer o bem à humanidade e se desviaram do caminho. Mas também irão lembranças boas, dizendo ao inconsciente: não se desespere, existe um lugar onde tudo se harmoniza, a felicidade é completa, a paz duradoura; onde o bem se sobrepõe ao mal; colônias espirituais onde espíritos equilibrados conhecem o amor das almas gêmeas, enfim um lugar para quem soube utilizar com justiça e bondade seu livre-arbítrio. Tudo na Terra é passageiro, apenas valendo os bens espirituais como perdão, humildade, paciência e amor. Finalmente a valise espiritual ficou repleta de informações, de acordo com o grau evolutivo de cada um. Cada espírito encheu sua bagagem como desejou, por esta razão é que a luta entre o bem e o mal existe. Quando se tem que tomar uma decisão a

dúvida se faz presente e não se sabe qual caminho será o melhor, pois na valise estão vários ensinamentos e se a pessoa não estiver equilibrada, com Jesus no coração, não saberá o que retirar de sua bagagem espiritual. A valise é fechada, só que existe um pequeno detalhe, a chave é a vida de cada um, não há como achá-la fora da pessoa, toda bagagem do aprendizado espiritual ficará por conta de cada aprendiz. Ao renascer, aparentemente, os conhecimentos espirituais serão esquecidos como se o espírito nunca tivesse tomado conhecimento deles, mas a bagagem espiritual estará para sempre armazenada no subconsciente. O espírito reencarna. Cinco filhos são gerados dos mesmos pais, deveriam ser iguais, seria o mais lógico, mas não são porque cada um traz consigo a bagagem espiritual adquirida. São os filhos às vezes tão diferentes entre si, que causam espanto aos próprios pais. Um é excelente filho, amoroso, dedicado, outro errou o caminho e se perdeu nos vícios, a filha é um exemplo, o filho mais novo um perdulário, não quer saber de trabalhar, a outra filha formou-se em medicina, e ainda o outro filho é cantor numa banda. Veja só quantas diferenças em uma mesma família, cada um possui uma personalidade formada por suas vidas passadas e conforme guardou os ensinamentos em sua valise espiritual. Em que lugar a bagagem espiritual é posta realmente à prova? É na família, o cadinho de purificação. É bem mais fácil a pessoa ser boa, educada, gentil com quem não tem relações mais íntimas, com amigos de convívio nas horas alegres, mas é difícil usar a bagagem espiritual com os entes queridos, familiares de difícil convivência, usar o perdão em vez do ódio, a paciência onde o desequilíbrio se instala, a esperança onde houver a insensatez, a fé onde houver dúvida e a luz onde a treva exista. O motivo dos desequilíbrios nos lares está nas diferenças entre os membros da família, pois cada um traz na sua bagagem o que conseguiu captar em sua passagem pelo mundo espiritual. Esta é uma das razões dos conflitos existentes na Terra, mas nas diferenças é que se encontram os grandes aprendizados. A escola

da vida é a grande mestra. É necessário começar a arrumar a bagagem de volta para a pátria espiritual, conquistando sentimentos nobres, pois não sabemos o momento marcado para a grande partida. Os que cultivam ódio, egoísmo, crueldade, orgulho, vaidade, terão que passar novamente pelo mesmo processo, até aprenderem a arrumar a bagagem com coisas positivas.

Todos, sem exceção terão que levá-la de volta à espiritualidade, agora com o aprendizado conseguido na mestra vida terrena.

O mentor Alexandre olhava-me fixamente nos olhos, ansioso para que eu captasse o melhor dessa aula maravilhosa.

Percebi que já estava sendo preparada para a partida e tentava arrumar minha bagagem espiritual com aqueles e outros ensinamentos ali aprendidos. Alexandre continuou:

— A Doutrina dos Espíritos ajuda encarnados e desencarnados a compreenderem melhor estas viagens espirituais. Estudando-a com vontade e amor, os que a praticam e compreendem possuem uma vantagem sobre os seguidores de outras religiões que não acreditam na reencarnação. Ao partir para o mundo espiritual, o espírito que não conseguiu evoluir terá condições de reabilitação, pois tantas vezes se fizer necessário o espírito reencarnará, a fim de refazer erros, acertar com desafetos, e a cada experiência no corpo físico, o espírito voltará um pouco melhorado, de vez que pela Bondade Divina, ninguém retroage e, mesmo lenta e gradualmente, um dia alcançará a perfeição. Isto se aplica ao pior dos criminosos, pois os que hoje estão encarnados como missionários ou desencarnados como espíritos superiores, já foram algozes em vidas passadas. A certeza absoluta de que cresceremos espiritualmente está trancada em nossa bagagem espiritual, nas idas e vindas às colônias e hospitais da espiritualidade. Se não houvesse esta certeza o ser humano não almejaria tanto a felicidade, se a deseja é porque sabe de sua existência, só não

sabe como encontrá-la. Esta é a Doutrina dos Espíritos, o Consolador Prometido. Espero, filha querida, ter esclarecido você um pouco mais sobre o mundo espiritual.

— Não tenho palavras para agradecer tanta bondade e carinho para comigo, Alexandre. Não sou merecedora de nada do que fizeram para mim, sou grata a todos os que me ajudaram, especialmente a você, pois foi quem me orientou o tempo todo, me tratou com grande amor que tem pelos que sofrem. Sem sua ajuda, creio que não conseguiria reencarnar ou teria mais uma existência perdida. Prometo que esteja eu onde estiver, irei desencarnar na casa espírita que vai fundar com Madre Consuelo. Nunca os deixarei, será minha forma de agradecer o que fizeram por mim. Cumprirei minha promessa.

Alexandre preveniu-me que, dali em diante, tudo se movimentaria com maior rapidez, pois alguns dos que me ajudariam já se achavam encarnados, inclusive meus pais.

XXII. Reencarne

O espírito tem o direito de escolher o corpo no qual vai reencarnar ou somente o gênero de vida que lhe deve servir de prova?

R. Pode, também escolher o corpo, porque as imperfeições desse corpo são para ele provas que ajudam o seu progresso, se vence os obstáculos que nele encontra, mas a escolha não depende sempre dele; ele pode pedir.

O Livro dos Espíritos. - Pergunta 335.

Com estas palavras de esclarecimento, ainda que não me achasse pronta para reencarnar, tinha que buscar coragem para prosseguir minha viagem, com a bagagem que conseguira arregimentar até então. Não entendia ainda todo o processo reencarnatório, mas pelo menos tinha plena confiança nos benfeitores espirituais, em Jesus e Maria. Estava bem guardado dentro de mim um grande amor por eles, e a chave seria minha própria vida.

Encontrava-me frente aos últimos preparativos, e Alexandre, sempre que podia, conversava comigo. Sentados a um canto dos Jardins, ele me instruía:

— Você vai ter que superar seus próprios limites. Saberá por intuição, quando chegar o momento certo, ainda encarnada, que conseguirá vencer a batalha pela qual reencarnou: sua própria vida. Esta será sua maior luta, vencer os obstáculos e problemas que virão, com o apelo quase irresistível de sair da vida através do suicídio. Você vai se ver frente às situações para as quais não achará saída pelas normas humanas, será como um beco sem saída, você terá que achar a porta, a janela ou uma pequena fresta de luz; sua defesa maior para achar uma saída para os momentos conflitantes será o amor pelo mestre Jesus, amor este

que será o alicerce sobre o qual fará sua reforma íntima. Durante as tribulações, verá claramente a mão de Jesus a guiar seus passos, aliás, Ele será o único e verdadeiro amor que conhecerá na Terra; mágoas, tristezas, revoltas, nada conseguirá abalar por muito tempo este amor que carrega no íntimo de seu espírito.

Este amor é conquista sua através dos tempos e a fará ter forças para suportar os tormentos de uma vida suicida, embora tenha que sentir muita tristeza, por não encontrar desde cedo alguém que possa compreender seu sentimento pelo Mestre Jesus. Será uma luta solitária, com muitos questionamentos, e não mais aceitará como verdades absolutas as bases católicas, seu espírito estará sempre em luta entre a vida e a morte, apenas um fio muito tênue faz em você esta separação. Por causa de seu temperamento alegre, extrovertida como sempre foi nas outras vidas, será tida por muitos como irresponsável, inconstante, incoerente e será desacreditada no que tem maior valor; sinceridade de coração e amor a Cristo. Poucos a compreenderão, e será algo que buscará com afinco, querer que compreendam sua dor, suas incertezas e dúvidas, mas não encontrará eco, só o vazio e o silêncio lhe responderão. Não lhe está sendo proposto algo fácil, mas dentro do possível pode aproveitar essa encarnação, deixando algumas arestas para serem aparadas em outras encarnações, ou se propõe a ressarcir todas suas dívidas de suicídio nesta nova etapa de vida, ou pode escolher deixar algo para uma nova existência. Esta escolha será sua, é o que chamamos de livre-arbítrio, o poder de escolher. Pode pensar e amanhã me dará a resposta de sua decisão. Tive permissão para passar-lhe estes pormenores, fica aberta a questão para você decidir:

— Não poderia conversar com alguém, com Francisco, pelo menos, para saber a melhor decisão a tomar?

— Começa aqui na Espiritualidade o que vai ter de enfrentar, neste momento ninguém poderá decidir por você, a chave de sua bagagem espiritual está dentro do seu coração, cabe a você saber o que deve ser feito. Deixo-a só para pensar no que lhe foi proposto.

Deu-me um crisântemo amarelo e partiu. Fiquei com o crisântemo na mão, minha única companhia. Não sabia direito o que pensar. Tão absorta fiquei que quando dei por mim estava sentada num caramanchão florido, rodeada de silêncio, aconchegada pela mãe Natureza. Orei pedindo força e coragem para a nova tarefa que teria de cumprir, apagando de uma só vez as conseqüências de três suicídios: dissabores e sofrimentos. Queria interromper a corrente negativa de suicídios e obsessões, o que viria depois só Deus poderia saber. Teria eu capacidade para ressarcir tantos débitos?

Conseguiria chegar até o final da vida de sofrimentos que me esperava, sem apelar para o suicídio? Estaria eu preparada espiritualmente para assumir total responsabilidade pelos meus atos? Como gostaria de conversar com os amigos Irene, Madre Consuelo, Alberto, Elias e outros que haviam partido. Mas, principalmente, como gostaria de contar com a presença do querido Francisco, como me fazia falta, juntos poderíamos tomar a melhor decisão.

Fora-me proposto algo quando não tinha mais com quem dividir, estava só em minha decisão, como dissera Alexandre. Começava ali o meu destino de ter que tomar decisões sem ter alguém para me ajudar. Haveria pessoas ao meu lado, mas não poderiam tomar decisões por mim, aliás, isto era o certo, ninguém pode decidir nada por ninguém, só a própria pessoa, mas uma ajudinha seria bem-vinda no momento. O que Francisco me aconselharia? Que diria ele? Como só no dia seguinte teria de dar conhecimento de minha decisão, fui arranjar o que fazer para não cair na tristeza infrutífera e coloquei-me nos braços de Jesus, à espera do momento em que teria de decidir o caminho a trilhar daí em diante.

Comovida e ansiosa, na manhã seguinte, encontrei-me com Alexandre que se fazia acompanhar de outro espírito.

— Este é o mentor Israel, disse Alexandre, ele será seu guardião, seu orientador espiritual. Transmitir-lhe-á intuições, estará sempre por perto quando precisar e só dependerá de você ouvi-lo ou não.

— Será um prazer ajudá-la na nova encarnação, farei o que estiver ao meu alcance.

— O senhor vai me abandonar, Alexandre?

— Não, filha querida, não a abandonarei. Você faz parte da assembléia de espíritos que vão reencarnar sob minha orientação, mas tenho tarefas que me aguardam junto à filha querida Consuelo, temos grandes trabalhos pela frente e um dia nós a receberemos em nosso Centro Espírita, quando começará realmente seu aprendizado da Doutrina Espírita. Sua chegada muito nos alegrará.

Estive até agora a orientando para instruí-la em sua prova reencarnatória como suicida compulsiva. Suas oportunidades são maiores agora do que das vezes anteriores, pois seu espírito progrediu e por isso crescem suas chances de sair vitoriosa. Se tudo acontecer como esperamos, nos encontraremos na Terra, eu como mentor de Consuelo, e você como trabalhadora em prol dos necessitados, tendo que se harmonizar com a mediunidade latente que apresentará. Espero que não fuja aos compromissos assumidos, o espírito Israel será um dos que a ajudarão na travessia terrestre. Um dia – Francisco na Espiritualidade e você encarnada – trabalharão juntos atendendo aos mais necessitados, mas lembre-se sempre do guardião maior, Jesus, a quem você tanto ama.

— Virei visitá-los durante o sono físico?

— De acordo com seu estado de espírito, nos encontraremos sempre no plano espiritual. Nunca estará só. A solidão da incompreensão será só no plano físico, do lado de cá amigos sinceros estarão velando por você. Já foi capaz de fazer sua escolha?

Com muita cautela e receio digo:

— Creio que sim, Alexandre. Não tenho espírito tranqüilo para cumprir o que me pede em doses homeopáticas. Acho que o imediatismo é uma característica que terei de burilar quando encarnada, talvez isto tenha me prejudicado muito em

outras vidas. Agora, seja à custa de que sacrifício for, tenho de aprender a paciência, ela será minha grande aliada, mas se tenho mesmo que ressarcir débitos passados, que seja feito nessa encarnação, só assim poderei repensar minha vida quando aqui voltar através da morte natural.

Tenho medo, dúvidas, mas não me compete mais fazer questionamentos, já que tudo está esclarecido. Vocês foram bondosos e gentis comigo – disse eu com firmeza – e meu desejo é resgatar meus débitos suicidas nessa encarnação, chega de delongas, tenho que partir confiando que desta vez tudo dará certo.

Alexandre e Israel me olharam comovidos.

— Não vou questionar sua decisão, Ametista, se seu livre-arbítrio lhe dita esta conduta, vamos respeitá-la. Filha querida, de mãos dadas, você, Israel e eu vamos orar a Jesus para que consiga acertar seus caminhos desta vez. Tudo já está preparado para a sua volta. Ao terminarmos a oração, você entrará em sono profundo, esquecida do que aqui se passou será levada para o departamento de reencarnação de Nosso Lar, e quando der acordo de si já estará reencarnada junto a seus pais. Não vamos lhe explicar o processo científico que entra na reencarnação, não há necessidade deste esclarecimento agora. Queremos, com as bênçãos de Jesus, que você renasça e seja feliz dentro do possível.

— Deixe-me beijar suas mãos, mentor Alexandre, por tudo que fez por mim aqui no mundo espiritual e sei que dentro do possível continuará a velar por mim no plano físico. Antes, dê-me um abraço, como selo definitivo de nossa amizade. Mande um recado, uma mensagem para que eu saiba que tudo que me aconteceu foi real e concreto.

Um forte abraço selou nossa amizade fraterna.

— Pode ter certeza de que receberá uma mensagem minha. É só ter paciência. Vamos agora unir nossos corações na prece final que a levará à sua nova existência.

“Amado Mestre Jesus, de sua Morada Divina, abençoe e ilumine Seus mensageiros de luz. Que a equipe preparada para esta reencarnação coloque, neste instante, as mãos sobre a fronte de nossa querida filha Ametista, para que ela possa se esquecer das mágoas, ressentimentos e ódios acumulados, plantando em seu coração as sementes do amor, da fé e da esperança. Que ela consiga cumprir fielmente seu destino na Terra, que seu mandato de dor e sofrimento seja aliviado pela perseverança e pelo amor ao próximo.

Que ela encontre não pela dor, mas pelas vias do amor, a Doutrina dos Espíritos, o Consolador Prometido, para ser sua escora real e sólida nos momentos de tribulação. Nos momentos de agonia intensa, que ela se lembre de Seu sofrimento no Calvário. Que aqueles que se comprometeram a ajudá-la não fujam às suas responsabilidades, não deixando o orgulho e a vaidade tomarem lugar em seus corações. Ametista parte para sua nova vida cheia de dúvidas e atormentada pelas visões passadas, sua força, Amado Mestre, deverá vir do seu aprimoramento espiritual, que ela consiga seu intento, pois sua maior tarefa é a de salvar a própria vida, não fugindo da existência carnal, pelas vias do suicídio. Abençoe Jesus e Maria esta vida que ora desponta no planeta de provas e expiações, amparando-a e protegendo-a dos inimigos desencarnados ou encarnados. Que eles sejam afastados e sua mediunidade de amor possa criar raízes profundas em seu coração, impedindo-a de fazer parceria com espíritos sofredores. Pedimos ainda que a fé nunca esmoreça dentro dela. Que seus sofrimentos possam ser amenizados pelo desejo de acertar. Entregamos este espírito amado, que jaz adormecido, em Seus braços, amado Jesus. Espero poder ajudá-la quando nos reencontrarmos novamente: eu como mentor de Madre Consuelo no Centro Espírita que fundaremos.

Jesus a abençoe, filha querida, hoje e sempre.

Reencarnei.

LA PETITE SADVAGE

A Freya Selva

II PARTE

*Mirrored glass of
pallas robes of
afunda in*

ENCARNADA

*Her eyes are
The first and last of
her eyes are
her eyes are*

*Her eyes are
at distance from
the distance of
the eye*

*Her eyes are
Her eyes are
Her eyes are
Her eyes are*

Her eyes are

LA PETITE SAUVAGE

A Pequena Selvagem

*Minúscula filha do mar
pelas ondas a revirar
afunda na imensidão!*

*Vai se afogar?..
Já morreu no esforço em vão,
sobreviveu o pulsar da emoção
dominante, sufocante...*

*Mas não sofre
se deixando levar
por alguma voga
deste mar:*

*passam corais de lembranças,
abismos de reminiscências,
cardumes de esperanças,
procelas de experiências...*

Engole ciúmes, dores, despezos,

*choros, insignificâncias.
Está serena, embora sofrida
neste mar: a sua vida!*

*Sabe bem: no naufrágio,
neste mar,
inútil saber nadar.*

*À frente, imensurável
céu, mar, tudo azul, tanto faz...
Resta apenas aquietar...
Estar no mar. Imponderável...*

*Marisa (a) Penas.
2007.*

Reflexão

Não poderia continuar estes relatos se não fizesse uma pausa para reflexão. Não me sentia preparada para absorver tantas revelações que me foram feitas. Muitos talvez não acreditem, mas passei por momentos muito marcantes, quando descobri o quanto devia a mim mesma e que só eu poderia curar minhas feridas. Mãos foram estendidas, fatos esclarecidos, a memória revigorada, forças espirituais tentaram aprimorar meu espírito. Enfim, todos os recursos necessários à minha auto-recuperação me foram oferecidos. Contudo, no plano espiritual, não tinha idéia do que passaria neste planeta de provas e expiações, por mais que me houvessem dito que minha vida não seria fácil. Faltava-me a compreensão da extensão dos reajustes que enfrentaria.

Francisco ficou afastado de mim por cerca de quarenta e cinco anos de minha existência atual. Só obtive notícias suas quando me tornei espírita. Quando nos encontramos, eu encarnada e ele na espiritualidade, contou-me que enveredara nos estudos da Doutrina Espírita e constatara que estavam de acordo com o Evangelho de Jesus. Na ocasião, não imaginava que existia um compromisso espiritual entre nós. Devo esclarecer

que os fatos constantes deste livro são a expressão fiel da luta empreendida para a harmonização conjugal entre mim e Alfredo, agora com outros nomes, luta que se desenrola há séculos e que necessariamente precisava ser revista para nossa evolução espiritual, com aproveitamento desta encarnação para que nos esforçássemos para aparar as arestas de uma difícil vida a dois.

Conforme programado, meus filhos nasceram e de fato encontrei-me com as pessoas que haviam se comprometido a ajudar-me. Foram chegando pouco a pouco em minha vida outras pessoas queridas de outras existências, que não encontrei em minha última estada no mundo espiritual, todas me estendendo as mãos para evitar que eu viesse a sair da vida através do suicídio. Quase cheguei a esse desfecho, mas tive a imensa felicidade de ser ajudada no plano espiritual pelo mentor Alexandre e por meu mentor Israel e também por Francisco, que me depositaram nos braços de Jesus. Aos que me lerem, peço que comparem minha individualidade enquanto no plano espiritual e agora, como encarnada, e por certo chegarão à conclusão de que a reencarnação existe mesmo.

Senti muitas vezes relutância em prosseguir neste relato, pois muitas feridas serão abertas, mas algo mais forte que minha vontade me compelia a fazê-lo. Francisco continua meu amigo espiritual, pois chegamos ao ponto de nutrir forte amizade recíproca, sem o amor irresponsável e tresloucado de outras existências.

Sei que sairei vencedora na batalha contra o suicídio, pois a despeito de ter intitulado este relato de *Fui Suicida*, estou consciente de que sou uma suicida, por isso tenho de estar sempre alerta e cautelosa em relação aos vícios de ontem, tento evitar situações que possam colocar em risco meus propósitos de viver e morrer em paz. Para me precaver faço parte da filosofia dos Alcoólicos Anônimos: mais 24 horas. Sinto-me como uma jornalista fazendo uma reportagem, só que sou eu a fonte das revelações, descritas com pessoas e lugares reais, no entanto

alguns nomes são fictícios. Confio na presença amiga do Francisco, que me acompanhara nesta nova trajetória, mas estará sobre minha responsabilidade o que se passou comigo encarnada, ele me dará seu apoio incondicional, mas será apenas um companheiro de viagem a me dar força e coragem.

Tenho na Doutrina Espírita meu salvo-conduto, ficando em mim a certeza que tentarei aproveitar ao máximo esta encarnação não podendo falhar na confiança em mim depositada pela Espiritualidade e principalmente por quem, bondosamente, me ajudou a entender meus compromissos de outras existências, sem pedir nada em troca ofereceu-me seu amor e compreensão: o querido mentor Alexandre.

XXIII. Nascimento

Todos os sofrimentos: misérias, decepções, dores físicas, perda de seres amados, encontram consolação em a fé no futuro, em a confiança na justiça de Deus que o Cristo veio ensinar aos homens – O Evangelho Segundo o Espiritismo.

Ainda criança, perguntava aos meus pais se tinha sido adotada, pois sentia-me diferente de meus irmãos. Minha mãe, apesar de atenciosa e gentil, não conseguia transmitir em palavras seus sentimentos, ao contrário de meu pai que era carinhoso e demonstrava seu amor com gestos, palavras e ações. Era um homem de situação financeira invejável, herdeiro que era de quase toda uma cidade, a pequena Monjolos, em Minas Gerais, cujo acesso era a cavalo ou de trem de ferro e na qual nunca residimos, porque depois de casados meus pais se mudaram para Diamantina. Minha mãe, em Monjolos, não era de família rica, mas era a “princesa da cidade” por sua beleza e elegância.

Quando mudaram para Diamantina gozavam de uma boa situação financeira, com carro, empregados e nesse contexto prepararam meu nascimento. No começo da gravidez, minha mãe ficou tuberculosa, fato que ela nunca comentou comigo e eu só soube, por minha madrinha Margarida, dos remédios fortíssimos e do medo de que algo me acontecesse pairando em suas mentes, de vez que naquela época a tuberculose era quase sempre fatal.

Já no ventre materno também recebi remédios fortíssimos e foi um alívio para todos quando viram que tinha nascido perfeita.

Dos quatro irmãos, fui a única cuja chegada foi programada. Meus irmãos nasceram em casa, com parteiras, mas eu nasci numa maternidade. De imediato, fui retirada dos braços maternos, indo morar com minha madrinha por um ano, já que minha mãe não tinha condições físicas de me amamentar ou cuidar de mim. Fui a alegria da casa de meus padrinhos que só tinham uma filha de nome Leda, já maior, e tratada com todos os mimos e cuidados possíveis.

Quando voltei para a casa de meus pais, toda a família adoeceu, pois acharam que eles não teriam mais coragem de me buscar, mas eu fora concebida com amor e meus pais eram de uma classe social que não dava filhos para adoção, embora ficassem eternamente agradecidos aos meus padrinhos por tantas demonstrações de amor fraternal.

Segundo meus pais, eu já nascera sorrindo, parecia uma boneca risonha, quem me olhasse recebia um sorriso e assim permaneci até os dias de hoje. O sorriso parece ser minha marca registrada e já me trouxe sérios problemas na vida, mas só percebi que sorria muito depois que tantos me falaram sobre isso.

Minha mãe relatou que até os cinco anos chorei com dor de barriga. Os melhores pediatras de Belo Horizonte, a capital de Minas Gerais, foram consultados, mas não conseguiram chegar a um diagnóstico das causas daquela dor inexplicável e o que me curou, dizia minha mãe, foi a casca de uma árvore chamada simaruba. Ela colocava pedaços da casca na água e me dava para tomar todos os dias.

Mal eu completara cinco anos de idade, a situação financeira de meu pai entrou em colapso. Era a época da baixa do açúcar, e meu pai, com grande quantidade do produto para vender, viu o sustento de nossa família ameaçado. Embora amoroso e dedicado, ele era orgulhoso (era da época dos coronéis) e jamais se submeteria a viver num lugar sob o peso da humilhação financeira em relação aos amigos e parentes, de sorte que decidiu que tinha de nos criar longe da família, pois

não queria interferência deles em nossa educação. Meus irmãos e eu jamais soubemos o que era ter primos ou avós por perto, pois nossa família se resumia em nossos pais e seus quatro filhos. Só mais tarde dois tios, Paulo e Vicente, vieram morar conosco em São Paulo.

Com os defeitos e qualidades inerentes aos seres que habitam este planeta, meus pais eram lutadores, não esmoreciam com os problemas e as dificuldades, sobrepondo-se a eles. Minha mãe depositava sua fé inabalável em Nossa Senhora das Graças. Em minhas lembranças, vejo-a ajoelhada frente à imagem da santa, rezando o terço e fazendo novenas. À noite, ficava rezando por mais de uma hora e sempre acendia velas para a imagem que está hoje com minha filha Letícia, testemunho vivo de sua religiosidade.

Ficamos em Diamantina, onde moravam as irmãs do meu pai, e ele seguiu para São Paulo num pau de arara a fim de arrumar emprego. Só conseguiu um subemprego, pois oficialmente não tinha qualquer profissão, além da administração de suas terras perdidas. Eram três as nossas tias, que dividiram seu amor por nós. Coube-me ser mimada por tia Salica que, quando mais jovem, desejara ser freira, mas devido a suas crises de asma não pôde ingressar na vida religiosa. Naquela ocasião, era diretora do grupo escolar e foi ela quem me ensinou as primeiras letras, aos cinco anos, e também plantou em meu coração as primeiras sementes de fé. Tia Salica, já desencarnada, foi uma das pessoas marcantes em minha existência. Mais tarde, dedicou-me um exemplar de *Imitação de Cristo*, que foi um guia seguro no meu aprendizado religioso. Quem sabe não tenha renascido nessa época a vontade de ser freira que cultivei por longo tempo?

Passados doze longos meses, recebemos a visita de meu pai, e minha mãe insistiu para que nos levasse com ele para São Paulo. Ele então escreveu a um amigo que alugou um barracão num cortiço da Vila Califórnia. Minha mãe arrumou e embalou

tudo o que podia levar e assim partimos. Lembro-me vagamente da viagem. Foram três dias de trem. Conosco viajou uma ex-empregada de minha mãe que ajudara a cuidar de mim, a quem chamava de mãe Lita. Chegando a São Paulo, garoa fina caindo, cantávamos “He, he, he, São Paulo que é terra boa, São Paulo que é da garoa”.

Numa carroça alugada, deixamos a Estação da Luz e fomos para a distante Vila Califórnia. Crianças, não nos surpreendiam as mudanças – parece que antigamente as crianças eram mais fortes do que as de hoje –, tudo nos parecia uma grande brincadeira, mas o cortiço em que fomos morar estava em péssimas condições, seis ou oito barracões com um só sanitário e um só chuveiro para todos. Minha mãe logo liderou a situação e a cada dia uma família era incumbida da limpeza do sanitário. Todos concordaram e a vida no cortiço ficou um pouco melhor.

Depois de seis meses, mudamos outra vez. Lita ficou conosco até encontrar um bom emprego e depois que conseguiu passava a semana no emprego e os fins de semana conosco. Éramos sua família. Apaixonou-se por Cosme, também negro, mas preconceituoso – que mais tarde, suicidou-se sem aceitar sua própria cor – mesmo apaixonado, preferiu o casamento com uma jovem branca. Lita deu a volta por cima e casou-se com o motorista da casa em que trabalhava.

Minha mãe arcava com todas as tarefas da casa: lavava, passava, cozinhava e ainda começou a costurar para fora, enquanto meu pai, empregado como descaroador de milho, chegava todos os dias com as mãos sangrando e mesmo assim alegrava-nos a vida quando estava em casa, cantando conosco e ensinando-nos a dançar. Deles, nunca escutamos um único lamento ou queixa.

XXIV. Infância

Não podes modificar o mundo, na medida dos próprios anseios, mas podes mudar a ti próprio.

Companheiro – Emmanuel – Francisco Cândido Xavier.

Mais tarde, meu pai conseguiu um emprego de guarda-noite no Campo de Marte, e então fixamos residência em Santana, próximo de seu trabalho. Bem apessoado, autodidata, meu pai chamou a atenção do Dr. Alfio, engenheiro-chefe da firma de engenharia EBE, que também prestava serviços ali. Logo foi contratado para trabalhar de dia no escritório da firma, de terno e gravata. À noite, continuou exercendo suas humildes atividades de guarda-noite.

Alugamos um sobrado. Minha mãe sublocou o porão, colocou dois pensionistas conhecidos em casa e continuou costurando para fora. Estudávamos no grupo escolar, mas logo que sua situação financeira melhorou, meu pai transferiu minha irmã para um colégio de freiras, e eu fui estudar no colégio Salete, que recebia alunos de ambos os sexos. Incoerência da vida, eles queriam que minha irmã se tornasse mais calma e eu para ser mais ativa, mais atirada.

Data dessa época a dor no meu joelho direito, o que me obrigava a viver com bolsa de água quente sobre ele, já que, mesmo sentindo dores, nunca parei de brincar. As noites eram de brincadeiras, amarelinha, pique de esconder, mãe da rua, pular-corda: minha infância foi muito feliz.

Aos nove anos, certa noite, senti forte dor no lado direito do corpo, irradiando para a perna. Meu pai levou-me ao hospital a que tínhamos direito, no Campo de Marte, mas naquele dia um coronel havia sido assassinado e a base estava interditada. Não havia dinheiro nem para o táxi, quanto mais para um hospital particular. Como a dor não passasse, fizeram cadeirinha dos braços e andaram uns quatro quilômetros comigo em busca de recursos. Ainda me lembro como se fosse hoje de sentir muita dor, de não poder pisar no chão e de nós três (meu pai, minha mãe e eu) varando a madrugada, e eu pedindo a Jesus e a Maria para morrer, achando que estava dando trabalho demais.

A aliança de casamento de minha mãe ficou penhorada na portaria de um hospital para segurança do recebimento do valor da consulta e da noite passada ali. No outro dia, fui para o hospital do Campo de Marte, onde fui operada de apendicite aguda. Com anestesia local, senti tanta dor que tinha a impressão de que arrancavam minhas entranhas. Gritei muito, mas os médicos, indiferentes, continuaram a cirurgia conversando como se fosse a coisa mais natural do mundo. Depois disso, nunca mais fiquei acordada ao submeter-me a alguma cirurgia.

Como meu sonho maior era ter uma boneca de verdade, sem ser feita de pano, meus pais me prometeram que eu teria uma se ficasse boazinha no hospital, precisamente na enfermaria, onde não podiam ficar comigo. Portei-me do melhor modo possível, sonhando com a boneca nova e qual não foi minha decepção quando, ao voltar para casa, encontrei em seu lugar um papo de anjo em forma de pingüim. Era o que podiam comprar, mas esse fato me marcou profundamente e, anos mais tarde, serviu-me de lição para não prometer aos meus filhos o que não podia dar-lhes. Apesar da situação financeira precária, fui uma criança muito feliz.

Minha felicidade baseava-se em ir à missa todos os domingos na Igreja Santa Terezinha, onde rezava muito, extasiada diante das imagens de Jesus e Maria. Nunca tive preferência

por qualquer santo, não ligava para eles, só tinha olhos para Jesus e Sua mãe. Depois da missa, minha irmã e eu íamos para a catequese. Como eu gostava de estar com as freiras! Elas descobriram que eu tinha facilidade para falar em público e por isso me deram oportunidade para declamar, fazer teatro, balé. Já então brotava em mim a vontade de ser freira, e em minhas conversas dizia que quando crescesse iria para um convento.

Estudava o catecismo para fazer a primeira comunhão, mas muitas coisas me intrigavam. Não aceitava que, num Universo tão grande, só a Terra fosse habitada e que só Jesus fosse o único filho de Deus. E nós? O mistério da Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, era muito complicado. Contudo, achava tudo muito belo e a minha primeira confissão levou-me aos paroxismos da alegria, era como se tivesse ganhado o céu. Para a primeira comunhão, minha mãe fez um vestido simples, mas bonito, e eu, ao receber a hóstia consagrada, fiquei em êxtase, pedindo a Jesus e Maria que me fizessem morrer naquele momento, não queria viver neste mundo, tal a alegria do recebimento de Jesus em meu coração. Dali em diante, sempre que comungava – todos os domingos – pedia a Jesus para me levar com Ele, uma força estranha impulsionando meu desejo de sair deste mundo, isto com nove anos de idade.

Meus irmãos não tinham minha religiosidade, a missa para eles não tinha a mesma importância que para mim. Tia Salica sempre me escrevia incentivando meus sentimentos por Cristo, e a sementeira caiu em terreno fértil. Também se não fôssemos à missa, não saíamos de casa, ordens maternas. Meu pai acompanhava-nos, mas não gostava de padres, achava-os mercenários, era mais espiritualista que católico.

Domingo sim domingo não ia à matinê, adorava filmes de amor. Lia revistas em quadrinhos, de variedades, estudava e brincava muito, esperava com ansiedade os natais, eram natais maravilhosos, não sei se hoje em dia ainda fazem o mesmo, mas naquela época, no Campo de Marte, faziam para nós, crianças,

um verdadeiro dia de *Alice no País das Maravilhas*. Chegávamos bem cedo e brincávamos a valer o dia todo: tinha cachorro quente, picolé, leite com chocolate, um farto almoço e o melhor de tudo é que ganhávamos presentes. Acho que eram presentes simples, mas me encantavam. Colocando na balança as recordações, considero que tive uma infância feliz, aceitava tudo o que a vida me oferecia sem reclamar, entregava-me totalmente às brincadeiras. Junto ao colégio em que estudava, havia uma biblioteca pública infanto-juvenil e eu lia tudo a que tinha direito, chegando a ganhar o prêmio oferecido à criança que mais tivesse lido durante o ano.

Conto tudo isso talvez para convencer a mim mesma de que nunca poderia ser a pessoa na qual os médicos quiseram transformar-me mais tarde: neurótica, psicótica. Tive amor, carinho, castigos e levei uns bons tapas, pois era pirrcenta, tudo muito bem dosado. Para mim foi assim, mas não posso falar o mesmo em relação aos meus irmãos. É interessante que se lembram das brigas dos meus pais que, apesar de se darem bem deviam ter seus desacertos, mas nunca presenciei uma cena desagradável entre eles. Acho que uma nuvem bloqueou estas desavenças aos meus olhos. Hoje, quando minha irmã Amélia me conta determinadas passagens de nossa vida familiar, quase chego a duvidar do que ouço: passei em brancas nuvens pelas dificuldades financeiras e pelos desequilíbrios familiares de minha infância – eles existiram, só que eu não os vi.

Já naquele tempo meu coração era inquieto, parecia que algo me faltava, alguma coisa de importância capital para acalmar o coração, só não sabia o que era, sabia que existia, mas não sabia onde encontrar. Adorava ir à igreja quando estava vazia – parecia que minha comunhão com Jesus e Maria cada vez mais se fortalecia –, e então eu pedia para ser levada para junto deles ou então que me fizessem desmaiar e me levassem até um lugar que não sabia qual era e depois me trouxessem de volta. Uma coisa era certa: eu não queria viver neste mundo e a morte era

meu ideal. Tinha idéias esquisitas. Com dez anos, indo para a escola com alguns colegas, ouvimos o barulho do trem. Imediatamente, deitei-me nos trilhos da estrada de ferro e disse que ia deixar o trem passar por cima de mim e fiquei ali deitada até que uma senhora muito brava ordenou que me levantasse, dizendo ainda que aquilo não era brincadeira de criança. Parece-me que, já naquela época, não queria estar aqui na Terra. Uma enorme inquietação interior me atormentava a alma, mesmo sendo amada por meus pais que pareciam proteger-me, antevendo minhas dificuldades futuras. Continuava querendo ser freira: quando passava por uma delas ou quando as via na rua, sentia-me fascinada, parecia que com elas encontraria a paz, mas paradoxalmente queria fazer teatro, ser bailarina, projetos vetados pelo padre de nossa paróquia que, consultado se eu podia fazer balé clássico, disse à minha mãe que era pecado mortal. Com meu joelho doendo – ou parecendo que doía –, não poderia mesmo ser bailarina.

Minha mãe ficava na cozinha até tarde, passando roupa, enquanto minha irmã Amélia ficava assistindo à televisão na casa vizinha; como eu era mais quieta, ali pelas vinte horas ia dormir. De olhos fechados, sentia a presença de alguém no quarto, achava que era Nossa Senhora, mas assim mesmo sentia grande medo e descia as escadas aos trambolhões. Coração aos pulos, sentava ao lado de minha mãe, dizendo estar sem sono e ali ficava até ela subir para o andar de cima ou minha irmã chegar. Não tinha coragem de dizer a ninguém o que sentia: declamava poesia em voz alta e outra vez sentia a presença de alguém. À luz do dia, desaparecia o medo e então eu conversava com a *presença*, perguntando se estava lendo direito, se estava bonito, e a resposta vinha através de meus pensamentos e ainda jogava bola, amarelinha com ela, mas nunca tive coragem de falar sobre isso com ninguém, sentindo que era para ser um segredo só meu. Quando enfim conciliava o sono, tinha sonhos estranhos que não conseguia entender. Ora estava em lugares bonitos,

alegres, ora era atormentada por horríveis pesadelos, com os quais muito sofria.

A certeza da vocação religiosa não me saía da cabeça. Queria entrar para a ordem das Carmelitas Descalças, que nunca mais regressavam ao mundo, vivendo completamente isoladas. Naquela idade, sabia da existência delas porque o ônibus que tomávamos passava em frente ao convento delas no Tietê. Minha índole era muito contraditória, ainda não estava bem formada, pois, ao mesmo tempo em que queria ser freira, adorava comandar as brincadeiras com minha turma.

XXV. Goiânia

Atravessarás o pântano de fel do orgulho e da preguiça, atingindo a plataforma do dever onde a simplicidade fez morada.

Messe de Amor - Joana de Ângelis - Divaldo Pereira Franco.

Meu pai, trabalhando em dois períodos, e minha mãe costurando para fora, puderam dar-me e à minha irmã Amélia algo ansiosamente desejado: uma bicicleta vermelha, uma beleza. Não fazia mal que fosse de segunda mão, rodava, era o que importava. Era começar a pedalar e cair, mas finalmente aprendi a andar no sonhado brinquedo e o fazia sempre que podia, apesar da insistente dor no joelho.

Os médicos não conseguiam diagnosticar a causa da dor no joelho que me deixava sem poder brincar, com a perna esticada e bolsa de água quente. Aparentemente, nada havia no joelho, mas doía demais. Os médicos acharam que, se as amígdalas fossem extraídas, meu joelho poderia melhorar – e minhas amígdalas nunca doeram – ou talvez eu sofresse de reumatismo. O fato de nunca ter tido um diagnóstico seguro acompanhou-me por toda a vida. Para retirarem as amígdalas, amarraram-me a uma cadeira alta, colocaram uma máscara de clorofórmio no meu nariz e adormeci. Quando acordei, ainda estava amarrada à cadeira, sentindo muita dor e ouvindo os médicos conversarem animadamente à minha volta. No entanto, o joelho não se importou com a cirurgia e continuou a doer,

embora, já nessa época, mais brandamente, e eu podia aproveitar para estudar e brincar.

Já melhor, arrumava a casa de manhã, estudava à tarde e ainda arrumava a cozinha depois do jantar. A turma de amigos esperava impaciente lá fora. Na pressa de ir brincar, eu escondia as vasilhas mais sujas debaixo da pia, o resto lavava de qualquer jeito. No outro dia, era obrigada a lavar tudo de novo, depois de umas boas palmadas. Era um bocado pirrarenta e só melhorei à custa de levar castigo e ouvir minha mãe dizer que pirraça só dá na cabeça do pirrarento. A psicologia moderna condena as palmadas, mas acho que quando dadas com sabedoria e equilíbrio são salutares, já que nem toda criança entende de respeito. No início, obedece por medo dos pais e mais tarde, por meio do diálogo, começa a fazer a transição do medo para o respeito. Eu mesma nunca tive medo de meus pais, ao contrário de meus irmãos. Quando queriam alguma coisa era eu quem falava por eles. Nunca recebi um não categórico, principalmente de meu pai. Hoje percebo que para eles eu era alguém necessitada de muito carinho e cuidado, de proteção, assim como uma flor que devesse ser regada com amor para não fenecer.

Naquela época, um padre de nome Donizete fazia uma oração de cura pelo rádio. Orava, pedia para os ouvintes colocarem um copo de água perto do rádio e depois beber. Minha mãe fez esse tratamento comigo e fiquei uma boa temporada sem dor. Meu perispírito fora tratado, eu percebia que a dor ainda estava ali, mas não a sentia.

Aos doze anos, certo dia, quando voltava da escola com um grupo de colegas, algumas começaram a dizer que os pais delas eram fiéis às mães. Sem saber de onde tirei as palavras, choquei as colegas ao apontar quais os pais infiéis. Quase apanhei e muitas ficaram sem conversar comigo. Mais tarde, uma colega me procurou e me perguntou como é que eu sabia que seu pai tinha outra mulher. Respondi que não sabia o que havia acontecido para eu falar daquela maneira e que ela me

desculpasse. Como sofri com minhas premonições e revelações, pois não sabia de onde vinham, mas tinha certeza de não estar errada quanto à veracidade delas.

Como meu pai trabalhava em dois empregos, ficou muito estressado e durante alguns meses ficou internado numa clínica psiquiátrica. Minha mãe tomou conta de tudo sozinha. Alguns amigos a aconselharam a procurar um Centro Espírita, mas como católica convicta não admitiu sequer a hipótese e jurava que Nossa Senhora das Graças ia curar meu pai. Fez então uma promessa de nunca mais usar jóias, cantar e outra de usar preto o resto da vida (esta promessa meu pai não a deixou cumprir). Nunca mais cantou nem usou as jóias que ganhara de meu pai nos tempos de riqueza, elas só serviram para nos tirar do aperto, indo parar na Caixa Econômica sob penhora.

Para surpresa de todos, inclusive dos médicos, meu pai ficou curado, voltou para casa e passou a trabalhar só na firma de engenharia. Depois de algum tempo, foi convidado para gerenciar a firma no Estado de Goiás, em cuja capital implantariam a rede de eletricidade.

Hoje percebo o valor de meu pai, autodidata, que, só com o quarto ano do curso primário, foi gerente de engenheiros, técnicos e funcionários administrativos, cargo que exigia conversas com o governador do estado e funcionários do alto escalão.

Falou com minha mãe que ficaria ausente por um ano, vindo visitar-nos todos os meses, condição recusada por ela e então nos mudamos todos para Goiânia. Era uma mudança para melhor. Viemos de avião, alugamos uma casa no centro da cidade – naquela época era elegante morar no centro – e tínhamos motorista particular. Minha irmã Amélia e eu fomos estudar no Colégio Santo Agostinho, de freiras espanholas, e meus irmãos no Ateneu Dom Bosco. O colégio de freiras vinha bem a calhar com meus anseios de ser freira, embora a dúvida me corroesse por dentro, algo me dizendo que não era o meu caminho, a minha

vocação. Vivia um conflito interior muito grande. Ia à missa todos os domingos, comungava, era Filha de Maria, ensinava catecismo às crianças e nunca, nem de leve, cultivava pensamentos de namoro ou casamento, visto que antes dos quinze anos já me sentia noiva de Cristo. Minhas inquietações eram enormes: sentia-me diferente de minhas amigas, mesmo das que também queriam ir para o convento, que não faziam indagações nem tinham dúvidas, ao contrário de mim que queria ser freira, mas tinha dúvidas e sentia medo, sem que eu soubesse de onde surgiam.

Os pais precisam ficar atentos quanto aos filhos adolescentes, pois muitos possuem idéias suicidas muito bem guardadas dentro de si, nunca exteriorizando seus pensamentos, e quando menos se espera, o jovem tira sua vida, marcando a família com sentimento de culpa intenso, sendo que os pais nunca perceberam algo de diferente no filho.

Como já tinha idéia suicida naquela época, meus familiares levariam um enorme susto, pois aparentemente era uma criança normal.

Nessa época, tentava mostrar ao meu orientador espiritual as angústias e medos, mas ele não entendia e, como penitência, mandava-me rezar o terço dez vezes. Nem mesmo Sórora Purificação, minha amiga freira, entendia meus sentimentos. Chamava-me de inconstante, adjetivo que mais ganhei na vida e por isso passei a escrever num bloco meus sacrifícios para ver se acalmava o coração. Não guardei esses escritos, joguei fora, mas lembro-me de que os sacrifícios que me impunha eram mais ou menos assim:

Dia.....	Dia.....	Dia.....
1. Não comer doce	1. Não ir ao cinema	1. Não comer carne
2. Rezar dois terços	2. Não ter pensamentos de morrer	2. Não falar na dor do joelho
3. Não responder à mamãe	3. Não brigar com meus irmãos	3. Ir à missa todos os dias.

Fiz esses sacrifícios durante anos. A oração parecia ser a única forma de aliviar as dores da alma. Mais que uma necessidade era uma forma de amenizar minhas angústias, aliás foi a oração que me salvou do suicídio, idéia sempre presente em meu espírito. Era uma atração muito, muito forte e quanto mais as dúvidas aumentavam mais a idéia se fixava em mim e só com a oração não pensava em tirar minha vida. Minha vida, incoerência total. Dor não diagnosticada no joelho, querendo ser freira, mas atormentada por dúvidas, pensando em suicídio e mostrando uma aparência alegre, sorriso nos lábios. Não creio que alguém, nem mesmo minha família, jamais soube de meus conflitos íntimos. Viver era um sacrifício enorme e não era por causa da adolescência, pois carreguei todos esses fantasmas pela vida afora. Hoje, se eu fizesse confidências a alguém sobre eles, talvez remédios ou psicólogos me ajudassem, mas como ajudar alguém que procurava algo escondido em algum lugar e nem mesmo sabia o que era? Minha procura sempre foi pela vida, que eu terminava em não aceitar. Fui com minha mãe a Minas Gerais me despedir dos parentes a fim de ir para o convento, fato dado como certo por todos eles, pois desde pequena repetia a mesma cantilena.

Meu joelho continuava a doer, já quase não andava, a dor era difusa, incerta, andava de médico em médico, eles não diagnosticaram que em alguns casos o crescimento ocasionava aquela espécie de dor no adolescente e também ignoravam que para meu espírito era necessário passar por aquele caminho. Percebo hoje que não temos mesmo de saber do futuro, pois se naquela época soubesse dos problemas espirituais em que estava envolvida e ainda o que me reservava o futuro, na certa teria acabado com a vida, mas sem saber de nada, a educação que recebera, aliada ao que aprendera na vida espiritual, foi fator decisivo para a vitória na luta contra o suicídio.

XXVI. Intuição

*Irrigando as terras do pomar, o córrego
ignora a extensão por onde correrão suas águas.*

Messe de Amor – Joanna de Ángelis- Divaldo Pereira Franco.

Quando fiz quatorze anos, voltei a São Paulo com minha mãe, onde consultamos um famoso ortopedista, Dr. Maurício, que numa cirurgia delicada retirou um menisco sadio. Sentia-me culpada por dar tanto trabalho a meus pais, mas quem não conhecia minha batalha pela saúde dificilmente acreditaria que eu realmente tivesse problemas de saúde, pois parecia saudável e estava sempre risonha. Meu pai, talvez por intuição espiritual, não queria que eu fosse operada com receio de que minha perna ficasse marcada, de que uma cicatriz a deixaria feia, mal sabendo que mais tarde ela seria toda retalhada.

Depois da cirurgia, ficamos uns vinte dias na casa do tio Antônio, irmão de minha mãe. A casa era muito pequena, mal dava para eles. Uma vez mais minha intuição veio à tona: percebia o que meus tios estavam sentindo, a humilhação de minha mãe, vendo-se obrigada a ficar num lugar onde não era bem-vinda. Embora ajudasse nas despesas, meu tio achava que não era bastante, sua esposa ficou revoltada com a situação, com as filhas irritadas com todo aquele tumulto, e eu percebendo todo o drama devido à sensibilidade já desenvolvida. O pior é que a situação acrescentou mais tijolos em meu sentimento de culpa por toda aquela peleja.

Sempre fui uma doente dócil, embora no meu caminhar tenha sido obrigada a fazer a reforma íntima, aparar arestas, lutar pela vida. Sofria por incomodar as pessoas e isso foi o que mais fiz na vida, pois temos que saber suportar as doenças, facilitando ao máximo a vida dos que estão à nossa volta, evitando ser intransigentes, aborrecidos, obstinados, pois a doença por si só já dá muito trabalho, provocando cansaço em todos e se o doente não ajudar a situação fica complicada. Penso que seria de grande utilidade um manual para doentes e visitantes, pois quantas vezes, ao longo das enfermidades que me acometeram, escutei absurdos das pessoas que me visitaram.

Finalmente a tão esperada alta médica chegou. Voltei para casa com a perna engessada e submeti-me a um tratamento lento e difícil, dado que naquela época ainda não existia a fisioterapia. Minha mãe, com todo o cuidado, foi fazendo exercícios para a perna voltar ao normal, o que durou cerca de três meses. Hoje, com o conhecimento de fatos de vidas passadas, entendo que estava sendo preparada para os reveses da existência atual. Por certo a preparação espiritual que tivera me ajudava a aceitar sem revolta o sofrimento. Meus sentimentos, no entanto, eram muito confusos. Não queria mesmo fazer parte de um mundo com tanta desigualdade social e questionava Deus por que permitia tanta injustiça.

Nessa época, meu pai havia terminado de colocar a rede elétrica em Goiânia e a firma queria que ele retornasse a São Paulo. Ele fez uma reunião familiar e nenhum de nós queria voltar. O governador, que a esta altura era seu amigo, ofereceu-lhe a construção de meio-fios nas ruas, o que ele prontamente aceitou. Aqui, montou a primeira fábrica de artefatos de cimento, Goiarte. Era o orgulho dele e de minha mãe. Não constava da programação de minha vida a saída de Goiânia, que foi palco de minha existência. Às vezes penso o que teria acontecido se então soubesse tudo o que sei hoje: desastre total, reabilitação nenhuma.

Como não tinha com quem compartilhar meus sentimentos – ninguém me entendia, eu achava – comecei a escrever num

caderno, com letra insegura de adolescente, textos que mostram claramente meus temores, angústias, premonições e voltas ao passado. Se não tivesse visto e guardado, não me seria possível dar exemplo de reencarnação, de como se deu minha vinda a este planeta. Sem saber o que me esperava se saísse deste mundo pelas vias do suicídio, estava certa de que o outro lado da vida era melhor do que este, mas bem lá no fundo, no subconsciente sentia medo de tirar a vida, acho agora que o inconsciente me advertia do sofrimento que me esperava. Mesmo assim, em pensamento, inventava tramas, escrevia cartas de despedida, atormentada pela idéia de suicídio que nunca tentei cometer, protegida pela fé e pelas orações. Apesar da crença inabalável em Jesus, dúvidas e conceitos rígidos que colocavam em minha cabeça, criavam um abismo em nossas consciências. Só havia três opções: céu, inferno e purgatório. O inferno era um lugar de onde ninguém jamais saía se cometesse pecado mortal. Eram conceitos muito rigorosos que a juventude da época tinha de carregar, mas nem por isso as jovens deixavam de namorar, beijar e até ficar grávidas, tudo muito camuflado. A causa dos pecados era a mesma: atração dos sexos.

Nunca fui muito estudiosa, estava sempre mais para as últimas da classe. Rosa, amiga daquela época que conservo até hoje, era muito diferente de mim. Sempre me dei melhor com ela do que com minha irmã. Éramos iguais nas diferenças. Ela não acreditava muito em Deus, adorava dançar, pular carnaval, namorar e quando achava que não havia se saído bem numa prova saía da sala aos prantos. Eu achava linda essa atitude, tentava chorar, ficar preocupada, só que não conseguia e por isso ficava muito frustrada. Insistia com ela para ir à missa, confessar, amar Jesus como eu amava, mas qual, ela ficava na dela e só anos mais tarde, depois de um grande sofrimento, encontrou seu caminho na Doutrina Espírita.

Continuava pensando em ir para o convento, mas as freiras, percebendo minhas dúvidas e incertezas, iam adiando

meus projetos. Quando entrava em depressão – o que acontecia todos os meses durante a TPM – da qual não tínhamos conhecimento, aí sim, queria morrer mesmo, não queria esta vida, tinha certeza de que existia um lugar melhor que este mundo. A palavra Espiritismo era proibida em nossa casa, nem de longe eu suspeitava de sua existência, embora já tivesse ouvido falar na Tenda do Caminho, hoje Irradiação Espírita Cristã, que pensava ser lugar de loucos e nada mais.

Não me sinto idosa, mas em sessenta anos vejo quanto o mundo mudou, quantas coisas aconteceram e se modificaram para melhor, acredito eu. Não consigo enxergar que não melhoramos, uma vez que o progresso é inerente ao ser humano. Por mais calamitoso que seja este mundo, sempre marchamos rumo a algo melhor, assim ensinava meu pai que não era espírita e morreu convencido de que as pessoas hoje são melhores que as do passado, convicção que também abracei e que gerou muita polêmica entre os amigos que acreditavam estar tudo perdido. Quanta incoerência de minha parte! Queria morrer não por que achasse as pessoas ruins, mas por causa de uma idéia fixa e até nos momentos mais felizes de minha vida, desejava não estar viva. Repito esta minha fixação para que eu própria me alegre por estar viva e ter afastado com grandes esforços e lutas a idéia tresloucada do suicídio, que conduz a lugares terríveis, jamais imaginados pelos encarnados.

Para demonstrar a certeza das minhas vidas anteriores no plano espiritual e encarnada – transcrevo agora alguns trechos dos meus dois cadernos, escritos aos dezessete anos de idade, no ano em que minha alma atormentada ia deparar-se com Luiz (Alfredo). Iniciei-o da seguinte maneira:

Jesus, pela vossa graça dai-me:

HUMILDADE
DE CORAÇÃO

UM BOM
CONFESSOR
ESPIRITUAL

NÃO SER
ORGULHOSA

VOSSA
BENÇÃO

XXVII. Lembranças

Insignificante é o pingo d'água, todavia, com o tempo, traça um caminho no corpo duro da pedra.

Caridade – Espíritos Diversos – Francisco Cândido Xavier.

Comecei a escrever em março de 1959. Minha angústia se intensificava cada vez mais até que em 31 de agosto do mesmo ano deu-se nosso encontro. Foram cinco meses meio perdida, sem saber o que queria e penso que não destruí esses escritos para poder provar a veracidade dos fatos que se seguiram. Não me cansava de implorar a Jesus que me mandasse alguém para orientar-me, mas constava da programação espiritual que meu caminhar e minhas decisões caberiam exclusivamente ao meu livre-arbítrio.

• *Goiânia, 4 de março de 1959 – quarta-feira.*

JESUS,

Venho iniciar novamente minhas palestras convosco. Vós sabeis quanto me custou ficar sem vir de vez em quando dizer-vos o que sinto.

Mas vez ou outra não podemos escapar, é a lei natural das obras de Deus. Mas de onde estais, bem vistes que eu não esqueci um minuto.

E como abertura deste novo caderno quero entregar-vos todos meus pensamentos e escritos. Quero que meus pensamentos voltem toda noite para vós.

Quando nos dias de tribulação e tristeza, vier aqui chorar minhas mágoas, consolai-me, Jesus, enchei de alegria meu coração amargurado.

Como as pombas voltam ao pombal eu voltei ao meu Jesus.

• Goiânia, 7 de março de 1959 – sábado

Por que não ser como as outras moças? Por que viver tão diferente de milhares e milhares de jovens que habitam o Universo?

Pode-se muito bem viver com Jesus no mundo. Pergunto-me ainda, elas ou eu que estamos certas? Cada qual tem sua opinião neste assunto. Não me sinto errada, pois criei-me assim e não é agora que tenho dezessete anos que vou mudar. Vejamos o que penso sobre o casamento, convento e a moça solteira no mundo.

Casamento: ter uma criancinha no colo, velar pelo seu sono de criança, guiá-la nos primeiros anos escolares, ajudá-la a passar as dificuldades da vida, levá-la a escolher o caminho do bem e ajudá-la a escolher sua vocação na vida.

Agora pergunto-me... e depois? Depois, bem, vou ajudá-la a criar meus netos. E depois? Espero que a morte venha me buscar.

Sentir ou não prazer neste contexto? Sim, até certo ponto gostei, pois adoro crianças, mas ahhhhh!!! Não sei, esta vida é tão vazia, mas não sei, talvez Deus me queira para o matrimônio, Ele lá é que resolve, eu apenas expus meu ponto de vista.

Convento: o mundo é contra esta vocação e para dizer a verdade não sei por quê. O mundo julga que quem

segue este caminho é porque é uma vencida na vida, que geralmente teve uma desilusão amorosa. Mas agora, deixe-me dar minha opinião. A moça que entra para o convento começa a viver verdadeiramente. Larga este mundo, onde Jesus foi morto e crucificado, deixa um mundo por um homem que não vive na riqueza e no luxo, não anda de trem ou de avião. Ele viveu na pobreza e na miséria, andou apoiado em um bastão. O homem que a moça deixa o mundo para tomar por esposo não é um homem mortal, Ele é imortal, e exige de sua amada o máximo de seu amor, Ele ama Sua escolhida de modo especial, carinhoso, não pelo amor carnal, mas pelo amor espiritual. Quanto mais Sua esposa sofre com resignação, mais Ele lhe fala, inclina-se e diz-lhe palavras que nenhum mortal fala ao ouvido de sua escolhida, Seu amor é infinito assim como Ele é infinito; depois já velhinha e cansadinha de espalhar tudo que Jesus lhe ensinou e servindo-O até a hora de sua morte, ela espera o momento de ir conhecer Aquele que escolheu por esposo. Esta moça também teve filhos, mas filhos espirituais, e no dia em que O conhecer, os santos e anjos do céu exultarão de alegria e lhe farão festas. Esta é minha opinião. Quem algum dia ler, que julgue conforme seu ponto de vista.

A solteira no mundo: os terrestres as chamam de solteironas ou beatas, mas no fundo elas não são isto, são apenas moças que tiveram o ideal de casar, mas o destino determinou outra coisa, elas também fazem bem à sociedade: eu tributo a elas minhas homenagens, principalmente aquelas que ficaram no mundo sem manchar sua virgindade.

Talvez um dia eu esteja no meio delas e espero, se assim for, fazer bem à sociedade. Aí está minha opinião. Que Deus julgue a autora.

Parece-me hoje que eu queria me convencer de que casar não era o melhor para mim, ir para o convento ou ficar solteira era melhor. Sem saber, pressentia que estava chegando o dia D.

● **Goiânia, 9 de março de 1959 – segunda-feira**

Neste dia tão belo eu quero dizer apenas uma coisa: eu amo e adoro-O, Jesus, meu coração é Seu, meu Jesus adorado, sou inteiramente Sua.

● **Goiânia, 13 de março de 1959 – sexta-feira**

Jesus, hoje eu lanço um grito angustiante. Ajude-me, não me deixe no desespero em que me encontro.

Gostaria de saber se sou só eu que tenho estas idéias na cabeça.

Oh, Jesus, eu confio em vós, tenho certeza que meu grito não ecoará em vão pelo infinito.

O suicídio estava presente em minhas idéias.

● **Goiânia, 14 de março de 1959 – sábado**

Não desejo fazer um trabalho maravilhoso, mas desejava apresentar ao mundo, como se defender das ciladas do demônio. Eu não sei como livrar-me delas, mas com um sopro divino eu saberia passar para o papel, desculpem-me, sim, moradores do céu, foi apenas minha imaginação.

Parece que, depois de quarenta e quatro anos, em parceria com o Francisco, que é um *sopro divino*, tenho de fazer o que desejei na época.

● **Goiânia, 2 de abril de 1959 – quinta-feira**

Jesus querido, eu lhe rogo com todas as forças do meu coração, ajude-me e peço-Lhe por todas as dores e sofrimentos por que passou, me responda: qual é minha vocação?

As estrelas, a lua, as flores, os astros, todos sabem o que fazer, eu, Jesus, angustiada, não sei o que fazer.

Quero muito a Jesus para entregar meu coração a outro que não seja Ele. Eu Lhe peço, Jesus: ajude-me a saber qual minha vocação: que quer de mim?

A angústia era minha companheira, na realidade me perguntava o que viera fazer neste mundo. Não queria estar aqui.

● *Goiânia, 3 de abril de 1959 – sexta-feira*

Jesus, ao voltar da comunhão, agora à noite, eu estive pensando. Longo tempo. Tomei uma decisão. Não me tornarei fútil como algumas moças, mas serei uma moça passeadeira e alegre, creia-me, Jesus, se tiver oportunidade, arranjurei até um namorado, mas isto não quer dizer que serei infiel ao Seu chamado, comungarei todo dia, viverei para Jesus, mas também me divertirei. Foi esta a decisão que tomei.

A Espiritualidade começava a trabalhar a sintonia ideal para minha mudança de vida. Dia 12 de abril, completei dezessete anos, mas não registrei esta data, não gostava de fazer aniversário.

● *Goiânia, 17 de abril de 1959 – sexta-feira*

Jesus, meu pensamento hoje está passeador como nunca vi, ele voou para outras plagas, para um lugar sossegado e calmo, onde os pensamentos se unem para formar um só, e onde está este lugar maravilhoso? Não sei, só digo que era lá que meu pensamento encontrava-se.

Devo ter sido levada até o plano espiritual.

● *Goiânia, 28 de abril de 1959 – quarta-feira*

O sofrimento

O que é, Jesus, o sofrimento? Por que sofremos tanto neste mundo? Não acho que deveríamos passar sem ele, pois a vida consiste em sofrimentos e alegrias, mas deveria haver um meio de amenizá-lo, o sofrimento nos deixa atordoados. Deus, eu sei que se houvesse outro meio de passar pela vida, na certa o Senhor teria nos ensinado.

Oh, Deus, na imensa bondade de seu coração, olhe por nós, pobres pecadores, que sofremos na Terra do exílio e, na Sua infinita bondade, tenha compaixão e perdoe-nos.

Tirava da minha bagagem os ensinamentos aprendidos no mundo espiritual e me escorava realmente nas orações e em Cristo para transpor aqueles momentos difíceis que antecederam o reencontro para acerto de contas entre mim e Alfredo.

● *Goiânia, 2 de maio de 1959 – sexta-feira*

Por quê?

De que é constituída a Terra? A Terra é formada de várias camadas, e dentro delas o que existe? Existe uma raça imperfeita que se chama homens e eles são constituídos de carne, osso, alma e dotados de baixeza, mesquinhez, vingança e falsidade. Somos falsos, Jesus, e não nos corrigimos, por quê? Responda-me, Jesus, por que a raça humana é tão despida de dotes bons?

Meu aprendizado nos últimos quinhentos anos no plano espiritual vinha à tona, eu parecia estar convencida do que pensava, pois fizera em outras vidas tudo o que descrevi e desejava não mais cometer os mesmos erros.

XXVIII. Mudança de Plano

Quando Jesus encontra santuário no coração de um homem, modifica-lhe a marcha inteiramente.

Fonte Viva – Emmanuel – Francisco Cândido Xavier.

● *Goiânia, 03 de maio de 1959*

Hoje, não sei por que, levantei-me muito triste, mas Jesus, o Senhor que está aí, deve saber, console-me, sim, Jesus querido? Sabe ao que eu comparo o mundo? Acho que o mundo é pequeno, cabe dentro de um ladrilho e que o Senhor, anjos e santos, observam todos os nossos passos e pensamentos.

De fato, os espíritos influenciam, mais do que supomos, nossos pensamentos, bagagem espiritual definindo a vida. Estas observações mostram como meu espírito era cheio de conflitos e não encontrava ninguém para trocar idéias. Se falasse sobre tudo o que registrei, passaria por desequilibrada, mas minha passagem pela espiritualidade estava presente em meus escritos.

Faltando dois meses para o reinício de minhas lutas junto a Luiz, um fato veio mudar radicalmente minhas pretensões de ser freira. Minha irmã Amélia, que nunca mostrara vocação religiosa, resolveu ir para o convento de uma hora para outra. Ninguém entendeu o que levou Amélia a ir para o convento, era

eu quem deveria ir em dezembro daquele ano e, de repente, mudam-se todos os planos. Contra a vontade de minha mãe, ela tornou-se freira. Somente anos mais tarde tomei conhecimento de uma das razões que levaram Amélia a tomar o hábito. Uma mesma pessoa pode ser vista de ângulos diferentes por duas ou mais pessoas e ninguém é totalmente bom nem totalmente mau, depende exclusivamente do ângulo que é vista. Para mim, minha mãe era uma pessoa perfeita, já minha irmã, nem se quisesse, poderia vê-la da mesma maneira que eu a via que, no sentido de ajudá-la, fazia comparações dela comigo: “Augusta é alegre, comunicativa, por que você não faz igual a ela?” Tinha as melhores intenções, mas acumulou minha irmã de complexos, principalmente em relação à minha pessoa, pois, por mais que tentasse, não conseguiria ser igual a mim, pois cada um traz sua própria bagagem, seus compromissos. Não foi apenas isto, mas influenciou Amélia a querer sair do mundo, ir para o convento.

Hoje, ela diz que foi uma ótima experiência. Não tinha vocação, mas teve um grande aprendizado e assim foi a contribuição da espiritualidade para eu poder escolher livremente meu caminho. Eis o que escrevi sobre sua partida.

● *Goiânia, 07 de maio de 1959 – sexta-feira*

Amélia partiu hoje às oito horas e quinze minutos do Aeroporto Internacional de Goiânia, acompanhada de Madre Purificação, para o noviciado. Que ela partiu é verdade, mas que fica, é potoca.

Amélia ficou treze anos no convento. Saiu, casou-se muito bem, foi diretora de colégio e tem duas filhas lindas, Tati e Nana. Se pergunto a ela se ainda acredita em Deus, muda de assunto e mesmo não sabendo qual sua resposta, dá para imaginar.

Com a saída de Amélia, perdi definitivamente a coragem de deixar meus pais. Continuava em dúvida quanto à minha

verdadeira vocação, mas teria de fazer uso do livre-arbítrio, sem saber de sua existência. A dúvida, volto a repetir, era minha companheira predileta, não sabia mesmo o que fazer da vida, queria me esconder, fugir do que me aguardava o futuro e sentia uma vontade muito grande de morrer ou tirar a vida. Os medos me perseguiam implacavelmente, principalmente de cometer suicídio e por isso me apegava a orações e comunhão na igreja.

Daqui para a frente, cada trecho escrito aproximava-me mais e mais do dia do reencontro com Luiz (Alfredo), que mudaria por completo o rumo de minha vida. Meu encontro com Jesus, no Sermão do Monte, também mereceu registro.

● *Goiânia, 17 de maio de 1959 – domingo*

Jesus, eu queria ouvi-Lo

Fecho os olhos e meu espírito voa através dos séculos para ir encontrá-Lo falando à multidão.

Sermão da Montanha!

Isto impressionou-me singularmente. Ponho-me entre o povo e escuto Sua voz melodiosa.

Não líamos a Bíblia nem qualquer outro livro religioso, mas encantava-me o pouco que ouvia falar sobre o Sermão da Montanha. Esta foi a única passagem de Jesus na Terra que registrei.

● *Goiânia, 21 de maio de 1959 – quinta-feira*

Bem-querer

Jesus, ajude-me a descobrir o caminho que devo seguir.

● **Goiânia, 27 de maio de 1959 – quinta-feira**

Sei que não valho nada, sou pó e lodo. Não faço nada para adiantar-me na vida espiritual, sei disto, mas continuo parada.

Aproximava-se o mês de agosto, e minhas angústias aumentavam.

● **Goiânia, 31 de maio de 1959 – domingo**

Fim de maio

Preciso tanto de auxílio, Jesus, o Senhor conhece melhor do que ninguém o estado em que me encontro. Passei a compreender esta dor profunda que sinto no peito. Dói tanto, Jesus, que somente um suspiro fundo e longo consegue aplacar minha dor. Estou pronta para o que Deus quiser. Eu prometi a Jesus que acolheria de bom grado qualquer coisa que viesse Dele, portanto... estou para o combate.

Minha mente estava cada vez mais atribulada, e eu não tinha com quem dividir minhas angústias. Como foram atribulados os anos de minha mocidade que passaram despercebidos por causa de meu temperamento alegre, mas por dentro, continuava a não querer viver, mesmo com todo o preparo espiritual que tivera e em desequilíbrio agarrava-me a Jesus como tábua de salvação, sabendo intuitivamente, que Ele me ajudaria.

● **Goiânia, 3 de junho de 1959 – quarta-feira**

Até quando esta dúvida?

Jesus, eu rogo, peço, imploro, e até hoje não sei o que devo fazer de minha vida, esta dúvida mata-me a alma e o coração. Jesus, por que permaneces surdo ao meu pedido?

Meu coração está árido, não tenho forças para mais nada. Eu não compreendo a linguagem do mundo, eles falam grego ou chinês? Que pensamentos têm os jovens de hoje? Falam em rock, em tanta coisa que nunca entendo.

O mundo! Se a vida consiste em viver nele eu prefiro não viver. Foi um apelo angustioso que eu lhe fiz, Jesus, vivo como se estivesse em um mar tenebroso, onde não vejo saída para meu mal. Terá saída, Jesus? Será que chegarei a descobrir qual é minha vocação? Gosto tanto do Senhor, que acho impossível entregar meu coração a outro que não seja meu querido e adorado Jesus.

Cada dia ficava mais próximo meu reencontro com Luiz (Alfredo), e mais angustiada eu ficava, tinha horríveis premonições.

● **Goiânia, 7 de junho de 1959 – domingo**

Título atrasado

Hoje não saí de casa para passear, limitei-me a ir à missa e à reunião da irmã Antonieta, às duas horas. Não que estivesse sem lugar para ir, fui convidada para ir ao DCE (clube estudantil), mas não fui, à noite ia ao cinema, não me deu vontade, eu ando maluca estes tempos, reconheço e cruzo os braços, sinto que vou caindo no abismo do mundo, sei que fujo de algo que quero e desejo. Querer e temer! Estranha é a sensação que invade o meu peito, ao mesmo tempo em que anseio e peço a Deus por algo que desconheço, eu fujo e precipito-me no abismo.

Quando transcrevo estas palavras, percebo a seriedade do mundo espiritual e como não consegui fugir ao compromisso

assumido na espiritualidade. Tudo se encaminhava para o início do meu resgate.

● *Goiânia, 08 de junho de 1959*

Encontrei a vida

Estou contente, feliz! Achei Jesus outra vez! Eu estive longo tempo afastada dele!

Deixe-me gritar a todos minha alegria, enquanto ainda posso dizer: "Jesus habita em mim e eu Nele. Esta alegria que sinto parece uma fumaça, que em breve desaparecerá, deixando apenas as cinzas da fogueira de uma recordação".

XXIX. Premonição

Com o ato de fazer e dar alguma coisa, a alma se estende sempre mais além.

Fonte Viva – Emmanuel – Francisco Cândido Xavier.

• *Goiânia, 09 de junho de 1959 – quarta-feira*

O sorriso!!

O sorriso! Que poder estranho e incompreensível tem este ato sobre a Terra, ele pode ser doce e terno, mas também cruel como a serpente. O sorriso pode nos transportar ao céu quando dado com sinceridade e carinho, mas pode nos levar ao inferno quando para criticar e ridicularizar.

Saber sorrir é um dom que todos têm, mas poucos sabem aproveitar, ele faz amizades sinceras e duradouras, mas também faz inimizades e ingratidão.

Enfim, o sorriso é a melhor oferta que podemos fazer a alguém que amamos.

Minha intuição me dizia que não encontraria sorrisos em Luiz, e escrevia para mim própria, para nunca esquecer de sorrir frente às adversidades. Mais um mês e meio e eu o encontraria.

• **Goiânia, 10 de junho de 1959 – quarta-feira**

Vai, cumpre teu destino!

Jesus, o senhor vê como não conseguimos nos desprender do mundo? Nem bem me julguei livre dele e já me acho novamente em seus braços. Fui convidada para ir ao DCE Diretório Central dos Estudantes), no Dia dos Namorados, irei se nada impedir, mas não vou muito contente, não sei por quê. Se digo isto a alguém, logo a pessoa dirá que eu vivo cultivando isto, mas aqui eu posso falar, com todo o meu coração. No momento fico influenciada, doida para ir, faço empenho em arranjar companhia para nos levar, mas quando vou pensar direito, acho tanta bobagem, tanta loucura ir a um salão de baile, que desisto e sinto-me inútil nesta vida, daria metade da minha vida para saber o que vim fazer neste mundo.

Jesus, eu não desisto de perguntar, vou perguntando até o dia que o Senhor cansar de ouvir a mesma ladainha e responder: “Augusta, é esta sua vocação... vai, cumpre-a direito e não me amole mais”.

Qual é minha vocação, Jesus?

A vocação religiosa já estava ficando fora dos meus propósitos, mas continuava a afirmar que em dezembro entraria para o convento, mas já sem convicção, aliás tinha sido sempre assim: a incerteza e a dúvida faziam par comigo.

• **Goiânia, 12 de junho de 1959 – sexta-feira**

Beleza da vida

Mas como sou boba, Jesus, o Senhor me quer, não é verdade? Eu não quero casar, Jesus, eu quero apenas adorá-Lo e servi-Lo.

Recusa em não aceitar o casamento.

● **Goiânia, 24 de junho de 1959 – quarta-feira**

O que terá atrás deste firmamento azul? Tão azul que nossos olhos ardem ao contemplá-lo, tão belo que todo nosso ser sente uma alegria sem par e ao mesmo tempo uma tristeza inexplicável.

A vida é uma luta contínua, nela se fazem os bons e os maus homens, os santos, a felicidade ou a infelicidade.

Lutemos para poder colher no céu os frutos que plantamos na terra.

Jesus, eu sou moça, estou na flor da idade e no entanto compreendo a vida melhor do que muita gente que conheço, sinto-me envelhecida em certos pontos, vejo a vida como ela é realmente, medito demais sobre a vida.

Qualquer coisa que faço, onde quer que eu esteja, estou pensando, por que isto é assim, por que não é diferente, por quê. F falou isto, M está em conflito, e é esta lenga-lenga danada, sem querer faço uma análise das pessoas.

Tento não filosofar, mas não adianta, quando percebo já estou com minhas perguntas e meus porquês íntimos.

É bem ruim ver a vida como ela é!

Tirava minha bagagem espiritual da valise e ficava atordoada com as premonições que intimamente fazia. Um mês depois de escrever o texto a seguir reencontrei Luiz/Alfredo.

● **Goiânia, 1 de julho de 1959 – quarta-feira**

Se não tiver vocação para ser religiosa, ficarei solteirona. Casamento, se Deus não mandar o contrário, não me pegará. Casar para ser escrava? Para viver eternamente como cachorro? Não, Jesus, só me casarei se o Senhor quiser, e sei que pode querer, mas não O julgo tão ruim assim, Jesus, sei que o Senhor é bondoso e, no que se refere à nossa escolha

de vida, somos livres, não me arme uma armadilha amorosa, Jesus! Deixe-me seguir aquilo que pede meu coração, quero muito a Jesus e Ele será o único a habitar minha alma.

Minhas interrogações eram angustiantes: o dia D se aproximava e eu pressentia cada vez mais sua chegada e então a vontade de suicidar aumentava.

● ***Goiânia, 11 de julho de 1959 – sábado***

Filho pródigo

*Luto, Jesus, lutas íntimas que não me dão trégua.
Não posso continuar assim, tenho que pôr fim a isto
(suicídio).*

*Qual será, Jesus adorado, o dia que chegarei a dizer
com firmeza – minha vocação é esta?*

Fascinam-me as ligações do mundo espiritual com a matéria e o título que vem agora é a expressão do meu desejo de escrever quando estava na Colônia do Escritor.

● ***Goiânia, 20 de julho de 1959 – segunda-feira***

Eu quero escrever!

*O que vou escrever hoje? Na vida não acontece
nada de novo, sempre as mesmas coisas, que vida
monótona, meu Deus!*

*Eu quero escrever algo de bom, mas o quê? Eu quero
escrever! Coisas bonitas que elevem os corações, que deixem
por um instante esta Terra, empurrando-me para o mundo
em que escrevia.*

Não sei se me expressei bem, mas o que estou tentando dizer é simples: quero dizer que estou querendo escrever algo que suplante tudo o que escrevi até aqui, mas não dou conta. Vou escrever sobre algo que detesto.

Solidão

Um quê de melancolia invade-nos a alma e nada podemos fazer, sentimo-nos incapazes de dar um passo para melhorar nossa situação, sentimos esta melancolia geralmente quando nada temos para fazer. Que estado horrível é este! Tenho verdadeiro horror a ele e, na maioria das vezes, encontro-me solitária, a imaginação quando nada tem com que se ocupar, deixa-se levar para um mundo fictício onde tudo é permitido e nada é pecado. Neste mundo ilusório, vive-se numa atmosfera irreal, como nos sentimos tristes e desamparados quando nada temos a fazer, e a infelicidade, a inutilidade que vem bater à porta de nossos corações, e nós nos alegamos com estas visitas, e abrimos as portas e janelas do nosso ser. Então estas figuras apoderam-se de nós e a imaginação, como perfeita dona de casa, as aloja comodamente em cada lugar e começa o trabalhinho que, aos poucos, nos leva para outras paragens. Falo isto por experiência própria, nada me é mais funesto do que ficar só e sem nada para fazer. O que me distrai um pouco é escrever aqui, se não fosse isto, não sei o que faria.

Fiquei surpresa quando li estas páginas do caderno: solidão, amor, adeus, têm tudo a ver com minha vida. Adeus foi escrito no dia em que conheci Luiz. Hoje, sei que não foi coincidência, despedia-me de um contexto de vida para dar início a outro. A premonição viria a concretizar-se, só que eu desconhecia a existência do fenômeno que me angustiava. Nunca

mais me perguntei sobre minha vocação ou o que tinha vindo fazer neste mundo.

● *Goiânia, 28 de julho de 1959 – sexta-feira*

O amor

Aproxima-se a última folha deste caderno amigo, confidente sincero e silencioso. Escreverei sobre o amor.

O que é o amor? Minha definição é esta: uma forte simpatia de ambos os sexos. Como não tinham outra palavra que exprimisse ao pé da letra esta sensação esquisita que, como disse, é uma simpatia muito forte, deram-lhe o nome de amor, note bem, eu disse amor e não paixão que é outro assunto. O amor é cego, belo e cheio de sonhos, quem ama acha a Terra o paraíso, o amor nasce às vezes pela convivência, mas nasce também num simples trocar de olhos.

O amor é tudo e não é nada, é ilusão passageira, mas tão boa que as pessoas preferem a ilusão de um momento em troca de infelicidade futura. Ninguém é culpado por amar, quando menos se espera, ele se apodera de nosso ser e não conseguimos mandá-lo embora.

Quem ama é feliz, felicidade passageira, pois depois do amor ilusório vem a realidade, Por esta razão, quando descobirmos que estamos amando, não nos entreguemos de corpo e alma a este cupido caprichoso.

Não sejamos cegos ao amar, mas sim um amor que pesa os defeitos e qualidades da pessoa a quem amamos.

Tem defeitos? Terá, sim, mas quem não os possui sobre a Terra? Procuremos com carinho e paciência amenizá-los um pouco. Tudo nos parece alegre, as estrelas parecem descer do céu para nos abraçar, a lua parece-nos mais iluminada, a humanidade toda parece estar feliz, pois estamos amando e julgamos que todas as pessoas sentem-se como nós, tudo é amor.

Eu não amo, mas tenho a impressão de que deve ser bom amar.

A mudança veio lenta e gradual. A Espiritualidade fez comigo a terapia do *Evangelho*. De repente, mudei meu modo de escrever. Penso que ao escrever sobre o amor foi como se já o tivesse experimentado nesta existência, mas Luiz foi meu primeiro e único namorado. Eu queria convencer a mim mesma de que saberia lidar com o amor que me estava destinado. Começaria a usar minha bagagem espiritual a partir do dia 1 de agosto, no desempenho de meus compromissos terrenos. Alexandre muito me auxiliou dando-me o suporte que me prometera na espiritualidade e só hoje percebo a grandeza de sua bondade para comigo, intuindo-me a guardar por tanto tempo estes escritos e me preparando para o que teria de enfrentar pelos anos vindouros. A seguir, transcrevo meu último escrito.

● *Goiânia, 1 de agosto de 1959 – sábado*

Adeus

Quem já não passou pela tristeza de ter que se despedir de alguém? Creio que todos já passaram por isto: adeus.

Ninguém gosta desta palavra, todos a temem, cinco letras pequenas, mas que tanto sofrimento trazem aos corações alegres, ele é o ponto final de uma amizade sincera, é o amargo fel nos corações enamorados, as amizades estacam ante esta palavra, o amor possui enorme medo. Um soluço profundo, um aperto de mão, um abanar de lenços e nada mais resta da pessoa querida. Tudo esquecemos com o tempo, a fisionomia, a doçura da voz, os gestos... Mas não nos esquecemos do dia da despedida, do dia do

adeus. Adeus – por que martiriza todas as pessoas? Por que existe? É formado por quatro letras do ente mais perfeito – Deus – e não se assemelha em nada a Ele. Não me diga adeus, ó Pai bondoso.

No verso da folha está escrito: *Data deste dia o meu namoro com Luiz.*

Como se deu nosso reencontro?

XXX. Namoro

É provável que os outros te guerreiem gratuitamente, hostilizando-te a maneira de viver; entretanto, podes avançar em teu roteiro, sem guerrear a ninguém.

Fonte Viva – Emmanuel – Francisco Cândido Xavier.

Minha mãe vivia chorando pela ida de minha irmã para o convento. Já casado, meu irmão José convidou-me para ir com ele e a esposa a um baile no SESI de Campinas, um bairro de Goiânia. Resolvi que arranjaría um namorado naquele baile. Pela primeira vez, estava predisposta a experimentar o que era namorar. Chegava a hora do exercício do livre-arbítrio, de assumir o compromisso feito no mundo maior, que falava alto dentro de mim. Vi o namoro como saída para sufocar minhas angústias e pensamentos suicidas. Queria sentir o outro lado da vida antes de ir para o convento, pois a dúvida sobre minha vocação continuava martelando-me. No meu subconsciente sabia que não seria freira, se não já teria feito como minha irmã Amélia, bateria o pé e iria mesmo para o convento.

Sabendo agora do compromisso espiritual que me prendia a Luiz, lembro como ocorreu nosso primeiro encontro aqui na esfera terrena.

Arrumei-me com todo esmero, coisa que não era do meu feitio, e lá fomos nós, de ônibus. A orquestra tocava um bolero. Ninguém me convidou para dançar. Sentada, observei um rapaz magro, alto, bem arrumado me olhando. Pela primeira vez na vida flertei, olhos nos olhos, e ele, tímido, convidou-me

para dançar. Estava selado o nosso reencontro. Começamos a dançar, parecia-me que já o conhecia. Sem esperar que ele se pronunciasse, perguntei-lhe se era católico, disse que ia à missa todos os domingos, sim, era católico. Naquele momento, comecei a namorá-lo, não vi mais nada do baile, apenas ele existia para mim, fiquei fulminada de amor à primeira vista. Dava-se o reencontro de duas almas endividadas.

Quando o baile terminou, ele me acompanhou até o ponto de ônibus, e eu o convidei para ir à minha casa no final da semana. Depois, descobri amigos que o conheciam, e as informações dele foram boas: honesto e trabalhador, já sócio de uma firma.

Eu não esperei que me pedisse para namorá-lo, eu o pedi em namoro com meus atos.

Nunca mais pensei em ser freira e nem questioneei quanto à minha vocação. Interrompi o namoro após três meses. Minhas amigas e suas mães diziam que ele não era moço para mim, que eu era muito bonita para ele. Meus pais, por outro lado, nunca fizeram a mínima objeção ao namoro: vieram preparados espiritualmente para garantir essa união, mas fui influenciada pelas colegas e terminei com a desculpa de que ia fazer medicina e tinha que estudar muito.

Foi terminar e me apaixonar mais, não o tirava da cabeça, vivia tristonha pelos cantos. Minha amiga Rosa veio em meu auxílio, convidando-o para uma festinha, na qual reatamos o namoro. Mais tarde, ele me disse que só queria se vingar de mim, mas depois não teve coragem de pôr fim ao namoro que continuou por três anos até o casamento.

Rosa acompanhava-nos a todos os lugares, pois minha mãe não permitia que saíssemos sozinhos. Até à missa íamos acompanhados. Os reveses da vida fortaleceram ainda mais minha amizade com Rosa.

Como não sabia namorar, tudo era pecado diante de meus conceitos de católica praticante.

Luiz era muito reservado. Só depois de um ano deixei que ele pegasse minha mão e o primeiro beijo veio aos dois anos de namoro, fato que me levou ao confessionário por medo de arder para sempre no fogo do inferno e de ficar grávida –

achava que só por beijar ia ficar grávida. Nada sabia sobre a vida, tal como a maioria das jovens daquela época, enfrentei o tabu sobre o sexo: era como se ele não existisse. Uma pena que algo tão sublime na vida do ser humano fosse considerado sujo e pecaminoso. No entanto, algumas colegas mais avançadas já beijavam e davam-se à carícias íntimas, o que fiquei sabendo por elas mesmas e que me chocou. Julgava-as fúteis e levianas. Na verdade eu era quase intolerável, preconceituosa e Luiz não me ajudava, pois não conversava sobre isto comigo e Rosa sabia tanto quanto eu.

Fui levando meu namoro por algo que é nato no ser humano: o instinto e também pelo medo de não entrar no céu, por que meu corpo desejava coisas que ninguém me explicava.

Já noiva, confidenciava a Luiz, entre beijos, a vontade de experimentar algo que não sabia o que era. Ele não dizia uma palavra, não dava nenhuma explicação, sempre quieto e calado. Como eu conversava muito, não percebia seu mutismo e nem me incomodava com o fato de ele só dizer que me amava quando eu perguntava.

Amei Luiz loucamente, mergulhei de cabeça naquele amor. Quem me conheceu na época, comentava que foi um amor de fazer inveja. Meu amor cobriu o que tinha de ficar escondido, inclusive nossas diferenças, de sorte que não houve nenhum obstáculo à nossa união. As angústias haviam me dado uma trégua.

Um olhar de Luiz levava-me às alturas do paraíso, o que me importava era que eu o amava e o mundo parecia colorido, meu primeiro e grande amor terreno que me provocava sensações antes desconhecidas. Se me perguntarem hoje como Luiz era no tempo de namoro e noivado, direi que ele ainda permanece como quando nos conhecemos e já são passados 42 anos de vida em comum nos quais não recebi o que ele não tinha para oferecer, pois reencarnou sem grandes conhecimentos espirituais e teve uma infância pobre, seus pais lutavam com muita dificuldade e não tinham tempo nem preparo para demonstrar amor.

Rosa partilhava comigo os momentos de júbilo e de incerteza, mas era mais racional e começava já a namorar Frederico, seu futuro esposo. A seguir, revelo o que escrevi para ela.

● *Goiânia, 05 de abril de 1961*

A ti, minha amiga Rosa

Hoje é domingo, são precisamente onze horas da noite. Eu não estava com vontade de escrever aqui hoje, mas a inspiração veio e o remédio... é aceitar.

A ti, sim, minha amiga, é a quem dedico esta página.

Estás inquieta, temerosa, angustiada, tua cabeça rodopia.

Desconfianças de todo mundo, pensas que te enganam, é cética, em nada acreditas.

Somos feitos por Deus e para Deus. Enquanto não sentires a verdadeira fé não serás feliz e não terás paz de espírito.

Esta tua insatisfação com tudo e com todos é porque vives na Terra sem um fim. Faze-te um pouco mais piedosa, encontra-te mais a miúdo com Jesus e encontrarás a paz de que tanto necessitas. Não acreditas em nada? Faze um esforço e acreditarás, busca mais a religião, sem ela nada somos, sê piedosa, recebendo Jesus em teu coração. Sou tua amiga de todas as horas, nunca te esqueças disto, para mim és minha irmã querida, lembra-te, confiada em Jesus sairás vencedora na vida.

JELAF

Ao escrever estas palavras, ainda não compreendia que nossas vidas estavam entrelaçadas. E só quarenta anos depois, após um trágico acidente com um de seus filhos foi que ela se voltou para a Doutrina Espírita, na qual encontrou consolo.

XXXI. Lutando Contra a Dor

Não é admissível que alguém entregue o espírito à direção do Cristo e a veste corporal aos adversários da luz divina.

Vinha de Luz – Emmanuel – Francisco Cândido Xavier.

Meu namoro continuava. Nada me impedia de ser feliz. Não pensei mais em suicídio. Todavia, como meu carma já se arrastava desde meu conturbado nascimento, meu joelho operado começava a doer novamente.

Estava tão feliz que escondia ao máximo a dor, só sucumbindo quando não tinha mais jeito, sempre pensei que enquanto agüentasse lutaria contra aquela dor, não a deixaria dominar-me. Era como se estivesse em competição, sem saber com que competia. Quando soube, minha mãe levou-me a um especialista que recomendou aplicação de cortisona no joelho por meio de injeções. Luiz só ficou sabendo do caso superficialmente. Naquela época a impressão de que sentia uma dor que não era dor ficou mais acentuada. Hoje sei que não era imaginação, era reflexo de meu perísprito lesado.

Com as injeções, comecei a sentir dores terríveis, agora reais, dores cada vez mais fortes, mas não desanimava. Tinha de lutar contra a dor, ser mais forte do que ela, vencê-la, por isso continuava cursando o Normal, lecionava e namorava até que, numa tarde de domingo a dor me venceu: com o joelho inchado e febre alta caí de cama. Para aumentar meu infortúnio, a seringa

usada para aplicar as injeções não tinha sido esterilizada adequadamente – não havia seringa descartável então – e uma grave infecção alastrou-se por meu joelho, levando-me a ser hospitalizada no Hospital Santa Luzia – que não existe mais. Delirava devido à febre alta e o médico quis chamar um psiquiatra, dizendo ser a dor de ordem psicológica, estigma que carreguei por quase toda a minha existência. Os médicos não acreditavam em mim, não conseguiam diagnosticar as dores crônicas que sentia, por isso atribuíam o quadro a causas psicológicas que nem eles sabiam definir. Com o avanço da psicologia, hoje é fato sobejamente conhecido que o então mistério psicológico tem o nome de somatização, isto é, o corpo fica mesmo doente devido a causas emocionais, estresse. Quantas pessoas passam por semelhante situação sem saber as causas reais de suas doenças. No meu caso específico, eu já reencarnara com o corpo físico comprometido, por isso não posso culpar os profissionais que cuidaram de uma suicida por três encarnações consecutivas. Eles jamais entenderiam e eu também não imaginava ser este o meu caso. O sentimento de culpa por estar doente começava a ficar mais forte. Meus pais, sempre solícitos, chegaram à conclusão de que o melhor caminho seria voltar a São Paulo para continuar o tratamento com o médico que me operara, Dr. Maurício. Do aeroporto, fui direto para o hospital, de ambulância.

Permaneci internada vinte dias, para retirada do líquido infeccionado do joelho. Sentia dores atroztes quando faziam punção, pois a anestesia local não fazia efeito. Dor! Voltando os olhos para o passado, vejo que ela foi minha mestra e educadora mais fiel, dor física e da alma. Às vezes a dor da alma é pior do que a dor física. Não me lembro se nessa época pensei em suicídio. Acredito que tive uns anos de trégua, absorvida na intensidade do amor por Luiz. Nunca me acostumei com a dor e mesmo deprimida pensava que o amanhã seria um dia melhor. Sentia aumentar em mim a capacidade de perceber coisas que os outros normalmente não notavam, era algo estranho – de

origem espiritual –, alguma coisa me soprava ao ouvido, era aquele *clic* e pronto, estava *por dentro da pessoa*, razão por que nunca tive decepções com amizades, pois sempre soube até onde ir.

Era jovem, mas uma força interior me dizia que teria de lutar pela vida com garra, apegando-me a Jesus, sem vacilar. Minha fé não sofrera mudanças, só o caminho a percorrer era dúvida.

Em seu modo silencioso de dizer que me amava, Luiz visitou-me em São Paulo. Quando retornei a Goiânia, mais uma vez enfrentei demorada recuperação, ficando quarenta dias com a perna engessada. Durante esse período Luiz foi liberado para visitar-me todos os dias, quando antes só tínhamos permissão para ver-nos às quartas-feiras, sábados e domingos.

Mesmo com todo o amor que sentia, percebia em Luiz um medo enorme de se casar com uma moça doente, não era um simples medo, era pavor mesmo. Ele nada comentava sobre isso, principalmente porque não era de falar muito, mas captei seu receio, muito mais tarde por ele confirmado. Sua mãe dizia-lhe que devia se casar com uma moça saudável, e as que tinham canela fina eram as de menor saúde. Ironia do destino, ou melhor, cumprindo parte de nossos ajustes, eu possuía canela fina.

As premonições sobre nosso relacionamento conjugal foram guardadas no caderno que comecei a escrever em abril 1961 e me casei em dezembro 1962.

● *Goiânia, 24 de abril de 1961*

Sonho de verão

Sozinha, tremia muito. Medo? Um pouco. O céu escureceu de repente. Raios cortavam o firmamento. Trovejava. Quis gritar, mas minha boca não se abria. As lágrimas recusavam-se a descer. Dei um passo e o passo não

saiu. Tremi mais, muito mais. Súbito, em meio às minhas angústias, senti que uma mão me segurava e me ajudava.

Experimentei um passo. Consegui. Tateando, comecei a andar, mas para onde me levavam? A resposta não veio. Chovia torrencialmente. Olhei a minha volta. Não vi ninguém, tudo estava escuro. Que fazer? Para onde ir? Avistei ao longe uma claridade. Luz? Não posso afirmar. Uma nova esperança apoderou-se de mim. Caminhei rumo à claridade, com um susto enorme, vi que os meus pés achavam-se num abismo, claro como a luz do dia. Um passo a mais e lá embaixo estaria eu. Vi pessoas caídas, mas não estavam mortas, levantavam os braços a me chamar, suas fisionomias mostravam algo de desesperador que não consegui traduzir, eis um conhecido... outro. Querem que lhes estenda a mão, sei que se der mais um passo cairéi, mas um instinto de proteção me paralisa, recuo um pouco... some a visão. Tenho novamente medo de andar. Sinto novamente a mão amiga que me auxilia. Ando sem rumo.

Nova luz aparece. Paro, estupefata. Levo a mão aos olhos. Torno a olhar. Um oásis de felicidade apresenta-se diante de mim: pessoas felizes e alegres, rostos tranqüilos e serenos, não encontro nenhum amigo, todos me são estranhos. Quando vou olhar mais, esta visão desaparece.

Sozinha outra vez! A mão que considero amiga, me incita a ir em frente. Ando novamente sem rumo, tento chegar à luz que vejo ao longe. Pergunto-me: Por que tudo isto? Para quê? Querem me dizer o que significam estas duas visões? Fixo meu olhar e vejo que a luz se aproxima. Paro e tremo. Da luz, desta claridade divinal, vem a resposta às minhas perguntas.

Do mesmo ponto de onde emana o foco de luz, vejo duas estradas. Uma larga e luminosa, coberta de flores, a outra pedregosa e de difícil caminhar. Não percebo mais que isto. De repente, sinto que estou voando por cima de ambas

as estradas, olho admirada. No fim da estrada florida está o abismo que vi há pouco, pessoas de fisionomias tristes e angustiadas. Reparo e vejo em seus olhos a marca do desespero. Gritam e se arrastam como répteis, sinto pena. Na estrada pedregosa, ao final, vejo o oásis, pessoas felizes, com paz e sossego, tudo respira felicidade, são alegres, sinto a alegria.

Assim é a vida, cada um terá o prêmio merecido. Oh, não, que azar, a mão solta-me, pois acredito ter sido ela que me fez voar e começo a cair rumo ao abismo. Consigo gritar:

— Acudam-me, socorro!

E... que alívio! Acordei. Desculpem-me, esqueci de dizer que era um sonho ou pesadelo, real ou imaginário.

JELAF

Como católica praticante, nunca lera a Bíblia, não sabia das portas larga e estreita, e o que escrevi era uma variação delas. A visão do vale dos suicidas ou do umbral e das colônias espirituais onde reinam a paz e a harmonia: real ou imaginário? Penso que realmente visitei estes lugares.

XXXII. Perdão

*Se feriste a alguém, procura o bálsamo
que cicatrize as chagas de teu irmão, enquanto
te encontras a caminho com ele, na Terra.*

Tocando o Barco – Emmanuel – Francisco Cândido Xavier.

● Goiânia, 16 de junho de 1961

De mãos dadas

*Devemos lutar por nosso amor, pela nossa felicidade,
não importa que surjam contratempos, a vida é cheia deles...
Lá na terra do amor não existe tristeza.*

*Vem, querido, proteja-me contra as tempestades,
preciso de seu apoio, estou só em meio ao deserto, é
necessário que venha me ajudar a encontrar o caminho, só
você poderá me ajudar. Oh, querido, por favor, venha me
livrar desta incerteza.*

Venha, vamos sorrir para a vida!

JELAF

● Goiânia, 13 de julho de 1961

Indiferença

*Sabes, meu bem? Necessito falar-te. Dormes talvez ou
ouves rádio, não pensas em mim e, no entanto, eu penso em ti.*

Queria falar-te o quanto tenho vontade de ser amada, o quanto me alegrarias se me disseses que me queres. Mas teu orgulho é mais forte que teu amor.

Teu desprezo pelo romantismo chega às raias do indiferentismo e, no entanto, eu te quero, com certeza sou pouco inteligente, pois entreguei meu coração logo a quem não o queria. Sabes, mas não me importo, gosto com todo amor de minha juventude, se não sou correspondida, paciência, levo para o túmulo a felicidade de ter te amado e ter tido a capacidade para amar.

JELAF

No mundo espiritual, Luiz me dissera que a mim caberia uma melhor compreensão entre nós. Eu colocava em prática o que prometera na espiritualidade, amando e entendendo que ele me amava à sua maneira e que eu “levaria para o túmulo a felicidade de ter te amado”. Ao reencarnar, estava cumprindo o que me propusera. Mas seria sempre assim? Continuará a amá-lo frente às decepções da vida?

● *Goiânia, 18 de julho de 1961*

Uma carta ao acaso

Quero dedicar-te esta página, não fazer daqui minha confissão de amor, mas dizer-te sinceramente o que sou.

Amo-te, não digo o contrário, nossos caminhos se cruzaram no caos da vida, juntos levamos nossas tristezas e alegrias. Nunca brigamos, também não existe motivo, eu romântica, tu realista, dizes que sou apressada e que devagar se vai ao longe, mas esqueces-te do principal, que o amor

que te dedico não é apenas um amor carnal, é mais que isto, é um amor puro e límpido. Talvez não acredites, sinto-o!

Ambos somos pessoas comuns, com rostos igualmente comuns, basta que tu sejas meu, somente meu e que possamos viver como sempre tenho vivido, não penses que digo isto por orgulho, mas a verdade é que o amor não alimenta ninguém, não sou romântica ao ponto de acreditar nisto, conheço-me bem para saber que sou contra a teoria "moro embaixo da ponte". Faze do meu amor a meta material e espiritual que te ajudará a vencer na vida.

Compreende meus sentimentos, acolhe-me em teu coração e vive lutando para merecê-lo, como eu luto para merecer o teu.

Vê em meus olhos a sinceridade e o perdão para qualquer falta cometida, deixa-me ver no teu o perdão para uma falta. Perdoa minhas fraquezas e compreenda-as, como também perdoarei as tuas. Convence-te de que te quero, mas um gostar diferente das moças que conheceste, trata-me com carinho, pois necessito demais de afeto. Quero-te pelo que encerras de bom e pelo que tu és, pois te fizeste sozinho; já te disse e repito que meu amor é diferente, podes rir e pensar o contrário, mas eu torno a afirmar que meu gostar é diferente.

Não me faças pouco por te querer como te quero, pois embora amando ainda sou mulher e mais que isto: sou eu mesma.

JELAF

Como poderia eu saber que meu amor era diferente, como afirmei três vezes? Pressentia apenas, não sabia que era diferente, intuição de outras vidas.

• *Goiânia, 15/08/1961*

Uma alma que se eleva, eleva o mundo (Sto Agostinho)

A elevação está no coração, quem sabe perdoar caminha com retidão para o elevamento de sua alma. Jesus soube perdoar e conquistou algo que só Ele e ninguém mais soube conquistar até hoje.

JELAF

Escrevia então sobre o perdão que, espiritualmente, era o ponto de partida no meu relacionamento com Luiz.

• *Goiânia, 18/08/1961*

Contudo, acima de nós há algo que nos sustenta e ampara, é irônica esta vida, mordaz, talvez seja eu que não entenda a vida, ou talvez seja ela que não me entenda.

Todos nós morremos um dia, tudo passa. Mas o melhor é que Ele nos espera e nos assistirá, nos levará para seu paraíso e juntos caminharemos eternamente.

JELAF

Minha fase evangelhoterapia que me preparava para o reencontro com Luiz havia passado. Parece ser até outra pessoa a escrever.

As datas aqui não são próximas, pois só registrei aqui as idéias que julguei importantes para meu propósito.

● **Goiânia, 20/08/1961**

Amor... Amor... Amor...

Existirá realmente esta palavra? Não acredito. Tudo é apenas uma ilusão passageira, uma rápida centelha de felicidade. Nada mais! A compreensão, carinho, dedicação fazem construir um alicerce mais profundo que virá firmar uma amizade sólida. Poderá existir, sim, mas para mim não existirá jamais.

Eu gosto, mas não amo! Sei lá o que faço, falo, o que sinto, só sei uma coisa, estou triste, muito triste mesmo.

Como saber se não seria amada.

JELAF

● **Goiânia, 14/09/1961**

Uma folha ao vento

Sabe qual é a minha vontade? Dormir para esquecer, dormindo esquecemos que vivemos e sonhamos com o que almejamos. O que almejo? É vago e incerto, não defini ainda o que seja. Um desejo vago de ser eu mesma, uma ânsia enorme de ser algo, não importa o quê. Julgo-me as folhas velhas que caem, estou caída e o vento leva-me no vendaval da vida.

Estou cansada, enfarada, não sei de quê, vontade de dormir, de dormir para sempre.

JELAF

Conseguia enxergar com clareza a razão de meu relacionamento com Luiz, e o dormir era a idéia de sair desta vida, não queria viver, minha intuição falava de algo relacionado a outras vidas, ficava angustiada por não saber o motivo de sentir-me tão perdida e sem o amor que eu tanto queria, mas Luiz agia de forma coerente com o que me dissera no mundo espiritual.

● *Goiânia, 02/10/1961*

O despertar da realidade

Ante o sonho e a realidade, não sei qual escolher.

Sonhar! De olhos abertos ou fechados, não importa.

Sonhar que nosso futuro será um mar de rosas, com poucos espinhos.

Que nosso amor se elevará acima de tudo e que nada virá impedir nossa união completa, que serás sempre o esposo desejado, que me tratará com amor e carinho, delicadeza e atenção. Que nossa felicidade será completa.

Realidade! Vê-la, senti-la, eis o que sempre procuro esconder de mim mesma.

Pensar que nossa vida terá muitos espinhos e poucas rosas; que pouco te lembrarás de mim; que teus negócios te tomarão todo o tempo; que não escutarei palavras carinhosas; que serei mais uma irmã que esposa; que não encontrarei a compreensão desejada; não seremos tão felizes quanto desejo, esta é a realidade.

JELAF

Como consegui, naquela época, fazer uma radiografia tão certa e segura de como seria minha vida? Nada sabia de

relacionamento conjugal, tivera uma existência feliz ao lado de meus pais e eu mesma admiro a capacidade que tive para armazenar tudo o que se passou na Espiritualidade. Era mais que premonição, era a lembrança da realidade através da qual o mundo espiritual se fazia presente em minha vida física. Eu só tinha dezenove anos, nenhuma experiência do mundo e por que escrevia, não mostrava ou falava com alguém sobre aquilo? É porque esses escritos seriam a comprovação de minhas existências passadas.

Se eu pressentia que não era amada, por que me casei? Forças maiores governavam minha vida e foi-me permitido usar o livre-arbítrio e acho que o casamento foi uma escolha acertada.

XXXIII. Noivado

O agrupamento de espíritos familiares compõem elo a elo a grande corrente atando um ao outro.

Projetando Luz no Lar – Mércia Aguiar.

● *Goiânia, 16/10/1961*

Doce ilusão

Ontem... foi ontem. Hoje, bem... é hoje.

Vejo na minha imaginação, tu abrindo a porta devagarzinho, entrando e sentando à beira da minha cama.

Olhando-me nos meus olhos, sorrindo e dizendo-me:

“— Meu bem, tu és minha e eu te quero muito, preciso de ti na longa caminhada pela vida, necessito de tua pessoa, de teu espírito, de tua sombra, és e serás meu guia. Serás a rainha do meu coração. Quando te sentires triste, amargurada, corre a refugiar-te nos meus braços, eles estarão sempre abertos para ti. Farei o possível para te compreender, quero-te porque te amo.”

Disseste-me estas palavras, abriste a porta e desapareceste. O ar ficou impregnado de saudade.

Mas me iludi que não estava sozinha, que tinha alguém para me amar. Eu que tanto preciso de amor!

Obrigada, meu bem, pois ao menos em sonho consigo que me digas palavras tão doces, sim, na minha doce ilusão de julgar que me amas apaixonadamente, escuto tua voz como sempre ansiei escutar e nunca tive a felicidade de ouvir.

JELAF

Alexandre e a Espiritualidade amiga prepararam-me para dois momentos importantes na minha vida. O primeiro ficou registrado nos textos em que revelei meu apego a Jesus e o segundo foi o meu reencontro com Luiz. Fui preparada para a vida a dois, pois embora amando, não fiquei cega de amor, e isso foi o que me salvou no casamento, para criar meus filhos e ter vida própria.

Quarenta e quatro anos depois deste episódio é que me dou conta de quanto fui carinhosamente amparada pelos amigos espirituais, que não me deixaram abandonada à própria sorte. Vejo hoje a luz da doutrina espírita à importância do esquecimento do passado para nossas experiências na matéria, nossos resgates. Fica sempre a esperança de que tudo vai melhorar e foi esta esperança que me impulsionou no meu relacionamento com Luiz.

● *Goiânia, 21/010/1961*

Angústia

Jesus, vós podeis tudo, eu não posso nada, sou jovem, Senhor, quero viver para construir meu ideal, não desejo ficar inerte, vendo os outros lutarem, pretendo entrar na luta e vencer. Mas se este não for vosso desígnio para mim, conformar-me-ei. De joelhos no chão e olhos para o céu, rogo-vos “levai-me para junto de vós, se não for possível viver aqui”.

Não tenho medo nem receio. Senhor, atendei os meus rogos, fazei-me sã de alma e corpo ou deixai-me seguir para perto de vós.

Antes ir-me enquanto tenho fé na vossa misericórdia do que mais tarde, quando não for possível minha salvação.

Senhor, digo-vos sinceramente, sou fraca em minha fé e não sei se poderei agüentar os sofrimentos que antevejo, não vos peço a morte, peço-vos a salvação, sinto não largar o mundo, mas tenho pena das pessoas que me querem bem, é a única coisa que me prende a ele. Mas terei a glória de ir para junto do Senhor e a esperança de encontrar-me com meus entes queridos no céu.

Escolhei, Senhor, deixai-me ficar sã no mundo ou levai-me para juntinho de vós.

Quem sou eu para dizer: escolhei? Não me deis algo que sinto para meu pesar, que não agüentarei e perderei minha salvação, pois sei que vou me desesperar. Atendei-me, Senhor, e perdoai minha impetuosidade em vir aqui pedir-vos algo tão estranho!

JELAF

Como poderia eu pressentir o que aconteceria, se não fossem os reflexos de minhas vidas passadas? Meu grito de socorro revelava angústia imensa, coloquei o Senhor em xeque-mate ao usar a palavra “escolhei”, no desespero de intuir inconscientemente que minha vida seria difícil. Era a realidade espiritual batendo à minha porta em forma de mediunidade, e eu ainda não conhecia a Doutrina Espírita, era apenas uma médium ostensiva que nada sabia sobre mediunidade.

A morte continuava sempre presente em meus pensamentos, era minha mais fiel companheira.

● **Goiânia, 14/12/1961**

A vida é algo de maravilhoso e misterioso.

Extraordinário porque viver é belo e quanto mais se vive, mais se quer viver.

Misterioso porque lutamos sempre por algo e quando alcançamos... morremos.

Viver é morrer.

Sim, pois todos nós caminhamos para a morte. Comparo a vida a um ônibus.

A vida também é assim, quando nascemos, estamos no começo da linha, depois um aperta o botão e desce, é a morte que vem buscar, e assim é a vida. O lutar para conseguir algo, o ideal que todos temos em mente não passa de mera ilusão. A morte espreita a cada esquina, quando menos esperamos, ela chega e nos leva para o desconhecido.

Penso: que haverá atrás desta escuridão que nos tapa os olhos? Será o nada ou será a vida? Creio que a morte é esta vida e o que chamamos de morte não é senão a vida. Não sei se me explico bem. A vida é a morte.

JELAF

Tinha intuição aguçada a respeito do outro lado da vida. Se fosse espírita naquela época, teria explicações fáceis, mas como católica, não sabia me situar no mundo, parecia uma estranha no ninho, uma velha senhora ao invés de uma jovem quase adolescente.

● **Goiânia, 16 de janeiro de 1962**

Disse tantas palavras, fiz tantos rodeios e não tive coragem ainda de dizer o principal. Lembra-te de quando

estive doente? Com certeza não te lembras do que falei naquela época, clareando tua memória pedi que me largasses, embora fosse sofrer muito, porque te amo mais que tu a mim. Só te direi que... meu joelho está doendo novamente. Sei que já lembras e que posso continuar sem pequenos detalhes. Não quero separar-me de ti, quero-te demais, Luiz, mas sei que tu próprio tens medo de casar-te comigo, não o negues, por favor, sei que sacrificarás nosso amor, mas não terás nunca como esposa alguém que mais tarde possa a vir te dar trabalho, és realista demais. Não tenho nada grave, mas estou sempre com complexo de que estarás comigo por não teres jeito de terminar. Portanto te peço de todo coração, termina comigo, teu gênio não é romântico, não falarás: “caso-me contigo, sei que não tens nada”.

O médico pode dizer isto, mas sei que não acreditarás, por isso é que te digo adeus, não quero prender-te a mim, serei feliz ao saber que és feliz, sofrimento não é eterno, logo terás esquecido a Augusta de tua vida, é melhor terminar agora do que mais tarde, termina comigo, é o que te peço, pois eu não tenho coragem de terminar. Perdoa-me e sê feliz se puderes.

Luiz nunca me havia dito coisa alguma sobre minhas doenças, eu captei seus receios por intuição. Sabendo, também intuitivamente, do meu compromisso espiritual, se pudesse, tê-lo-ia induzido a romper nosso relacionamento, aí a responsabilidade não seria minha, mas dele. Quis trapacear com meu dever nesta vida, utilizando seu medo. Nem ele, nem qualquer outra pessoa, jamais leram estes meus escritos que agora apresento neste livro para comprovar a realidade dos nossos ajustes de conta.

Sempre fui um ser em ebulição. Luiz e eu éramos completamente diferentes, opostos mesmo. Ele, um rapaz sério, terrivelmente sisudo, nem sabia sorrir, não se dava ao direito de

sonhar, brincar, divertir-se e cuja meta principal era trabalhar e economizar para o futuro. Por vir de família humilde, seu sentido de vida não poderia ser igual ao meu que, embora sofrendo altos e baixos financeiramente, fui extremamente bem cuidada por meus pais. Ele se mostrava revoltado com a vida ao passo que eu, embora não gostasse de viver, transmitia alegria, era sonhadora, inconstante, num momento pensava uma coisa, mas se ouvia ou lia algo que pudesse melhorar-me, procurava de pronto mudar meus pensamentos e atos, o que me trouxe grandes complicações na vida. Ele era firme em suas convicções e eu mudava as minhas conforme a necessidade.

Tenho que analisar o que escrevi para poder comparar minha vida nesta existência e a passada no plano espiritual, entender as dúvidas, incertezas, vontade de largar este mundo, tudo acontecendo de forma a confirmar minha reencarnação tumultuada. Para mim, são experiências maravilhosas, há momentos em que percebo que as premonições se confirmaram de maneira tão certa, que me levanto, passo as mãos pelo cabelo, abro a geladeira, tomo água e exclamo: não acredito, como pode ser, se nada fiz para merecer tanta misericórdia?

Não tivesse minha assinatura, letra e data, nos escritos, não acreditaria que fui eu a autora. É muito séria esta comprovação: sem saber, confirmei a realidade de minhas vidas.

● *Goiânia, 02/04/1962*

Daqui a 12 dias estaremos noivos, meu coração está feliz, exulta de alegria.

Falarei sobre o amor, nosso amor.

Meus dois amores

Meu coração teve dois amores, fui feliz com os dois. Um me ensinou a ser forte, o outro a ser mulher, amei um com o espírito, o outro com o coração.

Um me dava riquezas eternas, o outro me emocionava. Os dois me deram a felicidade.

Meu primeiro amor foi Jesus, amei-O com toda a força dos meus quinze anos, desejei-O como nunca desejei alguém, embora não O visse, sentia-O sempre junto a mim.

Era um namorado tímido em Sua altivez, dava-me uma paz e segurança que jamais senti, Lhe pertenci de corpo e alma, fui-Lhe fiel e Ele me amava. Oh, sim, muito, consolava-me, matava minha sede de carinho, alimentava meu coração de fé, resignação e paciência.

Mas um dia Ele enamorou-se de outra, meu coração despedaçou, meus sonhos ruíram por terra, já nada mais me importava, Jesus havia me traído, eu que tanto O amava. Para consolar-me, procurei outro que fosse feito de carne e osso. Encontrei-o, vinha igual a mim, triste e sozinho. Nossas almas se uniram, já não estava mais só, esse amor era novo, desconhecido para mim, diferente do que eu conhecera. Algo combinado com o Céu e a Terra.

Sentia, às vezes, medo de não poder ser sua e de você não poder ser meu. Mas Aquele mesmo que não me quis ajudou-me, foi bom para comigo, Jesus me amparou, é a Ele que devo minha felicidade presente. Aproxima-se o momento de meu noivado, portanto direi agora: sou feliz! Quero ser feliz! Serei feliz! Que os anjos do céu digam amém.

JELAF

Na verdade descrevia minhas aflições, pois ao dizer que era feliz, queria me convencer de que a felicidade estava à minha espera, embora por intuição soubesse que não seria tão fácil assim. Faltavam nove dias para o meu noivado.

● ***Dia 12/04/1962, quando completei 20 anos***

Olho para dentro de mim mesma, procuro resolver minhas aflições não consigo, penso em um meio de resolver.

Não acho. Deixo então o tempo correr, talvez nas ondas da vida eu ache uma solução.

Nesta data fiquei noiva, fixada por mim sem interferência de Luiz.

● **27/06/1962**

Baile

Ontem dançamos, era São João, puseste um chapéu e eu um vestido caipira. Saímos às três horas da madrugada do baile, gostei, não somente porque estava ao teu lado, mas pelo modo como me trataste, um modo especial, bom, diferente, estava ótimo. Pareceu-me que me amavas realmente, que me querias de verdade, mas passou e hoje só me resta a recordação em que você foi meu, só meu.

JELAF

● **Goiânia, 12/08/1962**

Meu pai

Não tenho idéia de pai melhor que o meu. Sempre na minha vida foi ele quem me ajudou a ser otimista, a ver o presente com confiança e fitar o futuro sem temor, foi ele

quem me ensinou que a vida só tem valor quando nos dedicamos a uma causa justa e nobre: a família.

É com ele que consigo conversar, expor minhas idéias combatidas por muitos, é ele o único que me julga sensata e me ajuda a ter confiança em mim mesma, sim, perto de meu pai, eu me julgo confiante. Este é o seu dia.

JELAF

● *Goiânia, 11/11/1962*

Uma estrelinha brilhou no céu, no céu da minha vida. Ao olhar as paredes frias do meu quarto, ao contemplar minhas lembranças, sinto um quê de amargura apertar meu peito, sinto uma atroz agonia, semelhante a uma dor que me ataca o peito e coração, uma dor surda, que eu própria não pressentia, sim, tristeza por largar meu lar, meus pais que sempre me ampararam e sustentaram.

E agora?!...

Isto aperta-me o coração, me faz sofrer, sou feliz, mas largar tudo que me pertence é cruel, talvez seja a última vez que aqui escrevo (solteira).

Casar-me-ei dia 08 de dezembro.

Que estes tempos me tragam saudades! Embora angustiada, sou feliz! Adeus! Adeus!

JELAF

● *Goiânia, 20/11/1962*

Construiremos juntos a escada que nos levará ao Senhor! Juntos iremos pregando os degraus de nossa escada e dia a dia daremos um passo para a eternidade.

Não anseio tê-lo somente agora, quero tê-lo ao meu lado no paraíso. Cuidaremos, no futuro, de nossa casa, sim, mas de nossa casa celestial, que juntinhos alcancemos o céu e a Terra e juntos possamos conhecer a face do Senhor.

JELAF

● ***Goiânia, 02 de dezembro de 1962***

Estás a meu lado. Hoje é domingo, nada mais importa, é uma tarde quente e bonita. É diferente. Somos só nós dois, hoje é diferente porque algo acontece. É nosso último domingo de noivos, sábado que vem seremos uma só alma e um só corpo. Seremos marido e mulher. É o que tinha a dizer hoje.

JELAF

Nunca mais escrevi nada, o resto do caderno esta em branco. Terminava neste dia o ciclo das premonições, de hora em diante seria a vida a dois dentro da nossa realidade, teria que saber lidar com meu livre arbítrio.

XXXIV. Casamento

Ao longo de sua luminosa trajetória, Chico experimentou inúmeros problemas de saúde, sem permitir que os males físicos o inibissem.

Rindo e Refletindo com Chico Xavier – Richard Simonetti.

Com esses escritos, encerrava um ciclo de minha vida, e por mais incrível que pareça, registrei tudo o que viria a acontecer. A Espiritualidade só me deixou compreender o conteúdo de meus registros de adolescente depois de quarenta anos, na certa com um propósito: mostrar-me a realidade da reencarnação que não poderia guardar só para mim.

Chego agora ao período em que Luiz e eu teríamos de nos haver com o resgate dos débitos contraídos em vidas passadas. Será que conseguiríamos equilibrar nossas emoções a fim de não sairmos mais devedores da vida do que quando aqui aportamos?

Só agora consigo perceber quão verdadeira é a existência da reencarnação. Não teria sentido passar pela vida com seus obstáculos e dificuldades e tudo se acabar ou então ficar dormindo indefinidamente à espera do juízo final.

Minhas premonições se confirmaram. Fui preparada para me encontrar com Luiz e também para o casamento, o plano espiritual se encarregou desta missão. Como meu desejo era largar tudo e morrer, eles me deram o suporte necessário para que eu enfrentasse a vida conjugal com muito amor e persistência

frente aos obstáculos, pois, ao mesmo tempo em que Luiz parecia me amar, parecia desejar afastar-se de mim.

Levada pela intuição, descobri que precisava descobrir um espaço dentro daquela união. As diferenças começaram a ficar muito claras, se me perguntassem o que era liberdade, espaço, eu não saberia dizer, sem saber se estava certa ou errada sentia que eu não era mais eu: éramos nós, Luiz, os filhos e eu.

Aprendia que quando duas pessoas se unem devem basear-se na confiança mútua, no respeito à individualidade de cada um. No momento que este limite é transposto, em que um invade o espaço do outro, pouco restará de uma convivência a dois, haverá, sim, desavença, desconfiança, agressão mútua, chegando muitas vezes ao rompimento da vida conjugal, infelizmente necessário quando se chega ao extremo da violência física.

Quando me casei, perdidamente apaixonada, era dependente de meus pais, a cujas ordens me submetia. Enxoval, vestido de noiva, recepção, tudo foi escolhido por minha mãe. A única certeza que possuía era a de que queria me casar, mas ninguém jamais conversou comigo acerca do casamento, que minha vida iria mudar, que teria que aprender a cozinhar, lavar, passar, que teria uma vida sexual e que desse relacionamento viriam os filhos. Também não perguntei coisa alguma, queria casar, sem saber, queria cumprir o compromisso firmado na espiritualidade.

Logo no início do casamento, tive de reavaliar meus conceitos de vida. Antes do casamento, não tive oportunidade de conhecer bem a família de Luiz. Sua mãe morrera vítima de acidente de carro havia três anos, deixando seu filho caçula com seis anos de idade. Quando voltamos da lua-de-mel, com quinze dias de casada, meu sogro, quis entregar-nos os quatro filhos menores, de um total de onze irmãos, para criarmos. Dois deles haviam morrido, Luiza, aos três anos de idade, e Sebastião, com poucos dias de vida. Conforme revelação do mentor Alexandre,

Francisco nascera como irmão de Luiz, mas desencarnara aos onze dias de nascido, revelação esta confirmada por sua irmã Olga.

Nunca havia tido criança em casa, mas assim mesmo resolvi ficar com Maria, de onze anos, e Miguel, de seis. A mais velha, Aparecida, aos quatorze anos, foi mandada para o colégio interno e Daniela, de oito anos foi morar com a madrinha. De início, amei a todos e queria ampará-los, achava-os desprotegidos da sorte e o pai não conseguiria sozinho dar-lhes a educação necessária. Minha mãe foi o pilar em que me apoiei, como em muitos outros momentos de minha vida, ela era meu porto seguro.

Ninguém me ensinou como evitar filhos, de modo que logo no início do casamento fiquei grávida, pois naquele tempo o sexo era tabu e, assim, muitas jovens como eu iam despreparadas para o casamento.

Hoje, vejo que Luiz não me pediu em namoro. Eu o escolhi naquele baile. Não me pediu para noivar, fui eu quem marquei a data do noivado e ele nunca falou em casamento e mais uma vez fui eu a marcar a data do casamento: 08 de dezembro de 1962.

A sabedoria dos benfeitores espirituais é tanta que faz com que não saibamos dos compromissos assumidos antes da reencarnação, sendo que eles são cobrados no devido tempo, levando em conta nossas escolhas.

Penso que Luiz me amava com reservas. Eu invadia sua individualidade, ele tinha medo de algo que desconhecia e como não sabia como lidar comigo que era tão diferente dele, optou por trabalhar... trabalhar... trabalhar. O trabalho foi a amante que arranjou e contra isso não havia o que fazer, tinha que prover nosso sustento.

Corretíssimo, não permitia o menor deslize em sua conduta, parecia policial-se vinte e quatro horas por dia, o passado falando alto em sua vida presente. Nunca soube que ele tivesse traído seus princípios morais, era rígido consigo mesmo

e com quem o rodeava. Pedia-lhe para ser diferente, não trabalhar tanto, ser mais presente em casa, mas hoje percebo que ele cumpria o que havia dito na espiritualidade, antes de nossa reencarnação.

— Não posso prometer nada agora, Ametista (Augusta, no presente), só o futuro poderá nos mostrar se seremos capazes de cortar esta corrente que nos aprisiona. Ainda sou muito primitivo, pouco me interessei em saber sobre a espiritualidade, acredito em Deus e só isso me basta, parece que você está mais apta do que eu para entender melhor o lado espiritual da vida, espero que possa me ajudar no corpo físico. Venho das regiões umbralinas e já parto para outra existência, dizem que é preciso aproveitar o momento em que espíritos estarão à nossa espera para nos ajudar. Eu não acredito em nada disso, só não queria estar perto de você, mas ao mesmo tempo isto me atrai, um misto de amor e ódio, mas não gosto de conversar com você, algo me diz que quer me controlar, vamos ver no que vai dar tudo isto.

E assim era Luiz, sentia seu amor e ódio, evitando que eu me aproximasse de seu coração.

XXXV. Filhos

Qual seria para a sociedade o resultado do relaxamento dos laços de família?

R. Uma recrudescência do egoísmo.

O Livro dos Espíritos. - Pergunta 775

Meu corpo perdeu o que tinha de bonito. Engordei 30 kg na gravidez de meu filho Mário. Quando ele nasceu, morávamos num pequeno barracão – Luiz, Maria, Miguel, eu e agora o pequeno Mário.

Camel, outro irmão de Luiz, havia se casado com Luciana, jovem pequena, frágil, mas quando a vi pela primeira vez foi como se eu a conhecesse a vida toda: uma ternura imensa me invadiu. Cabelos compridos, silenciosa, mal se escutavam suas palavras. Ela também viera para o casamento sabendo menos do que eu e se fechava em seu silêncio, mas comigo sempre conversou. Falávamos horas seguidas, e as pessoas não entendiam por que ela conversava tanto comigo e com os outros nada falava, só sorria.

Entregamos Miguel, então com 8 anos, para o jovem casal criar. Ficamos só com Maria, que tinha atitudes estranhas, trancando-se no quarto, em franca hostilidade para com todos. Achávamos que ela era uma garota má, pois não participava da família. Mais tarde, aos 20 anos, sofreu a primeira crise de esquizofrenia: ela era doente e não sabíamos até que sua doença veio à tona. Conseguiu equilibrar-se com remédios. Tempos

depois, freqüentando um centro espírita, nunca mais teve crises até sua desencarnação.

Luiz continuava no seu trabalho, e minha mãe era o suporte que não me deixava desmoronar, mostrando-me o quanto todos precisavam de mim e que meu marido nada podia fazer a respeito, era sua família. Assim como eu o amava, amava seus irmãos, oferecendo carinho e amor que a vida lhes negou, cumpria meu compromisso espiritual.

Aprendi, no entanto, uma grande lição: nem todas as pessoas que precisam de auxílio gostam de ser ajudadas, o orgulho às vezes fala mais alto e elas se sentem ofendidas em sua dignidade. Embora amasse meu marido e não fosse correspondida como desejava, senti que isto causou grande estrago em nossa vida. Passamos a vida inteira cada um querendo que o outro fosse exatamente como queríamos, mas que engano! Cada um tem sua própria individualidade, seus defeitos e virtudes. Registre na memória um ensinamento que diz: “Comei do mesmo pão, mas não do mesmo pedaço”, isto é, devemos ser nós próprios em união com o outro.

Após dois anos de casados, nasceu Letícia e, dois anos depois, Ivo, o filho caçula. Descobri, por intuição, que, na criação dos filhos, teria pouca ajuda de Luiz. Ele continuava a pensar no trabalho, na parte financeira, para não deixar faltar nada em casa, mas eu sentia que havia algo diferente no ar, uma sensação que não conseguia explicar, alguma coisa muito profunda, um bloqueio a nos separar. Frequentávamos a missa todos os domingos, e eu orava a Jesus e a Maria pedindo que me dessem a compreensão necessária para entendê-lo melhor, que eu pudesse sentir seu amor.

Rosa também se casara. A semelhança de nossas vidas no sentido da matéria era enorme. Para nós, era coincidência demais. Parecíamos almas gêmeas, mas a semelhança só ia até aí, pois quanto às questões espirituais éramos totalmente diferentes. Nada que eu dizia tinha valor para ela, apenas acreditava em Deus. Embora fosse uma batalhadora por

excelência, tempos depois a vida lhe cobraria, de forma devastadora, seu crescimento espiritual. Nunca cansei de dizer-lhe para confiar em Jesus e quando a dor chegou forte foi nEle que ela encontrou consolo.

Com minha mãe a dar-me apoio, envolvida na criação dos filhos e amando meu marido, não sobrava muito tempo para pensar em suicídio, apesar da saúde precária, das dores que vinham e iam, do meu desespero e ausência de amor à vida. Minha mãe tentava, com diálogo e amor, substituir o afeto que Luiz não sabia demonstrar, ou que eu não estava preparada para aquela espécie de amor. Por ser muito sensível, minhas premonições se encaixavam perfeitamente no contexto de minha vida conjugal.

Quando alguém nos diz que alguém nos ama, só que não sabe demonstrar, não resolve nossa carência, não nos sentimos amados. É fundamental que o amor seja palpável, demonstrado, apaziguando os corações. Uma observação gentil sobre um cabelo cortado, pintado, um vestido novo, uma comida bem feita, uma gravata nova, uma camisa diferente agrada muito. São esses pequenos detalhes que dão cor ao amor. Uma data importante passada em branco, como aniversário de nascimento, casamento, é como uma ferida aberta no peito.

Quantas uniões se arrastam pela vida, um não se apercebendo do outro. Televisão, novela, futebol, jornal, cursos, amigos, festas substituindo o ficar a dois, o olhar um para o outro, o diálogo aberto, a comunhão, a intimidade.

A situação piora quando entra um terceiro entre os dois, homem ou mulher. Ser o outro é mais fácil que ser a outra, apesar de todo o modernismo existente. Os homens levam a melhor nessa relação extraconjugal. Se alguns se distanciam da esposa, há os que as tratam melhor ainda, dependendo do momento conjugal que estejam vivendo. Na verdade, a pior parte fica para a outra, normalmente sozinha ou dentro de uma relação desgastante,ilhada de espíritos afins, encontra alguém a lhe

oferecer o que seu coração anseia, apaixonar-se e crê que poder refazer sua vida. Fica cega de paixão e a paixão empana o raciocínio. Os homens, em esmagadora maioria, não deixam suas esposas para ficar com a outra, por mais que a ame, quer as duas ao mesmo tempo. A estabilidade do casamento impede que ele deixe o lar, os filhos, e a outra terá que se contentar com as horas vagas, os momentos disponíveis, nunca um feriado, uma data importante como o Natal. Será que isso é bastante para preencher a carência afetiva e o vazio das horas solitárias? Quantas relações desta espécie terminam em tragédias, suicídios e homicídios? É realmente um caminhar perigoso. Duas amigas queridas enveredaram por estas trilhas, terminando por tirar a vida. Para que colocar um problema sobre outro? Não seria melhor resolver um de cada vez? Seria, mas nem todos conseguem evitar.

XXXVI. Medo

*Segue sem imposição, sem preguiça, sem
queixa e sem exigência.*

Caridade – Espíritos Diversos – Francisco Cândido Xavier.

Sempre pensei que existisse um lugar melhor, mais ameno, onde não predominasse tanta maldade. Sentia enorme melancolia, minha vida não estava preenchida, pois embora com tanta gente ao meu redor a solidão chegava e eu não conseguia afastá-la. Quanto maior o número de pessoas que me rodeavam, mais me sentia solitária, como se não devesse estar neste mundo ao qual não pertencia.

Entre tantas coisas que me ajudaram na luta diária foi ter sempre ao meu lado boas funcionárias. Nunca fiquei sem alguém para auxiliar-me nas tarefas domésticas. Precisava do apoio que cada uma delas me oferecia, ajudando-me nos afazeres da casa e na criação dos filhos. Sem elas, tudo teria sido muito mais difícil.

Era muito ligada aos filhos, dialoguei com eles, dei-lhes raízes, mas também asas para voar, educação religiosa. Ofereci a cada um deles o que tive de melhor, mas se me perguntassem, diria que amava mais Luiz que meus filhos, ou os igualava em amor, o que para minhas amigas era algo inusitado. Como?... Nosso amor tinha que ser necessariamente para os filhos, por isso sentia-me culpada, mas não podia explicar o que eu mesma não compreendia. Amava muito Luiz, mas algo maior que esse

sentimento me impedia de tentar ir além do que ele me permitia. Percebia que entre nós havia algo diferente, mas não imaginava o que pudesse ser, talvez apenas diferenças existenciais, ele preso à matéria e eu ao mundo espiritual.

Luciana continuava a fazer parte de minha vida, sentia certa responsabilidade por ela e a incentivava a sair do casulo em que se enclausurara.

Com ela, aprendi uma coisa muito importante: ou deixamos de ser obstinados e mudamos, ou nossas mudanças virão através do sofrimento. Lastimo quem diz que ninguém muda. Se estamos aqui com a finalidade de evoluir, crescer, como não mudar? Temos que abrir nossos corações, aprender com o rio da vida a modificar conceitos, a reeducar-nos.

Assim aconteceu com Luciana. Em doses homeopáticas, ela foi efetuando em si mesma algumas mudanças. Preocupava-se em aprender, só que a palavra medo fazia parte de seu vocabulário: medo dos pais, do marido, da vida. Teve medo de conhecer a Doutrina dos Espíritos, que estudou e lhe permitiu abrir-se para a vida, daí em diante enfrentada com coragem e determinação. Quando ela encontrou seu caminho, senti uma alegria imensa e também um grande alívio, era como se tivesse cumprido minha obrigação, ao encaminhá-la para aquilo que me propusera, com sua plena aceitação.

O medo de Luciana me leva a interrogações do tipo: como o medo pode anular desejos, anseios e necessidades de um ser humano? O medo é paralisante, quem o sente não sabe conceituar esse sentimento. Pessoas tímidas atravessam a existência com medo de falar e se expor ao ridículo. Mesmo pessoas alegres e extrovertidas ficam paralisadas pelo medo em determinadas situações e há ainda aquelas que inconscientemente têm medo de ser felizes. Alimentam-se de medo, tudo lhes causa pânico e por isso deixam passar ocasiões importantes, que lhes trariam um pouco de alegria. O medo maltrata. Não falo aqui do medo doentio, que precisa ser seriamente tratado por

profissionais, mas do medo comum do nosso dia-a-dia, embora todo medo, se não for tratado, torna-se um grave problema, tanto em relação ao espírito quanto ao corpo e pode ter origem em outras vidas.

Eu não tinha medo de viver, não tinha mesmo apego à vida, eu queria era morrer, mas resistia a essa vontade, embora minha intuição me segredasse que existia um lugar melhor do que este para se estar. Mas por paradoxal que seja, foi o medo que me impediu de cometer suicídio. Inconscientemente eu sabia o que me esperava se isto acontecesse, era o medo do vale dos suicidas, das torturas.

Luiz continuava mergulhado no trabalho e eu criava os filhos intuitivamente. Ruth, uma grande amiga, madrinha de minha filha Letícia, deve ter reencarnado com a tarefa de me ajudar. Morei uns cinco anos num barracão nos fundos de sua casa, ocasião em que ela me ensinou várias coisas. Eu já tinha seis anos de casada, quando ela me aconselhou a cuidar da casa, dos filhos, a fazer o possível para o sucesso de meu casamento, a ser otimista, carinhosa, mas também me disse que deveria tomar as rédeas de minha vida e não viver na dependência emocional de meu marido. Dizia ela que muitas mulheres, embora financeiramente independentes, dependiam emocionalmente de seus cônjuges e que eu deveria cortar o “cordão umbilical” enquanto era jovem, senão ia sofrer muito.

Refleti sobre o assunto, deixei de me lamuriar que Luiz trabalhava demais e parti para a construção de meu próprio espaço. Fiz amizades novas, ia ao cinema, fazia cursos de culinária, passei a costurar para mim e os filhos e tirei carteira de motorista. Fui um terremoto na vida de Luiz, sempre ordeiro e obediente à rotina. Embora amando-o muito, consegui meu espaço, minha independência, não financeira – pois não trabalhava fora e dependia dele para viver – um mundo que me pertencia, uma saída para continuarmos juntos, pois viéramos marcados por terríveis experiências e estávamos apenas no começo de nosso aprendizado.

Mesmo sendo católica praticante, já não me satisfazia com os sermões do padre, por isso deixei de ir à missa, não aceitava as diferenças sociais, vivia cheia de porquês sem encontrar respostas para minhas interrogações. Crente fervorosa em Jesus e Maria, fazia promessas, lia Imitação de Cristo, rezava dia e noite – as orações eram um bálsamo que me sustentava e apaziguava meu coração – e senti o consolo das palavras do Sermão da Montanha, aprendidas nos sermões.

Meu pai nunca me disse um não, me chamava de princesa, dialogava mais comigo do que minha mãe, a quem eu era estranhamente mais ligada, uma ligação muito forte. Ela era meu apoio, meu sustentáculo nas horas difíceis. Quando eu completei 33 anos, a morte dela, vítima de tumor cerebral fulminante, foi um terremoto que sepultou Augustinha – como eu era chamada – para dar vida a Augusta, espírito devedor, que teria de resgatar débitos sem seu auxílio.

Não aceitava a sua desencarnação, eu é quem deveria ter morrido. Não saberia criar os filhos, quem me ajudaria nas dificuldades de relacionamento conjugal? Pensei seriamente em suicídio, tal o choque, o terrível vazio que tomava conta de meu ser. Era tão atroz a dor que eu às vezes tinha vontade de arrancá-la com as mãos. Só quem já viu partir um ente querido é capaz de entender a perda, parece que o sofrimento nunca vai passar, vai ser eterno, mas o tempo é o melhor remédio para todos os males. É preciso dar tempo ao tempo para que nossas feridas cicatrizem, mas quando enfrentamos um problema dessa natureza, imediatistas que somos, queremos solução rápida e quando não temos onde nos apoiar espiritualmente, ficamos revoltados. Foi o que aconteceu comigo. O desespero e a revolta dominaram-me. Meu irmão Nelson havia se casado com nossa prima Nice, que chegava em minha vida como um anjo bom a me guardar, mas ela achava que ir a festas, comprar roupas, viajar, bastaria para me fazer feliz. Fez tudo que podia para tentar diminuir a dor que eu sentia. Um médico amigo, Dr. Dirceu,

aconselhou-me a cursar a universidade. Prestei vestibular, ingressei no curso de assistência social fui até o penúltimo ano e por varias razões não consegui terminar.

Nessa época, comecei a fumar, me revoltei contra Deus por ter levado minha mãe. A fé cega, que não respondia aos meus questionamentos, não foi capaz de me oferecer consolo.

Como fomos criados afastados dos parentes, minha mãe era a primeira pessoa que perdia, não sabia onde ela estava, eu a queria de volta ou então morrer para ir ao seu encontro, buscava respostas e minha religião nada tinha a me oferecer. Com ela, só aprendi que existia o céu, o inferno e o purgatório, mas onde estavam situados? Onde ficava o céu para onde fora minha mãe? Queria saber, mas nenhuma explicação me satisfazia.

Pior era a situação de meu pai que perdera seu suporte moral, seu esteio afetivo. Nice e minha irmã tudo faziam para nos consolar, sem êxito algum. Buscava desesperadamente alguém que me ajudasse naquele momento aflitivo, mas não encontrei ninguém. Não passava pela minha cabeça procurar um centro espírita. Dr. Dirceu fez uma tentativa, pediu-me para tomar passe. Fui com meu pai. Recebi o passe e fui aconselhada a trabalhar como voluntária, o que podia ajudar-me a sair do estado mórbido em que me encontrava.

Certo dia, voltei lá para costurar, mas não encontrei receptividade, as companheiras só conversavam entre si, eu nada sabia sobre Espiritismo, quanto mais sobre espíritos desencarnados. Nunca mais voltei.

Minha mãe apareceu-me três vezes, e eu tive um medo enorme. A primeira vez ela veio quando meu filho Mário estava com problemas de saúde. Muito preocupada, deitei-me logo após o almoço e um estado de sonolência me invadiu. Senti uma mão pousar sobre minha cabeça e escutei sua voz que dizia para não me preocupar, que ele ia ficar bom sem precisar de cirurgia. Assustada, abri os olhos e vi minha mãe pelas costas, afastando-se. Levei tanto susto que minha reação foi pegar o carro e correr

para a casa de Nice. Quando ela veio novamente, era de madrugada. Caía uma chuva torrencial. Ouvi seu chamado, levantei-me e olhei pela janela e a vi com sua capa de chuva. Ela me olhou e eu perguntei: “Mamãe, o que faz nessa chuva? Vá pela frente que eu vou abrir a porta”. Corri para a porta e, quando ia destrancá-la, lembrei-me de que ela tinha morrido. Tremendo de medo, voltei para a cama e chorei desesperada. Mais uma vez o medo. A terceira vez que a vi, estava com muita dor e quando enxerguei seu vulto ao lado da cama, fiquei outra vez estarecida. Medo? Eu que tanto a queria de volta, quando a via, ficava paralisada de medo. Que incoerência! Ninguém sabia me explicar o que acontecia, e minha sensibilidade aumentava cada vez mais.

Luiz também sentiu profundamente a partida dela, mas não conseguia expressar sua dor em palavras, apenas a tristeza o acometeu, pois a considerava sua segunda mãe.

Hoje, como espírita, vejo sob outro ângulo sua desencarnação. Nós havíamos feito um compromisso na espiritualidade, mas não me foi revelada a época em que minhas mais árduas lutas teriam início, mas sei agora que começariam com a sua desencarnação. Eu trazia esse registro em minha bagagem espiritual, meu subconsciente sabia que dali em diante eu estaria sem meu principal suporte, meu apoio, material e espiritual. Como minha mãe possuía fé inabalável e caráter sem jaça, afastava os obsessores que me deram uma trégua, de modo que minha mente suicida ficou um pouco adormecida.

XXXVII. Retorno da Fé

Busque Jesus, sinta-o nos momentos mais dolorosos, faça suas orações com a fé que, qual água cristalina, poderá brotar do fundo do seu ser.

De frente para a vida – Elza Ferreira.

Ainda não havia chegado a hora de tornar-me espírita. Além de não estar preparada, o compromisso que firmara na Espiritualidade era de estar no centro espírita que o mentor Alexandre fundaria com Madre Consuelo, e eu não sabia por onde andavam. Ainda bem que esquecemos o passado, e eu não fiquei de braços cruzados, busquei desesperadamente o meu caminho. Sei que com a revolta e a tristeza prejudiquei minha mãe que não se desligou de mim e de meu pai. Quanto mais nos desesperávamos com sua ausência, maior era o seu desejo de nos consolar. Penso que só depois que me equilibrei ela pôde ser encaminhada para tratamento em hospitais da espiritualidade.

Somente doze anos após sua desencarnação tornei-me espírita. A Doutrina dos Espíritos é consoladora e nos explica, dentro de uma fé racional, que podemos chorar a perda de um ente querido, pois somos humanos, não seria racional não sentirmos saudades daquele que se foi, mas não podemos, com a revolta e o desespero, atrapalhar a evolução do que se foi e também a nossa. Não importa que o desencarnado tenha sido criança, jovem, adulto ou idoso, se não partiu através do suicídio, é que chegou a sua hora. Sem fatalismo, nossa única realidade

imutável, nesta existência, é que um dia deixaremos o plano terrestre e voltaremos para a nossa verdadeira casa, que é a pátria espiritual.

Meus irmãos pareciam mais conformados, mas meu pai e eu impedíamos minha mãe de partir. Imagino o seu sofrimento ao ver-nos tão abalados. Durante dois anos fiquei tão desorientada que não acreditava em nada. Meu pai levou mais tempo para equilibrar-se, uns quatro anos, e eu precisei curar a dor da perda para ter condições de ajudá-lo.

Não é fácil para mim tornar públicas todas essas recordações. Recordar um passado não tão distante gera certa tristeza e me pergunto se tudo teria sido mais fácil se eu estivesse alicerçada na fé, mesmo que cega, mesmo que do tamanho de um grão de mostarda. Percebo, com grande nitidez, que, apesar de tantas orações, minha fé era pouca, ou o terremoto foi forte demais e soterrou o frágil alicerce.

Sinto a presença amiga dos benfeitores espirituais e pergunto por que está sendo tão difícil escrever sobre a última fase de minha atual existência. Não sinto a presença de Francisco como meu parceiro. A resposta vem através do pensamento, como se fosse telepatia. Ele esclarece que tenho de escrever esta parte com minhas próprias palavras. Não seria ética uma intervenção sua. Agora é o momento de fazer bom uso de meu livre-arbítrio, de perdoar e conseguir o perdão de Luiz, sem interferência externa, sem qualquer influência dele.

Percebo o acerto da decisão de Francisco, apesar de saber que sem sua parceria as dificuldades em transmitir minhas idéias serão muito grandes. Sinto uma dor estranha, um misto de remorso, culpa, responsabilidade e alívio, tudo ao mesmo tempo, por saber que agora é o momento de tomar minha vida pela mão e encerrar esta etapa alicerçada no perdão consciente, sem cometer desatinos, sem sair da vida pelo suicídio.

A partir do desencarne de minha mãe, comecei a sentir tonteiras e dores de cabeça. Feita uma radiografia, esta revelou

o mesmo problema de minha mãe, um tumor no cérebro – lamento não ter guardado essa radiografia. O médico, Dr. Lauro, inconformado com o diagnóstico, pediu uma tomografia que nada acusou. Constatou então que o quadro era de labirintite, que com o passar do tempo, tornou-se crônica.

Morando conosco, meu pai, quando não estava no trabalho, ficava o tempo todo trancado no quarto: música ambiente, pijama e muitas lágrimas. A revolta que eu sentia era tanta que ousava interrogar Deus sobre quem era Ele para me trazer tanto sofrimento. Ele não existiria mais para mim. As dores morais provocaram alterações em meu corpo, começando por uma dor na barriga sem diagnóstico, aliás este seria mais um sofrimento que carregaria pela vida afora: os médicos não acertavam um diagnóstico sobre minhas doenças.

Apesar de sentir muito a perda de minha mãe, Luiz continuava a trabalhar com mais afinco. Nesse período, conheci duas grandes amigas, Catarina e Ana, que, junto com Nice, materialmente, tudo faziam para aliviar minhas dores morais e físicas. Íamos para uma chácara de propriedade de meu pai todos os finais de semana. Lá havia sempre bebida, cigarro, churrasco à vontade. Eu brincava, sorria, mas nada conseguia preencher o vazio de minha alma: suicidar parecia a única solução para meus males. Foi a pior fase da minha vida, quando vivi sem uma âncora espiritual. Quando olhamos só para nós, a dor toma dimensões gigantescas e eu achava que ninguém no mundo sofria mais do que eu, o símbolo do sofrimento. Egoisticamente, só pensava em mim, nem queria saber como estavam marido, filhos, irmãos e pai. Por maior que fosse a boa vontade do plano espiritual em ajudar-me, meus olhos estavam cegos e meus ouvidos surdos não dando nenhuma oportunidade a eles. Só as trevas me circundavam, castigando-me dia e noite, impedindo-me de enxergar qualquer coisa que não fosse o suicídio. Imaginava mil maneiras de morrer, que conservava em segredo, compartilhando apenas superficialmente com Rosa e Ruth.

Luciana, em sua timidez e seus medos, continuava a meu lado apoiando-me sempre. Teve sua primeira filha aos cinco anos de casada, Mônica, uma bela menina que veio alegrar sua casa, meiga e gentil, continuou assim pela vida e hoje está casada, com dois filhos lindos. Mais tarde Luciana teve mais dois filhos, Márcio e Maurício, ambos já casados.

Rosa e eu continuamos amigas e tínhamos nossas confidências. Era como se fosse um confessorário. Essas trocas de experiência nos ajudavam e nos uniam. Acredito que todos os que participaram de minha vida, de uma forma ou de outra, faziam parte da programação espiritual. Foram muitas as que me estenderam as mãos em momentos de necessidade, e não seria possível nomear todas elas.

Padre Alípio, meu velho confessor, condoído de minha situação, convidou-me para participar de um encontro de casais. Convidei Nice, Catarina, Luciana e seus maridos que aceitaram. Sem qualquer expectativa, desalentada, sentindo as dores no abdome que nem a cirurgia nele realizada para descobrir a causa da dor fizera efeito – diziam que a dor tinha causas psicológicas (a perda de minha mãe havia dois anos), integrei o grupo de quatro casais. Internamos numa sexta-feira e no final de domingo, ao encerramento do encontro, senti que a fé perdida retornara. A dor da perda começava a cicatrizar. Daí em diante, ainda que lentamente, comeci a caminhada rumo ao equilíbrio emocional. Jesus voltara a ser meu amado mestre e amigo.

Ainda em ligeiro desequilíbrio, continuava a sentir as dores no abdome, o que levou os médicos a decidirem abri-lo novamente, todavia, ainda dessa vez nada encontraram que justificasse tanta dor. Voltei aos meus afazeres, a cuidar dos filhos, que entravam na adolescência, e passei a participar ativamente dos encontros de casais. Mesmo participando de tantas atividades, estava tão perturbada espiritualmente que achava que tinha motivos reais para acabar com a vida: sofria muito, o mundo estava conturbado, ninguém me compreendia, não era necessária

a ninguém. Nem ligava ao fato de não me sentir bem, certa de que quando quisesse tiraria minha vida.

Achava-me covarde por ainda estar viva, estava deprimida em grau superlativo. Médicos, familiares, amigos, não percebiam a gravidade do quadro, não abordava o assunto, e meu temperamento alegre e extrovertido escondia muito bem as cicatrizes da alma. A educação religiosa era o que mais me preocupava na educação dos filhos, certa de que com essa base seria mais fácil inculcar neles bons conceitos de vida. No entanto, um sentimento de impotência me esmagava, um sentimento de culpa, pois vivia doente, lutava contra a dor, queria ser mais forte do que ela, tinha comigo que deveria ser sempre forte e corajosa. Aparentemente não me deixava abater pelos vendavais da vida, escondia das pessoas que dentro de mim residia um espírito em frangalhos, doente.

XXXVIII. Depressão

Olhe a vida de frente, sem ignorar as coisas que o ferem agora, mas que o ajudarão a crescer em espírito.

De frente para a vida – Elza Ferreira.

Não acreditava mais nos conceitos religiosos que conhecia, queria deixar o Catolicismo, mas sozinha e sem saber onde buscar o que procurava, continuei abraçada às crenças que professava, a despeito de já não mais ir à missa. A convivência quase que exclusiva com católicos me impedia de descortinar outros horizontes.

A fé em Cristo retornara, a revolta havia desaparecido, mas eu só me sentia melhor quando orava, aí sentia uma paz imensa, abandonava os pensamentos suicidas. Depois de sete anos, deixamos os encontros de casais e eu fiquei sem religião para me sustentar.

Criava os filhos, não os abandonava nesses terremotos interiores. Havia muito diálogo, reuniões familiares, castigos e muita leitura informativa.

Luiz continuava na mesma. Pressentia que algo o bloqueava e embora amando-nos éramos distantes, tínhamos concepções de vida totalmente diferentes. Como ele dissera na espiritualidade, ele ainda não estava pronto para perdoar-me, amava-me, sim, mas à sua maneira, nunca deixando faltar nada financeiramente. Dentro de suas possibilidades, oferecia-nos os

frutos de seu trabalho material, mas o bloqueio espiritual estava presente em nossas vidas. Eu não aceitava sua maneira de ver a vida, nem ele a minha, dizia que era tolice fazer o que eu fazia pelas pessoas. Eu via bondade em todas as pessoas, ao contrário dele, que as via dentro de sua realidade. Nenhum de nós estava certo ou errado, apenas tínhamos opiniões diferentes. Ele desconhecía minha idéia fixa de suicídio, o que só veio a saber anos depois.

Na verdade, não brigávamos. Eu cansava de falar sozinha, enquanto ele permanecia em silêncio, o que foi benéfico em relação aos filhos que não presenciaram brigas dentro do lar e foram criados com segurança e coragem para enfrentar a vida. Ainda morando no barracão de Ruth, descobri que sofria depressão que poderia ser catastrófica em razão da idéia fixa no suicídio. A irmã de Ruth, Sônia, uma bela jovem era acometida desse mal, em estado avançado. Sua depressão era tão profunda que ficava dias, meses, sem sair de casa, as filhas entregues ao marido e tias. Falava em suicídio e esta idéia me fascinava. Com Ruth, vivi horas de terríveis dores e grande sofrimento. Minha comadre e amiga deixava seu bem mais precioso, os filhos e o marido, para ajudar a amenizar o sofrimento da irmã. Quando ela me falava do estado em que Sônia se encontrava, eu sentia todas as suas sensações, ficava horas inquieta, triste e pensando em tirar a vida.

Certo dia, fui fazer uma consulta com seu marido, Dr. Wilson, renomado ortopedista. Quando me sentei à sua frente, não vi seu rosto, apenas uma coroa brilhante de luzes coloridas, uma luz intensa, não de paz e tranquilidade, mas algo apavorante, que parecia dar gargalhadas. Creio que tive um leve desmaio, fui levada para a enfermaria e quando dei acordo de mim, tive a certeza de que Sônia ia se matar. No dia seguinte, fui até a casa de Ruth e narrei o ocorrido. Ela também não era espírita, mas afirmou-me que os dias de Sônia estavam contados, que tomassem muito cuidado com ela. Um mês depois, infelizmente ela se atirou do sexto andar, vindo a falecer.

Esses pressentimentos causavam-me embaraços e ficaram mais frequentes após o desencarne de minha mãe. Não conseguia explicações para eles, sentia-me diferente das pessoas com quem convivía, um horror.

Enfrentei sérias dificuldades. Nenhuma de minhas amigas educava os filhos como eu. Como sofri muito com a ausência de minha mãe, não desejava que eles fossem apegados a mim, não queria que sofressem o que eu havia sofrido, ensinava-lhes valores espirituais, morais, mas ao mesmo tempo queria dar-lhes o direito de ser eles próprios, com seus acertos e desacertos. Era muito enérgica nos meus posicionamentos. Educação era algo muito sério para mim. Luiz não concordava com meus métodos, mas algo interior norteava minhas atitudes, não me deixava ser diferente. Tinha consciência de que eles não eram meus, eu tinha de educá-los para o mundo e não colocá-los numa redoma de vidro. Meu casamento também era diferente, eu procurava algo de cuja existência suspeitava, não amava a vida, mas passava aos outros a impressão de que era feliz. Na verdade, confundi a cabeça dos que me rodeavam, principalmente de Luiz, em cuja vida ordeira fui uma avalanche.

Formávamos um grupo de amigas: Rosa, Catarina, Nice, Luciana são pessoas com quem convivo até hoje. A família de Luiz, aos poucos foi buscando seu destino e só continuo a me relacionar com a Olga. Maria passou a morar com sua irmã Olga após o desenlace de minha mãe, vindo a desencarnar cedo vítima de problemas coronários. Luciana merece um registro à parte: as dores que eu sentia ela também sentia, tal a afinidade entre nós. Com o tempo, foi se posicionando melhor perante a vida, devagar foi conquistando seu espaço. Nice e meu irmão Geraldo mudaram para Belo Horizonte, o que para mim foi mais uma perda.

Depois que melhorei, passei a dar maior atenção a meu pai, que morava conosco. Ele começou a reagir, voltando a ter alegria de viver, assim como meus irmãos que foram cuidar de suas famílias.

Mudamos para o bairro Jaó, afastado da cidade, onde construímos nossa primeira casa, depois de quinze anos de casamento.

Meu pai era meu grande amigo. Nessa época namorava e ia à festas. Era muito requisitado. Alegre e muito bem posto na vida, era também muito otimista e por isso muitas mulheres se apaixonavam perdidamente por ele. O tempo é mesmo o melhor remédio para nossas dores.

Por essa época, eu já sofrera umas quinze cirurgias, mas as dores abdominais, o joelho, a labirintite continuavam a me perseguir. Até pedaços de gazes haviam sido esquecidos na barriga. Enfrentara a morte várias vezes e, de fato, nunca tive medo de morrer. Para mim, o pior era a falta de credibilidade junto aos médicos que se recusavam a acreditar que eu sentia dores e diziam que eu era neurótica, só porque não conseguiam um diagnóstico para a complexidade de meu quadro clínico.

Luiz, que tanto temera ligar-se a alguém doente, vivia para comprar remédios e pagar honorários médicos: São Paulo, Belo Horizonte eram caminhos corriqueiros na busca de profissionais que pudessem dar uma luz para a descoberta do que me causava tanta dor, uma dor terrível que desafiava a medicina, que me obrigava a passar noites acordadas na sala, esperando o dia clarear, e nunca desaparecia por completo. A vida que havia tirado na última encarnação, atirando-me de um rochedo, lesara em parte meu perispírito, causando-me problemas físicos sem diagnósticos.

Ansiava desesperadamente por alguém que me aliviasse as dores físicas e também morais, mas só encontrava a solidão. Filhos, marido, pai, amigos, não sabiam mais o que fazer comigo.

Depressão, tristeza, angústia, quem de nós já não teve, ou está sofrendo por causa de uma delas neste exato momento? A dor é tão terrível que ousou afirmar que a dor física é mais fácil de ser suportada do que estes cânceres da alma. São momentos de solidão intensa. Somos frágeis criaturas diante desses monstros

modernos. O homem da atualidade está perpetuando para gerações vindouras a solidão das máquinas impessoais. Nunca se falou tanto em estender a mão ao próximo, mas de maneira muito peculiar o homem nunca se fechou e se sentiu prisioneiro como nos tempos atuais, de avançada tecnologia. As pessoas não têm tempo para refletir. Pensar em que e para quê? A criança não pode pensar, seu tempo tem que ser preenchido com escola, natação, curso de línguas. E o jovem? É perigoso dar tempo livre a ele, pode partir para o consumo de drogas, pode adquirir outros vícios. E o adulto? Um horror! Tem que trabalhar, divertir-se, consumir bebidas alcoólicas, aproveitar a vida, não pode parar, tem medo de fazer reflexões, mas afinal, pensar para quê? É uma corrida contra o tempo, esse mesmo tempo que nos envelhece e nos obriga finalmente a pensar, quando já é muito tarde e já não resta muita coisa a ser feita. Pensar no que poderia ter sido feito para quê? Pouco adiantaria, as experiências boas ou ruins já ficaram para trás, os cabelos estão brancos e o corpo desgastado. Só restam as lembranças, eis que a estrutura da vida moderna não está deixando margem para o sonho e a esperança, mas o que colocar em seu lugar?

A dura realidade do dia-a-dia, a frieza, a indiferença, a falta de ideal foram o caminho que levou muitos à depressão, que sufoca o ser, terrível e devastadora, o câncer da alma, doença que deve ser tratada por médicos, psicólogos, mas o tratamento deve vir aliado à busca da fé, da esperança e da caridade. Fé em Jesus, em sua capacidade de amar, de nos carregar em seus braços, de envolver-nos com sua luz cicatrizante da alma; esperança que a Doutrina Espírita nos oferece como o Consolador prometido e que também pode ser adquirida com leituras edificantes e finalmente a caridade, através da qual podemos oferecer a outros irmãos que sofrem o nosso tempo, procurando o esquecimento de nós mesmos, em perfeita integração com o Criador. Usando tais recursos, aos poucos ficaremos mais tranquilos e, sem pressa, a vida vem novamente

à tona, numa subida doce e suave, após a qual quem nos recebe é Jesus, a esperança de dias melhores, a certeza da cura da alma, uma sensação de alívio, a ver outra vez que há sentido no que fazemos, sentir a importância de vencer a depressão e desenvolver a capacidade de receber amor, sentir-se útil. É a volta ao colorido da natureza.

Falo em depressão em causa própria. Como ignorava que fosse uma doença, não falava sobre ela com ninguém, e só conseguia algum conforto quando escrevia ou rezava, ligando-me a Jesus, cujo amor nada pôde destruir. Roupas novas, viagens, festas, amizades, família, dores, sofrimentos não conseguiam afastar-me desse sentimento diferente que me unia a Ele.

Tive muitos momentos felizes, não foi só de lágrimas o meu caminho. Era feliz quando brincava com meus filhos, quando os levava ao Horto Florestal, quando recebia atenção de Luiz, quando estava ao lado de meu pai, em conversas ou reuniões com amigas e até na contemplação de uma bela cachoeira. Reconhecia a felicidade que ficava sempre empanada pelas dores e pela ausência de amor à vida.

Concluí que tinha de deixar Luiz seguir seu caminho. Finalmente! Não tinha o direito de aprisioná-lo às minhas limitações, às minhas doenças. Eu também precisava encontrar um novo caminho. Juntos, teríamos que crescer – eu no caminho espiritual e ele no caminho material – para trocarmos experiências, para algum dia sanarmos nossas diferenças.

XXXIX. Trabalho

Não permitas que os problemas externos, inclusive os do próprio corpo, te inabilitem para o serviço de iluminação.

Fonte Viva – Emmanuel – Francisco Cândido Xavier.

Deveria haver um manual de visitas a doentes. Quantas coisas desagradáveis ouvi ao longo dos anos, em cima de uma cama! Em quartos de hospitais, operada, as visitas chegavam cedo (às vezes chegavam às quatro da tarde e só saíam às dez da noite) despejavam seus sofrimentos sobre minha fraqueza, pois achavam que eu estava ótima e só iam embora encerrado o horário de visitas. Pior: diziam-me que eu tinha que parar com a mania de doença, pois Luiz ia arranjar outra mulher, enquanto outras que me contavam sua felicidade como a dizer “levanta daí, sara das doenças e vem viver a vida”, todas com a melhor das intenções, mas me deixavam mais triste ainda por mais que quisesse me auto-curar.

Mesmo com a saúde debilitada, procurei acompanhar Luiz na vida social. Fumava, bebia socialmente (que ironia, bebida é sempre bebida e deve ser evitada), fazíamos parte do Rotary International, jogávamos baralho até altas horas da noite e com isso aprendi uma nova forma de amar, de não me sentir uma estranha no ninho.

Formávamos um grupo onde dançávamos e nos divertíamos todos os sábados. Se os médicos diziam que minhas

dores eram psicológicas, por que não me divertir, quem sabe assim elas iam embora. Tentei de todas as formas adequar-me ao modo de vida de Luiz, até aprendi a jogar sinuca. E o pior é que as dores eram localizadas em determinada parte do abdome e no joelho, nunca mudaram de lugar, tornaram-se crônicas. Mesmo assim, não deixei de acompanhar Luiz, queria ver se meu modo de vida “espiritual” estava errado. Durou cinco anos minha vida social intensa, mas paralelamente a ela comecei a procurar outros caminhos, pois sentia-me mais vazia do que nunca. Entrei para o CVV – Centro de Valorização da Vida, em que trabalhei também por cinco anos e onde aprendi a ouvir, a silenciar quando preciso, a ponderar quando necessário. Foi uma das melhores escolas da vida que frequentei, ali ombreei com o sofrimento sem julgar, senti-me em casa. Ouvi muito sobre o suicídio e era interessante notar que eu escutava as pessoas com meus próprios pensamentos. Percebi que não estava só com meus problemas, havia outros iguais a mim, o que me deu certo conforto, por saber que não era a única e poder dividir minhas angústias com alguém capaz de entendê-las, pois nós, voluntários, tínhamos reuniões de estudos e conversávamos a respeito de nossos problemas. O primeiro alívio de minha caminhada senti ao perceber que podia oferecer ajuda a quem enfrentava os mesmos sofrimentos que eu.

O trabalho no CVV marcou o início da recuperação de minha saúde espiritual, que foi muito lenta, quase a conta-gotas. Não confiava em mim, tinha medo de altura, pedi a Luiz e meus filhos que evitassem ter armas em casa, explicando, por alto, o motivo, que era a tentativa de me preservar. Mas havia o Rio Meia Ponte, próximo de casa. Pensava em me atirar da ponte e mergulhar em suas águas profundas.

Meu pai casou-se novamente e viveu feliz ao lado de sua nova companheira até sua desencarnação, aos 85 anos. Fixaram residência em Santos, no litoral paulista e eu fiquei sem seu precioso apoio, assim como já ficara sem o de Nice, que havia

mudado para Belo Horizonte e sem o de meus irmãos José e Amélia que viviam em São Paulo. Eles longe e eu passando por maníaca, neurótica e até psicótica, cirurgias acontecendo, útero, ovário, trompas, intestinos. Joelho arrebatando, labirintite, diziam que era falta de trabalho, então comecei a trabalhar em duas creches. Em parceria com quatro casais, fundamos uma creche, Santa Genoveva e tempos depois, às quartas-feiras, já com um grupo espírita, ajudava a fazer sopa para famílias carentes. Começava, assim, a dar os primeiros passos rumo à Doutrina Espírita. Não acreditava em nada, mas como uma amiga espírita que conheci no CVV me disse que eu só ficaria curada dentro do Espiritismo, comecei a freqüentar o Grupo Fraternal Espírita do senhor Geraldo e meu pensamento era ficar ali só até obter a cura.

O Sr. Geraldo era um trabalhador nato da Doutrina Espírita. Era presidente do Grupo Fraternal, e foi através dele que iniciei meus primeiros passos dentro da Doutrina Espírita. Passos incertos, é verdade, mas admirava seu exemplo de se doar ao próximo: todo final de semana se dedicava à construção de casas para pessoas carentes trabalhando como pedreiro. Sua dedicação era total, parecia querer não perder tempo nesta encarnação. Frequentando o Grupo Fraternal Espírita tomei conhecimento pela primeira vez de *O Livro dos Espíritos*, e *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

Em *O Livro dos Espíritos* encontrei uma pergunta que me falou diretamente sobre o que sempre raciocinei sobre a felicidade.

Pergunta 920

O homem pode gozar, sobre a Terra, de uma felicidade completa?

Não, visto que a vida lhe foi dada como prova ou expiação.

Mas depende dele amenizar seus males e ser tão feliz como se pode ser sobre a Terra.

Comecei a entender claramente que vamos ter momentos de felicidade, mas completa jamais a teremos neste planeta de provas e expiações, cabendo unicamente a nós reconhecermos nossos momentos felizes, tendo a devida compreensão, aceitação e muita fé, quando estivermos passando por momentos difíceis.

Começava através do estudo o início de minha procura, achar respostas para as indagações sempre presentes em minha existência de onde vim, para onde vou.

Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* encontrei consolo no capítulo V, onde temos uma explicação sobre a tristeza que invade nossa alma:

A Melancolia

“Sabeis porque, às vezes, uma vaga tristeza se apodera de vossos corações e vos leva a considerar amarga a vida? E que nosso Espírito, aspirando a veleidade e a liberdade, se esgota, jungindo ao corpo que lhe serve de prisão, em vãos esforços para sair dele. Reconhecendo inúteis esses esforços, cai no desânimo e, como o corpo lhe sofre a influência, toma-vos a lassidão, o abatimento, uma espécie de apatia, e vos julgueis infelizes...”

...Lembraí-vos de que, durante o vosso degredo na Terra, tendes de desempenhar uma missão de que não suspeitais, quer dedicando-vos à vossa família, quer cumprindo as diversas obrigações que Deus vos confiou.”

O sentimento de culpa pelas despesas que acarretava ao orçamento familiar era enorme, pois o maior medo de Luiz – assim me parecia – era gastar comigo o que tinha conseguido a duras penas. Lembro-me de que um dos vários médicos que

consultei chamou-o à parte para conversarem e ele voltou cabisbaixo, preocupado. Perguntei-lhe o que o médico havia lhe dito e ele, sem graça, disse que o médico conhecia vários casos iguais ao meu, de esposas hipocondríacas que levaram os maridos à falência. Senti como se um terremoto me engolisse, já não suportava mais lutar contra dores que não desapareciam, por mais que tentasse.

Foram anos difíceis para nós dois. Não deu outra: queria mesmo era morrer, encurralada pelas dores e dificuldades via como única saída o suicídio. Não queria mais viver ante tantas complicações: o que Luiz previra e mais temera havia acontecido: casara com uma mulher doente.

Fisicamente, nunca tentei o suicídio, mas me matei mil vezes em pensamento, planejava sempre um meio eficaz para o ato terrível.

Pensava em deixar uma carta culpando alguém, ao mesmo tempo repelia este pensamento. Não deixaria carta alguma. Onde cometeria o suicídio, armas não possuía atirar debaixo de um carro, tomar remédios, pular de um prédio alto.

Os obsessores faziam ninho em minha tela mental. Hoje através do estudo da doutrina espírita, vejo claramente que os obsessores só tomam nossos pensamentos se damos guarida a eles. Não podemos culpar só os obsessores, temos sim nossa grande parcela de culpa, pois oferecemos a eles um combustível sem precedentes:

Nossos pensamentos negativos.

Começa então a simbiose espiritual.

Temos que prevenir colocando nossas crianças em uma evangelização infantil, para quando adultos, tenham um suporte necessário para enfrentar as adversidades da vida.

Os vícios em geral criam vínculos entre o espírito encarnado e desencarnado ambos se alimentando da casa mental do espírito afim.

Fui obsediada sim e muito, mas não posso culpar os obsessores, pois através do estudo da doutrina dos espíritos

mais tarde percebi que meus pensamentos negativos eram farta colheita para meus inimigos desencarnados.

Estava frente a frente com meu livre arbítrio.

Afinal o que era o livre arbítrio?

Em *O Livro dos Espíritos* na pergunta 122 sobre este assunto encontrei a resposta, que abriu-me o raciocínio.

O Livre-Arbítrio se desenvolve à medida que o espírito adquire a consciência de si mesmo. Ele não teria mais liberdade se a escolha fosse determinada por uma causa independente de sua vontade...

Entendi que Deus não seria justo, se não respeitasse nosso livre-arbítrio, mas vamos colher do plantio exatamente o que semearmos. Ação e reação. Como estou colhendo o que plantei em outras vidas.

Minha fé e minha esperança em dias melhores eram meu porto seguro, pois quando orava sentia-me bem e me libertava das idéias suicidas, ainda que por um pouco. Jesus era meu terapeuta, já que não encontrava consolo na crença que professava e mesmo freqüentando a Doutrina Espírita, ainda não chegará meu momento de acreditar no que me instruí.

Estava cansada, exausta de tantas lutas íntimas, chegando ao ponto de não mais tolerar levar não a minha vida, mas a de Luiz. O que ele me oferecia no plano material não me satisfazia, não conseguia conciliar os dois lados, o material e o espiritual, ficava muito deprimida até que coloquei um ponto final: parei de freqüentar botecos, parei de fumar e de beber – a saúde também não me permitia esses excessos – e descobri que o sentimento de culpa por não acompanhar Luiz diminuirá com a descoberta do gosto pela convivência nas creches, no CVV e pelas orações.

Decidimos então que cada um seguiria a sua própria vida e que eu só o acompanharia a reuniões sociais em que minha presença fosse necessária. Ele nem tentou dissuadir-me de meus

propósitos, acho que até ficou aliviado. Estava apenas cumprindo o prometido na espiritualidade, exercendo com dignidade seu papel de esposo. Dizia aos amigos que admirava minha força de vontade por não deixar-me abater frente às doenças, por não me lamentar, mas diretamente a mim, jamais proferiu uma palavra a respeito.

Durante muito tempo fiquei com um pé na Igreja Católica e outro na Doutrina dos Espíritos.

As palavras do mentor Alexandre na espiritualidade sobre o livre-arbítrio ecoavam no meu inconsciente. Se a fé católica não conseguira afastar da minha mente a idéia de suicídio, a decisão sobre a mudança para o Espiritismo estava prestes a ser tomada. Lembro-me bem daqueles tumultuados anos. Agora que estou escrevendo estas páginas, vejo que a Espiritualidade nunca me abandonou. Francisco aproxima-se de mim, sereno. Vejo-o com os olhos da alma, sinto o toque de suas mãos sobre minha cabeça a transmitir-me energia para dar continuidade ao trabalho, no qual não interfere. As lembranças chegam aos borbotões, mas com muita fé em Jesus, espero ser capaz de relatar os acontecimentos sem ferir ou magoar ninguém.

Coloco-me em estado de meditação e sinto conforto com sua presença amiga, sinto um calor me invadir, minhas mãos adormecem – é o sinal de que ele está presente e parece dizer-me “força, o que você está escrevendo vai ajudar a muitos, não importa que alguns não acreditem, nós sabemos que tudo é verdadeiro e calará fundo em quem estiver precisando de alento, siga em frente e que Jesus te abençoe”.

Saio da sintonia espiritual que não gostaria de perder e volto para a realidade da vida, sempre surpreendida com a serenidade que me invade quando me ligo aos benfeitores espirituais. Frequentei o Grupo Fraternal por cerca de dois anos e lá voltei a encontrar Maura, uma colega da escola secundária, antigo ginásio, que já àquela época era espírita, só que não comentava conosco para não nos escandalizar. Foi uma alegria

saber que ela revisava textos para publicação, e como tinha vontade de escrever, passei a estreitar nossos contatos e o elo que já nos unia material e espiritualmente tornou-se mais forte. Como gostávamos de ler e escrever, ela se prontificou a ajudar-me e foi um grande incentivo para a produção de meu segundo livro *De Frente para a Vida*. Coincidência? Ou resgate de compromisso feito na Casa do Escritor da espiritualidade?

No que se referia à religião, via aproximar-se o momento em que teria de decidir qual o melhor caminho a tomar, já não sabia que rumo dar à vida. Nessa época ainda não aceitava a Doutrina Espírita, razão por que não mais freqüentei o Grupo Fraternal, passando a dedicar meu tempo só às creches e a outros trabalhos voluntários. Raramente ia à missa. Navegava sem rumo e sem destino, mas mantendo a fé em Jesus, que também não me bastava. Sentia a falta de algo que não sabia o que era.

Como as dores físicas e morais eram muito intensas, a solidão passou a ser quase minha única companheira. Aos quarenta anos, ainda buscava alguém que entendesse meus sentimentos. Tinha vontade de abandonar tudo, marido, casa, filhos, de tomar um ônibus e sair sem destino, procurando algo que eu mesma não sabia o que era, minhas vidas passadas se fazendo presentes em minha vida atual.

Com tantos desacertos, já aceitava procurar lugares que me indicavam para tratamento. Fui a um terreiro de umbanda onde a guia, o cavalo, como dizem, tomou não sei quantas garrafas de pinga, me jogou dentro de um rio para fazer limpeza, mas não disse o que eu tinha nem física nem espiritualmente. Até a uma igreja evangélica fui, levada por Catarina. Lá o pastor me aconselhou a acreditar na Bíblia.

Meus filhos Letícia e Mário levavam-me aos lugares mais estranhos em busca de minha cura. Tornaram-se meu apoio frente às doenças. Já adolescentes, preocupavam-se comigo. Não sei quantas pessoas foram rezar em minha casa, levadas por eles que tudo faziam para buscar ajuda, mas eram jovens, queriam

aproveitar a vida e eu não podia encarcerá-los às minhas enfermidades.

Os mais velhos, não gostavam de estudar, diferentemente do caçula, Ivo, que era um aluno modelo. Adorava estudar e sempre me disse que queria casar cedo, o que realmente aconteceu quando ele tinha apenas 22 anos. Não posso deixar de dizer, como mãe orgulhosa, que ele é hoje diplomado em economia e computação, tem dois mestrados e um PhD feito nos Estados Unidos, onde leciona numa universidade, e casou-se com Eunice, também Brasileira, desta união nasceram três filhos, Henrique, Natália e Mariana. Como não possuía vínculo cármico com a família, seguiu sua vida sem maiores problemas. Parece que nasceu no Brasil por opção, mas ama o país em que reside e adotou seus costumes. Mas não passou ileso ao sofrimento que cobrou dele uma posição mais devotada e caridosa frente a vida: seu melhor amigo, colega na universidade, sofreu uma convulsão em seus braços. Foi diagnosticado um tumor cerebral. Como ele e sua esposa não possuem parentes naquele país, Ivo e Eunice fazem o papel de pais e irmãos, tendo que se desdobrar para ajudá-los, principalmente em relação aos filhos, fato que muito os ajuda a crescer, a estender a mão ao próximo. Católicos praticantes, ajudam o casal amigo no que podem sendo eles os maiores beneficiados por ensinarem aos filhos a palavra caridade.

Já Letícia e Mário eram completamente diferentes. Queriam aproveitar a vida, namorar, dançar, ter um grande número de amigos. Não iam mais à missa, e como eu não definia qual a religião a seguir, não freqüentavam a igreja, queriam só curtir a vida, sem vícios ou drogas.

Letícia praticamente nasceu espírita. Desde cedo rejeitou os dogmas do catolicismo e buscou as coisas ocultas com cartomantes, tarô, astrólogos. Aos 15 anos teve o primeiro namorado, seguido de muitos outros, mas não se acertava com os rapazes. Aos 22 anos, ficou noiva de um rapaz, que havia se

recuperado do uso de drogas recentemente, de nome Vicente. Entreguei o caso a Deus, dialoguei com ela, mas nada parecia adiantar, tal a paixão de que se achava presa. Sentia que havia algo de errado espiritualmente com ela. Já Espírita. Levei-a a um centro espírita, onde foi descoberto, numa sessão de desobsessão, seu obsessor Roger. Letícia e eu estávamos presentes quando ele se dirigiu a ela e disse que na França do século XVII ela fora sua amante e o assassinara para ficar com alguém mais rico e que à ocasião desse ato cruel eu era sua mãe. Ele só se revelou porque me reconheceu e se emocionou muito. Decidiu libertá-la, esperando crescer e perdoá-la. Informou que desde aquela época ele a perseguiu com seu ódio e que ambos haviam falhado várias vezes, mas que não mais a importunaria, dali para a frente cada um seguiria seu caminho, quem sabe um dia se encontrariam em melhores condições.

Com esta revelação, Letícia mudou seu comportamento. Trabalhou cerca de seis anos com meninos de rua. Aos 30 anos, foi trabalhar em São Paulo, onde fixou residência. Seus relacionamentos amorosos mudaram completamente. Encontrou seu amigo e companheiro Braga, a quem era devedora de outras vidas e com quem está casada. Não poderá ter filhos, pois teve o útero retirado devido a um mioma. Isto não os impede de levar uma vida conjugal relativamente feliz, pois ambos compreendem que a ausência de filhos é consequência de existências passadas.

Quantos jovens não conseguem encontrar seus pares na vida devido a influências espirituais perniciosas, sem tratamento para afastá-las. Outros que se propuseram a ficar solteiros para desempenhar tarefas outras, quando encarnados, sentem-se frustrados, por não encontrarem um companheiro adequado. Até chegar ao ponto em que Letícia foi merecedora da revelação que mudou sua vida, foi uma longa caminhada, com muitas lágrimas por amores desfeitos. Depois de muito tempo, Roger enviou-lhe uma mensagem dizendo que estava

bem e que por ela ter dado outro rumo à vida, principalmente sua dedicação aos meninos de rua, auxiliara na elevação de sua sintonia vibratória, mas que ela continuaria sempre a Maria que vivera na França. Não mais iria atrapalhar sua vida, mas que ficasse atenta, pois, à menor brecha, outros obsessores podiam prejudicá-la.

Quanto a Mário, não queria nem pensar em casamento, queria aproveitar a vida. Como não gostava de estudar, começou cedo a trabalhar com o pai e tios. Foram momentos difíceis para todos, pois ele, o oposto do pai, dono de um sorriso largo, viu-se trabalhando ao lado de pessoas fechadas. Mas foi um aprendizado importante, no qual adquiriu o gosto pelo trabalho. Sempre digo que nem todas as pessoas nasceram para ser doutores, embora os pais devam incentivar os filhos o mais que puderem, mas se não há vocação, não há por que se desesperar, é só descobrir um trabalho de que eles gostem que a situação muda.

A gravidez de Laís, namorada de Mário, mudou sua vida. Sem nenhum preparo, enfrentaram o casamento, que só durou dois anos, mas trouxe para nossas vidas Leonardo, nosso primeiro neto, fonte de alegria e felicidade. O jovem casal havia montado uma loja que foi à falência. Não agüentando as pressões, após dois anos de casamento, veio a separação, o que motivou o retorno de nosso filho ao lar antigo, agora sem mulher, sem filho e sem emprego. Embora com muito sofrimento, hoje percebo que foi o que de melhor poderia ter-lhe acontecido. A partir daí sofreu muitas mudanças para melhor. Apegou-se ao filho, incorporou a condição de pai à sua vida. Por sua ex-mulher trabalhar muito, trouxe o filho, já com cinco anos, para morar conosco e por causa dele empenhou-se ao máximo para refazer sua vida, transformou-se e hoje, no que se refere ao trabalho, tem seu lugar ao sol garantido. Leonardo, hoje com 12 anos, voltou a morar com sua mãe, que contraiu novas núpcias.

Narro esses fatos para mostrar que realmente tentei cumprir minhas obrigações de mãe para com meus filhos, de

quem eu não era tão devedora. Meu maior problema eram as doenças, a luta contra o suicídio e o compromisso espiritual junto ao marido.

Durante dois anos fiz psicanálise com Dr. André. Ele dizia aos médicos que minhas dores eram reais, que eu de fato as sentia, nada havendo de errado comigo em termos psicológicos. Ele muito me ajudou, ombreou comigo, aliviou minha consciência culpada, mas também não encontrei o que procurava nessa terapia. Quando falava com ele sobre suicídio, suas ponderações não encontravam eco em minha mente, e eu me sentia cada vez mais vazia.

Tudo o que me fora dito ainda na Espiritualidade estava acontecendo: eu aceitara resgatar as conseqüências de meus suicídios nesta encarnação, mas não imaginava que seria tão difícil e complicado. A luta contra meu temperamento explosivo era muito difícil. Podia ficar bem muito tempo, mas quando me descuidava, em cinco minutos destruía tudo de bom com palavras ferinas, desarmonizando o ambiente.

Minha amiga Rosa dizia não me entender, vez que embora lhe confidenciasse que detestava a vida, agia como se gostasse dela. Eu era maníaca por leitura, tinha sempre um livro à mão, adorava cinema e música e me extasiava com os livros dos grandes mestres da humanidade, que abordavam assuntos que saciavam minha sede espiritual.

Luciana construiu uma casa ao lado da minha, no bairro Jaó. Acompanhava com grande interesse sua evolução espiritual, alegrei-me quando ela foi trabalhar no CVV. Sem saber que fora minha filha em outra vida, nutria por ela um afeto muito especial.

Como era Luiz, o pai? Dentro de suas possibilidades emocionais dava aos filhos o que podia, mas seu primeiro pensamento era para o trabalho para não nos deixar faltar o pão nosso de cada dia.

Depois de doze intermináveis anos de procura, a dor no abdome foi diagnosticada por Dr. João, neurologista, como sendo

reflexo de um gânglio benigno e não operável na coluna vertebral, em razão de estar localizado na raiz do nervo inguinal. Que ironia! Anos de sofrimento, cirurgias desnecessárias, pecha de neurótica, e o problema era na coluna. Fiz bloqueio de dor uma vez por semana durante uma dezena de anos, pois era só o que me aliviava. Mas não tinha cura. Também contribuiu para minha melhora alongamentos que fazia na academia de ginástica, sob os cuidados do professor Ivan. Caminhada não posso fazer por causa da artrose em grau avançado no joelho. Se piorar ainda mais, o recurso é colocar prótese, mas confio em Jesus e na espiritualidade que isto não vai acontecer. Nunca indaguei aos espíritos – e eles nem me responderiam – se ainda tenho muitas contas a acertar com outras pessoas. Só quando partir para a pátria espiritual é que saberei de meus outros débitos, mas guardo dentro de mim a esperança de estar saldando nesta encarnação os maiores.

XL. Grupo de Edificação Espírita

12-Com qual finalidade a Providência dotou certos indivíduos da mediunidade de uma maneira especial?

É uma missão da qual estão encarregados e que os tornam felizes; são os intérpretes entre os espíritos e os homens.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec

Certo dia, ouvi falar no Grupo de Edificação Espírita, dirigido por uma senhora de nome Dona Mércia. Era uma tarde de domingo, às dezessete horas, para ser mais precisa. Alguma coisa fez meu coração bater forte. Sabia, por intuição, que precisava localizar esse centro espírita, que procurei três domingos seguidos, sem lograr encontrar. Já havia desistido quando, conversando com uma amiga, ela me disse que freqüentava um centro espírita diferente, kardecista, localizado numa chácara. Perguntei se podia ir também, no que fui prontamente atendida no domingo seguinte.

O lugar era encantador, em plena natureza, uma chácara com árvores e folhas ao vento e pássaros cantando. Nunca encontrara lugar tão acolhedor e tranquilo. Senti uma paz de espírito há muito procurada. Quando olhei para Dona Mércia, foi como se a conhecesse a vida toda. Era junho de 1985. O centro espírita havia sido fundado dois anos antes, justamente os que eu passara no Grupo Fraternal Espírita, inteirando-me dos conhecimentos da doutrina que até então teimava em não abraçar. Senti que fora preparada para aquele momento, que minha procura tinha terminado. Finalmente encontrara meu lugar.

O mentor da instituição espírita chamava-se Alexandre.

Essas lembranças me emocionam. Paro de escrever, saio para o bosque de minha chácara, abraço as árvores, ando descalça na terra que me dá energia. É muita emoção acumulada. Não me sinto merecedora de tanto entendimento, de tanta sintonia, de tantas revelações. Minhas mãos adormecem, é Francisco que me traz sua presença amiga, pois como disse, estaria ao meu lado neste momento em que transcrevo este período de minha existência. Em pensamento mantenho diálogo com ele, recebo as respostas muito claras, e lágrimas descem pelo meu rosto.

— Querido Francisco, sinto-me emocionada com o reencontro entre Alexandre, Dona Mércia e eu, agora percebo quão importante ele foi para a minha vida.

— Sim, Augusta, naquela época nós não sabíamos da gravidade de nossos compromissos.

— O que você ficou fazendo até que eu pudesse entender que meu caminhar era dentro do Espiritismo. Tive várias experiências e sofrimentos. De você nada sei desde o nosso último encontro na espiritualidade.

— Tudo aconteceu como disse o mentor Alexandre. Nasci como irmão de Luiz, Sebastião foi meu nome. Vivi poucos dias, mas mesmo desencarnado, tive oportunidade de vivenciar experiências e exercer o livre-arbítrio. Busquei a companhia de padres católicos, que incentivavam a desunião nos centros espíritas, mas já não possuía a convicção de antes. Minha intuição dizia que eu a encontraria no centro espírita mencionado por Alexandre e Madre Consuelo. Segui os padres com a intenção de encontrá-la e quando isto aconteceu você sentiu minha presença. Nessa ocasião, Alexandre me convidou para visitar uma colônia espiritual, onde estudei a Doutrina Espírita. Você buscava seu equilíbrio e eu entendi que precisava me ausentar para estudar, aprender e um dia poder ajudá-la e aos sofredores que margeiam as estradas dos dois planos da vida, de modo que voltei à Colônia Amor Perfeito e você seguiu seu caminho.

— Não tinha a menor idéia de quanto você é importante para mim.

— Três anos decorridos, eu já compreendia os ensinamentos de Jesus, as obras editadas por Kardec, quando Alexandre me disse que chegara a hora de nosso reencontro, que você, Luiz e outros que eu prejudicara em outras vidas precisavam de minha ajuda e deu-me permissão para estar a seu lado apoiando-a, espiritualmente, na conquista da certeza que eu já possuía quanto à verdade dos ensinamentos da Doutrina Espírita. Você deve se lembrar em que circunstâncias me apresentei a você, naquele momento crítico de sua vida.

— Não tenho o que falar, só a agradecer a Jesus por ter-nos permitido transformar o amor doentio de ontem e ainda por você ter ajudando a tantos na prática do bem, aliviando dores. Israel, meu protetor, que me ajudou a afastar as idéias suicidas, precisa receber meus agradecimentos também, apesar de nunca ter pensado nele.

— Não se preocupe, os bons espíritos têm uma sabedoria que não podemos compreender. Israel sempre esteve presente em sua vida, como tantos outros, foi um trabalhador anônimo.

Olhei meus canteiros de flores e disse:

— A este canteiro vou dar o nome de Israel, não é uma homenagem importante, apenas um agradecimento.

— Não desanime agora, Augusta. Você está chegando ao término de seus relatos, mesmo com a dificuldade que a ausência de minha parceria direta provocou. Saiba que estou sempre a seu lado, incentivando-a a prosseguir na narrativa das passagens mais difíceis da sua vida, tenho certeza de que vamos ajudar a muitos. Jesus a abençoe.

Senti seu abraço fraternal e deixei-me ficar ali, quieta, saboreando aquele momento tão único.

Que sensação estranha estava sentindo! Lembrei-me de que no primeiro dia em que visitara o Grupo de Edificação Espírita, senti uma grande segurança e imaginava que ali encontraria respostas para tantas dúvidas e poderia ficar curada

das dores que tanto me atormentavam. Assistindo a uma palestra, pela primeira vez, ousei emitir uma opinião. A palestra era feita em slides com figuras e frases que calavam fundo na intimidade do meu ser. Havia música ambiente e eu nunca antes estivera em um lugar sintonizado com aquilo que eu tanto desejava – paz de espírito – mas pensava que embora tudo fosse muito bom, ficaria ali por apenas algum tempo, o suficiente para obter a cura e ficaria só no trabalho da creche católica.

Ainda não sabia, mas o momento predito pelo mentor Alexandre estava chegando, o momento de usar o livre-arbítrio para escolher um novo caminho religioso. Já havia feito mais de 20 cirurgias sem obter resultado algum. Três meses depois, quando Dona Mércia convidou-me para fazer parte do grupo de médiuns, aceitei e decidi estudar seriamente a doutrina, para mim estranha. Estavam estudando o livro *E a Vida Continua...*, do Espírito André Luiz e psicografada por Chico Xavier, de quem apenas ouvira falar. Minha mediunidade eclodia, mas eu não a queria, dizia alto e em bom som, escandalizando a todos, que quem quisesse podia ficar com meus dons mediúnicos. Dona Mércia, pacientemente, tentava me explicar o que se passava comigo, mas eu não queria explicações, não desejava desenvolver a sensibilidade de que era possuidora, mas já na primeira reunião mediúmica de que participei tive uma incorporação. Embora consciente, uma força maior que minha vontade me dominava. Não queria me prestar a manifestações mediúnicas e chocava o grupo amigo com minha insegurança e falta de preparo.

Algum tempo depois, percebi que não dava mais para ficar em cima do muro, teria de fazer opção: católica ou espírita. Optei pelo Espiritismo, não por convicção, embora o Grupo de Edificação Espírita me fascinasse e Dona Mércia exercesse uma grande influência sobre mim. Não conseguia aceitar como verdadeiros os fenômenos que aconteciam por meu intermédio e nem acreditar na reencarnação. Sem saber, estagiava no mesmo plano em que me encontrava na espiritualidade antes de

reencarnar. Quem sabe, se me suicidasse, tudo não ficaria resolvido? Mas faltava-me coragem para tanto. Ninguém da minha família desaprovou a mudança para o espiritismo, mas os amigos católicos se afastaram e, mais uma vez, vi-me sozinha. Comecei a estudar com afinco a nova doutrina, queria inteirar-me de tudo que a ela se relacionasse. Dona Mércia pedia-nos para escrever o que se passava conosco nas reuniões mediúnicas. Abaixo, transcrevo o que registrei de meu primeiro encontro com Francisco:

● 10/11/1986

Entrei em profundo adormecimento, senti uma presença ao meu lado e vislumbrei um padre ainda jovem, penso eu que com seus quarenta anos, com barba, que me pediu que eu lhe desse a mão. Estendi-a para ele e, no mesmo instante, foi como se eu o conhecesse de longa data. Disse-me haver me procurado por tempo indeterminado, me chamou de irmã querida. Estava muito cansado, mas disse sentir ter chegado ao seu destino com seus colegas de jornadas. Tive vontade infinita de não mais voltar e ficar para sempre ao seu lado. Pareceu-me que sua procura, não sei definir de quê, havia terminado. Disse-me não ter condições de se expressar em palavras, mas só de estar perto de mim, já se sentia melhor.

No mesmo dia ainda escrevi:

Não sei o que tudo isso significa, só sei que minha ligação com religiosos foi um acontecimento que me norteou a vida toda. Vivo entre padres e freiras na creche. Todos sabem que sou espírita, me respeitam e não me forçam a nada. Não convivo com ninguém espírita no meu relacionamento social, todos são exclusivamente católicos, só eu sou a exceção. Fico intrigada com essa forte relação entre mim e a igreja católica, mesmo tendo me desvencilhado

de toda a sua estrutura, mas acredito que surgirão um dia esclarecimentos para esse forte elo que me liga a eles, embora hoje me considere espírita.

● **17/11/1986**

Durante a primeira parte, o mesmo padre que me pediu para ficar de mãos dadas, passeava pela sala, muito confuso.

● **25/11/1986**

O mesmo padre, que hoje me disse chamar-se Francisco, ficou ao meu lado e conversou comigo, me levou lá fora em espírito e mostrou seus amigos. Começou a falar, insistindo com seus irmãos de fé, que pensassem na Doutrina Espírita e não seguissem adiante sem antes pensar e estudar o que aqui ouviam e estudavam.

Sempre sinto muita pena em deixá-lo e me sinto triste, pois sei que está próxima nossa separação, não sei qual a ligação que tenho com ele, mas parece ser muito forte, não sei se me expressei bem, pois também estou confusa.

● **08/12/1986 – Nesta data completava 24 anos de casada**

Sinto um sofrimento muito intenso dos padres que têm de abandonar a realidade de uma religião na qual até então acreditavam e seguir novos conceitos. Mas ao mesmo tempo sinto-os aliviados por chegarem ao término de uma longa procura. Francisco disse-me que agora eles estão bem e prontos para nova jornada. Parece-me que Francisco já é um padre com mais visão de vida e está agora junto a eles com a incumbência de tranquilizar e confortá-los. Não sei, mas se houver mentor para mim, parece-me ser ele o meu.

mas somos muito pequenos para entender os desígnios do Pai, e o que importa é estarmos ajudando esses espíritos sofredores.

Nada mais escrevi sobre o desenvolvimento de minha mediunidade, pois o centro espírita crescera e não dava mais para Dona Mércia ler o que escrevíamos.

Tudo acontecia como havia sido informado pelo mentor Alexandre na espiritualidade, mas para mim, recém-espírita, havia uma longa jornada pela frente.

Ao escrever, fiquei surpresa por perceber como tudo se encaixava, tendo até relatos escritos, sem qualquer lembrança em nível consciente. Quando li *Memórias de um Suicida*, de Yvonne A. Pereira, não me surpreendi com suas descrições do Vale dos Suicidas. Achei o conteúdo até leve e familiar, o mesmo acontecendo com *Nosso Lar* de André Luiz. Nada que se referisse à morte ou ao suicídio me assustava.

Por mais de 20 anos sonhava que estava morrendo em meio a fezes, sentia o cheiro nas narinas e o gosto na boca. Sentia-me impregnada pelo odor desagradável, acordava suando frio. Era uma visão horrível, um pesadelo real. Foram anos muito difíceis para mim, em que o pesadelo se repetia pelo menos a cada semana e não havia ninguém para conversar sobre ele. Hoje sei que meu espírito voltava ao passado, pelo tempo que estive no Vale dos Suicidas.

Quem sabe essas lembranças tenham sido um freio a impedir que eu repetisse o insano ato, ajuda da espiritualidade que me mostrava o lugar para onde eu voltaria se isso acontecesse. Nas reuniões de psicofonia sempre apareciam espíritos obsessores prontos a castigar-me por tê-los abandonado. Com amor e carinho, foram sendo esclarecidos, um por um. O obsessor é apenas um espírito sofredor que ao perseguir o encarnado está se auto-punindo, pois sofre do mal do ódio, da raiva que destrói o equilíbrio do espírito. Não devemos ter medo de nenhum obsessor, mas ajudá-lo, fazendo um tratamento sério

de desobsessão, com passes, água fluidificada, Evangelho no lar. Assim, tanto o espírito encarnado quanto o desencarnado ficarão livres das amarras impróprias ao crescimento espiritual de ambos.

Como é importante o Evangelho no Lar! Quantos benefícios advêm destas práticas nos lares!

No momento que a família se reúne, em horário e dia pré-fixado, os benfeitores espirituais estarão a postos, retirando do local as influências negativas, fazendo uma limpeza espiritual no lar.

Quantos evangelhos no lar, são verdadeiros oásis de bênçãos, tornando o lar um pronto socorro espiritual, onde toda a família se vê revitalizada em suas energias, havendo de acordo com o merecimento de cada um, bênçãos curativas de ordem física e espiritual. São luzes de amor que se acendem na escuridão das trevas.

XLI. Dor do Suicídio

Praticar as lições recebidas, afeiçoando a elas nossas experiências pessoais de cada dia, representa o curso vivo e santificante.

Fonte Viva – Emmanuel – Francisco Cândido Xavier .

Não posso deixar de admirar o que vislumbro por trás desses escritos. Vou escrevendo e desvendando os mistérios de minha vida, encanto-me com as seqüências dos fatos. Quando encontrei o Grupo de Edificação Espírita, minha intuição levou-me a dizer: “Aqui é meu lugar”. Definitivamente, havia rompido com a igreja católica, finalmente cortara o cordão umbilical. Mesmo assim, não conseguia me prender ao Espiritismo, que tanto queria entender. As dores e as doenças não me davam sossego para trabalhar espiritualmente, mas não desanimava, sempre achando que o amanhã seria melhor que o hoje.

Luiz não me acompanhava, ficava imerso em seu próprio circuito espiritual, sem interferir, mas não permitia que eu ou nossos filhos participássemos de seu lado afetivo, calando-se sempre que este assunto era ventilado.

Tornando-me espírita, encontrei consolo por saber que deveria ter cometido faltas graves em outras vidas, já que nesta não sabia onde passava mais tempo, se em casa ou no hospital. O sentimento de culpa era enorme, insuportável mesmo porque estava sempre doente e pior: sem diagnóstico. Continuava sentindo-me sozinha. Nem com Dona Mércia conseguia

conversar sobre minhas angústias sentia vergonha deste pensamento – como podia ainda pensar em suicídio? A idéia criava raízes profundas dentro de mim. Só encontrava consolo nas leituras espíritas ou espiritualistas, nas quais encontrava os ensinamentos dos grandes mestres que falavam em fé, esperança, amor ao próximo, coragem para enfrentar as dificuldades, para não desanimar frente aos obstáculos, que a felicidade podia ser encontrada neste mundo, mas em pequenas proporções, nos momentos bons que a vida nos oferece.

Eu procurava assimilar tudo isso, trabalhava na costura, na sopa, dava aula no ESDE, fazia bazar de roupa usada, bazar artesanal, almoços beneficentes para ajudar o Núcleo Assistencial Estrela Dalva, uma extensão do Edificação, num bairro pobre da periferia. Nada diminuía o vazio e as dores que sentia. Resolvemos – Luciana, minha filha Letícia e eu – abrir uma loja de modinha (moda jovem), mas logo tive de ser operada e o negócio não deu certo, tivemos que fechar. O que em mim sobrava para o trabalho voluntário, faltava para ganhar dinheiro. Nesse quesito eu era apenas 00, sem lugar para o número 1, como diz Huberto Rohden. Que mais fazer na minha vida? Comecei a sentir dores nos dentes e fui obrigada a passar pelas mãos de dentistas, ortodontistas e neurologistas. Arrancaram-me dois dentes sadios e, no final, falaram em nevralgia do trigêmeo. A dor era além do suportável e, por ironia, os especialistas me disseram que essa dor era chamada de “dor do suicídio”, pois algumas pessoas não conseguiam suportá-la, tão forte era.

Coincidência ou carma? Eu pedira para vir com tudo a que tinha direito, até a dor que sentia tinha que ter esse nome. Além de arrancar dentes saudáveis, fiz duas cirurgias de balão dentro da boca, uma em Goiânia e outra em São Paulo. O que havia de mais moderno em neuralgia do trigêmeo foi feito, mas a dor continuava aumentando de intensidade, o que me levou a ficar hospitalizada por cerca de um mês. Dr. João, neurologista, resolveu fazer uma cirurgia na cabeça interferindo no nervo

trigêmeo. Dois dias antes do procedimento, pensei: “Não faço essa cirurgia, vou realmente me suicidar, vou me jogar no rio”.

Então aconteceu o que eu chamo de milagre: vi uma luz brilhante que me disse para não cometer suicídio, pois sofreria dores muito piores que a dor física que sentia, que não desse aquele passo, com o qual estaria comprometendo minha encarnação, que tivesse força e esperança, que a dor ia diminuir. Disse mais: que eu não teria a cura definitiva de meus males, mas que meus sofrimentos seriam aliviados e eu teria forças para passar pelas dificuldades e dali em diante ele seria meu companheiro de jornada, para juntos ajudarmos a muitos sofredores, por isso eu deveria manter a fé em Jesus. Não falou seu nome e eu não perguntei. Senti minhas mãos adormecerem, coloquei-as no rosto e a dor foi diminuindo, não precisei operar.

A invisível presença amiga em forma de luz se fazia presente em minha vida, acalmando, pela primeira vez, meus anseios. Comecei a desligar-me dos pensamentos suicidas. Esse espírito me pediu para reunir um grupo de seis pessoas em casa de Luciana e Camel, para iniciarmos o estudo do Evangelho. Formamos o grupo para o qual foi convidada Dona Eva, nossa vizinha e amiga que não tinha encontrado ainda um centro espírita para frequentar e quase nada sabia sobre a Doutrina dos Espíritos. Ainda desconhecíamos o nome do espírito que nos ajudava quando, certo dia, estando eu numa chácara de amigos senti um forte desejo de escrever e logo após pedir à minha amiga caneta e papel, sentei-me debaixo de uma árvore e escrevi o texto a seguir a pedido do espírito.

● **16/08/1989, às 18:00**

Querida filha Luciana,

Os caminhos que Jesus percorreu foram de espinhos e sofrimentos. Ele, em sua infinita bondade nos deu sua

própria vida como exemplo. Que mais queremos nós, que simples mortais somos e seremos enquanto nossas imperfeições não tiverem se transmutado em nosso próprio benefício interior? Coragem ânimo e principalmente muita fé, não se sinta nunca só, pois Jesus e a espiritualidade estarão sempre a seu lado e de seus familiares. Não exija compreensão de quem não pode dar, não se preocupe em demasia com o futuro, pois cada coisa virá a seu tempo. Crie ao seu redor uma aura de amor, não de tristeza e angústia, e este mesmo amor transbordará e iluminará os caminhos de seus entes queridos. Doe-se ao seu próximo mais próximo, que são os que vivem sob o mesmo teto. Daqui estarei velando por vocês, mas o primeiro passo em nossa direção com otimismo e confiança terá que partir do seu interior.

Que Jesus a ampare hoje e sempre,

Pai Francisco.

Foi então que fiquei a par do nome do espírito que estava em comunhão comigo e me ajudara a livrar-me de cometer suicídio. Na época, não entendi porque a primeira mensagem e a revelação de seu nome viera para Luciana, só mais tarde é que viria a notícia de que ela era minha filha e de Francisco, na encarnação em que me joguei do penhasco. Na verdade, não fiz ligação entre o padre Francisco que se manifestara em 1986, o que só aconteceu anos mais tarde quando, mexendo em meus guardados, deparei-me com o depoimento escrito naquela época e mais uma vez fiquei extasiada com o rumo dos acontecimentos. Com nossos estudos, Dona Eva estava sendo preparada para desencarnar, o que se deu uns três anos depois que começamos as reuniões de estudos na residência de Luciana e Camel.

Francisco aparecia sempre nas reuniões e nos agradecia por permitir a ele aprimorar seu aprendizado espiritual. Alertavamos quanto à nossa responsabilidade e nos incentivava a continuar freqüentando o Grupo de Edificação Espírita, hoje, acho que

falava mais para mim, pois ao mesmo tempo em que gostava daquela casa de oração, pensava em abandonar suas atividades, queria algo mais, tudo era pouco para mim, apesar de ali aprender a ter disciplina, a estudar. Sempre insatisfeita, parecia ave fora do ninho, achava-me *uma persona non grata*, sentia-me culpada sem ter feito nada e embora amasse Dona Mércia, estava sempre envergonhada diante dela e freqüentemente metia-me em grandes trapalhadas. Nesse período os pensamentos suicidas foram ficando mais espaçados, mas os conflitos de outras vidas eclodiam fortes e vivia uma existência íntima tumultuada.

Começava a arrumar a bagagem espírita para a volta à pátria espiritual. As reuniões em casa de Luciana continuaram, sendo que em uma delas Dona Eva, já desencarnada, nos disse o quanto tinham sido importantes para ela os estudos que fizemos juntas, estava agradecida a todos que a ajudaram a preparar-se para o retorno. Falou-nos sobre Francisco que a seu ver era de grande elevação espiritual, mas que sempre dizia estar aprendendo.

A comunicação foi muito importante para nós e sua família que se tornou espírita. Soubemos que ela estava bem e que nunca é tarde para se começar a estudar a Doutrina dos Espíritos.

Por mais que tivesse tentado, não consegui encaminhar Rosa a nenhuma religião, mas eu pressentia que deveria tentar sempre incentivá-la a desenvolver seus dotes espirituais e mais tarde a vida mostrou-lhe de maneira insólita que precisava apegar-se a Deus, com fé e esperança, que não está aqui por estar.

Seu filho Renato casou-se muito jovem com Marina, com quem viveu um verdadeiro caos doméstico, entre agressões e reconciliações. Por mais que Rosa tentasse ajudar, esbarrava na intolerância dos dois, que tendo um casal de filhos, não os respeitava, trocando ofensas verbais e físicas na presença deles, até que num desses desentendimentos, Marina caiu, vindo a falecer. Renato foi acusado de assassinato, ficou alguns anos preso até o julgamento. Foram anos de terríveis

sofrimentos para todos, especialmente para Rosa. Ela pediu-me para levá-la ao centro espírita, o que fiz de pronto, pensando na ironia que representava o meu esforço de quase uma vida para que ela encontrasse um caminho religioso, em vão, e naquele quadro de padecimentos levava-a pela mão rumo ao Consolador prometido.

No julgamento de Renato, os pais de Marina depuseram a seu favor, livrando-o da acusação de assassinato, pois conhecendo a vida do casal, sabiam que a morte da filha havia sido um terrível acidente. Houve surpresa com essa atitude ética, pois normalmente os familiares das vítimas apresentam-se com muita raiva, com ódio mesmo, mas a verdade prevaleceu a despeito da dor imensa da perda. Sabiam que o genro seria incapaz de tirar voluntariamente a vida da pessoa que muito amava e que era a mãe de seus filhos. Livre da condenação, Renato passou a trabalhar e hoje cuida dos filhos, amparado pela família. Rosa precisou sobreviver a tempestades e terremotos para adquirir fé. Apóia-se na Doutrina Espírita, no exercício de seu livre-arbítrio, onde encontra consolação, voltando-se para Deus nos momentos difíceis e cumprindo sua tarefa junto à família. Tantos anos de luta para que Rosa encontrasse sua fé não tinham sido em vão, eu plantara a semente em seu espírito e na hora da necessidade ela germinou, o que me fez agradecer a Deus a oportunidade de haver participado desta plantação espiritual.

Não perdi o contato com Nice, que morava em Belo Horizonte, e também tornou-se espírita, frequentando cursos regulares num centro espírita. Catarina encontrou seu caminho numa igreja evangélica, mas continuamos amigas. Quando eu adoecia, ela pedia aos irmãos de crença para orar por mim, em minha casa. Eram visitas de evangelização, com direito à leitura da Bíblia e tentativas de convencer-me de que estava doente por ser espírita. Nada disso abalou nossa amizade e me alegro por ver que está feliz com o segundo marido e com a vida que escolheu.

XLII. Mensagem do Alexandre

*Sem o Cristo, sem a essência de sua grandeza,
todas as obras humanas estão destinadas a perecer.*

Caminho, Verdade e Vida – Emmanuel – Francisco Cândido Xavier.

Apesar das amigas, sentia-me só, doente e com sentimento de culpa, sem vontade de viver, mas graças a Deus a idéia de suicídio já não me atormentava tanto, até conseguia subir aos andares mais altos de prédios, sem ter vontade de me atirar lá de cima.

Francisco estava sempre ao meu lado, mas eu não fazia de sua presença uma bengala para me apoiar e tentava impedir as pessoas de o fazerem. Nada sabia de nossos compromissos espirituais, mas embora ele fosse muito amado por mim, tinha minhas próprias atitudes e pensamentos, a despeito de perceber com segurança quando ele me passava alguma instrução. Aos poucos, ele esclareceu a natureza de nosso compromisso com Luiz e me permitiu tomar conhecimento de fatos acontecidos no que chamo de minha primeira recordação, na qual fomos os causadores da prisão de Luiz, com quem abordei o assunto, mas ele não acreditou, mesmo freqüentando o centro espírita Mensageiros da Luz. Nunca oculte a existência de Francisco em minha vida.

Certo dia, conversando com uma amiga na presença de Luiz, afirmei: “— Meu grande amor não é o Luiz, é o Francisco, mas não mora aqui”.

Ela levou o maior susto. Como eu podia dizer que amava outra pessoa na frente de meu esposo? Percebi seu espanto e expliquei que meu amor estava no plano espiritual, não era desta Terra. Rimos muito depois que fiz esses esclarecimentos e a partir de então fiquei mais cautelosa no falar.

Continuava a me questionar, mas já aceitava a doutrina dos espíritos e no íntimo sabia que o Grupo de Edificação Espírita era meu lugar; um sentimento muito forte ligava-me a Dona Mércia, que atendia minhas necessidades espirituais com carinho e dedicação, na medida certa, mas não da forma que eu queria. Ensinava-me a disciplina dentro da mediunidade, que ainda teimava em não aceitar totalmente. Naquela época, as pessoas que eu mais amava eram Luiz e Dona Mércia, mas sou consciente de que pus em desordem suas vidas altamente produtivas e ordeiras, causando-lhes, sem perceber, grandes problemas.

Minha procura levou-me a trabalhar em psicofonia no Hospital Psiquiátrico Casa de Eurípedes. Ficava em trabalho mediúnico das 9:00 às 12:00 horas e continuava a desenvolver as mesmas atividades no Grupo de Edificação Espírita, em desacordo com os ensinamentos do abnegado espírito André Luiz, cuja orientação é no sentido de que o exercício semanal de psicofonia é suficiente, o que me levou a perder as energias. Deixei os trabalhos na Casa de Eurípedes e tive de fazer reposição de energias por meio da cromoterapia e não escutei qualquer palavra de reprovação vinda de Dona Mércia.. Hoje sei que estava preparada para ajudar-me em meus desequilíbrios espirituais e em minha busca por algo mais.

Nessa época, conheci Dr. Carlos, pessoa altamente espírita e bondoso, que trabalhava na Vila São João, como médico e presidia um centro espírita que passei a frequentar junto com ele, afastando-me por um ano do Grupo de Edificação Espírita e de Dona Mércia. A solidão e a busca continuavam nas minhas noites insones.

Trabalhando com Dr. Carlos, conheci Lillian, que passou a trabalhar com um grupo de cura, sob a orientação espiritual de

Francisco. Era uma pessoa encantadora e nossa amizade foi recíproca. Casada com Leandro, médico homeopata, e mãe de quatro filhos, dois homens e duas mulheres, enfrentava momentos difíceis, mas, espírita desde menina, possuía uma fé inabalável e quando observou o trabalho espiritual de Francisco ficou encantada e um vínculo forte a ligou a ele. Começou a chamá-lo de Pai Francisco e eu senti intuitivamente que algo que transcendia a minha compreensão estava acontecendo até que, certa noite, veio a revelação. Lílian era a filha dele que chegaria até mim, necessitada de auxílio, conforme me fora revelado quando estava no plano espiritual, daí a afeição imediata que me inspirou. Viviam dias de lutas muito duras, pois sua mãe cometera suicídio. Não me propus a substituir sua mãe, mas queria ser uma irmã que a auxiliasse em seu empenho de crescimento espiritual.

Por minha mediunidade, Francisco carregou-a nos braços, enviando-lhe mensagens carinhosas, exortando-a a dar continuidade ao seu trabalho como fisioterapeuta, porque daí em diante ele trabalharia com ela a fim de aliviar as dores maiores de seus pacientes. Até hoje Lílian se emociona até às lágrimas por ter um pai que pode ajudá-la nesta encarnação. Frequenta o Grupo de Edificação Espírita, assiduamente.. Somos grandes amigas e brincamos, dizendo que ela e Luciana são irmãs, já que têm o mesmo pai espiritual. Minha intuição me diz que o meu afastamento do Grupo de Edificação Espírita teve o objetivo de resgatar Lílian, trazendo-a para perto de nós, pois logo que isto aconteceu voltei ao Edificação, com o coração sossegado, certa de que ali era o meu lugar.

Às vezes me perguntava a razão que impedia Luiz e eu de nos separarmos, pois éramos um o oposto do outro. Levada pelo sentimento de culpa por estar sempre doente e que me sufocava, tentei por três vezes a separação, sem sucesso. A decisão vinha quando eu estava em crise, cansada, exausta com a busca infrutífera de encontrar a paz interior e alcançar a saúde. Luiz nunca falou em separação, mas eu percebia que ele estava

cansado das preocupações que eu lhe trazia. Parecia-me que, separando-me dele, ficaria mais aliviada perante minha consciência, mas naquela época não foi possível. Percebo que quem consegue enfrentar a separação é por que já cumpriu seus compromissos com o companheiro ou adiou-os para outras encarnações. O que muitas vezes é confundido com covardia ou comodismo talvez seja o cumprimento de compromissos feitos na espiritualidade, antes da reencarnação. Foi a conclusão a que cheguei depois de muita observação, ao longo dos anos. Os bons espíritos não estão à nossa disposição 24 horas por dia para responder nossos questionamentos, o que é muito bom, pois senão viraríamos robôs, sem livre-arbítrio para decidir.

De vez em quando ainda sentia vontade de fugir, pegar um ônibus e sair sem destino. Meu espírito era muito rebelde, e o passado interferia em meu presente.

Todas as quartas-feiras, Luiz freqüentava outro centro espírita. Como ele nada dizia, nunca soube se achava bom ou ruim, se aceitava a doutrina ou não, apesar de eu sempre dizer-lhe que a partir do momento que conseguisse falar de suas emoções, de suas raivas e medos, iria sentir-se muito melhor, mas seu bloqueio era enorme e nunca me disse coisa alguma a esse respeito.

Ao completar 50 anos, no dia de meu aniversário, recebi uma mensagem do mentor Alexandre, cumprindo sua promessa de que na época certa me mandaria um aviso de que tudo era real.

Filha querida,

Sei que sempre desejou uma mensagem de nossa parte direta ao seu coração. No entanto, filha, como falar e interromper o curso normal de seu livre-arbítrio? Você tinha que passar pelos testes e permanecer firme. Lutando com suas próprias forças. Mas estivemos sempre com os braços abertos, amparando-a nos momentos mais difíceis de dúvidas

e incertezas. Em outra experiência física, você já foi colocada junto a nós, que hoje formamos uma equipe material e espiritual. No entanto, por não aceitar a mediunidade bendita que a reergueria espiritualmente, desprevenida, afastou-se dos irmãos de ideal, abandonando o compromisso assumido. Nesta experiência de agora, quando a dor a encaminhou novamente para junto de nosso coração, ainda relutou em abraçar os compromissos mediúnicos. Era necessário o seu testemunho de fidelidade à Casa que a acolheu amorosamente. Foi por meus braços que você nasceu para a vida transitória. Desde então temos esperado seu retorno à experiência mediúnica, a bendita oportunidade para reiniciar o compromisso assumido. Jesus, que sempre vela por todos nós, iluminará o seu caminho e você, hoje mais preparada, aprenderá a enxergar as claridades que se acendem para facilitar o seu resgate nesta vida. O apostolado mediúnico que se norteia pela humildade do coração, disciplina, lealdade e amor pelo semelhante, será sempre vitória para o resgate de débitos passados. Ninguém é médium por imposição da Espiritualidade. Aqueles em que aflora a mediunidade fizeram a escolha na Erraticidade, quando todos enxergam com mais clareza as necessidades próprias. Caminhe com calma e segurança, abraçando o Evangelho como código de vida. Não se questione sobre a caridade a fazer. Estamos acendendo luzes nos corações, instruindo e despertando as mentes para as realidades da vida verdadeira. Cada pessoa esclarecida que se rende aos ensinamentos de Jesus, por si mesma, segue pela vida fazendo a caridade que ache mais adequada. A caridade é sublime, mas é preciso que seja feita em completa doação e, sobretudo, no anonimato, para que não venhamos a pregar em praça pública os nossos pequenos feitos. Jesus disse não saiba a sua mão esquerda o que faz a direita. Ele, o ser mais amoroso do mundo, reunia a multidão, falava-lhe da vida eterna. Aquela gente precisava menos do pão material e mais

do pão espiritual. Os irmãos que chegam ao nosso templo têm o estômago e as necessidades supridas. No entanto, estão famintos de caridade moral, para amenizar os sofrimentos que escondem atrás da vestimenta correta, do sorriso disfarçado e ainda mais do milenar orgulho. Eles chegam com ares de ostentação, mas, no fundo, são mais carentes do que aqueles que estendem as mãos para pedir. As crianças de famílias abastadas precisam de ensinamentos cristãos para se desenvolverem com equilíbrio. É por estarem cercadas de facilidades que se perdem nos vícios. A elas tudo é oferecido para suprir os caprichos da vida, mas raramente se oferece a estas crianças o pão espiritual, e elas crescem sem nenhum freio para os espíritos endividados que são e que, se corrigidos, poderiam fazer muito mais em benefício próprio e pela humanidade. Filha querida, são estes os nossos pobres. Abastados na matéria, paupérrimos no espírito. Ajudando-os com esclarecimento espiritual, eles seguirão pela vida fazendo a caridade, porque se conscientizarão da necessidade de fazer o bem. No tempo certo, marcharemos para outras atividades, agora é preciso muito preparo.

O esposo querido é alma sensível e boa, apenas a luta pela sobrevivência direcionou-o por caminhos mais da matéria. No tempo certo, ele estará mais junto de nós por livre e espontânea vontade. É seu dever de esposa e amiga compreender mais e não pedir aquilo que ainda não está na hora. Recorde que no momento difícil da enfermidade ele esteve presente, solidário à sua maneira, enfrentando a prova com os recursos que possuía.

Os filhos começam a deixar os laços paternos para enfrentarem as próprias lutas reencarnatórias. Todos se encontram sob o amparo de Jesus. Confiemos.

Alexandre

Mensagem recebida em 11-04-1992, no Grupo de Edificação Espírita, psicografia de D. Mércia.

Sinto nesse momento a presença do mentor Alexandre, beijo-lhe as mãos em pensamento e agradeço as oportunidades que tenho tido na vida, o constante amparo da Espiritualidade, através da dor. Usando meu livre-arbítrio, conforme esclarecimentos recebidos dele ainda no plano espiritual, caminhei rumo à Doutrina Espírita. Digo-lhe ter sido esta mensagem o melhor presente que recebi na vida, pois falou direto ao meu coração. Com carinho e amor, ainda em pensamento, coloquei-me de joelhos, agradecendo-lhe por ter permitido que Francisco e eu ajudemos o quanto possível, aliviando dores físicas e morais. Vejo-o oferecer-me um crisântemo amarelo, sorrir e desaparecer.

Esta mensagem acabou definitivamente com minha insegurança, dúvida e temores.

Tornei-me realmente espírita.

XLIII. Equilíbrio

*Porque qualquer que pede,
recebe; e quem busca acha.*

(Jesus - Lucas 11:10)

Comecei a dar palestras em outros centros espíritas e numa delas, empolgada, falando sobre a passagem de Jesus pela Terra, andando pelas estradas da Galiléia, cabelos compridos, vestes brancas e “sandálias havaianas nos pés”, não agüentei meu fora, dei uma boa risada e todos riram comigo. Passei a coordenar o Atendimento Fraterno e o Atendimento Público às quintas-feiras, na Federação Espírita do Estado de Goiás, com aprovação de Dona Mércia, pois o trabalho não era mediúnico. Já conseguia ser mais disciplinada e conversava com ela antes de tomar alguma atitude. No seu equilíbrio, conseguia ver através da mediunidade, o meu ser em evolução, a minha procura existencial. O trabalho que mais me sensibiliza é o Atendimento Fraterno, por poder ajudar pessoas sofridas, machucadas, depressivas, através do contato direto.

Dores fortes no peito explodindo nas costas foram muito presentes em minha vida, o que me levava à hospitalização de uma a duas vezes por mês. Não podia sair de casa sem Isordil, um medicamento sublingual para o coração. Quando elas vinham, eu não sabia o que fazer. O suicídio ainda me passava pelo pensamento, mas agora sem força, sem causar estrago ou grande

sofrimento. A doutrina dos espíritos estava fazendo seu efeito benéfico em mim.

À noite, conversava com Francisco, cujas explicações claras eu captava em pensamento, mas mesmo assim sentia necessidade de alguém encarnado para trocar idéias. Implorei a ele que me ajudasse naqueles momentos de tanta aflição, que me arranjasse alguém para dialogar, que não me rotulasse de psicótica, neurótica ou obsediada, que conseguisse compreender meu lado espiritual, meu grande amor por Jesus, pois acreditava que se vencera até aquele momento fora em razão daquele amor, um sentimento que se diferenciava dos outros, que me protegia, impedindo que eu tirasse a minha vida. Não comentava sobre esse sentimento, temerosa de ser chamada de fanática, mas pedi veementemente ao Francisco, como nunca pedira antes, para promover meu encontro com alguém com quem pudesse desabafar, pois estava no limiar de minhas forças.

Havia me mudado para um apartamento situado no quarto andar. Escolhi um andar mais alto, mas ainda com um pouco de receio, pois lá no fundo ouvia um aviso para ter cuidado. Certa noite, sonhei com o nome de uma psicanalista que deveria procurar. No outro dia, lembrei-me do sonho e do nome. Carla era seu nome. Então me lembrei de que anos atrás meu filho Mário, aos dezoito anos, fizera terapia com ela, mas eu não a conhecia pessoalmente. Consegui o número de seu telefone e marquei uma consulta, na qual falei sem parar durante uma hora sobre as questões que me consumiam e vi que era compreendida. Foi como saciar minha sede espiritual de séculos, olhava e via ao seu lado uma luz brilhante. Não sei se dialogava com ela ou era a luz brilhante que lhe transmitia o que precisava ouvir. Seria o Francisco? Até hoje não sei qual é a aparência de Francisco, só o vejo dentro de uma luz, não por que ele seja um espírito elevado, mas só consigo vê-lo assim. Fui descobrindo coisas incríveis a meu respeito, mas o que me ajudou a sepultar de vez a idéia de suicídio foi a constatação de que, mesmo aos 57 anos,

não havia conseguido adaptar-me à reencarnação, minha mente se recusava a estar neste belo planeta. Trazia do plano espiritual as dúvidas, anseios, angústias, a recusa ao novo renascimento. Também não conseguira desvencilhar-me dos vícios do passado, independentemente das dores físicas que me afligiam, eu estava espiritualmente doente havia séculos, sempre recusando o benefício da reencarnação e trazendo como herança o suicídio. Nada neste mundo me satisfazia, só meu amor por Jesus. Os comportamentos inconstantes eram buscas de minha identidade, tentativas de acertar. A Doutrina Espírita me salvou de outra queda fatal, assim como fora previsto por Alexandre.

Sentia que Carla era inspirada ao dirigir-me as palavras que precisava ouvir. Penetrava fundo dentro de mim, harmonizando elos de correntes partidas. Revelava a ela o que nunca conseguira falar com ninguém: meus anseios espirituais. Era extraordinária a experiência pela qual passava. Ela não fazia regressão de vidas passadas comigo, mas a Espiritualidade a fazia em mim, lenta, gradual e sem hipnotismo, sem psicofonia ou algo místico. Finalmente, eu nascia para a vida, achava o que buscava desde criança. Carla conversava comigo e acreditava em mim. Era a peça-chave que faltava em minha vida. Muitos tentaram ajudar-me a descobrir-me: Miriam, Dr. Dirceu, Nice, Catarina e Luciana, e outros, mas eu não estava pronta para a descoberta, precisava crescer espiritualmente para isso.

Dona Mércia havia cumprido o que me prometera no Plano Espiritual: sem sua ajuda teria sido quase que impossível eu me ajustar em conhecimento e disciplina dentro da doutrina dos espíritos.

Mas faltava o terceiro elemento na minha existência, o tripé tinha que estar completo: espiritual – doutrina espírita – material.

Ajuda profissional era necessária naquele momento da minha vida: seria a peça final a se encaixar na minha existência tumultuada, ajudando-me a aceitar a reencarnação, definitivamente.

A idéia de suicídio estava afastada de mim. Graças a Deus! Comecei a ver a vida com outros olhos. Pela primeira vez, não desejei mais a morte. Tudo parecia ter outro colorido. Aceitei viver com os problemas e dificuldades do dia-a-dia. Luiz e eu achamos um ponto de equilíbrio e nossos filhos seguiam cada um o seu caminho. Eu continuei a fazer o que sabia, sem culpas: estender a mão ao meu próximo.

Como ficam os familiares de um ente querido que partiu desta vida através de um suicídio?

Não se deixem desanimar.

Não tenham sentimento de culpa.

Lembrem-se, com três encarnações sofridas hoje estou aqui encarnada, lutando e amando, progredindo e crescendo espiritualmente.

Ninguém morre, existe sim o Vale dos Suicidas, mas antes do ser amado tirar sua vida ele já se encontrava no limite da sua razão desequilibrada, pois quase todos que cometem este ato se encontram jungidos a obsessores fazendo da existência do encarnado um vale de trevas.

Não se sintam culpados, pois muitas vezes todos os recursos foram utilizados, ajuda foi oferecida e a família fica impotente junto a este espírito obstinado. O mesmo se refere à família que nunca percebeu quando um ente querido tinha como objetivo acabar com a própria vida. Não se revoltam, a perplexidade e as interrogações serão muitas, mas nem tudo nesta existência nos é dado saber. Não se envergonhem de um ser querido ter partido via suicídio, ele não tirou a vida por covardia, foi por desespero de não saber lidar com as dificuldades da vida, sendo atormentado por obsessores. Um ato em si de insubmissão à vontade de Deus.

Lembrem-se, ninguém fica sem o amparo divino, preces e orações podem ajudar o espírito em desarmonia, que encontrou no suicídio a única saída por achar que encontraria a paz tão desejada. Ele será um dia resgatado pelos benfeitores espirituais dependendo do sincero arrependimento do mesmo.

À família enlutada restará não se revoltar, se apegar a Jesus, mesmo sem conseguir entender a mente suicida. Lembrar sempre que alguém no plano espiritual está se preocupando e com certeza olhará com muito carinho por este ente querido que se foi, ele não se encontrará abandonado à própria sorte.

Orar, orar, orar, eis o caminho dos familiares, e a Doutrina Espírita os levará seguramente a encontrar um pouco da paz perdida, pois ela nos dá a esperança de que todos, sem exceção, iremos reparar nossas faltas em um futuro próximo, com maior discernimento. Lembremo-nos das palavras de Jesus, quando ficarmos impotentes frente a situações difíceis:

Seja feita a vossa vontade

Assim na Terra como no céu.

Confiar e esperar.

Mesmo com todas as revelações, as dores no peito vinham com frequência, diagnosticadas como angina, acompanhada de componentes psicológicos. Chegava a tomar 18 doses de remédio por dia. Quantas vezes Mário e Luiz saíam de madrugada comigo para o hospital! Dr^a. Sílvia, especialista em cardiologia, passou a duvidar de mim. Considerava-me psicótica, ainda mais sendo ela evangélica de berço e eu espírita, mas eu não queria procurar outro médico, estava cansada e tudo daria na mesma, não haveria um diagnóstico. Ficava mais no hospital do que em casa. Num exame de cintilografia, acharam uma veia 80% entupida, tive de fazer uma angioplastia de urgência, colocar um *stent*, um pequeno anel para impedir nova obstrução daquela veia.

Para minha vergonha, mas agora sem sentimento de culpa, a dor no peito continuou. Sem saber a quem recorrer, continuei o tratamento com a Dr^a. Sílvia que me dizia que o certo era não sentir mais dor depois de ter desobstruída a veia, mas meu cérebro não registrava o que eu queria. Foram mais quatro anos

de angústia. Marido, filhos e amigos sofriam comigo, mas ninguém tinha como ajudar. Fiz exames no Instituto do Coração, na capital paulista, onde nada encontraram. Carla acompanhava carinhosamente esses meus momentos. Dona Mércia me proporcionava tratamento espiritual e nada de melhora. Dr^a. Sílvia foi a um congresso – eu estava internada no hospital e ela deixou-me aos cuidados do Dr. Reis que, imediatamente me pediu um exame sofisticado do esôfago. Quando o médico fez o exame, senti a mesma dor no peito. As contrações eram também provenientes do esôfago. Submeti-me a um tratamento sério, cuido até hoje da alimentação, mas o médico explica que tenho os dois problemas, coração e esofago, e que a dor será sempre difícil o diagnóstico quando ocorrer o espasmo.

Nunca parei de trabalhar no Grupo de Edificação Espírita: era só melhorar e lá estava eu trabalhando novamente. Francisco estava sempre ao meu lado, dando-me forças e já me explicava meus resgates, facilitando a compreensão dos motivos pelos quais sofria.

Meu futuro a Deus pertence de acordo com meus compromissos espirituais, mas encontrara o que tanto buscara, a paz de espírito. Já não tinha idéias suicidas, conseguia viver no mundo sem correr contra o tempo. Quase não acreditava que havia alcançado essa graça. Sentia-me muito bem, sem querer avançar o sinal, talvez não consiga expressar o quanto a descoberta de mim mesma ajudou minha recuperação. Fé em Jesus eu sempre tivera, mas como esclareceu Alexandre, faltava um suporte maior, uma fé raciocinada que o Espiritismo me oferecia. Sabia que minha luta contra o desânimo, o otimismo em pensar que o amanhã seria sempre melhor do que o hoje, tinham sido armas espirituais que me ajudaram a combater minhas imperfeições.

Se eu disser que amo a vida, estarei faltando com a verdade, amo-a com equilíbrio e serenidade. Penso que estou pronta para a grande viagem, mas estou vivendo em paz, com

os pés no chão, acordando bem todos os dias e agradecendo a Deus as oportunidades que me foram oferecidas para meus reajustes espirituais e ainda por desejar sair desta encarnação pelas leis naturais.

Consegui entender pela primeira vez o prazer de estar viva, advindo minha libertação, das correntes que me prendia ao passado.

A todos que querem sair desta existência, que possam repensar nesta atitude extrema. Falo por experiência própria quanto sofrimento o espírito passa já nesta existência até conseguir coragem para praticar o ato insano. O que virá depois... vejam o começo deste livro.

Não desistam de viver, procurem ajuda espiritual e profissional, trabalhem, estudem, procurem entender a Doutrina dos Espíritos, ela responderá aos seus anseios e perguntas iluminando seu caminhar. Não se deixem vencer pelo desânimo, quando pensamento suicida aparecer entrem em prece, apóiem-se em quem os ajudará a sair desta ilusão que através do suicídio o sofrimento vai acabar.

Jesus é nosso amigo e Mestre, tenham-No como seu companheiro de viagem. Não será um caminhar fácil, usem seu livre arbítrio e escolham a vida com todas as dificuldades e contratempos. Seja qual for o problema enfrentado, não se sintam vítimas para não darem acesso aos obsessores.

A luz dissipa as trevas, a oração será sempre uma bússola segura, o trabalho completará a cura da alma. A escolha será sempre sua, não do adversário.

Será que recordar vidas passadas ajuda a nos harmonizar? Para mim, como foi tudo natural, sem indução, valeu muito, acredito que um terapeuta idôneo, em casos extremos, pode ajudar a pessoa a encontrar seu caminho.

Logo que me recuperei do problema no esôfago, fomos jantar em um restaurante, onde ingeri um pedaço de peixe estragado. Literalmente falando, quase morri de infecção

intestinal. O médico que consultei não percebeu a gravidade da situação e só chamou um gastroenterologista três dias depois de eu estar hospitalizada, por achar que era de fundo emocional. Quando o especialista chegou, teve de agir rápido, temeroso de que a infecção alcançasse a corrente sanguínea, o que seria fatal. A vergonha, a humilhação por estar envolvida em tão deprimente situação, era muito intensa, mas eu nada podia fazer além de silenciar, orar e esperar. Não pensei em suicídio. Sabia que conseguira encarnar depois de muita ajuda. Mas será que fazia alguma diferença para mim – sentir-me encarnada, não mais brigando com a vida, não mais em busca de alguma coisa que sabia existir, mas não sabia como encontrar?

Fez toda a diferença em minha vida. Meu coração sossegou. Dona Mércia ensinou-me a amar a Doutrina Espírita, Carla ofereceu-me sua capacidade psicológica para ajudar-me a descobrir os caminhos traçados. Compreendi que não era fanática, mas apenas diferente nas diferenças da vida. Em razão de meu encontro com o Cristo, no Sermão do Monte, meu lado espiritual prevalecia sobre a matéria, não mais precisava lutar contra isso. Aceitei a Doutrina Espírita, agora sem dúvidas ou angústias. Ela tornou-se o meu passaporte para o outro lado da vida. Luiz, a essa época já espírita também, tornou-se um ser melhor, mas assim como eu, ainda traz marcas de outras vidas. Só vou saber se nos perdoamos quando nos encontrarmos no Plano Espiritual, pois recusa este assunto, nem sei se lerá estes relatos, como também não posso prever se terminaremos nossos dias juntos.

Francisco e eu ajudamos a quantos podemos, hoje em perfeito entendimento espiritual, totalmente diverso das outras encarnações. Amamo-nos como irmãos em Cristo, sabendo que fomos agraciados com tantas revelações e que nossas responsabilidades são maiores diante do que sabemos.

Sinto que meus sofrimentos não foram em vão. Através deles, vivi experiências maravilhosas, encontrei pessoas queridas

que me estenderam as mãos e a quem sou muito agradecida. Escrevendo as páginas de minha vida, sinto-me pequena perante o Universo e as leis de Deus. Não sei o que me reserva o futuro, carrego cicatrizes e dores crônicas desta e de outras vidas, mas meu espírito foi curado, o corpo está mais harmonizado. Acredito que tenha resgatado alguns débitos.

Se você que lê meu relato sentiu em algum momento identificação com minhas experiências, saiba que nada está perdido, você é capaz de vencer suas limitações. Procure e com certeza encontrará a paz perdida. Lembre-se: amanhã é outro dia.

Transcrevo aqui o final de meu primeiro livro *Um Ponto na Natureza*, com o qual fecho toda a minha existência em um ciclo de amor.

O dom mais sagrado que podemos ter é o amor à vida. Tive momentos em que o perdi e me desesperei. Se estamos aqui é por que merecemos, temos nossos patamares para descansar, são nossos momentos de paz e tranqüilidade, mas a subida terá que ser recomeçada degrau por degrau.

Encontro-me agora descansando no patamar de minha existência.

Escrevo, amo e sonho e me lembro que sai para a vida. Vi o sol que brilhava, pessoas na calçada, idosos que se esquentavam ao sol, crianças brincando, namorados de mãos dadas, sorrisos! Alegrias!

Vi que tinha renascido! Saí de mim e me entreguei à vida. Suavemente. Completamente desperta. Confiei na vida. Saíra do sepulcro. Senti o vento, a brisa e por que não, achei-me bela, liberta, amada. Sorri. O meu sorriso encheu o Universo. Nada me faria triste. Renascera! Pensei um instante na cova vazia e fria, na qual permanecera por tempo que o tempo não determina, indefinido. Cova fria e cruel que me prendeu no esplendor de minha existência. Que me negou o amor, a liberdade, a própria identidade. Um ser amorfo! Parasita da vida!

Aleluia! Aleluia!

Renasci. Sinto todos os momentos. A flor que se abre, o galo que canta, a lua que nasce, o canto que embala, o ar frio da noite, sinto a vida. Ela me emociona e encanta. Viro criança, quero ser criança, para captar a ingenuidade do mundo. Para não ter malícia. Ser pura e querida.

Sinto-me com direitos, Saí do meu próprio túmulo, joguei toda a terra fora, retirei meus trapos rasgados. Fiquei nua perante o Universo.

Nua de preconceitos, dor, tristeza.

Renasci dos mortos!

Dei o grito de liberdade e saí ao vento.

Nunca mais a cova escura. Só claridade, paz, amor.

Quero alegria. Que meus olhos enxerguem a razão de viver, que meus ouvidos captem o gorjeio dos pássaros, que minha alma seja repleta de amor para dar e receber.

Sentir. Lutar. Amar. Nada mais de vazio, angústia: tenho a imortalidade, sou imortal.

Quero ser, de agora em diante, água de cheiro, gostosa, perfumada, real. Quero ser simplesmente eu, sem rótulos ou carimbos.

Ser EU – A própria vida.

Epílogo

O primeiro cuidado de todo espírita sincero deve ser o de procurar saber se, nos conselhos que os Espíritos dão, alguma coisa não há que lhe diga respeito.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Não queria reencarnar, viver... nem pensar, submissa, mas rebelde, na procura da minha paz perdida.

Hoje aos 65 anos, sou espírita convicta, com meus erros e acertos, não mais existem dúvidas ou angústias da minha mente suicida.

Como se deu a minha cura?

Exatamente como me foi explicado pelo Alexandre no Plano Espiritual:

Jesus,
Doutrina Espírita como alicerce,
Disciplina,
Livre-arbítrio.

Não poderei dizer se estes valores possam ser generalizados, a todos que tenham mente suicida, mas pode ser uma luz no final do túnel. No meu caso em especial, foi o que me salvou de tresloucado ato.

Quanto ao Luiz e eu, foi como o previsto, relacionamento de provas e expiações. Acredito que ambos crescemos, nos

aprimoramos no fiel da balança. O lado afetivo ele demonstrava, através das suas ações, trabalhador, honesto, impecável no cumprimento dos seus deveres de esposo e pai, no que se relacionava à parte material.

Em comum acordo, depois de quarenta e seis anos de convivência entre namoro, noivado e casamento, nos separamos. Parece-me que não tínhamos mais nada a fazer juntos, o nó foi desfeito.

Foi sincero quando se expressou, confirmando seu posicionamento no Plano Espiritual:

“Termina algo que nunca desejei, casei-me sobre pressão sua. Ao dizer que me amava loucamente, não me senti com forças pra dizer que ainda não estava preparado para uma vida a dois.”

Fiquei perplexa ao escutar estas palavras, com o livro já escrito: ele, sem tomar nenhum conhecimento do nosso passado, disse em outras palavras, o que me disse no Plano Espiritual!

Houve perdão entre nós, tão bem explicado pelo Alexandre?

Esta pergunta ficará sem resposta, pois só saberemos realmente, quando fizermos a grande viagem de volta à Pátria Espiritual, mas sinto que estamos hoje, melhores do que fomos ontem.

Se me houvessem explicado aonde meu livre-arbítrio me levaria se bem sucedida quanto à idéia de suicídio, a ser a prova viva da reencarnação, como espírito rebelde que fui, diria:

Jamais, nunca vou me expor desta maneira.

Hoje, submeto-me à Vontade Maior.

Agradeço ao Alexandre o grande amigo espiritual, a oportunidade oferecida ao Luiz, Francisco e eu de podermos tentar nos acertar nesta encarnação.

O mais importante é que estou viva e a vida continua.

Jesus será sempre meu guia e condutor.

Elza Ferreira.



RAJASTHAN
H. S. JOSHI & CO.
Chandigarh - 160 002
Front No. 12, 1st Floor
A-10, Sector 17, Chandigarh

Chandigarh - 160 002
Front No. 12, 1st Floor